

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares:
a produção arquitetônica de 1937 a 1981

Aluno: MAURÍCIO MIGUEL PETROSINO

Nº USP 1350027

Orientador: Prof. Dra. Mônica Junqueira de Camargo

São Paulo – abril de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade de São Paulo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Curso de Pós-graduação

Petrosino, Maurício Miguel. João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares:

a produção arquitetônica de 1937 a 1981 - Dissertação de Mestrado, São Paulo, SP, 2009

1. Vilanova Artigas. 2. Residências. 3. Habitação unifamiliar. 4. Arquitetura. 5. Casas de Artigas

**João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares:
produção arquitetônica de 1937 a 1981**

Dissertação de Mestrado no Curso de Pós-graduação da
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para
obtenção do grau de mestre

Aluno / Orientando: Maurício Miguel Petrosino

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Dra. Mônica Junqueira de Camargo

São Paulo – abril de 2009

Dedicatória:

Este trabalho é dedicado:

A minha mãe Ilídia (*in memoriam*), primeira incentivadora de meus passos na direção da arquitetura, disciplina pela qual era apaixonada e admiradora;

Ao meu pai, Vicente, eterno incentivador da mais honesta, justa e digna postura profissional que se deve adotar para ser respeitado e valorizado como tal;

A minha esposa Solange e meus filhos, Anna Giulia e Lucca, meus melhores projetos;

Agradecimentos:

Este trabalho concretizou-se com a ajuda valiosa de algumas pessoas que colaboraram, no todo ou em parte, durante as várias etapas de desenvolvimento do mesmo:

Primeiramente, a colega e orientadora Professora Doutora Mônica Junqueira de Camargo pelo estímulo constante, encorajamento e orientação para que essa pesquisa fosse levada a cabo, mostrando sempre a importância maior das novas descobertas das exaustivas pesquisas de campo empreendidas e nos arquivos públicos da PMSP, pois os incentivos e elogios ao trabalho de pesquisa sempre renovavam os ânimos para a conclusão do mesmo da melhor forma possível a ser produto relevante, interessante e útil para a academia.

Dos primeiros incentivos, anteriores até à materialização do projeto de pesquisa, e durante a elaboração dos trabalhos, agradeço ao professor, colega e amigo Jon A. V. Maitrejean, que, de alguma forma despertou a minha curiosidade sobre todos os projetos de casas de Artigas, enquanto visitávamos a exposição sobre a obra do arquiteto ocorrida no Instituto Tomie Ohtake em finais de 2003 e que também atuou como consultor e crítico observador da evolução deste trabalho, já que é testemunha ocular de parte desta história, pois foi aluno, colega e amigo de Vilanova Artigas e com ele teve participação ativa e relevante no desenvolvimento da arquitetura paulista e da implementação do ensino de arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Ao acompanhamento curioso de meu pai, Vicente Petrosino Neto, que constantemente injetava doses de ânimo e conselhos como paciência, para que não desistisse do CPG em função das dificuldades inerentes enfrentadas por mim ao ter que dividir os esforços e atenções da vida acadêmica com a profissional e familiar.

Aos funcionários das bibliotecas da FAU Maranhão e da Cidade Universitária, que dedicaram simpática e paciente atenção e colaboração durante o curso todo de pós-graduação e desenvolvimento dos trabalhos desta pesquisa.

Aos funcionários do departamento DAMP-40, da Prefeitura Municipal de São Paulo, departamento de arquivos de processos antigos para obtenção de Alvará de Construção, da Freguesia do Ó: representados na pessoa da Sra. Rose Avella e equipe, que muito colaboraram na busca dos processos pertinentes às casas de Artigas.

Aos funcionários do departamento DAMP-30, também da PMSP, na Secretaria Municipal de Gestão (SMG), térreo e 15º andar, que não se limitaram ao burocrático atendimento, mas indicaram os documentos certos para consulta: Maria, Sandra, João e Glemir.

Ao colega arquiteto Professor Doutor Milton Braga, devido ao estímulo e encorajamento inicial para eu ingressasse no CPG-FAU.USP.

Aos Professores Doutores Helena Aparecida Ayoub Silva e Miguel Antônio Buzzar que, como membros da banca do exame de qualificação contribuíram com valiosas informações e considerações para que pudéssemos corrigir os pontos necessários dos trabalhos programados a fim de concluir a dissertação de mestrado da maneira mais interessante e pertinente possível para a Universidade de São Paulo e interessados em geral, arquitetos, ou não, na produção de Vilanova Artigas.

A minha família, um dos motivos pelos quais resolvi enfrentar este desafio, principalmente a Solange, companheira e esposa que, com sua experiência prévia em trabalhos acadêmicos, sobretudo monografias, colaborou com revisões e releituras dos textos, para que tivessem clareza de leitura para especialistas e leigos, além das orientações para sistematizações das pesquisas de campo.

A Deus.

Resumo:

O trabalho consiste na análise de projetos de residências unifamiliares do arquiteto João Batista Vilanova Artigas construídos na cidade de São Paulo no período de 1937 a 1981. A partir de exaustivo levantamento na bibliografia existente, dos arquivos documentais e, principalmente de campo, verificamos a existência, ou não, dessas obras e as suas condições atuais. Chegamos a um conjunto de 80 casas que nos permitiu uma análise inédita da trajetória do arquiteto, identificando o significado dessa tipologia para sua trajetória, os principais bairros onde atuou, além do estudo das características funcionais e morfológicas dos elementos construtivos que proporcionaram um amplo panorama de referências dos seus aspectos projetuais. O quadro estabelecido possibilitou uma análise profunda da tipologia residencial deste arquiteto, conseqüentemente da produção arquitetônica paulista que foi referência importante para o desenvolvimento de sucessivas gerações de arquitetos.

A análise comparativa dos diversos projetos permitiu traçar a trajetória de Artigas verificando as suas referências, de modo a contribuir para a compreensão da real importância desse arquiteto à arquitetura brasileira. O levantamento aqui sistematizado traz a público informações inéditas que permitirão o desenvolvimento de muitos outros trabalhos, bem como a revisão da própria historiografia existente sobre Artigas.

Abstract:

This work analyses the one-familiar houses designed by the architect João Batista Vilanova Artigas and built in São Paulo city between 1931 and 1981. We promoted an exhaustive bibliographic, documental and field survey, verifying this houses' permanence or not, and their actual conditions. We identified 80 unities, which permitted to develop an original analyze of Artigas' work, identifying this typology's importance to his career, the main districts where he worked for, beyond the study of its functional and formal characteristics, and its building elements, consisting a large panorama of the architect's references. This survey is a contribution not only to study Artigas' houses, but also to the *paulista* production as a whole, considering his influence to successive architect's generations.

The comparative analyze among all houses permitted to establish Artigas' path, verifying his references, and so contributing to the comprehension of his real importance to the Brazilian architecture. The many unpublished information here revealed may stimulate the interesting to new task as well as revision of Artigas' historiography.

Sumário:

Apresentação.....p. 20

Capítulo 1

A pesquisa – o processo, as surpresas, as descobertas,
os equívocos desfeitos, as curiosidades com relação a
alguns projetos das casas de Artigas.....p. 25

Capítulo 2

As Casas e Artigas – de 1937 a 1981 – Contextualização da atuação
profissionalp. 61

Capítulo 3

Considerações sobre as fichas das casas desta pesquisa.....p. 123

Capítulo 4

Inventário das casas projetadas e construídas.....p. 153

Em 1938p. 154

Henrique Arucoche de Toledop. 155

José Morganti.....p. 159

<i>Casas de 1939</i>	p. 163
Giulio Pasquali	p. 164
Nelson Pereira da Costa	p. 168
Otoni de Arruda Castanho	p. 172
<i>Casas de 1940</i>	p. 176
Alcides de Lara Campos	p. 177
Aurélio Pereira Lima	p. 181
Bertha Gift Steiner	p. 185
Duílio Marone - 1 (duas casas vizinhas)	p. 190
Fernando Bebiano Barreto Henriques – 1	p. 195
Fernando Bebiano Barreto Henriques – 2	p. 199
Genulfo Máximo de Carvalho	p. 203
Hermann Hugo Scheyer	p. 207
Max Dreifuss	p. 211

Ruy Martins Ferreira	p. 215
<i>Em 1941</i>	p. 219
Amelie Elisa Celestine Morin Glover	p. 220
Eduardo Cunha	p. 224
Fernando Bebiano Barreto Henriques - 3	p. 228
Francisco Franco Teixeira	p. 232
Herculano Quadros	p. 236
Luiz Antônio Leite Ribeiro – 1	p. 240
Luiz Aulicino	p. 245
Luiz Gonzaga Leme Monteiro	p. 250
Nicolau Scarpa Jr.	p. 253
Roberto Lacaze	p. 257
<i>Em 1942</i>	p. 261
Alberto Augusto da Silva Caldas	p. 262

Duílio Marone - 2	p. 268
Frederick Lumley Andrews	p. 273
João Batista Vilanova Artigas - 1	p. 277
José Coelho Pamplona (conjunto de 12 casas)	p. 281
Luiz Antônio Leite Ribeiro – 2 (duas casas geminadas)	p. 283
Luiz Arouche de Toledo	p. 285
Maria Risoleta Bueno Pamplona (4 casas geminadas)	p. 288
<i>Em 1943</i>	p. 292
Álvaro de Freitas Pimentel	p. 293
Euzébio Porchat de Queiroz Mattoso	p. 297
Herbert Steffens	p. 302
Jaime Porchat de Queiroz Mattoso	p. 305
Luiz Antônio Leite Ribeiro - 3	p. 308
Rio Branco Paranhos	p. 313
Victor Brecheret	p. 316

<i>Em 1944</i>	p. 320
Benedito Levi	p. 321
Euzébio e Jaime Porchat de Queiroz Mattoso	p. 325
Gino Saltini	p. 329
Luiz Carlos Uchôa Junqueira	p. 333
Rivadavia de Mendonça	p. 337
<i>Em 1946</i>	p. 342
Antônio Luiz Teixeira de Barros	p. 343
<i>Em 1948</i>	p. 347
Eli Daniel Nassi	p. 348
Febus Gikovate	p. 351
Hanns Victor Trostli	p. 355

<i>Em 1949</i>	p. 358
João Batista Vilanova Artigas – 2	p. 359
José Mário Taques Bittencourt – 1	p. 363
Juljan Czapski	p. 367
<i>Em 1950</i>	p. 371
Elphy Rosenthal	p. 372
Augusto Gomes de Mattos	p. 377
David Rosemberg	p. 381
Geraldo D'Estéfani	p. 384
<i>Em 1951</i>	p. 388
Oduvaldo Viana	p. 389
Paulo Emílio Gomes dos Reis	p. 394

<i>Em 1954</i>	p. 397
Isaac Pechelman	p. 398
<i>Em 1956</i>	p. 402
Olga & Sebastião Baeta Henriques	p. 403
<i>Em 1958</i>	p. 407
Rubens de Mendonça	p. 408
<i>Em 1959</i>	p. 412
José Mário Taques Bittencourt – 2	p. 413
Leo Pereira Lemos Nogueira	p. 417
<i>Em 1962</i>	p. 421
Ivo Viterito	p. 422

<i>Em 1966</i>	p. 425
Manuel Antônio Mendes André	p. 426
<i>Em 1967</i>	p. 432
Elza Salvatori Berquó	p. 433
Paulo Seixas Queiroz	p. 436
<i>Em 1968</i>	p. 440
Álvaro de Freitas	p. 441
Gilberto Krutman	p. 444
Telmo Fernandes de Aragão Porto	p. 447
<i>Em 1969</i>	p. 451
Ariosto Martirani	p. 452

Em 1972p. 457

Juvenal Juvênciop. 458

Em 1974p. 462

Alfred Günter Domschkep. 463

Em 1976p. 468

Geraldo Camargo Demétriop. 469

Em 1981p. 474

José Mário Taques Bittencourt – 3p. 475

Capítulo 5

Conclusão.....p. 479

Referências bibliográficas.....p. 486

Apresentação

Este trabalho reúne um levantamento sobre as casas projetadas e construídas por Vilanova Artigas na cidade de São Paulo, realizado a partir de listagem dos projetos realizados, fornecida pela Fundação Vilanova Artigas e as analisa segundo as informações obtidas.

A idéia inicial foi a construção de um catálogo atualizado das casas projetadas e construídas por Artigas na cidade de São Paulo, tendo por base a documentação sobre os projetos, a bibliografia existente e um cuidadoso levantamento de campo, a partir do que, foi possível ampliar os contatos, enriquecendo as fontes para o desenvolvimento do trabalho.

As informações aqui reunidas, além de base documental para análise realizada, poderão fomentar outros trabalhos.

Foram consultadas publicações sobre o arquiteto João Batista Vilanova Artigas, como livro temáticos, periódicos como as revistas Acrópole, Módulo, Projeto, Arquitetura e Urbanismo, para coletas de informações gráficas, sobretudo, dos projetos residenciais analisados e procura por eventual obra / projeto que pudesse não estar relacionado na listagem fornecida pela Fundação Vilanova Artigas. Tal pesquisa permitiu,

ainda, a confirmação de localização de alguns endereços incompletos, equivocados ou alterados e, com isso, atualizá-los.

Outra fonte documental importante foi o Arquivo Público Municipal, no departamento DAMP-40, no bairro paulistano da Freguesia do Ó, Zona Norte da cidade, onde foram consultadas as pastas de aberturas de processos para obtenção de alvará de construção dessas residências na capital paulista. Ali foi possível recuperar alguns desenhos de projetos legais das casas demolidas ou sem outros registros publicados conhecidos. Estes documentos são registros oficiais das casas, uma vez que não há documentos fotográficos ou de desenho de projetos executivos de todas as casas nos acervos da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, guardiã da documentação pertinente aos projetos de arquitetura de J.B. Vilanova Artigas, doados pelos familiares.

Com o objetivo de percorrer a trajetória de Artigas, a partir de seus projetos residenciais, identificando suas conquistas e referências, estruturamos a listagem cronologicamente, o que nos possibilitou uma leitura da totalidade dessa produção e a identificação de alguns aspectos:

- Percentagem das várias tipologias em relação ao conjunto da obra;
- A produção por períodos, identificando os de maior e menor produtividade;
- A localização das obras;
- As regiões da cidade onde se verifica a maior concentração de seus projetos construídos;

Esses dados, trabalhados durante a pesquisa, foram importantes para a melhor compreensão do significado da tipologia residencial no conjunto de sua obra.

Numa primeira leitura, já foi possível identificar a concentração em alguns bairros como Pacaembu, Sumaré, Jardim Europa, Pinheiros e Vila Nova Conceição, porém em épocas distintas.

O levantamento complementou-se com visitas às obras executadas para constatação do estado de conservação e da existência, ou não, das mesmas, confirmação do endereço e verificação de eventuais alterações e/ou intervenções no projeto original (acréscimos, reformas, alteração de uso, etc).

Para organização dos percursos das primeiras incursões prospectivas, as casas foram agrupadas por bairros, e o roteiro previamente estabelecido contribuiu para melhor andamento do trabalho. Esta reorganização da listagem original foi motivada também pela percepção de que existem bairros com várias casas de Artigas localizadas em ruas próximas umas das outras, como o Sumaré, o Pacaembu, por exemplo, ou como os bairros Jardim América, Jardim Paulista, Jardim Paulistano e Pinheiros, ou até entre os bairros Chácara Santo Antônio, Alto da Boa Vista e Chácara Flora. Estabelecer roteiro para as viagens a campo seguindo uma mínima programação de visitas ajudou na procura das casas, pois muitos endereços estavam desatualizados, incompletos, inexistentes, alterados, etc.

Atenção especial foi dada à recuperação do material gráfico, tendo sido redesenhadas plantas e corte de projetos, sobretudo aqueles nunca publicados. Também foram redesenhados algumas plantas de projetos conhecidos, como o da residência Mendes André, na Vila Mariana, que, originalmente, no projeto legal apresentado a prefeitura para construção era diferente do executado e divulgado em publicações recentes conhecidas sobre a arquitetura de Artigas.

Esses levantamentos foram a base para a análise da produção residencial de Vilanova Artigas entre 1937 e 1981, apresentada em 5 capítulos. No primeiro capítulo foi abordada a pesquisa propriamente dita, com suas curiosidades e desenvolvimento. No segundo, comentamos sobre a produção profissional de Artigas, com ênfase na de projetos residenciais. No terceiro tecemos considerações sobre os projetos residenciais de Vilanova Artigas objetos desta pesquisa. O quarto capítulo é composto pelos projetos residenciais de Artigas, distribuídos em fichas de um “inventário” destas obras, com as análises e descrições pertinentes a cada uma. No quinto e último capítulo colocamos nossas conclusões.

Capítulo 1 - A pesquisa – o processo, as surpresas, as descobertas, os equívocos desfeitos, as curiosidades com relação a alguns projetos das casas de Artigas

No final do ano de 2003 resolvemos conhecer melhor algumas casas projetadas por Vilanova Artigas, após participarmos de evento sobre a obra deste arquiteto ocorrida no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Nesta ocasião, além de seminários, palestras e projeções de vídeos sobre Artigas, estavam expostas algumas maquetes de importantes obras executadas por ele, como o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Também estavam expostos em painéis ou em bancadas, alguns projetos de arquitetura e desenhos feitos por Artigas.

Chamou-nos à atenção a quantidade relativamente pequena de projetos residenciais apresentados. Estavam ali apresentados em maior número os mais conhecidos e que são os mais recentes da produção de Artigas, como os da Casa dos Pórticos (José Mário Taques Bittencourt-2, no Sumaré), Casa dos Triângulos (Rubens de Mendonça, Sumaré), Telmo Porto (Perdizes). De épocas anteriores, desenhos das casas Rio Branco Paranhos e Rivadávia de Mendonça (Pacaembú), Henrique Arouche de Toledo Perdizes) e Nicolau Scarpa Jr (Pacaembú), e as duas casas que Artigas projetou para ele e sua família, só para citar algumas.

Entendemos ser pequena a quantidade de projetos apresentados, face toda a obra de Artigas, embora compreendêssemos ser impossível a exposição de todos e, provavelmente, os organizadores e curadores do evento tivessem optado por uma amostragem abrangente, sucinta, porém representativa da produção de Vilanova Artigas. No entanto, nossa

curiosidade foi aguçada a buscar mais informações sobre a produção de projetos de casas de Artigas, sobretudo após informação do arquiteto Jon Maitrejean, ex-aluno, ex-colega docente da FAU-USP e amigo de Artigas, quando percorremos juntos a exposição citada acima e ele nos ter alertado de que havia muito mais projetos residenciais de Artigas que poderiam ser interessantes conhecer.

Encampamos essa observação a nossa vontade de compreender melhor como Artigas havia chegado ao estágio de ser um dos mais importantes arquitetos brasileiros do século XX, tendo nos deixado um legado de obras sínteses de sua produção como o prédio da FAU-USP (ícone do trabalho como profissional arquiteto e acadêmico, como professor-educador que também foi até falecer em janeiro de 1986), dos colégios de Itanhaém, Santo André e Guarulhos, a Rodoviária de Jaú e, no campo dos projetos residenciais, obras como: casa Luiz Antônio Leite Ribeiro, de 1943 e Rivadávia de Mendonça, de 1944, ambas no Pacaembú; as casas José Mário Taques Bitencourt-2 e 3, de 1959 e 1981, respectivamente, no Sumaré; Elza Berquó, de 1967, na Chácara Flora; Ariosto Martirani, de 1969, no Alto de Pinheiros; Juvenal Juvêncio, de 1972, no Jardim Guedala, dentre outras.

Artigas nos mostrou e ensinou alguns caminhos a seguir na árdua tarefa de se fazer arquitetura num país em desenvolvimento como o Brasil (em sua época áurea, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, o termo aplicado para países mais pobres era “Subdesenvolvido”). Através de sua produção profissional como arquiteto, atuação política, acadêmica e no âmbito dos órgãos classistas da categoria que abraçara trabalhar e honrar, procurava

nos influenciar, ou, pelo menos, alertar para a busca de uma aplicação ética e honesta da arquitetura e desta para com a sociedade.

O livro “Caminhos da Arquitetura”¹ é um registro de discursos, palestras, textos escritos por Artigas e que nos mostra a atuação intensa e ininterrupta – mesmo nos anos em que lhe foi cassado o direito de lecionar na USP pelos atos de exceção da ditadura militar brasileira, de 1968 até o final deste regime insano- de um intelectual humanista e artista preocupado e comprometido com seu país, com seu povo e com a contemporaneidade das alternativas técnicas, políticas, pedagógicas a serem buscadas para refletir o tempo em que se está construindo, seja um edifício, uma categoria profissional ou uma nova sociedade.

Atuante politicamente, jamais abandonou suas convicções e ideais socialistas e comunistas. Foi membro participativo do PCB (Partido Comunista Brasileiro), na legalidade, ou fora dela. Acreditava no homem. Abominava a possibilidade de americanização da cultura brasileira, de todas as manifestações artísticas e a dominação desta pelo capitalismo selvagem que os Estados Unidos da América eram os principais divulgadores e patrocinadores. Durante o período da Guerra Fria, que dividiu o Mundo em duas grandes áreas de influência, posicionou-se contra os EUA.

Essa parte da história de Artigas, muito resumidamente citada acima, teve que reflexo em sua produção arquitetônica? Ele nos mostrou alguns caminhos a percorrer, mas estávamos em busca dos caminhos que ele percorreu até ser o João Batista Vilanova Artigas, arquiteto que projetou o

¹ ARTIGAS, 1981;

edifício da FAU-USP² e, juntamente com o arquiteto carioca Oscar Niemeyer, eram referências máximas à produção de arquitetura nacional.

Quais os caminhos que Artigas trilhou desde sua diplomação em 1937 como Engenheiro – Arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo? Procuramos entender essa questão pesquisando sua produção de projetos e obras residenciais executadas em São Paulo, pois julgamos ser os projetos residenciais os primeiros a que os arquitetos podem ter a oportunidade de desenvolver suas idéias, de expor suas propostas de desenho, técnica, estética e conceitos outros, como incorporar em cada projeto de casa, sendo ela o abrigo da célula base da sociedade, uma proposta para comportamentos sociais distintos ao que a sociedade de consumo praticava. A comparação e proximidade dos termos e seus significados é relevante quando Artigas afirma que: “A casa é uma cidade. A cidade é uma casa”, O mesmo se aplicaria com as palavras família e sociedade? A parte e o todo indissociáveis se não na forma, porém, na essência, na complexidade de relações entre as suas partes menores entre si e entre elas e todo o conjunto formado por elas.

Mas como Artigas começou? Que degraus no desempenho e desenvolvimento profissional precisou escalar para ser o Artigas que temos na memória referente aos seus últimos 20 anos em nossa convivência como professor da FAU-USP e arquiteto atuante. Quais projetos foram os primeiros que desenvolveu? Vale lembrar que quando Artigas se formou na

² O prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, projetado na década de 1960 e obra concluída em 1968, fica no campus da USP, Cidade Universitária, zona Oeste de São Paulo, capital.

Politécnica da USP não era comum arquiteto desenvolver somente projetos de arquitetura e coordenar os demais projetos complementares como: estrutura, elétrica e hidráulica. Da “Poli” saiu Artigas Engenheiro-Arquiteto e montou empresa construtora. Sim, os profissionais dessa área construía para os clientes os edifícios encomendados, faziam reformas nos existentes, ou construía obras a partir de projetos de terceiros. Vilanova Artigas e Duílio Marone, seu ex-colega de faculdade e sócio na primeira empresa construtora que criaram juntos construía no mínimo quatro casas que eram projeto do arquiteto Oswaldo Bratke, como veremos mais adiante. No caso de edificações novas, basicamente desenhavam o “projeto legal”, que era um conjunto de desenhos a ser mostrado para o cliente e para a prefeitura. Neste último caso, para fazer parte do processo de obtenção do alvará de construção da obra.

Após conseguir a listagem junto a Fundação Vilanova Artigas e, após primeira triagem descartando as casas somente projetadas ou as não construídas no município de São Paulo³, fomos a campo em busca da confirmação daquelas que tinham informação de endereço. Por curiosidade e dever de ofício, fomos procurar para visita algumas casas que não apresentavam registro do estado em que se encontravam e, se, ainda existiam, ou não.

³ Nesta separação inicial, 70 projetos foram descartados dos 165 identificados da listagem, entre os não executados, projetados fora da área objeto deste trabalho ou por serem reformas, estudos preliminares, anteprojetos ou com inexistência de endereço ou a mínima referência que possibilitasse iniciarmos procura pelo imóvel.

Organizamos e separamos as casas por bairros e estabelecemos roteiros de viagens para visitas a esses locais, de modo que se pudesse otimizar os vários caminhos que percorríamos da residência em que moramos para o local de trabalho, obras, escola dos filhos, parentes, pois imaginávamos ser mais fácil começar dessa maneira aproveitando as viagens pela cidade durante os dias úteis de cada semana. Aos finais de semanas, visitávamos as casas mais distantes e fora do roteiro mais conhecido, pois isso demandava tempo maior para reconhecimento dos bairros e ruas a serem percorridas. Nessas situações um guia de ruas da cidade foi imprescindível, porém para os casos de ruas com nomes alterados, ou alterações de numeração antiga dos imóveis, percorríamos várias vezes, à pé ou de automóvel, as ruas a serem investigadas e verificávamos as casas de toda a rua. No início dos trabalhos conseguimos uma única fonte de informação visual do desenho de algumas casas por nós desconhecidas, no arquivo eletrônico das casas de Artigas que se encontra na biblioteca da Faculdade de Arquitetura da USP. Porém, o mesmo havia sido feito com base em informações nos documentos doados por familiares de Artigas e Fundação Vilanova Artigas. Os mesmos desenhos que devem ter sido consultados para que a mesma Fundação montasse a lista dos projetos residenciais dele.

Uma das primeiras casas que averiguamos despertou curiosidade e suspeita de que a indicação como anteprojeto constante na listagem inicial estava equivocada. A residência projetada para Luiz Lucio Izzo, no Morumbí, estava construída. O partido e a configuração final da obra era pouco diferente dos desenhos eletrônicos da mesma casa vistos na biblioteca da FAU-USP. A alegria e surpresa por esta “descoberta” foram

desfeitas alguns dias depois quando levamos o arquiteto Maitrejean para vê-la, pois este desconhecia que tivesse sido construída e, sendo projeto de 1974, ele, amigo pessoal de Artigas deveria saber. Jon Maitrejean, assim que viu a casa logo a reconheceu como sendo projeto de Ruy Ohtake. Fomos ter com este arquiteto em seu escritório para confirmação das informações e Ruy Ohtake reconheceu o seu trabalho e também ficou surpreso com a história, pois desconhecia que Artigas havia feito anteprojeto para o mesmo cliente. É provável que o proprietário tenha escolhido alguns arquitetos para solicitar estudos preliminares para escolher um deles para continuar o desenvolvimento dos trabalhos e construir sua casa. Isso pode ter ocorrido, neste caso, simultaneamente entre Ruy Ohtake e Artigas (desconhecemos se houveram outros profissionais consultados). Os dois projetos são parecidos em muitos aspectos: muro periférico de fechamento em pedras, estrutura e empenas em concreto armado aparente, cores fortes em alguns elementos de vedação, como alvenarias, portas ou outros detalhes construtivos.

Esse acontecimento relacionado ao projeto da casa Luiz Lúcio Izzo, nos fez entender serem insuficientes somente as informações da listagem inicial da Fundação Vilanova Artigas, poucas imagens em arquivos eletrônicos e visitas aos locais, para a constatação da existência das casas projetadas por Artigas. Julgamos ser necessária a consulta aos arquivos municipais da cidade, especificamente os responsáveis pela guarda dos processos para obtenção de alvará de construção de edificação, pois poderíamos encontrar outras evidências da construção, ou não, das mesmas. Só tivemos acesso aos documentos antigos dessas casas após

ingressarmos no Curso de Pós-Graduação da FAU-USP, a partir de janeiro de 2006.

A procura por informações importantes nos mais de 90 processos consultados no Arquivo Histórico Municipal foi demorada, árdua, porém gratificante pela enorme quantidade de dúvidas esclarecidas e histórico de alguns dos projetos, nos revelando “segredos” como a existência de no mínimo três projetos apresentados para a casa de Manoel Antônio Mendes André, na Vila Mariana, que já fez junto com o arquiteto Carlos Cascaldi, que assina os desenhos de prefeitura. Processo que demorou aproximadamente quatorze anos desde a apresentação do primeiro projeto legal, até o último, aprovado e que é o de desenhos mais próximo ao que hoje conhecemos dessa obra feita, divulgada em publicações recentes⁴. Não foram encontradas, junto a prefeitura paulistana, no DAMP-40, outras informações sobre projetos posteriores para o endereço desta casa.

O primeiro projeto para a casa Mendes André apresentado por Artigas em 1952 não foi aceito pela Prefeitura, pois a taxa de ocupação era maior do que os 1/3 permitidos pela legislação vigente da época, sobre a área do terreno. Analisando este desenho, notamos que havia uma área de servidão de passagem do lado direito do terreno de quem olha da rua, e o acesso de automóveis seria feito por esta lateral, sendo o abrigo de autos sob espécie de edícula, um bloco secundário com estúdio encostado na divisa. No entanto, este lado indicado como fachada lateral no desenho, seria o acesso principal da casa, não só da garagem, ou seja, a “frente” da

⁴ FERRAZ, 1997, p 125; XAVIER, 1983, p 109, por exemplo.

mesma. A fachada principal e os acessos tais quais conhecemos hoje, estariam na lateral esquerda voltada para a rua Cel. Arthur Godoy, toda murada com concreto ciclótico⁵ no alinhamento do lote. A implantação em “T” invertido era similar, porém, a distribuição do programa, bem diferente. Não havia a idéia, pelo menos desenhada, da estrutura mista concreto armado e tirantes de aço protegidos por concreto. O desenho da casa estava, de certa forma, mais próximo da linguagem da escola carioca de arquitetura, embora sem muito destaque no aspecto formal. Já existiam as rampas para circulação vertical entre os pavimentos dos dois blocos.

Em algum momento, o acesso para servidão deixou de existir. Hoje em dia há uma viela à esquerda do imóvel. Mas essa alteração no arruamento local pode ter ocasionado outro ponto de conflito com o projeto original, pois a “edícula” encostada nas divisa dos fundos estava interligada ao corpo principal da edificação não só pelas rampas, mas por uma série de cômodos que eram distribuídos paralelamente e junto a elas. Eram as instalações de área de serviços e cozinha, no térreo e dependências para criadas, no superior. Essa junção entre os dois blocos não era permitida. O projeto teve que ser reformulado, embora Artigas tivesse argumentado, respondendo aos “comunique-se”. Os argumentos não foram aceitos, pois o projeto estava em desacordo com a legislação.

⁵ Concreto ciclótico é concreto moldado “in loco”, feito com pedras grandes, de matacão, com tamanhos variados, de 10 a 40cm de comprimento e com peso médio de 5Kg por unidade e de mesmo padrão e qualidade das britas do concreto misturado. São colocadas numa “forma” previamente ao concreto pronto. Não se misturam as pedras de matacão ao concreto em betoneiras, ou seja, o concreto mais maleável e dosado separadamente é jogado nas formas e ocupa os espaços vazios entre as pedras já depositadas.

Artigas apresentou um segundo projeto em 1956, onde manteve a edícula somente como estúdio a meio pé-direito de diferença de nível para com os dois pisos do bloco principal. As rampas foram mantidas, mas todos os cômodos paralelos a elas foram redistribuídos no bloco frontal e principal, o prismático retangular, com o lado maior paralelo à rua Cel. Arthur Godoy. O desenho da fachada frontal já era bem mais próximo do que seria construído. Não teve acordo com a prefeitura, mesmo assim. Outro projeto foi apresentado e, desta vez aprovado em novembro de 1960. A edícula só foi aceita como abrigo de automóveis, mas ainda fazia parte do trajeto entre os pavimentos da casa de quem circulasse pelas rampas. O restante do programa foi aprimorado, como o acréscimo de mais um dormitório para empregada, redesenho da área de serviços e vestíbulo social. O acesso de pedestres e carros passou a ser feito pela rua principal, o muro de pedras e concreto foi diminuído e passou a dividir o alinhamento com gradil metálico baixo, na proporção de 1:2 no comprimento de cada um.

Nos livros citados na nota 3 acima percebemos que a garagem não foi feita como edícula nos fundos do lote e como parte de patamar/pavimento intermediário das rampas. Neste patamar foi locado um lavabo. O abrigo de carros ficou no térreo do bloco principal, no vão central entre os quatro pilares de apoio e separando, do lado esquerdo a área de serviços e dependências de empregada (isoladas pelo muro em concreto ciclótico) e do lado direito, estúdio e vestíbulo de acesso às rampas. A implantação em “T” invertido, com a “perna” maior deslocada do centro, manteve-se basicamente como a mesma idéia original. Abrigando as rampas, agora, exclusivamente. O bloco principal sempre ficou na posição que está até hoje, paralelo à rua principal.

Aproximadamente 20 casas, como as localizadas na rua Antônio das Chagas, na Chácara Santo Antônio, apresentavam, na listagem citada acima, numeração diferente da atual, bem como os endereços das residências localizadas na Vila Nova Conceição. Os endereços das casas separadas para pesquisa foram verificados. Alguns não procediam, pois estavam incompletos por algum motivo, como os indicados para as residências de Luiz Gonzaga Leme Monteiro, Nelson Tabajara de Oliveira e José Carlos Amaral de Oliveira, todas de 1941. Para estas casas o endereço era rua das Magnólias. Hoje há uma rua com esse nome no bairro de Cidade Jardim, região do Morumbí, o que pode levar ao equívoco de se concluir terem sido construídas nesse bairro da zona Sul paulistana. Essa possibilidade é praticamente descartada, pois na década de 1940 os acessos a esta zona da cidade ainda eram precaríssimos e boa parte das ruas do bairro Cidade Jardim, ainda não tinham sido traçadas ou “abertas” e pela implantação mostrada no desenho de prefeitura à época do pedido de alvará de execução da obra. Somente pelas pesquisas realizadas em mais de 20 visitas ao Arquivo Municipal, no Departamento DAMP-40, localizado na Freguesia do Ó, confrontando informações coletadas neste órgão municipal com publicações sobre obras de Artigas nas bibliotecas da FAU.USP e inúmeras visitas a campo, foi possível desvendar este e outros mistérios e incorreções nos endereços das casas, sobretudo as mais antigas, das décadas de 1940 e 1950.

A casa para Luiz Gonzaga Leme Monteiro foi construída na esquina de uma rua chamada das Magnólias com rua Claudina Silva, no bairro de Jardim Paulista. A rua com nome de flor hoje se chama rua Sarita Cyrillo. Esta casa não existe mais. Para as outras duas indicadas como se tivessem

sido construídas na mesma rua “das Magnólias”, não há registro na prefeitura de que tenham sido feitas, nem processo para obtenção de alvará para construção. Os projetos para estas três casas foram citados no livro de Adriana Irigoyen⁶ como exemplos de exercícios compositivos freqüentes nessa fase de Artigas para resolver programas idênticos, embora específicos a cada família, nessa busca pela otimização de uma planta compacta, de variações mínimas de arranjo interno. Estas três casas eram tão parecidas e foram projetadas para a mesma rua que não raro pode-se confundi-las. É o que pode ter ocorrido na identificação equivocada de uma fotografia da casa Luiz Gonzaga Lema Monteiro, como sendo a casa projetada para José Carlos Amaral de Oliveira, que encontramos assinalada no interessante trabalho e tese de doutoramento de Dalva E. Thomaz⁷, na página 237. Embora o crédito como fonte da foto seja um exemplar da revista Acrópole, nesta, a identificação da residência está certa. Esta foto, indicada como sendo do acervo da Fundação Vilanova Artigas no livro de Adriana Irigoyen⁸ aparece na mesma página com o desenho original da fachada frontal e plantas da residência Luiz G. L. Monteiro, ao lado da página com os desenhos de fachadas e plantas das outras duas casas (a José Carlos A. de Oliveira e Nelson T. de Oliveira). A comparação e confrontação entre essas figuras nos ajudam a esclarecer eventuais equívocos na relação entre fachadas – plantas – identificação destes três projetos.

⁶ IRIGOYEN, 2002;

⁷ THOMAZ, Dalva E. *Artigas: A Liberdade na Inversão do Olhar. Modernidade e Arquitetura Brasileira*. FAUUSP, SP, 2005

⁸ IRIGOYEN, 2002, pp 138-139;

Durante o processo de pesquisa de campo, ao encontrarmos as casas procuradas, principalmente as menos divulgadas, éramos tomados de forte emoção. Se as mesmas estivessem em bom estado de conservação, essa sensação era redobrada. Essa surpresa comovente de perceber que uma edificação projetada há mais de 50 anos, ou por volta disso, ainda poderia atender às necessidades dos atuais moradores / usuários era fantástica. Era difícil analisar, ao primeiro contato, fria e tecnicamente apenas. Cada casa localizada parecia querer dar algum recado como: “estou aqui ainda e desempenhando minhas funções planejadas por Artigas. Faço parte da história viva dos projetos dele.”

São exemplos dessa situação as casas Luiz Antônio Leite Ribeiro, no Pacaembú, de 1943. A construída para Nicolau Scarpa Jr, no mesmo bairro, de 1940. A simpática casa de tijolinhos de barro à vista feita para Alberto A. S. Caldas, na Consolação, de 1942⁹. A casa de Roberto Lacaze, de 1941, no Sumaré. E as casas localizadas no Ibirapuera, na mesma rua, para Augusto Gomes de Mattos, de 1950 e a de Leo Pereira Lemos Nogueira, de 1959, dentre outras, independentemente do ano de construção.

Há indicação equivocada de demolição da casa Roberto Lacaze no catálogo da exposição de Almada, em Portugal (RIBEIRO, 2001, p 175), provavelmente pela confusão causada por várias alterações da numeração da avenida Sumaré. Esta casa existe. Em entrevista com o filho do primeiro proprietário feita por telefone em 11/04/2009, o Sr. Roberto Antônio Lacaze

⁹ Nas primeiras visitas que fizemos ao local estava com suas características externas praticamente originais, porém em 2008, infelizmente, sofreu grande reforma e descaracterização para instalação de ponto comercial (restaurante);

informou que se lembra da casa ter atendido bem toda a família e que apenas o grande telhado em telhas “francesas” davam certa manutenção, pois nas primeiras chuvas após as varrições constantes para se limpar o mesmo e as calhas, ocorria entrada de água pelas trincas de telhas quebradas pelo pisoteio, danificando o forro inclinado. O Sr. Roberto A. Lacaze também nos informou que a casa fora pintada com a técnica de “têmpera¹⁰” sobre as alvenarias, por Rebolo¹¹, que fazia este serviço para Artigas na época.

Houveram surpresas com desinformações a respeito de obras que não eram projetos de Artigas, mas somente reformas, porém, do mesmo modo, tal equívoco pode ser desfeito durante as consultas nos processos constantes nos arquivos da prefeitura paulistana, DAMP-40. São exemplos desses casos as residências indicadas na listagem da Fundação Vilanova Artigas e a relação de projetos constante no livro-catálogo da exposição em Almada, Portugal (RIBEIRO, 2001), baseada naquela lista: a casa Suher Krasner, de 1948 no bairro do Pacaembú; a de Fernando Bebiano Barreto Henriques, de 1948 no Jardim Paulista; a de Lúcia de Lara Campos, de 1942 e a de Paulo Garcia Guimarães, de 1943. Estas duas últimas localizadas no Jardim América; a de Maria Amélia Jank, de 1942, na Vila Mariana (proc. nº 14818/1942 e 45080/1942); uma das casas para Fernando B.B. Henriques, de 1942 no Jardim Paulista e a Noemia Marone, de 1937,

¹⁰ Esta técnica consiste na mistura de cal e cola para que a pintura fique firme, para maior durabilidade da cor aplicada.

¹¹ Rebolo Gonzáles, artista e pintor, integrante da “Família Artística Paulista”, conhecido também por “Grupo Santa Helena”, denominação inspirada no nome do edifício onde Rebolo tinha seu ateliê e onde o grupo se reunia. Artigas fazia parte deste grupo. Ver RIBEIRO (2001, p73).

em Campos Elíseos, que foi reforma com aumento de área (processo nº 070858/1937).

Logo ao se formar, Artigas constituiu sociedade com Duílio Marone, seu colega de faculdade. Fundaram a Marone & Artigas Engenheiros Construtores. Nesse início também executaram projetos de terceiros como as casas Fernando Álvares de Toledo Piza (Jardim América, processo na PMSP nº 48.553/1942), Hugo Rodrighiero (Villa América, processo nº 52.486/1942) e Anna Ricaldoni Ponta e José Merhy, todas de 1942 e que foram projetadas por Bratke & Botti. Estas quatro obras foram dadas aos novos profissionais por Oswaldo Bratke, logo após falecer seu sócio, Carlos Botti, enquanto a empresa estava em processo de liquidação. Os projetos estavam prontos e aprovados ou em análise, na prefeitura, para construção. Não consta que Artigas fez alterações nos projetos originais de Oswaldo Bratke, além de uma edícula de aproximados 20m² na ampliação da área a construir da casa de Fernando A. Toledo Piza, em 1942. A casa de Anna Ricaldoni Ponta ainda existe no bairro do Pacaembú, na rua Heitor de Moraes, nº 61, próxima à Praça Charles Müller, porém, está muito alterada e descaracterizada, na distribuição interna dos cômodos, caixilharia e revestimentos. A volumetria aparenta não ter sido muito modificada. Está instalada nela, desde 2004, uma Empresa Imobiliária.

Também constam nas listagens citadas acima dois projetos de casas construídas no bairro de Pinheiros e atribuídas a Artigas. As casas, vizinhas lado a lado uma da outra, ainda existem nos locais indicados, porém com numeração alterada e bem modificadas em relação ao projetos originais. Uma delas está em obras para reforma e ampliação de área. Devem ter sido

construídas para venda, pois uma era para Fernando Bebiano Barreto Henriques¹², em 1952 e a outra para Wladimir do Amaral, em 1953. Ocorre que, nos processos para obtenção de alvará de construção dessas casas, respectivamente sob os números 111.001/52 e 49.823/53, assina como autor dos projetos o engenheiro Duílio Marone, CREA 2928 e responsáveis pelas obras o escritório MARONE & SAVOY LTDA. Esta empresa foi formada pelo ex-sócio de Artigas e outro colega engenheiro em meados de 1944 após o término da sociedade Marone & Artigas no mesmo ano. Portanto, verificamos ser equívoco a indicação destes dois projetos residenciais como sendo de Artigas. Projetos datados 8 e 9 anos após a sociedade deste arquiteto com Marone ter terminado. Analisando os desenhos das casas, não parecem mesmo ser de Artigas, ainda mais se levarmos em conta que nesse início da década de 1950 ela já desenvolvia seus projetos seguindo preceitos da escola carioca de arquitetura, numa busca para se estabelecer uma linguagem unificada para a arquitetura moderna paulista e brasileira, ligada ao racionalismo estrutural e formalismo das orientações da arquitetura moderna propagada por Le Corbusier¹³.

No projeto da conhecida casa Rivadávia de Mendonça, de 1944, que existe no bairro do Pacaembú e que na listagem da Fundação Vilanova Artigas e no catálogo da exposição de Almada, de 2001, em Portugal¹⁴ tem

¹² Para este cliente, Artigas e Duílio Marone executaram vários trabalhos, entre reformas e construções novas de residências, desde 1940 (Av. Rebouças, 120), a outras na Vila Nova Conceição, no final da Av. Brigadeiro Luiz Antônio e no início da Avenida Santo Amaro, na década de 1940 ainda chamada de “estrada para Santo Amaro”. Ao menos cinco dessas obras foram feitas.

¹³ Ver COHEN, 2007;

¹⁴ RIBEIRO, 2001, p. 178;

endereço indicado como rua Camargo Aranha, constatamos discrepância com o endereço constante nos desenhos arquivados na prefeitura.

Na cópia do desenho de prefeitura divulgado na mesma publicação do Instituto Lino Bo e Pietro Maria Bardi (FERRAZ, 1997), verificamos que o endereço da rua de acesso à casa é Itaguassú, nº 46 (quadra 38, lote 25). Este é o antigo nome da atual rua Dr. Manuel Maria Tourinho¹⁵. No desenho de implantação e localização do imóvel há referência à distância de 132,63m que ficava a divisa lateral direita do terreno desta casa e em curva até a rua Traipú, que não mudou de nome. Percorrendo a região e consultando os mapas do Pacaembú, essa configuração geométrica dessas ruas nos leva a crer que o endereço desta casa indicado como sendo rua Camargo Aranha é improvável. A localização do terreno onde foi construída a casa Rivadávia de Mendonça é rua Dr. Manuel Maria Tourinho, 46, defronte à Praça Golda Meir, a uns 50 metros da atual rua Itamarati. Esta liga a rua Traipú à avenida Pacaembú e recebe, na dita Praça, na metade de seu percurso, a rua que julgamos ser o endereço correto para a casa Rivadávia de Mendonça.

Outra hipótese que aventamos para tentar explicar esse equívoco, ao analisarmos as fotos que encontramos publicadas desta casa (FERRAZ, 1987, p. 45 e THE ARCHITECTURAL FORUM, 1947, p 94,) é uma indicação discrepante entre os desenhos da planta de prefeitura da casa Rivadávia de Mendonça e as fotos da casa mostrada anexa a estes

¹⁵ A confusão com nomes de ruas que foram alterados ao longo do tempo não é incomum. Somente com esta rua há mais um caso nos projetos indicados para Nicolau Scarpa Jr que será explicado adiante.

desenhos. Nas fotos aparecem postes com fiação elétrica nos fundos da casa, na parte alta do terreno, dando a impressão de haver uma rua na parte posterior do lote. Isto não condiz com a implantação do projeto registrado na prefeitura. A casa construída mostrada nas fotos tem desenhos de fachadas diferentes das indicadas no processo da prefeitura. A laje das salas está em balanço nas fotos e sobre pilotis nos mesmos desenhos deste projeto legal. As fotos, na verdade são da casa Luiz Antônio Leite Ribeiro, de 1943. Na publicação da revista estrangeira citada acima, as plantas apresentadas correspondem à foto mostrada da casa construída segundo as mesmas e que são deste proprietário, o Sr. Luiz A. L. Ribeiro.

Esta confusão na divulgação da casa Rivadávia de Mendonça desencadeou uma série de equívocos em publicações, entre os quais esta análise encontrada no trabalho de Jorge M. C. Miguel que, provavelmente, foi por ela (a confusão) induzido, conforme registrada no seu livro *A CASA*¹⁶ que se baseou em sua instigante e interessante tese de doutorado: *Pensar e fazer Arquitetura, USP, São Paulo, 1999*:

“Comparada a casa construída com o projeto descrito acima, encontramos mudanças substanciais: dos projetos anteriores retoma o uso de longos beirais, trocando as telhas de barro por telhas de fibrocimento e o rasgo de iluminação da sala de estar (aproximadamente 11 metros) para o exterior, utilizando esquadrias de madeira. Vale notar o uso do concreto armado como material empregado sob a esquadria de madeira e o uso do concreto ciclópico compondo o muro de arrimo. A construção distancia-se do projeto. Do regionalismo empregado neste, poucos elementos formais permanecem, ficando no objeto construído uma retomada subliminar às casas anteriores”.

¹⁶ MIGUEL, 2003, p 94;

Essa descrição da casa construída parece ser da residência Luiz Antônio Leite Ribeiro, de 1943, que foi executada seguindo os desenhos originais de Artigas. A casa Rivadávia de Mendonça, de 1944, também construída, está hoje alterada, mas preserva a implantação e os dois volumes sobre pilotis do projeto de Artigas. Ambas foram erguidas em terrenos bastante inclinados no bairro do Pacaembú e não no Sumaré, sendo a primeira num terreno em declive e a outra num lote em aclive em relação à rua de acesso. Para os dois casos, Artigas emprega muros de arrimo em concreto ciclópico para conter parte do terreno, porém são diferentes. Na casa Rivadávia de Mendonça o muro é estrutural, duplo, com vazio entre as paredes e corta o terreno ao meio, em parte paralelo ao alinhamento do lote. Na casa Luiz A. L. Ribeiro, o muro de arrimo é mais recortado e é também, no pavimento inferior, vedação de alguns ambientes, às vezes exclusivamente isso, além de servir de apoio para as lajes do piso térreo, ao nível da rua. Esse equívoco também encontramos no livro-catálogo da exposição de projetos de Vilanova Artigas em Almada, Portugal no texto de Sylvio Barros Sawaya¹⁷, *Artigas, amigo e mestre*, onde a foto indicada como sendo da casa Rivadávia de Mendonça é, na verdade, da residência Luiz Antônio Leite Ribeiro e o comentário sobre aquela casa logo abaixo da foto serve melhor para esta última. Vejamos:

“A Casa Rivadávia de Mendonça recorda o trabalho de composição com superfícies secas, trazidas do solo, no denso monumento à memória de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, em Berlim, projeto de Mies van der Rohe. Lembra ainda a sua primeira casa de tijolos com o beiral avançado, como um pergolado de madeira, a sua Rio Branco Paranhos.

¹⁷ RIBEIRO, 2001, p 38;

Ou Wright na casa Pouson (sic) no Arizona¹⁸. E ainda traz a procura da ordenação estrutural – que é a leitura corbusiana que Lúcio e o Niemeyer estavam fazendo. Tem uma procura da estrutura ordenada, mas o maciço ciclótico da pedra bruta não deixa a outra leitura se afirmar com tanta clareza. A planta vai ser retomada muitas vezes, mas o que se acrescenta depois é o pé-direito duplo na sala, que aqui ainda não acontece”.

Aparentemente quando comenta os aspectos formais da volumetria das fachadas e de suas composições, parece se referir à foto da casa Luiz A. L. Monteiro. Quando escreve sobre a procura da ordenação estrutural ou da planta da casa, parece se basear nos desenhos da casa Rivadávia de Mendonça.

No livro sobre Artigas, da Fundação Lina Bo e P. M. Bardi (FERRAZ, 1997, p 45) a página dedicada à residência Rivadávia de Mendonça nos mostra uma reprodução de um desenho do projeto desta edificação com uma foto da obra de Luiz Antônio Leite Ribeiro ao pé da página. Embora não esteja explícita a relação entre as duas figuras, essa apresentação conjunta pode induzir a erros de interpretação e de identificação das obras, no mínimo, pois estão mostradas figuras de duas obras distintas quando se apresenta no título apenas uma casa.

Não conseguimos saber desde quando as fotos divulgadas como sendo de uma casa, na verdade eram da outra, mas percebemos que esse equívoco levou alguns estudiosos a interpretações e análises igualmente equivocadas.

¹⁸ Casa Rose Pauson, 1939 – 1940, Phoenix, Arizona. Ver PFEIFFER, 2004, p 64-65

Felizmente, conseguimos através da documentação e das visitas de campo, desfazer o equívoco e esperamos contribuir positivamente para os trabalhos futuros sobre J.B. Vilanova Artigas¹⁹.

Nesta casa feita para Luiz Antônio Leite Ribeiro, Artigas utiliza o concreto armado estruturalmente em profusão, parte revestida e parte deixada aparente, como no balanço arrojado das salas de estar sobre o terreno naturalmente íngreme em direção ao fundo do lote. Nesta implantação em terreno muito inclinado, Artigas pode ter adotado essa solução de emprego da estrutura em concreto armado, em detrimento da usual (para ele à época) alvenaria portante, devido à configuração do terreno, da adoção da técnica construtiva mais adequada, que permitiu “soltar” a casa do terreno, sem agredi-lo em demasia e tirando partido das visuais proporcionadas pela edificação orientada para o fundo de vale do Pacaembú.

Estes podem ser os primeiros sinais de que Artigas buscava formas alternativas para a construção de casas em lotes urbanos e suas relações com o sítio que ocupariam, com o entorno imediato e com a técnica construtiva mais indicada para cada caso, mesmo que ainda possa se dizer preso a algumas referências wrightianas. Neste caso, é possível identificar

¹⁹ Gostaríamos de deixar claro que estas críticas construtivas e revisões da bibliografia existente sobre parte de determinados trabalhos não invalida ou deprecia nenhum deles. Ao contrário, a intenção é colaborar para que todos fiquem atualizados com as informações corretas e pertinentes, engrandecendo mais ainda a importância que todos tem para a melhor compreensão da obra de J. B. Vilanova Artigas. Temos ciência que podemos cometer equívocos eventualmente baseados em informações que desconhecemos serem incorretas e também estamos sujeitos às críticas neste ou em outros trabalhos.

na laje em balanço com vigas invertidas do volume em concreto armado das salas, a solução similar utilizada por Frank Lloyd Wright na “casa da cascata”, a residência Edgar J. Kaufmann em Mill Run, Pensilvânia, Estados Unidos, de 1935-39²⁰ e também no partido adotado à casa Sturges, em Brentwood Heights, Califórnia, também nos Estados Unidos, de 1939 (ver IRIGOYEN, 2002, p 174).

Há outro equívoco de indicação de projeto realizado por Artigas e relacionado à mesma rua Dr. Manuel Maria Tourinho. Para o mesmo cliente, Nicolau Scarpa Jr, na listagem do catálogo da Fundação Vilanova Artigas, aparecem dois projetos feitos: em 1940 e 1944. Por algum erro de transcrição o nome Itaguaçu foi grafado como Itajaçu para o endereço da obra de 1944. Porém, analisados os desenhos no processo legal arquivado na prefeitura paulistana sob nº 66.703/41, o primeiro e 91453/44 o segundo, confirmamos ser o segundo registro processo para obtenção de alvará para reforma na mesma residência do processo original que é de 1941 e não de 1940. O número inicial desse documento é: 31.355/41 e foi substituído em 14 de julho de 1941 pelo jogo de plantas com desenhos que eram os mais próximos da configuração da casa construída e ainda existente, no bairro do Pacaembú, com o pedido de substituição de plantas de nº 66.703/41 já citado acima. Este equívoco aparece desfeito na listagem do catálogo da exposição dos trabalhos de Artigas em Almada (RIBEIRO, 2001, p 174) e no livro da Fundação Lina Bo e Pietro M. Bardi (FERRAZ, 1997, p 209).

²⁰ PFEIFFER, 2004, pp 52-53;

Para o bairro da Aclimação, da listagem original das casas, separamos 5 para averiguação e confirmação de informações. Três foram construídas conforme indicado na listagem, as residências: José Morganti, de 1938, a Ivo Viterito, de 1962 e a Álvaro de Freitas, de 1968. As residências Adelino Cândido Baptista de 1958 e a Orlando Martinelli, de 1959, não foram construídas. Desta última não há registros de pedido de alvará de construção junto à prefeitura paulistana. O número do processo da residência Adelino C. Baptista é: 213.295/1958 e não há registro do “habite-se”, o que corrobora a hipótese de não ter sido executada.

Encontramos na listagem fornecida pela Fundação Vilanova Artigas algumas casas cadastradas com identificação completa, mas com “ponto de interrogação” na coluna (item) condição da obra, demonstrando desconhecimento da execução das obras das mesmas. Fomos conferir nos endereços pertinentes e junto ao DAMP-40 da Prefeitura de São Paulo e constatamos não terem sido construídas. São as residências Elias Kalil Cury, de 1969, no Jardim Europa; Fernando Horta, de 1973, no Alto de Pinheiros; Amado Ferreira Mansur Queiroz, de 1951, no Brooklin Paulista; Henrique Villaboim Filho, de 1966, em Cidade Jardim. No livro / catálogo da exposição de Artigas em Almada, Portugal, as indicações sobre estas casas estão corretas.²¹

Algumas casas atribuídas na listagem original a Artigas, foram executadas por Duílio Marone, sócio de Artigas de 1937 a 1944. Elas foram feitas com base em projetos originariamente de Artigas, porém revisados e

²¹ RIBEIRO, 2001, pp 172-215;

alterados pela empresa daquele, a Marone & Savoy, após o desmanche da sociedade profissional entre Duílio Marone e Vilanova Artigas. Nesses casos, como as obras concluídas foram resultados de projetos de terceiros e não de Artigas, desclassificamos as mesmas deste trabalho. São exemplos disso, conforme registros nos arquivos históricos do município de São Paulo: a residência Moacyr de Freitas Amorim, de 1944, no Sumaré (proc. modificativo nº 83963/45)²² e a residência Alfredo Machado Marques, de 1944, no Pacaembú (processo modificativo nº 17.865/45)²³;

Não encontramos registro documentado como fotos ou outra documentação legal junto a Prefeitura de São Paulo da execução das obras das 36 casas projetadas por Artigas em 1945 para serem construídas na Vila Romana para Leo Ribeiro de Moraes. Como conjunto habitacional de porte, não deve ter sido construído. No endereço indicado não há vestígio de nenhum agrupamento de casas, mesmo que antigas, desse porte, ou seja, nenhuma organização de um loteamento dessa qualidade parece ter existido na quadra indicada como local da obra. Encontramos, sim, na pasta desse processo arquivado na prefeitura paulistana, os desenhos originais feitos por Artigas. As casas estavam agrupadas em duplas e tinham desenhos diversos. Mas posteriormente foi anexado ao processo outro projeto, em substituição ao de Artigas, do próprio proprietário, que é (era) engenheiro civil, agrupando as casas em conjuntos de 4 ou 5 unidades que estão mais próximas das executadas no local indicado.

²² O processo inicial, com desenho de Artigas era o de nº 46.729/44

²³ O processo inicial, com desenhos de Artigas era o de nº 25.564/44.

Um fato triste e angustiante foi o acompanhamento impotente que fizemos da demolição da residência Ottoni de Arruda Castanho, de 1939, nas Perdizes, na esquina das ruas Cotoxó, nº 531 com rua Desembargador do Valle (processo na prefeitura nº 69.542/1939). No local, foi erguido um edifício com aspectos formais e referências neoclássicas. A destruição ocorreu em finais de 2005 e início de 2006. Era uma das maiores casas projetadas por Artigas (aproximadamente 370m²) e implantada num terreno de localização privilegiada e de grandes dimensões, com 50x32m. A casa estava em razoável estado de conservação quando foi demolida.

Outro caso semelhante ocorreu com o imóvel situado na rua Turquia, 468, a residência Antônio Luiz Teixeira de Barros, de 1946. Não conseguimos, porém, precisar se a casa demolida em 2007 foi a original, projetada por Artigas (processo na prefeitura sob nº 64.117/1946), pois um muro alto no alinhamento impedia a visão da casa existente até então e não conseguimos acesso à mesma em tempo hábil. Uma curiosidade ocorrida no processo para aprovação da construção dessa obra, foi uma carta de Artigas ao engenheiro da prefeitura responsável pela análise do projeto em atendimento a um “comunique-se”, pois a implantação da casa não atendia dois artigos do código de obras: a edícula junto ao corpo da casa e a garagem incorporada à construção invadindo recuo de fundos. Assim é o texto:

“Exmo. Engº Martins (obras 1),

Pretendia-se, ao reunir o conjunto de edícula, garage (sic) e quarto de criada, ao corpo da casa, dar ao problema uma solução monobloco. Por isso a ocupação do lote é um

pouco superior à estabelecida nos artigos citados, para o que pedimos tolerância, considerando:

- a) Que não há edícula no recuo de fundo;
- b) Que a solução proposta é mais harmoniosa;
- c) Que não houve intenção de aproveitar exageradamente o lote.”

Artigas teve que adaptar o projeto às leis e revisar o projeto.

Não tivemos acesso ao imóvel existente neste local até 2007 e, portanto, foi impossível a identificação externa correta devido ao excesso de plantas entre a casa e o alinhamento com a rua, com muro alto e grade fechada. Parecia imóvel desocupado. No início de 2008, visitando novamente o local, conseguimos notar, através de frestas nos tapumes da obra, que ocorrera a demolição da casa existente.

Enquanto procurávamos por uma casa indicada na relação da Fundação Vilanova Artigas com endereço impreciso na rua Plínio de Moraes, localizamos três edificações residenciais que julgávamos ser o dito projeto de Artigas nessa rua. Investigamos as três possibilidades, pois que possuem características formais próximos da escola carioca de arquitetura moderna, ou, como no caso mais impressionante, próximo de uma solução arquitetônica utilizada pelo próprio Artigas, como a utilização de empenas laterais em concreto armado como parte importante da estrutura. Todas construídas em terrenos com forte declive em relação à rua de acesso. A localizada no número 414, muito interessante, tem uma única cobertura inclinada para os fundos do lote, com telhado de telhas de cimento amianto em uma água somente apoiado em laje de concreto. Esta, por sua vez, se apóia nas duas empenas laterais de concreto armado e pintado de cor clara,

com desenho interessante, mas basicamente na forma de dois triângulos invertidos com espécie de recorte / abertura em parte do encontro dos lados dessas figuras. Tal configuração estrutural e desenho das empenas laterais nos remeteu à solução de Artigas para as empenas laterais da casa José Mário Taques Bittencourt, a casa dos pórticos, de 1959, no Sumaré. O programa desta casa é distribuído em cinco meio-níveis interligados por escadas única. Este projeto, de 1960, é do arquiteto Heitor Ferreira de Souza.

As outras duas residências, compactas no volume percebido pela rua Plínio de Moraes, mas de certa imponência, se olhado pela rua de trás, por onde têm acessos secundários, com coberturas em asa de borboleta e também com programas parecidos entre si e com os pavimentos dispostos em vários níveis, visto que se localizam em terrenos muitíssimos inclinados e de dimensões reduzidas em profundidade. Estes dois casos são projetos do engenheiro civil Ricardo Brasília Paes de Barros, da mesma época, correspondem aos números 99 e 111 e estão bastante alterados.

O projeto de Vilanova Artigas para esse cliente e nessa rua Plínio de Moraes não foi localizado na prefeitura, pois não há registro de pedido de alvará de construção para ele. Portanto, concluímos que não foi executado e esta informação confirma a encontrada no catálogo da exposição dos projetos de Artigas em Almada, Portugal (RIBEIRO, 2001, p 185).

O mesmo pode-se deduzir do projeto para Ricardo Ricaldoni, de 1945, no Pacaembú, comentado no livro de Adriana Irigoyen²⁴, quando ela

²⁴ IRIGOYEN, 2003, p 143;

nos demonstra por desenho das plantas desse projeto que Artigas “recria o tipo cruciforme, um dos esquemas mais utilizados por Wright nas *Prairie Houses*”. Neste caso a informação no catálogo da exposição de Almada, Portugal, em 2001, informa que a casa foi construída²⁵, porém não encontramos registro desse projeto de Artigas nos arquivos da prefeitura nem como processo para obtenção de alvará de construção e nem o habite-se da obra eventualmente concluída.

O projeto de Artigas para a residência de Chaim Goldenstein não foi executado. A casa construída na “esquina” das ruas Wanderlei e Heitor de Moraes não é projeto de Artigas, tão pouco. Foi feita uma casa para Chaim Goldenstein num terreno na rua Wanderlei, um pouco mais acima, a aproximadamente 40 metros do encontro desta rua com a rua Heitor de Moraes. É projeto do arquiteto Abelardo Riedy de Souza, de 1954, e com ele trabalhou nesse projeto acompanhando o processo legal para obtenção de alvará de construção o arquiteto Jon Andoni Vergareche Maitrejean.

O projeto de Artigas para a casa de José Vieitas Neto, no bairro de Vila Nova Conceição, a rua Dr. Esdras, também não foi executado. Segundo informações colhidas nos arquivos da PMSP, o projeto construído era do Engenheiro Rodolpho G. Tartari, processo de 1963.

A residência de Geraldo Camargo Demétrio não consta na listagem da Fundação Vilanova Artigas, mas há na relação de obras do catálogo da exposição dos trabalhos de Artigas em Almada, Portugal, em 2001 e na Relação dos Projetos de Artigas, na publicação do Instituto Lina Bo e P. M.

²⁵ RIBEIRO, 2001, p 179

Bardi.²⁶ Esta casa, localizada no bairro do Sumaré, é resultado de processo modificativo apresentado por Artigas à prefeitura paulistana e registrado com o nº 216.760/1978, para substituir o primeiro, dele mesmo, que havia dado entrada no ano anterior e que tinha o nº 216.469/1977. Curiosa é o ano de projeto que consta nos livros do Instituto Lina Bo e P.M.Bardi, 1976, quando na PMSP, o ano indicado do primeiro processo é o imediatamente posterior, conforme citamos acima. Não conhecemos divulgação de fotos ou desenhos dessa residência, embora a mesma tenha distribuição do programa feita de forma interessante. A edificação está implantada de forma centralizada em lote de planta praticamente quadrada e com acentuadíssimo aclave. Garagem e acessos sociais no térreo, rampas para circulação vertical interna, área íntima (4 dormitórios, sanitários e roupeiros) no piso intermediário e pavimento superior abrigando as áreas de convívio social e de serviços. Este nível mais alto tem ligação em nível com o jardim dos fundos onde está a piscina com pequeno *solarium* apoiados no solo. As grandes janelas dos dormitórios e das salas estão voltadas para a parte frontal da casa, face Nordeste para melhor aproveitamento da insolação e vista do bairro. Na lateral direita não há aberturas. Na lateral esquerda de quem olha da rua, há pequenas aberturas que correspondem aos ambientes dos sanitários e de serviços. Banheiros centralizados na planta do pavimento intermediário, recebem iluminação zenital e ventilação por “domus” instalados num jardim de inverno sem cobertura na laje dos mesmos e que é acessível pelas salas do pavimento mais alto. O muro de fechamento no alinhamento é em concreto ciclótico e funciona como contenção de jardins elevados laterais ao acesso de pedestres e carros.

²⁶ FERRAZ, 1997;

Julgamos o projeto e obra dessa residência Geraldo Camargo Demétrio muito interessante e não entendemos como não foi mais divulgado. O estado geral de conservação desta casa é razoável, aparentemente necessitando de renovação de pintura externa e do tratamento de proteção ao concreto aparente. Não tivemos oportunidade de acessar o interior desta residência.

A residência para Juvenal Juvêncio, de 1972, no Jardim Guedala, Morumbí, também não consta na relação da Fundação Vilanova Artigas, mas aparece citada na relação de projetos da publicação do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.²⁷ No entanto, esta obra, uma das últimas de Artigas construídas para a tipologia residencial foi bem divulgada. É aquela das grandes vigas – empenas laterais em treliças de concreto armado, com grandes vãos na parte da frente e nos fundos, como podemos verificar na respectiva ficha de obra deste trabalho.

Nestes anos de desenvolvimento desta pesquisa, desde finais de 2003, presenciamos reformas de porte em duas casas projetadas por Artigas: A primeira residência feita para o médico e amigo dele, José Mário Taques Bittencourt, de 1949 e a de Hanns Victor Trostli, de 1948, ambas no bairro do Sumaré e próximas uma da outra. Para a casa de 1949, a reforma não descaracterizou formalmente a edificação. Houve alteração das instalações hidráulicas e elétricas para modernização do sistema e mudança das cores originais. Toda a superfície externa, exceto caixilhos, foram revestidos com tinta texturizada padrão massa raspada na cor verde folha. A

²⁷ FERRAZ, 1997;

casa Hanns Victor Trostli foi muito alterada nos fechamentos do pavimento superior, com trocas de modelos de caixilhos e, provavelmente, com o fechamento dos vazios para ampliação dos cômodos do andar. Foi pintada inteiramente na cor branca. O volume da garagem de carros foi modernizado, ampliado, pintado de branco e recebeu fechamento com portão basculante automático em réguas de PVC na cor branca. Volumetricamente não houve alteração. A casa José Mário Taques Bittencourt, de 1981, no Sumaré, foi repintada em 2008 com tratamento (limpeza) do concreto armado aparente, o que lhe proporcionou aspecto renovado e revigorado na sua aparência externa.

Para o artista e escultor Victor Brecheret, Artigas fez mais de um projeto. Um registrado como a residência construída na rua Alemanha esquina com rua Bucarest, no bairro Jardim Europa, com processo para obtenção de alvará para construção de número 048976/1943, porém já demolida ou muito alterada por reformas executadas. O outro projeto, aparentemente para o mesmo endereço nesse loteamento da Cia City e que não foi aprovado pela prefeitura, apresentava duas casas geminadas, o que não era permitido pelas normas de construções desse bairro e foi indeferido pela PMSP²⁸.

Outro caso interessante aconteceu quando procurávamos confirmar existência e localização da casa que Artigas projetou para Febus Gikovate. Não estávamos conseguindo localizar corretamente o lote da mesma, na rua Ouro Preto, em Pinheiros. Várias visitas foram feitas, mas a maioria das

²⁸ Prefeitura do Município de São Paulo;

casas dessa rua tem muros altos e nem todos moradores permitem que se olhe para dentro de suas casas e batamos fotos, etc. Transitávamos ouvindo rádio numa noite de domingo quando o âncora de um programa da rádio CBN, Flávio Gikovate, se apresentou. Enviamos carta ao mesmo que, ao responder, tivemos a grata surpresa de saber que era filho do senhor Febus, já falecido. Mas deu algumas informações importantes sobre a casa.

Eles, o pai, a mãe e Flávio, único filho, moraram na casa de 1950 a 1957, quando por motivos profissionais do pai se mudaram para o bairro de Higienópolis. Fizemos uma pequena enquete pela “internet”, que o senhor Flávio, mui gentilmente respondeu. Previamente aos questionamentos explicamos que, dentre outras coisas, tão importante como a construção em si, para este trabalho, são as pessoas, os costumes daqueles que nelas habitaram (habitam), pois estes (os usuários) são os principais elementos de quaisquer projetos de arquitetura. Abaixo transcrevemos as duas partes, primeiramente as perguntas, depois o texto com as respostas dele.

Perguntas: “Em termos funcionais e de conforto, o senhor se recorda se a casa era confortável, prática, ou seja, atendia às expectativas de sua família quando sozinha e nos momentos que recebiam visitas? As separações entre as partes dos dormitórios e a social funcionavam para garantir a privacidade pretendida? Nos fundos, o jardim das salas separado por muro da área de serviço também ajudava na privacidade mínima para esses dois locais, certo? O "quintal" / jardim em volta da casa parece que era local que permitia certa liberdade para que as pessoas circulassem ao

redor da casa e, sobretudo para as crianças brincarem (imagino que elas existiram lá). Houve algum motivo relacionado à casa para que se mudassem de lá, pois sete anos não é muito tempo (bem, isso é relativo, claro). A família cresceu e a casa já não atendia mais ao programa necessário?”

Respostas do senhor Flávio Gikovate:

“A casa era mais adequada para os momentos em que recebia visitas. Não haviam espaços íntimos e o convívio era feito na sala, sempre muito grande para uma família pequena (eu fui filho único). Os jardins laterais não eram usados para nada, pois era tudo gramado e se alguém passasse por ali sujaria toda a casa. A funcionalidade era bastante duvidosa. Não me lembro de ruídos entre os cômodos. Lembro do banheiro único pouco funcional para uma família em que todos acordavam na mesma hora. A parte de serviços não prejudicava o jardim porque, como disse, ele não era usado. A casa era mais bonita do que eficiente e funcional. Mudamos de lá porque a vida profissional do meu pai se alterou e ele decidiu mudar para um apartamento em Higienópolis. Ninguém se ressentiu com a mudança.”

No processo para obtenção de alvará para construção junto a Prefeitura de São Paulo, sob nº 93569/1949, vemos que o mesmo foi aprovado em setembro daquele ano. Provavelmente a obra se estendeu até o ano seguinte, quando a família Gikovate se instalou na casa. No mapa de implantação ainda percebe-se que a avenida Brigadeiro Faria Lima ainda não existia. A travessa Ouro Preto era (ainda é) pequena rua sem saída com acesso pela rua Iguatemi. Esta seria alargada posteriormente em quase toda sua extensão na década de 1960 e início da seguinte, originando a atual avenida citada.

Por motivo semelhante a este, quando do alargamento da avenida 9 de julho, para implantação do corredor de ônibus, na década de 1970, na região do Jardim América, algumas casas podem ter sido demolidas para dar espaço à tal obra viária. A residência Herculano Quadros, de 1941 pode ser um desses casos. A rua Chile foi alterada em seu encontro com a avenida citada, ou a numeração modificada, mas o fato é que a dita casa não mais existe, no número 788, no 78 ou em outro lote desta via. No processo junto a Prefeitura de São Paulo, sob nº 0.083.319/1941, percebemos pela implantação que a obra se localizava próxima à rua Martinica e o traçado viário dessa área foi ligeiramente alterado para a configuração atual.

Visitamos os locais de todas as casas existentes. Com todas tivemos emoções inexplicáveis ao confirmarmos isso, independentemente do estado de conservação, de ser projeto mais conhecido e divulgado pela bibliografia existente, seja em periódicos como a Revista Acrópole, Revista Projeto, AU, Módulo, ou em livros como os da Fundação Lina Bo e P.M. Bardi²⁹ ou o de João Massao Kamita³⁰. Nos catálogos das exposições dos trabalhos de Artigas em Almada³¹ ou a ocorrida no Instituto Tomie Ohtake em 2003 ou até em trabalhos acadêmicos.

Existirem em boas condições de conservação 49 obras residenciais construídos por Artigas a partir de seus projetos pode ser demonstração de cuidado e carinho dos proprietários ou usuários dos mesmos para com a

²⁹ FERRAZ, 1997;

³⁰ KAMITA, 2000;

³¹ RIBEIRO, 2001;

obra. Para as executadas após 1950, julgamos até que essas pessoas já conheciam a importância profissional e intelectual de Artigas na sociedade paulistana, ou pelo menos no meio acadêmico e no setor da construção civil / arquitetura. Boa parte de seus clientes a partir dessa época eram intelectuais, professores universitários ou profissionais liberais, colegas de Artigas ou companheiros de atuação ideológica - político – partidária, junto ao PCB. Mas as casas mais antigas, anteriores a 1950, ainda estarem desempenhando alguma função de abrigo a alguma atividade humana, e razoavelmente bem, caso contrário, não existiriam mais, é fantástico!

Destas 49 casas, 39 ainda estão cumprindo suas funções iniciais como residências unifamiliares, independentemente de terem sofrido reformas pequenas ou grandes. Estão “envelhecendo com dignidade”.

Para as dez casas que tiveram seu uso original transformado em ponto comercial, apesar da óbvia descaracterização do projeto de Artigas, não constatamos mudança radical nos imóveis a ponto de não mais se perceber os traços originais. Se inevitáveis, estas adaptações acompanharam as necessidades ou condicionantes locais, como a transformação das vias onde se encontram em corredores de tráfego intenso de automóveis, inviabilizando o local como agradável para moradia, por exemplo. De certa forma, como não foram demolidas, podemos deduzir que estas edificações, enquanto abrigos do ser humano para que este desempenhe determinadas atividades, ainda podem ser

utilizadas, ou seja, puderam ser adaptadas à outras funções diferentes da original, com os espaços flexibilizados para atender às demandas diversas de outra forma de ocupação e de programa de necessidades. Isto pode não ser de todo mau.

Capítulo 2 – As Casas e Artigas – de 1937 a 1981 – Contextualização da atuação profissional

A escolha dos projetos de casas do arquiteto João Batista Vilanova Artigas se deu pela curiosidade instigada após visitas à exposição sobre os trabalhos deste importante profissional para a arquitetura paulista e brasileira. Tal evento ocorreu em finais de 2003, no Instituto Tomie Ohtake. Além das palestras de ex-colegas e ex-alunos, de admiradores de seu trabalho recente, me chamou a atenção a seção do evento que expunha alguns desenhos de relativos a alguns projetos de Artigas, nem todos executados. Os projetos de residências chamaram-me especialmente à atenção, pois, ali estava apresentada pequena parcela dos trabalhos dessa tipologia da trajetória profissional de Artigas. Eram amostras significativas de suas fases de atividade projetual desde sua diplomação como engenheiro – arquiteto pela Politécnica da Universidade de São Paulo.

Esse evento suscitou a minha curiosidade de como pôde Artigas chegar aos projetos emblemáticos do edifício da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) na Cidade Universitária, dos prédios para escolas (ginásios) localizados em Itanhaém (de 1959), município do litoral sul paulista, em Guarulhos (de 1960) e o de

Utinga, Santo André (de 1962), localizados respectivamente a Nordeste e a Sudeste da malha metropolitana paulistana? Todos estes projetos executados em parceria com o arquiteto Carlos Cascaldi. O quê tem de repertório projetual a escultura arquitetônica que é a Rodoviária de Jaú (de 1973), com um magnífico conjunto de pilares cujos topos se abrem em quatro partes, como que leques, ou galhos de árvores, sob aberturas que permitem entrada da luz zenital que suaviza os próprios pontos de contato desses pilares com a grande laje de concreto aparente?

É certo que para se chegar ao degrau mais alto de uma escada, vindo de baixo, deve-se começar pelo primeiro ao rés do chão, para subir em segurança. Mas, como que emblematicamente, Artigas quis mais: subiu rampas. Percebeu assim que, durante sua vida profissional, dessa maneira mais suave, porém direta, poderia pesquisar mais a arquitetura que pretendia desenvolver e deixar como um dos caminhos a serem percorridos pelos seus pares. Poderia também pensar na importância da arquitetura para a sociedade e na função social dos arquitetos e na maneira que poderia contribuir na aplicação dessa questão pelos seus pares, colegas de profissão, alunos e a sociedade em geral. Artigas pode planejar e organizar o ensino de Arquitetura na Universidade de São Paulo (que servira de base para outras instituições de ensino nacionais,

certamente). Também atuou ativamente da organização profissional dos arquitetos desde a fundação do IAB, participando de algumas gestões deste órgão classista, da organização e participação nos primeiros Congressos da categoria. E como se não bastasse isso tudo, ainda arranjava tempo para se engajar política e socialmente como membro atuante do PCB em São Paulo, e, de certa maneira, participava isso tudo aos colegas profissionais e acadêmicos. Provou na prática, como ele mesmo afirmava, que “era possível ser cidadão e artista ao mesmo tempo”.

Para compreender como Artigas chegara à maturidade profissional, conforme entendemos ser seus projetos das décadas de 1960, 1970 e 1980, trabalhos estes os mais divulgados e discutidos no meio artístico-arquitetônico, pensamos na necessidade de pesquisar e investigar a fundo o início da atuação profissional dele e o desenvolvimento da mesma até a última etapa de sua produção como arquiteto. A madura, porém inquieta e provocativa fase do brutalismo racionalista. A arquitetura dessa fase que foi o embrião e a guia do que alguns autores classificam como a “escola paulista de arquitetura” e seu mestre e mentor seria o arquiteto João Batista Vilanova Artigas.

Artigas, em toda sua vida, além da atuação acadêmica, interrompida temporariamente pela estupidez da ignorância cultural e perseguição

política durante a ditadura do regime militar no Brasil (1964/1984), nos deixou um legado importante composto de estudos e projetos inconclusos, mas, por outro lado, muitos projetos e obras concluídas de edificações residenciais, comerciais, institucionais, industriais e escolares.

A escolha da tipologia dos projetos residenciais como fonte principal e objeto da pesquisa deu-se pelo caráter experimental desses projetos, assumidos como primeiros “laboratórios” onde os arquitetos podem testar suas habilidades artístico-funcionais, numa escala proporcional aos riscos inerentes às inovações conceituais, de projeto, de concepção arquitetônica, estruturais. Enfim, onde podem, desde que exista uma empatia cultural, no mínimo, entre cliente (contratante) e o profissional (contratado), que permita tal liberdade de aplicação de inovações, pelo profissional contratado, no atendimento ao programa de necessidades requerido. Consideramos ser este campo fértil para aplicação de teorias ou hipóteses de como poderia ser o abrigo primeiro do ser humano e de sua família, que deverá protegê-los das intempéries e de eventuais hostilidades do mundo ao redor, com conforto para ali desempenharem desde as atividades domésticas cotidianas como outras de convívio social.

Para Artigas, notadamente em sua segunda fase, a mais ligada à produção da escola carioca de arquitetura, a casa deveria ser transparente

e integrar interior e exterior, a rua pública e a vida doméstica privada, na medida do possível e respeitando os direitos à privacidade inerentes a cada cidadão. A partir de 1956, com o projeto da casa de Olga & Baeta N. Henriques, no Butantã, Artigas incorpora definitivamente o uso do concreto armado em seus projetos residenciais (mas, ainda pintado) como material de acabamento de pilares, empenas e vigas. Suas casas passam a ser mais voltadas para dentro do lote, sem abandonar a fluidez do espaço interno e a possibilidade de interligação entre este espaço e o exterior por áreas de transição, quase como espaços semi-privados, às vezes com a planta se desenvolvendo em torno a vazio/jardim centralizado, como na casa José Mário Taques Bittencourt – 2 (a casa dos pórticos), de 1959, no Sumaré ou mais timidamente na casa Gilberto Krutman, de 1968, em Moema, outras vezes voltadas para pátio / vazio interno, porém coberto, mas que cria ora um espaço de transição entre ambientes internos, ora saguão para locação de ambiente com certa solenidade ritual ou cultural na sua utilização, como sala de refeições (almoço ou jantar), como a residência Alfred Günther Domschke, de 1974, no Alto da Boa Vista. De certa maneira e guardadas as devidas proporções entre cada projeto, era a aplicação de um conceito que Artigas procurava adotar e difundir como boa

idéia a ser desenvolvida pela arquitetura: ver “As cidades como as casas. As casas como as cidades.”³²

Artigas, aparentemente, não desperdiçou as oportunidades que teve para pesquisar arranjos de plantas e implantações das casas, nem de desenho ou partido arquitetônico, nem de tratamento das fachadas, das coberturas. Não deve ter sido assim com todos os clientes. Será que com os projetos menos ou completamente não divulgados de Artigas poderíamos encontrar alguma coisa que não permitisse a ele utilizar os mesmos como referência completa de uma arquitetura que buscava ser exemplo a ser observado pelos que, como ele, queriam dar á arquitetura uma dimensão nacional de conjunto, não de estilemas, regras ou receitas prontas, mas de conceito? Tinha Artigas essa consciência desde os primeiros anos de formado? Provavelmente, não. Essa inquietação, essa busca por uma arquitetura de caráter nacional brasileira foi crescendo na medida que Artigas desenvolvia suas atividades profissionais e intelectuais, estabelecia contatos com arquitetos e artistas nacionais e estrangeiros. Para isso em muito contribuiu sua ligação com o grupo de

³² ACRÓPOLE, nº 268, São Paulo, 12/1969 (reprodução de texto publicado no catálogo da IX Bienal de São Paulo).

artistas de São Paulo³³, o Santa Helena, também chamado como “família artística paulista”³⁴, a viagem que fez aos Estados Unidos da América em 1946/1947 e, a partir dessa época, seu crescente envolvimento em questões relacionadas à organização do ensino da arquitetura no Brasil, cujo ponto inicial de implantação dessa remodelação curricular foi na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

No início de sua vida profissional, como estagiário de Oswaldo Bratke de 1935 a 1937, ainda estudante, Artigas entrou em contato com uma arquitetura eclética que neste escritório ainda se fazia, produzindo, no caso das residências, obras para uma classe mais abastada da burguesia paulistana que construía nos bairros novos, elegantes e nobres da capital paulista, como o Pacaembú, por exemplo. Artigas também estagiou na Secretaria de Estado de Viação e Obras Públicas de São Paulo antes de se diplomar, onde intensificou o contato com a arquitetura “oficial” que se fazia na cidade de São Paulo naqueles anos tensos entre as duas Grandes Guerras Mundiais.

³³ Artigas veio para São Paulo em 1932 concluir o curso de Engenharia que iniciara no Paraná, estado de sua origem, mas com intenção de trabalhar como arquiteto.

³⁴ Dentre outros artistas, faziam parte do grupo: Alfredo Volpi, Rebolo, Zanini, Aldo Bonadei, Clóvis Graciano, Teresa D’Amico e a futura esposa, Virgínia. Artigas os conheceu ao freqüentar curso noturno de desenho com modelo vivo na Escola de Belas Artes ainda como estudante da Escola Politécnica.

Após se formar Engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1937, constitui sociedade construtora com ex-colega de faculdade Duílio Marone, e a denominam Marone & Artigas.

Duílio Marone tinha os principais contatos e relacionamentos com uma classe de grandes posses financeiras de São Paulo e era quem conseguia as obras a serem executadas. Na época o projeto executivo ainda não era uma prática corrente para uma obra residencial, pois não havia a dissociação entre projeto e obra, como depois passou a vigorar, sendo a primeira de responsabilidade dos arquitetos (ou engenheiro) e a segunda delegada a terceiros. A empresa construtora era a responsável pelo projeto da obra, encarregada de elaborar os desenhos e documentos necessários à abertura dos processos para obtenção de alvará de construção da mesma e, no caso, dos engenheiros e arquitetos, responsáveis também pelos cálculos necessários na parte de instalações e estruturais e na execução da obra. Algumas obras Artigas recebeu de Oswaldo Bratke para execução, quando da morte de seu sócio Carlos Botti. Foram as casas Fernando Álvares de Toledo Piza, Anna Ricaldoni Ponta, no Sumaré, e a de Hugo Rodrighiero.

Para quase todo recém formado, mesmo para Artigas, pleno de ideais e inquieto consigo mesmo na busca de soluções que pudessem fugir à

mesmice arquitetônica vigente e fiel aos seus princípios, não se poderia recusar qualquer serviço que aparecesse. Nem o atendimento às necessidades, desejos ou imposições dos clientes, que deveriam ser atendidos da melhor forma possível.

Nestes anos de sociedade com Duílio Marone, que duraram até 1944, Artigas constrói basicamente casas de “estilo”, como, aliás, era parte do contexto paulistano daqueles anos, essa construção simultânea de diferentes estilos (IRIGOYEN, 2002). Os clientes, via de regra, não pertenciam à elite paulistana entendida como as famílias ligadas às oligarquias cafeeiras e os políticos da classe dominante, por exemplo. Eram empregados das poucas indústrias existentes, pequenos empresários, artistas e profissionais liberais. “E, felizmente para Artigas, a maioria estava disposta a aceitar de bom grado as inovações propostas” (IRIGOYEN, 2002).

Essa produção de Artigas é eclética, e nesse percurso projetou casas que faziam referências a vários arquitetos, ou estilos. Por exemplo, a casa Giulio Pasquale, de 1939, em Cerqueira César, era clara referência às casas modernistas de Gregori Warchavchick, embora o próprio Artigas tivesse declarado não se atrair pela solução de se esconder telhado atrás de platibandas para passar uma imagem de obra “moderna” quando a

questão era a ineficiência ou inexistência de técnica adequada para impermeabilização da laje de cobertura. Este foi o único exemplar em que Artigas projetou com essa referência às casas de Warchavchick, com quem tinha participado do concurso para Anteprojetos para o Paço Municipal de São Paulo, tendo se classificado em 2º lugar.

Primeira fase de Artigas: pragmatismo projetual, diversidade nos aspectos formais e referências a Frank Lloyd Wright.

Obras de inspiração neocolonial são as projetadas para Henrique Arouche de Toledo³⁵, de 1938, em Perdizes, embora não apresente todos os elementos citados neste texto acima como necessários para se compor o “estilo neoclássico”, mesmo que simplificado. A classificação como estilo “misiones” seria mais adequada.

A residência para Nicolau Scarpa Jr, de 1940, na rua Heitor de Moraes, no Pacaembu é exemplo de projeto eclético sem definição

³⁵ Ver IRIGOYEN, 2002;

contundente possível. Referências próximas são os chalés suíços, por conta dos telhados bem inclinados, ou o estilo Tudor, britânico, devido ao emprego de faixas de argamassa pintada imitando as madeiras que faziam as composições das paredes de fechamento externas juntamente com as partes em tijolos e massa pintada de branco.

Na casa projetada para Otoni de Arruda Castanho, em 1939, em Perdizes³⁶, “era a primeira a incorporar alguns conceitos novos. A planta, de perímetro irregular, insinua uma tímida integração entre a sala e a sala de jantar. Detalhes como as janelas em ângulo (disfarçando o apoio de cunha) e a grande abertura do living trazem um certo dinamismo à percepção dos ambientes. Sua imagem, embora de linhas despojadas, remete contudo ao “neocolonial simplificado”. Essa sutil comparação permite que se estabeleça algum parentesco com as casas wrightianas também, notadamente nos amplos beirais, no jogo de volumes da construção e dos telhados. Outra residência de expressões neoclássicas é a de Álvaro de Freitas Pimentel, de 1943, no Pacaembú. Foi a fase pragmática “de busca e experimentação para Artigas”, conforme Adriana Irigoyen.³⁷

³⁶ Ver IRIGOYEN, 2002;

³⁷ IDEM

As casas com referências a Frank Lloyd Wright são as mais divulgadas e aceitas como principal característica dessa produção dos primeiros anos da trajetória profissional de Artigas. As residências Rio Branco Paranhos, de 1942, no Pacaembu é a mais fortemente identificada com as *Prairie Houses* wrightianas. A casinha (primeira casa de Artigas), de 1942, no longínquo (para a época) bairro paulistano do Campo Belo e a residência Rivadávia de Mendonça, de 1944, no Pacaembú seriam representantes das casas do sistema “Usonia” de Wright.

As casas projetadas na Chácara Santo Antônio, para Bertha Gift Steiner, a de Max Dreifuss e a de Hermann Hugo Scheyer, todas de 1940, também apresentam referências à arquitetura de Wright, lembrando as *Prairie Houses*, porém, na casa de Bertha Gift, aparece o conceito das casas Usonia em não se ter a noção clássica de fachada, ou seja, todas as fachadas tinham o mesmo tratamento com relação a desenho e acabamentos, sendo de difícil hierarquização entre as mesmas. No entanto, as fachadas desta casa voltadas para as ruas (é uma casa implantada em terreno de esquina), portanto mais à vista, são as que encerram caixilhos ou acessos aos ambientes sociais. A residência está locada mais próxima dos alinhamentos do que com a parte posterior do lote, provavelmente reservado para atividades familiares ou de serviços, enquanto as aberturas

e acessos aos ambientes sociais que se voltam para a área pública, as ruas, não pretendem grande isolamento em relação à estas.

Outro grupo de casas pode ser classificado como wrightiano, embora fazendo alusão ao *American System-Built Homes*, de 1917, numa tentativa de Artigas em otimizar a planta compacta. As casas Alcides de Lara Campos, de 1940, na Vila Nova Conceição, a Luiz Gonzaga Leme Monteiro, de 1941, no Jardim Paulista, e a de Eduardo Cunha, de 1941, em Pinheiros, são outros exemplos de casas com traços da arquitetura de Frank Lloyd Wright. Nestas fica demonstrada a intenção de Artigas em variar o mínimo possível a disposição das plantas nos projetos executados, isto as aproximava formal e conceitualmente com as experiências de F. L. Wright nesse sentido e na tentativa de se adotar a planta mínima para determinado padrão médio de construção.

Yves Bruand, comentando o “organicismo” na arquitetura, admite Frank Lloyd Wright como inventor do termo “orgânico” e Bruno Zevi, seu maior defensor. Este, informa Bruand, tinha chegado ao equívoco de propor que “a arquitetura orgânica seria uma superação do racionalismo”, pois

seria liberta do “(...) dicionário formal cubista e de seu vocabulário retilíneo e ortogonal (...)”³⁸. Bruand, para justificar seu desacordo com esta teoria de Zevi, ainda nos dá o exemplo ocorrido na

“escola racionalista brasileira sob a influência de Niemeyer, que também conseguiu reintroduzir a curva na arquitetura ao mesmo tempo em que permanecia fiel à preocupação com a ordenação rítmica e com o volume disciplinado de seus predecessores”.

Bruand nos apresenta, na seqüência, os quatro elementos principais onde encontraríamos os traços fundamentais que definem a originalidade da corrente orgânica:

- Modéstia aparente: refletida principalmente na composição externa da construção. Recusa da monumentalidade. Preocupação de integração, diluição na paisagem a ponto de ser confundida com a natureza. Postura romântica de atuação;
- Preferência pela utilização de materiais tradicionais na construção: A utilização de materiais retirados diretamente da natureza, como a pedra e a madeira, e de materiais resultantes de transformações primárias, como as telhas e os tijolos de barro, pelas tonalidades de cor “terra”, facilitariam a

³⁸ BRUAND, 2005, p 270;

mimetização com o entorno natural. Era a revalorização consciente das técnicas antigas;

- Rejeição do tipo “standart” e da estrutura modulada como base para a composição arquitetônica: Importava somente o lado individual de cada caso, os motivos psicológicos que serviram de orientação. Criação livre que rejeitava, a priori, todo o contexto preestabelecido. Romantismo presente nessa “expressão de poesia sentimental”;
- Primazia absoluta do Interior sobre o exterior: A construção deveria ter o objetivo principal de abrigar bem o homem no desempenho de suas tarefas diárias. A concepção de uma edificação é orientada de “dentro para fora”. O aspecto volumétrico ou de desenho exterior deve ser resultante da disposição interna dos espaços. “O invólucro arquitetônico é apenas uma forma que molda os vazios que constituem seu conteúdo”, mesmo que de forma confusa. Não era preocupação a clareza das informações das fachadas para identificação absoluta dos ambientes internos que encerravam. Nas obras de Wright, o tratamento dos espaços internos, baseado na arquitetura colonial norte-americana, se desenvolvia a partir de um núcleo central.

Yves Bruand justifica o interesse “natural” de jovens arquitetos da década de 1930, e entre eles Vilanova Artigas, com relação à arquitetura de Frank Lloyd Wright:

“(…) o prestígio de Wright – e principalmente do Wright das *Prairie Houses* do começo do século (XX) – era enorme nos meios profissionais de São Paulo no momento que a vanguarda carioca se prendia ao estudo da obra de Le Corbusier. Esse prestígio tinha penetrado no ensino oficial graças a Dubugras e, a seguir, tinha aumentado consideravelmente”.³⁹

Yves Bruand (idem), cita três “mansões” das que Artigas tinha construído em São Paulo, entre 1938 e 1945, pela qualidade e pelo que representavam “marcando as etapas de uma evolução visível, premissa de uma reviravolta completa que ocorreria com o arquiteto a partir de 1945”. São: a residência Roberto Lacaze, de 1941, no Sumaré, a Rio Branco Paranhos e a casa Luiz Antônio Leite Ribeiro, ambas de 1943, no bairro do Pacaembú.

Na primeira (com informação cronológica de execução discrepante de outras publicações, 1938-1939), Bruand identifica a aplicação de todos os

³⁹ BRUAND, 2005, p 271;

princípios da arquitetura orgânica de Wright, ao estilo das *villas* construídas por este entre 1900 e 1912.

A segunda, visualmente próxima da *Robie House*, de Oak Park (Illinois-EUA-1909), porém com composição mais nítida, nem tão romântica e implantada em terreno de aclive bem íngreme em relação à rua de acesso. É a mais clara referência as *Prairie Houses* de Wright pela fluidez do espaço interno transcrita nos volumes externos (com a supressão dos tetos planos e a adoção dos planos inclinados dos telhados, unificando espacialmente os cômodos e o espaço outrora ocupado por sótão).

A terceira casa, a Luiz A. L. Ribeiro está implantada também em terreno muito inclinado, só que em declive em relação aos acessos, que é feito pelo andar superior, nivelado com a rua. Há utilização de muros de arrimo em pedras rústicas argamassadas (concreto ciclótico) para contenção dos cortes no terreno que foram necessários e concreto armado para permitir o balanço da laje na sala de estar. Porém, pelos telhados de uma água só, pelo volume mais simplificado da construção, já seria obra de “transição para uma arquitetura mais francamente contemporânea”.

Para o arquiteto Sylvo Sawaya, em depoimento registrado no livro/catálogo da exposição de trabalhos de Artigas em Almada, Portugal,

2001, a residência Rio Branco Paranhos “é a mais perfeita (re)leitura wrightiana de Artigas, com seus grandes balanços e ou contra-fortes (em tijolos) na rua”.

Concordamos com Yves Bruand⁴⁰ quando afirma que a “obra de Artigas está longe de ser homogênea e se divide claramente em períodos cronológicos de inspirações diversas”. Artigas pesquisava e experimentava soluções diversas de composição, de desenho de planta, de materiais empregados e até, por “dever de ofício”, provavelmente à contra-gosto, aspectos formais variados ao gosto do mercado imobiliário (ou dos próprios clientes), nesses primeiros anos de prática profissional, praticamente no período em que a sociedade com Duílio Marone durou, embora a referência maior, talvez por ser a única com mais clara possibilidade de definição neste sentido, seja a arquitetura orgânica de Wright, melhor expressão de democracia no Mundo da época, aplicada com as devidas interpretações em cada situação específica e norteadas por vários fatores como o programa de necessidades, topografia do terreno ou a vontade do arquiteto em avançar alguns paços na direção de uma arquitetura própria. Vale lembrar que Artigas implantava suas casas projetadas em terrenos urbanos,

⁴⁰ BRUAND, 2005, p 273;

de dimensões bem diferentes e menores do que aquelas dos terrenos em que Frank Lloyd Wright implantava as dele, aparentemente.

A **tabela 1**, abaixo, nos mostra a quantidade de projetos produzidos por Artigas neste período da primeira fase, de 1937 a 1945. Foram ao todo 75 trabalhos (ver RIBEIRO, 2001, pp 173-180). O conjunto é composto basicamente por projetos residenciais que correspondem a 88% do total produzido nesta fase. Praticamente todos os projetos resultaram em obra (nesta época, Marone & Artigas eram sociedade de “engenheiros construtores”). Dos 66 projetos de casas, 64 (97%) resultaram em obras concluídas. Nas demais tipologias, 8 dos 9 projetos se traduziram em obras prontas.

O pico de produção foi em 1942, com 16 casas construídas segundo projetos de Vilanova Artigas.

	PROJ. DE CASAS			OUTROS PROJ.		
	Const.	Não const.	total	Const.	Não const.	total
1937	1		1	1		1
1938	2		2	X	X	X
1939	3		3	X	X	X
1940	11		11	X	X	X
1941	9	2	11	2	1	3
1942	16		16	X	X	X
1943	9		9	X	X	X
1944	7		7	3		3
1945	6		6	2		2

Segunda fase de Vilanova Artigas: o racionalismo da arquitetura de Le Corbusier, a aproximação com a linguagem da escola carioca de arquitetura moderna – 1946-1955.

Como vimos acima na fase anterior da produção de casas de Artigas, o arquiteto inquieto já procurava outras alternativas para a arquitetura moderna paulista. O organicismo wrightiano, assim como referências a outros arquitetos dos Estados Unidos, como George Frederick Keck e suas “*Casas Solares*” podiam não estar respondendo mais a todas as proposições profissionais de Artigas. Yves Bruand⁴¹ nos mostra uma série de questionamentos sobre as percepções da Artigas a cerca da continuidade do modelo organicista norte-americano e sua eventual negação do progresso tecnológico na área da construção civil:

- O papel do arquiteto não devia ser: expressar as capacidades humanas em função de sua época, ao contrário de se submeter à natureza e por em dúvidas a evolução de tais capacidades?

⁴¹ BRUAND, 2005, p 273;

- Não haveria contradição na adoção dos modelos wrightianos, fortemente carregados da tradição colonial norte-americana e os valores culturais Brasileiros, colonizados por europeus ibéricos?

Era período crítico para Artigas e a definição de uma arquitetura brasileira, pois na medida em que se tentava distanciar dos “francesismos e inglesismos” da cultura europeia influente desde finais do século XIX e início do século XX, se aproximava da cultura norte-americana, potência econômica e política jovem, mas que poderia dominar a cultura brasileira no período Pós Segunda Guerra Mundial. Há de se lembrar a contundente aproximação norte-americana com o Brasil neste período, por questões de estratégias geopolíticas, basicamente. No âmbito da arquitetura, é dado destaque especial ao Brasil, por exemplo, no período da II Grande Guerra, quando patrocinaram a exposição “*Brazil Builds*”, no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1943, organizada por *Philip Goodwin* que, como cita Adriana Irigoyen⁴²:

“não esconde suas verdadeiras intenções. No prefácio admite a ansiedade de seus pares em conhecer melhor a arquitetura do Brasil: um país que ia ser nosso futuro aliado”.

⁴² IRIGOYEN, 2002, p 146;

Getúlio Vargas manteve uma neutralidade marota durante a Guerra, porém não escondia as boas relações que mantinha com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Segundo Adriana Irigoyen⁴³ Vargas fazia um jogo que “consistia em esperar até obter um preço justo pelo apoio brasileiro”. Essa demora em responder aos Estados Unidos se apoiaria e se aliaria aos aliados, fez com que o Brasil se tornasse o seu mais importante sócio latino-americano. Entre as compensações, o Brasil ganha a Usina Siderúrgica de Volta Redonda, mas cede a Roosevelt uma área em Natal, RN, para uma base aérea norte-americana. Esse ponto de apoio à força aérea americana era estrategicamente importante para as operações de patrulhamento daquela região do Oceano Atlântico, bem como eventual base para operações de ataques às frentes de batalha inimiga no Norte da África.

A respeito desse assunto, Artigas escreve⁴⁴:

“Foi quando a Arquitetura Moderna Brasileira teve seu maior desenvolvimento – durante o Estado Novo, à sombra dos Institutos (de Aposentadoria de categorias profissionais) e a serviço da demagogia desenfreada. (...) Da participação do Brasil na guerra contra o nazismo, aproveitou-se o imperialismo americano para aprofundar suas

⁴³ IDEM

⁴⁴ Extraído do texto *A Arquitetura Moderna Brasileira* (Caminhos da Arquitetura, 1981.p 76);

raízes em nossa pátria. Missões culturais de toda a sorte aqui vieram para encobrir as primeiras manobras de rapinagem”.

Este trecho do artigo “Os Caminhos da Arquitetura Moderna”, foi publicado pela primeira vez no número 24 da revista Fundamentos, da qual Artigas era responsável, em 1952.

O intercâmbio na área cultural é incrementado com os Estados Unidos oferecendo bolsas de estudos para brasileiros. O Brasil exporta Carmem Miranda e seus “balagandans” e recebe um personagem de desenho animado, o “Zé Carioca”, de Walt Disney.

Vilanova Artigas consegue uma bolsa de estudos, em 1946, da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* para estudar a arquitetura moderna da América do Norte. Artigas já era filiado ao PCB desde 1945, porém, como a Doutrina Truman⁴⁵ e a guerra fria só teriam início em 1947,

⁴⁵ Para proteger a Europa destruída pela Guerra, principalmente, o presidente norte-americano, Harry Truman, pronunciou em 12 de março de 1947, no Congresso Nacional Americano, um violento discurso assumindo o compromisso de defender o mundo capitalista contra a ameaça comunista e conter o avanço da União Soviética socialista o seu patrocinador mor. Estava lançada a *Doutrina Truman* e iniciada a Guerra Fria, que propagou para o mundo o forte antagonismo entre os blocos capitalista e comunista. (<http://www.unificado.com.br/calendario/03/truman.htm> - fontes: *Formosaonline.com.br*, *TV Cultura - Alô Escola*). Esta doutrina focava apoio militar principalmente. Em decorrência desta política de enfrentamento EUA x URSS, surge o *Plano Marshall* de ajuda econômica através de empréstimos em dólares a países europeus, para sanear as finanças destes, submetê-los à influência do capitalismo norte-americano e permitir investimentos dos mesmos nestes países com maior segurança e retorno financeiro.

Artigas não teve maiores problemas para viajar até e pelos Estados Unidos durante o período de um ano com início em setembro/outubro de 1946.

Além de conhecer a arquitetura praticada nos Estados Unidos e que era divulgada no Brasil, Artigas também foi com uma missão de aprender ao máximo sobre os cursos de arquitetura norte-americanos, para orientar a reorganização do curso de arquitetura da Universidade de São Paulo. As Escolas de arquitetura norte-americanas tinham em seus quadros, mestres, como: Walter Gropius, Eero Saarinen, Mendelsohn, Behrendt, Frank Lloyd Wright, por exemplo.

O MIT (Massachusetts Institute of Technology) é a base de operações de Artigas, por recomendação de Henry Allem Moe, diretor executivo da entidade⁴⁶. No MIT, onde Artigas foi declarado “visitante do Instituto”, conhece Alvar Aalto, Walter Gropius, Carl Koch, Ralph Rapson, Gyorgy Kepes e Joseph Hudnut. Pouco tempo depois Artigas inicia sua turnê pelos Estados Unidos, que dura até maio do ano seguinte, 1947. Artigas visita pelo menos 19 cidades importantes da “América”. Em Los Angeles conhece Richard Neutra que lhe recomenda visitar alguns pontos de importância

⁴⁶ IRIGOYEN, 2002. p 153;

turística na Califórnia. A viagem de Artigas é de “costa a costa”. Podemos imaginar que Artigas, de alguma forma, tenha também tomado contato com a arquitetura de Marcel Breuer nos EUA, através de publicações especializadas, por exemplo, já que Marcel Breuer, sobretudo por seus projetos residenciais, alcançou maior projeção profissional após a Segunda Guerra Mundial. Seus projetos incluíam, dentre outros, o concreto armado aparente como material estrutural e elemento compositivo de fachadas ou definidores de espaços internos, além da distribuição dos ambientes pelas habitações segundo critérios da “casa bi-nuclear”.⁴⁷

Artigas regressa ao Rio de Janeiro no início de novembro 1947.

Para Yves Bruand⁴⁸, 1945 foi o ano da “reviravolta” na obra de Artigas nesse sentido de abandonar o que vinha praticando e buscar alternativas “nacionais” baseadas em outros modelos.

E o caminho para aquele momento que Artigas escolheu para praticar seu trabalho de pesquisa e projetos foi o da escola carioca de arquitetura. Não dá para negar o importante impacto e influência que teve o projeto do

⁴⁷ Basicamente a idéia era separar os espaços domésticos em dois blocos (ou volumes definidos e separados), em um para as atividades “dinâmicas” diurnas e no outro, para atividades que exigissem concentração, silêncio ou maior privacidade diurna ou noturna. (ver COBBERS, 2007, p. 7-17).

⁴⁸ BRUAND, 2005;

complexo da Pampulha, do arquiteto carioca Oscar Niemeyer, na produção da arquitetura nacional a partir de sua implantação em 1943/1944, nem o edifício do Ministério de Educação e Saúde, concluído em 1943, no Rio de Janeiro, dentre outros. O amadurecimento profissional de Artigas se iniciava e o fazia refletir mais sobre a conveniência das referências à cultura norte-americana, simbolizada pelo organicismo de Frank Lloyd Wright, ou de se render ao modernismo apregoado pelo arquiteto suíço Le Corbusier, que já encontrara campo fértil e seguidores na arquitetura carioca desde 1936, como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, por exemplo.

A atuação mais intensa na militância do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e a prática de suas orientações e estratégias de atuação na sociedade também influenciaram nessa revisão crítica de seus projetos.

No Brasil, a partir da eleição presidencial de 1945 e eleição da Assembléia Nacional Constituinte, o país iniciava uma jornada na tentativa de se modernizar e acompanhar as transformações nas relações econômicas mundiais em andamento. Isto vinha ocorrendo após a grande quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que arrastou o Mundo numa depressão econômica violenta. Somente após a metade da década de 1930 a economia mundial foi se reorganizando, embora não na medida certa para se evitar a Segunda Grande Guerra Mundial, de 1939-

1945. Esta, porém, ajudou a acelerar as mudanças nas relações econômicas mundiais e o Brasil acompanhou, mesmo na condição de país subdesenvolvido e dependente de capital externo para financiar o desenvolvimento nacional brasileiro e o país a entrar na “modernidade”, incluindo a modernização de seu parque industrial, ainda incipiente. O nacional-desenvolvimentismo dessa época iniciada com Getúlio Vargas na metade da década de 1940 incorporou o modernismo como sua ideologia, atrelado às necessárias transformações sócio-culturais. As artes, e a arquitetura faz parte desse universo, faziam parte desse esforço nacional.⁴⁹

Nesse sentido, Miguel Buzzar⁵⁰ comenta que:

“O nacional-desenvolvimentismo não tinha a unanimidade da intelectualidade econômica, entretanto, obteve a adesão dos intelectuais dito progressistas e, principalmente, dos de esquerda, guardadas algumas restrições e mesmo diferenças que não alteravam o conteúdo do instrumento essencial: um Plano de desenvolvimento. Com os sucessivos planos, até se chegar ao Plano de Metas (governo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, de 1956-1961), o conteúdo, por vezes redentor que impregnava a produção cultural no seu

⁴⁹ ver também BUZZAR, 1996, pp 172-174;

⁵⁰ BUZZAR, 1996, pp 174-175;

engajamento para a concretização do projeto de identidade nacional, ganhava na apenas um aliado na política econômica, mas o verdadeiro e insubstituível fator dirigente do processo de libertação nacional. A modernização almejada deixava de ser uma excepcionalidade onírica e tornava-se material / real naquele período”.

Dalva E. Thomaz, em sua dissertação de mestrado, assim comenta Artigas relegar o vocabulário formal que utilizava até então e a aproximação dele, em meados da década de 1940, com a escola racionalista carioca, “filiada” às idéias de Le Corbusier:

“(...)efetivamente, a análise dos projetos elaborados a partir de meados de 1944 deixam às claras suas intenções de reverter o caminho adotado até aquele momento. Curiosamente, para assumir a linguagem da arquitetura praticada pelo grupo carioca ligado a Lúcio Costa, na qual as ligações com Le Corbusier marcam forte presença⁵¹”.

A aproximação com a escola carioca não se deu para que Artigas reproduzisse modelos, mas ao contrário, para buscar em outra fonte que pudesse proporcionar elementos de pesquisa para a definição de uma arquitetura própria, da “arquitetura moderna local”, antes mesmo que se

⁵¹ THOMAZ-1997, p 120;

puddesse rotular de “brasileira”, dada a sua compreensão da dimensão do país, de suas diferenças e particularidades regionais. Artigas defendeu nesse período uma necessidade de uma certa convergência na linguagem dessa arquitetura de caráter nacional que se buscava. A “escola carioca de arquitetura moderna” parecia ter caído no gosto dos agentes públicos e privados que financiavam a construção civil no Brasil desde meados da década de 1940 até meados da década de 1960, utilizando recursos “estatais” como os IAPS, IAPIs e similares, ou de fontes privadas. O desenvolvimento econômico de regiões do interior do país como o da zona cafeeira do oeste do estado do Paraná, também recebeu atenção por parte de organismos estatais em busca de uma maior integração das grandes áreas povoadas das capitais próximas à costa Leste / Sudeste brasileira, como São Paulo e Rio de Janeiro. A mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília em 1961 reflete a preocupação governamental em desenvolver o interior do país, integrar as várias regiões, além de posicionar estrategicamente a sede do poder constituído para local mais protegido do que a cidade costeira carioca⁵².

⁵² Vale lembrar que o mundo vivia sob grande tensão em função da “Guerra-fria” entre as duas grandes potências econômicas definidas após a II Guerra Mundial, os Estados Unidos da América e a (ex) União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cada uma administrando e interferindo sob vários aspectos (políticos, econômicos, culturais, por exemplo) os países satélites e aliados.

Dalva Thomas, ainda sobre essa fase transição de Artigas, afirma que

“A partir da primeira metade de 1944, Artigas começa a apontar para uma nítida transformação projetiva, sinalizando, de todo modo, uma possível consonância com outros aspectos que concomitantemente vão tomando lugar”⁵³.

E ainda:

“Outra possibilidade de influências para a mudança de rumos nos projetos de Vilanova Artigas pode ter sido sua participação ativa na fundação do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) no início da década de 1940 (organizador e 1º secretário geral). Estreitou contatos com Eduardo Kneese de Mello e outros arquitetos. O maior envolvimento de Artigas na organização do IAB e da própria profissão de “arquiteto” coincide com a abertura dele a novas possibilidades arquitetônicas a serem criadas no próprio trabalho. “

Esse maior envolvimento nos assuntos da organização da profissão e do IAB, que funda juntamente com Eduardo Kneese de Mello, Rino Levi, dentre outros arquitetos, resulta no fim da “construtora” Marone & Artigas.

⁵³ THOMAZ, 1997, p 123 e p 130;

Logo se associa a Carlos Cascaldi e Otacílio Pousa Serve, com a intenção de somente fazer projetos de arquitetura, delegando a tarefa da construção da obra a terceiros, pois, segundo Dalva Thomaz:

“Artigas passou a defender que as questões culturais da arquitetura seriam incompatíveis com os compromissos operacionais com a execução das obras”⁵⁴.

As casas projetadas para um companheiro de partido, o PCB e do IAB, Leo Ribeiro de Moraes, com urbanização de uma parte de loteamento pertencente ao mesmo, na Vila Romana, em 1945/46, com projeto padronizado com qualidade arquitetônica e utilização de componentes industrializados, é um dos trabalhos iniciais na direção da desvinculação do trabalho de projetista do de construtor⁵⁵. Infelizmente este trabalho não foi executado, construído.

⁵⁴ THOMAZ, 1997, pp 133-134;

⁵⁵ IDEM, p 151;

Após regressar dos Estados Unidos, Artigas reativa seu escritório, agora com o arquiteto Carlos Cascaldi e projetam uma interessante residência no Pacaembu: a casa Elphy Rosenthal, de 1948. Artigas faz algumas experimentações nesse projeto, como o abrigo para carros de forma abobadada, para contrastar com o volume prismático retangular, com “linhas retas e planos contínuos” do corpo principal da casa.

Dalva E. Thomaz nos lembra que: pelos interessantes resultados obtidos nos projetos e construções das casas paulistanas e das obras em Londrina, no Paraná, isto faz com que a pesquisa arquitetônica de Artigas se “qualifique e adquira responsabilidade”

Artigas juntamente com sua mulher Virgínia envolvem-se cada vez mais com atividades partidárias do PCB, que saíra da clandestinidade em 1945, porém, em 1947 teve novamente o seu registro de partido político revogado, tal como ocorrera em 1937, no início da vigência do Estado Novo de Getúlio Vargas, que duraria até 1945.

Artigas e Virgínia se entregam firmemente ao debate acerca da adoção e da maneira a ser feita a “tradução” do Realismo Socialista no campo das artes nacional, particularmente na arquitetura. Opiniões divergentes entre arquitetos militantes do partido mais separavam do que

uniam os mesmos com relação à resposta que se deveria buscar e dar à sociedade. Não havia consenso absoluto sobre esse assunto no PCB em nível nacional.

Os principais interlocutores desse debate entre militante eram, de um lado, Vilanova Artigas, em São Paulo e Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro, sustentando a validade de uma arquitetura moderna que, sem prescindir do alcance social, incorporasse também avanços técnicos e artísticos. Na outra ponta da discussão se encontravam aqueles de posição mais radicalmente favorável à defesa estrita dos valores regionais e das tradições culturais, como pregava o realismo socialista. Entre seus principais porta-vozes, na maioria do Rio Grande do Sul, encontramos nomes como Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff.⁵⁶

Os primeiros projetos produzidos por Artigas nessa fase e que demonstravam forte ruptura com a fase primeira de sua obra, porém não definitiva, e ao mesmo tempo já trilhava na direção da arquitetura racionalista de Le Corbusier nos mostram essas possíveis dúvidas entre o rompimento completo ou o alongamento e aprofundamento das pesquisas que pudessem dar maior certeza a Artigas do caminho escolhido.

⁵⁶ THOMAZ, 1997;

Em 1946, com a residência construída para Antônio Luiz Teixeira de Barros, no Jardim Europa, Artigas executa, mesmo que timidamente, uma cobertura com os caimentos para o centro da casa, tipo “asa de borboleta”, mas ainda com forro em estuque sobre telhado com telhas em cimento amianto e peças de madeira no vigamento de sustentação do mesmo.

A casa Hans Victor Trostli, de 1948, no Sumaré pode ter sido um ensaio das próximas casas, pois todas tem as coberturas inclinadas de fora para dentro da casa, tipo “asa de borboleta”, em concreto armado.

A primeira casa para a família do médico Mário Taques Bittencourt, de 1949, no Sumaré, e a segunda casa Vilanova Artigas, de 1949, no Alto da Boa Vista são exemplos típicos desse início da segunda fase. Estas casas podem ser encaradas como referências às casas “bi-nucleares” de Marcel Breuer. Os projetos para Londrina, como a Estação Rodoviária (1950), o cinema Autolon e Edifício Ouro Verde (1948) e a Casa da Criança, de 1950, são emblemáticos dessa fase. Citamos os mesmos para dar uma idéia da dimensão da importância da escolha do caminho certo por Artigas para a arquitetura contemporânea que fazia.

Londrina passava por um processo rico de crescimento econômico em função dos bons lucros que a agricultura baseada nos cafezais da região

davam para a cidade. Era o interior do país se desenvolvendo e a linguagem dos edifícios de importância significativa para a cidade e o estado deveriam refletir em sua imagem, o progresso tecnológico do país.

A casa Heitor de Almeida, de 1949, em Santos, merece ser citada, embora não pertença ao recorte estabelecido para esta pesquisa, pois é de importância relevante para a compreensão do universo da obra de Artigas. É edifício emblemático dessa fase de Artigas e cronologicamente, uma das primeiras obras que permitiram Artigas iniciar as pesquisas necessárias para sua aproximação à linguagem racionalista e formalista da escola carioca de arquitetura lastreada nos preceitos do arquiteto europeu Le Corbusier.⁵⁷

A casa David Rosenberg, de 1950, em Pinheiros e a casa D'Estéfani, de 1950, na Vila Clementino, apresentam-se formalmente alinhadas com as teorias racionalistas, como a repetição rítmica dos pilares, as estruturas independentes das alvenarias, um piso elevado sobre pilotis que permitisse utilização do térreo coberto para atividades várias, a começar pelo lazer, o volume prismático, a cobertura plana, a laje de cobertura como teto-jardim e os caixilhos corridos pelas fachadas. A aplicação dos conceitos desta

⁵⁷ FERRAZ, 1997;

escola carioca aproximou as produções de projetos e obras, com relação aos aspectos formais principalmente, destes dois estados, o carioca e o paulista.

A casa David Rosenberg, assim como as casas Vilanova Artigas II e a José Mário Taques Bitencourt –1 apresentam pequeno volume anexo em formato diferenciado do corpo principal da casa e geralmente para abrigar pequena área de serviço e dependências de empregada.

A casa Isaac Pechelman, de 1954, no Pacaembu, é outro projeto que bem representa essa segunda fase de Artigas. Sua arquitetura é sóbria e imponente, sem ser monumental. Respeita a linguagem da linha racionalista e sua integridade chega até os dias atuais, pois, se encontra em ótimo estado de conservação, exceto pelo muro do alinhamento que teve que ser refeito.

Nesta fase, de 1946 a 1955 foram 69 projetos feitos. 48 deles resultaram em obras concluídas. Destas, 31 (64,5%) eram casas. Do total de projetos desta fase, todas as 36 casas projetadas correspondem a 52%. Interessante assinalar que a porcentagem de projetos de casas que efetivamente se traduziram em obras prontas, 86%, é muito maior do que a de projetos de outras tipologias, como a de edifícios de escritórios, ou de

apartamentos, além de hospital, onde apenas 51% dos 33 projetos diversos resultaram em obras prontas.

Na **tabela 2** a seguir, se pode observar a produção de projetos/obras deste período e constatar que nos anos de pouquíssima produção:

- O primeiro, em 1946, onde se vê apenas quatro projetos produzidos e um que não resultou em obra. Isso é explicável pelo fato de Artigas estar cumprindo com as obrigações da bolsa de estudos nos Estados Unidos durante este ano. Ele só voltaria ao Brasil em outubro de 1947.

- O segundo caso também envolve uma viagem. Desta vez, em 1954 e 1955 Artigas está praticamente sem projetos após voltar da viagem à União Soviética.

	PROJ. DE CASAS			OUTROS PROJ.		
	Const.	Não const.	total	Const.	Não const.	total
1946	3	1	4	4	2	6
1947		1	1	X	X	X
1948	4		4	4	1	5
1949	7	1	8	1	1	2
1950	7		7	4	4	8
1951	2	1	3	2	3	5
1952	4	1	5	1	1	2
1953	2		2	1	3	4
1954	1		1	X	X	X
1955	1		1		1	1

1956-1984, a terceira fase: a maturidade profissional de J. B. Vilanova Artigas e os novos caminhos para a arquitetura nacional

Boa parte da literatura considera os textos críticos, reflexivos e manifestos como “Le Corbusier e o Imperialismo”, editado originalmente na revista Fundamentos, nº 17, em janeiro de 1951 e “Os Caminhos da Arquitetura Moderna”, publicado no número 24 da mesma revista um ano após, como o registro oficial do pensamento de Artigas com relação às posturas do profissional arquiteto e da arquitetura frente à sociedade e as possibilidades de intervenção profissional e atuação política e social que os profissionais arquitetos deveriam trilhar em prol de um país justo que deveria estar inserido num mundo pacificado.

Apesar da marcação cronológica que assumimos para estabelecer os limites no tempo das fases de Artigas, vale lembrar que os anos próximos, acima e abaixo das datas definidas abrigam e mesclam, em maior ou menor intensidade, soluções de arquitetura que, ou prenunciavam a fase seguinte, ou ainda guardavam elementos de referência da anterior. Mesmo no que se refere aos discursos e à prática de Artigas, pois, se ele criticava

violentamente Le Corbusier no texto de 1951 citado acima, ainda produzia uma arquitetura com linguagem próxima da escola carioca de arquitetura moderna, de forte influência “corbusiana”, como algumas obras já citadas no texto sobre a fase anterior: Estação Rodoviária de Londrina, Casa da Criança, residências Oduvaldo Vianna, no Sumaré e Paulo Emílio Gomes dos Reis, no Pacaembu, ambas de 1951;

Optamos por não interromper a escala cronológica das fases de Artigas embora no período de 1954 e 1955, após voltar da viagem à extinta URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), Artigas fica praticamente sem projetos, se levarmos em conta a produção média aproximada de 12 projetos anuais até então. No período de 1937 a 1953 foram 142 projetos registrados. Os anos de 1942, com 16 projetos e o de 1950, com 15, foram os de maior produção quantitativa. Em 1954, somente um projeto residencial, para Isaac Pechelman, no Pacaembu. Em 1955, dois projetos: Um edifício não construído e uma residência, sem endereço conhecido, no Pacaembu.⁵⁸

⁵⁸ RIBEIRO, 2001;

Ana Vaz Milheiro⁵⁹ questiona se foi período de crise. E se foi, deve ter sido de crise “mais ideológica do que criativa”. Essa conclusão de Ana V. Milheiro pode estar relacionada ao fato de Artigas ter voltado da visita a URSS convencido de que o caminho na busca de uma linguagem nacional própria para a arquitetura brasileira não passava pela adoção de conceitos da arte e arquitetura do “realismo socialista”. Artigas, como comunista e socialista atuante no Brasil, já havia se decepcionado com esta questão da fidelidade absoluta aos preceitos soviéticos e orientações do Partido Comunista, desde que tomou conhecimento do texto do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), ocorrido em fevereiro de 1956. Nesta ocasião, o secretário geral do PCUS, Nikita Khrushchov em seu discurso à Assembléia Geral (relatório secreto), denunciou as práticas de expurgos, de violência e as limitações à liberdade individual impostas pelo seu predecessor e “fundador” da própria URSS, Josef Stálin. Artigas, embora comunista e socialista e sempre fiel ao PCB, pode não ter concordado com as práticas ortodoxas de Stalin, pois como artista e intelectual, Artigas defendia a liberdade de expressão, tanto quanto a formação de uma sociedade menos injusta socialmente, mais independente

⁵⁹ Livro / catálogo da exposição dos trabalhos de Artigas em Almada, Portugal, Casa da Cerca, p 59 (ver RIBEIRO, 2001)

e formadora de uma nação brasileira independente da influência do Capital, sobretudo do Norte Americano e suas tentativas de aculturação do Brasil segundo seus costumes.

Embora da baixa produção de projetos de arquitetura, estes dois anos (1954 e 1955) foram de contínua atuação acadêmica e participações em eventos artísticos, como colaborador na exposição sobre a “Família Artística Paulista”, no MAM-SP em 1954, por exemplo.

Nesta terceira fase, foram feitos 245 trabalhos: 118 (48,5%) terminaram em obras construídas, 124 foram anteprojetos e não resultaram em obras; 3 foram participações em concursos públicos não vitoriosos para Artigas, entre eles o do Plano Piloto de Brasília, em 1956; o do Paço Municipal de São Jose dos Campos, em 1969 e o do Vale do Anhangabaú, em São Paulo, 1973.

Desses 245 trabalhos, 58 (24%) foram projetos residenciais unifamiliares. Destes, 26 (50%) foi construída entre 1956 e 1984, 30 foram anteprojetos ou projeto executivo (um caso) que não resultaram em obra e em dois não há informação de execução. Se considerarmos somente os projetos construídos do total (118) e fizermos a relação com os de casas

executadas (26), obteremos 22% do total de projetos de Artigas que foram construídos para a tipologia “residências” nesta 3ª fase.

Desta relação de projetos separamos outras tipologias que apareceram em maior quantidade na produção de Artigas deste período, como:

- Escolas (ginásios públicos ou privados): 19 projetos e somente um não executado;
- Sede de Sindicatos (incluímos nesta categoria, as colônias de férias para sindicatos): 21 projetos, porém somente 7 foram executados e 14 não saíram do papel.
- Conjuntos Habitacionais – CECAPs: 7 projetos no total, porém com um deles não resultando em obra. Nesta categoria é destaque o Conjunto Habitacional Zezinho de Magalhães Prado, em Guarulhos, em 1967. Esta obra também é emblemática na produção de Artigas, pela dimensão (um dos maiores conjuntos dessa natureza no país, na época) e importância política e técnica para a construção de moradias para população de baixa renda em escala, em São Paulo e para o Brasil.
- O edifício da FAU.USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) na Cidade Universitária do Butantã é outra edificação que merece ser destacada, pois ela é a obra SÍNTESE da

produção arquitetônica de Artigas. Neste prédio encontramos todos os elementos e conceitos que ele pesquisou e escolheu como indissociáveis de sua arquitetura e daquela que desejava ser trabalhada e desenvolvida pelos arquitetos brasileiros.

De modo geral, na área econômica, as décadas de 1950 e 1960 foram para o Brasil, anos de desenvolvimento. A população urbana ultrapassara a rural em números absolutos e relativos, com o início da explosão demográfica em função das melhores condições de vida nas cidades e graças à migração da força de trabalho para abastecer as indústrias que se instalavam nos grandes centros urbanos ou na periferia destes. Novas demandas aos arquitetos continuavam alimentando o desenvolvimento e modernização do país na área da construção civil para a resolução de problemas diversos, desde plantas industriais, as questões de moradia popular em grande escala, as edificações comerciais e outras que cresciam em ritmo acelerado.

No âmbito do PCB, Artigas teve que incorporar a “desestalinização” do Partido após a divulgação do relatório secreto do XX Congresso do PCURSS, em 1956, e as orientações dos dois Congressos seguintes do Partido na União Soviética, o de 1960 e 1967, com os devidos reflexos no PCB, onde, basicamente: aceitavam ser estrategicamente conveniente

apoiar uma “burguesia industrial capitalista nacional” para que esta tivesse papel destacado numa ação revolucionária contra o capital imperialista estrangeiro; o apoio à candidatura de Juscelino Kubitschek de Oliveira, tido como representante interesses progressistas brasileiros; e a substituição da luta armada pela via pacífica para se chegar a implantação do socialismo no Brasil⁶⁰

A seguir, apresentamos tabelas demonstrativas da produção de Artigas neste período de 1956 a 1984. Analisando os dados das tabelas poderemos tirar outras conclusões, como os anos de maior produção quantitativa, os de menor, a diferença entre a quantidade produzida de projetos e a efetivamente traduzida em obra concluída.

Não poderíamos deixar de citar que a partir de 1964, em função da repressão crescente aos intelectuais de esquerda feita pelo regime militar instalado após o Golpe de Estado em 31 de março daquele ano, a produção de projetos de arquitetura de Artigas tem ligeira queda quantitativa. Artigas foi constantemente vigiado pelo governo militar de direita, detido e por fim, sofreu processo de cassação na Universidade de São Paulo, juntamente com outros professores universitários, como Fernando Henrique Cardoso,

⁶⁰ Ver para esse assunto BUZZAR, 1996, pp 177-181;

Mario Schoemberg, Florestan Fernandes, Abelardo Riedy de Souza, Sylvio de Barros Sawaya e José Serra (estes dois últimos, estudantes), Paul Singer, José Mário Taques Bittencourt, dentre outras 52 pessoas em outubro de 1964.⁶¹

A **Tabela 3**, a seguir, mostra a totalidade dos projetos produzidos, separados entre os construídos e os que não resultaram em obras (anteprojetos) e um sem informação precisa disso, no período de 1956-84.

⁶¹ Ver FERRAZ, 1997, p 29;

ANO	TODA PRODUÇÃO				ANO	TODA PRODUÇÃO			
	PROJ. CONST.	AP	SEM INFO	TOTAL		PROJ. CONST.	AP	SEM INFO	TOTAL
1956	2	2		4	1971	3	8		11
1957	3	1		4	1972	11	6		17
1958	4	2	1	7	1973	7	7		14
1959	9	7		16	1974	7	9		16
1960	3	4		7	1975	7	7		14
1961	10	5		15	1976	13	3		19
1962	7	3		10	1977	3	7		10
1963	2	5		7	1978	7	4		11
1964		4		4	1979		4		4
1965		1		1	1980	2	4		6
1966	1	1		2	1981	2	2		4
1967	3	1		4	1982		1		1
1968	8	5		13	1983		3		3
1969	5	9		14	1984	1	4		5
1970	4	6		10					

A observação interessante que se pode fazer com relação aos anos de maior produção de projetos é que, salvo os anos de 1959 e 1961, os outros anos em que essa produção passou da marca das 10 unidades estão compreendidos no período em que Artigas esteve afastado da FAU pela cassação imposta pelo AI-5 da Ditadura Militar, entre 1968 e 1978, um ano antes de ser anistiado e posteriormente retornar àquela faculdade para retomar atividades acadêmicas nela.

Na década de 1950 J. B. Vilanova Artigas concentra esforços na busca da formatação do ensino de arquitetura no país, como parte do programa nacional de reforma do ensino, o que conseguirá formatar no início da década seguinte, juntamente com a conclusão do projeto para o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, o prédio de FAU, que tem forte ligação com o próprio projeto didático do curso de arquitetura a ser implementado na FAU.⁶²

A **tabela 4**, na seqüência, mostra a produção de casas de Artigas, construídas, não construídas e uma sem informação, distribuídas pelo período desta terceira fase:

⁶² Ver texto de Rosa Camargo Artigas, "Artigas, encruzilhadas e caminhos", in RIBEIRO, 2001, p 79;

ANO	CASAS				ANO	CASAS			
	CONST.	N. CONST.	SEM INFO	TOTAL		CONST.	N. CONST.	SEM INFO	TOTAL
1956	1	1		2	1971	1	3		4
1957	1			1	1972	2			2
1958	1	3	1	5	1973		1		1
1959	2	4		6	1974	1	2		3
1960		2		2	1975	1	2		3
1961	1	2		3	1976	1			1
1962	1			1	1977	1	1		2
1963	X	X	X	X	1978	3	1		4
1964		1		1	1979	X	X	X	X
1965	X	X	X	X	1980	1			1
1966	1	1		2	1981	1			1
1967	2			2	1982	X	X	X	X
1968	3	1		4	1983	X	X	X	X
1969	1	3		4	1984	X	X	X	X
1970		1		1					

Analisando a tabela acima, alguns dados chamam a atenção, como o fato de que em 6 anos desse período Artigas não projetou residências: 1963, 1965, 1979, 1982 a 1984. O ano em que mais fez projetos de casas foi 1959, com 6 unidades, porém, somente duas foram construídas, a de Leo Pereira Lemos Nogueira (seu amigo militante do PCB), no Ibirapuera e a segunda casa para o amigo médico José Mário Taques Bittencourt, no Sumaré, (casa dos pórticos). No ano anterior, 1958, dos cinco projetos de residências, somente uma foi edificada. O último projeto de casa que resultou em obra concluída foi a casa José Mário Taques Bittencourt – 3, no Sumaré, em 1981.

Em sua participação no IV Congresso Brasileiro de Arquitetura Artigas propões a substituição da palavra "moderna" por "contemporânea", para qualquer referência à arquitetura produzida no Brasil, a partir daquela época, pois uma das intenções era descolar o termo "moderno" dos textos que se referiam à arquitetura brasileira já que argumentava estar muito ligado à arquitetura moderna européia, a Le Corbusier e à escola de arquitetura carioca sob influência do mestra suíço, produzia. Seria, para

Artigas, mais próprio para o Brasil, chamarmos a produção dos arquitetos brasileiros contemporâneos de “Arquitetura Contemporânea Brasileira” (THOMAZ, 1997. p 220).

Algumas conclusões foram estabelecidas nesse IV Congresso que deveriam servir como referência e elementos obrigatórios a existir nas produções arquitetônicas:

- “existência de uma consciência nacional” para alcançar “uma expressão arquitetônica própria”, assim como a necessidade de que deva ser “iniciada, em bases eficientes, uma auto-crítica dos fundamentos da atual arquitetura brasileira, sem moldes pré-concebidos e sem exagero de escola” Paralelamente chamava-se a atenção para a urgência de se estudar e promover eventos ligados à história da arquitetura do Brasil, bem como sua incorporação como disciplina nas escolas de arquitetura. (Dalva Thomaz, idem).

A casa Olga Baeta, de 1956 é tida como a obra que simboliza e encarna o início da fase madura de Artigas. Isso é aceito pela crítica de arquitetura como o marco da ruptura de Artigas com o modelo de

arquitetura moderna carioca vigente até então. É a primeira obra a mostrar a busca de uma nova linguagem para a arquitetura, seja no aspecto formal, mas muito mais nos aspectos de partido arquitetônico adotado e das “mensagens” à sociedade que as mesmas poderiam passar e fazê-la refletir sobre as condições dela mesma, das relações urbanas, de trabalho, de produção e culturais.

Nesta residência, Artigas ainda não escancara claramente a utilização do concreto armado aparente. Prefere pintá-lo de branco nas empenas frontais e de fundo. Segundo Dalva Thomaz (1997, p 225):

“Foi a primeira residência projetada por Vilanova Artigas após a retomada das atividades de prancheta. Este trabalho vai revelar um arquiteto mais amadurecido e, sobretudo, firmemente proposto a novamente reformular seu fazer arquitetônico”.

Continua Dalva Thomaz sobre esta casa:

“Curiosamente, ao projetar essa residência, deixa de lado rampas, pilares redondos, lajes impermeabilizadas, calhas internas, volumes acoplados e outros tantos elementos que compunham determinado vocabulário formal adotado nas obras de Artigas no período de 1944 a 1953 (...)

Artigas resolve procurar outra linguagem para a arquitetura que se fazia, incluindo-se a dele, e era natural que a pesquisa por novos elementos e mesmo a revisão de aplicação dos tradicionais, porém que tivessem caráter para representar a cultura arquitetônica nacional “vernacular” acontecesse. Assim constata Dalva Thomaz, na continuação do texto acima:

“(…) A reconciliação com aspectos da casa tradicional brasileira fica evidenciada pela adoção da cobertura de duas águas com telhas de barro, recurso por ele abandonado desde meados de 1944.

Nessa casa emblemática Artigas utiliza, nas empenas cegas, pranchas de madeira para as formas do concreto, que, aplicadas no sentido vertical, são referências às casas de madeira feitas no interior do Paraná, que inspiraram o arquiteto. O topo dessas empenas tem a mesma inclinação assimétrica do telhado e o rufo de arremate define essas linhas inclinadas. Os caibros e ripas do telhado estão apoiados diretamente sobre as lajes inclinadas, estas apoiadas em vigas de concreto que se apóiam em pilares com desenhos trapezoidais diversos e com seções retangulares variáveis. Podemos dizer que já é prenúncio de uma das características dos

projetos de Artigas desta fase: *o destaque e importância que dará na resolução dos apoios técnica e plasticamente.*

A economia de madeiramento no telhado e as lajes junto ao mesmo proporcionam espaços internos amplos e interessantes. Não há necessidade de forros planos para se esconder o telhado.

A solução estrutural também é independente das alvenarias e permite vãos de dimensões generosas para os caixilhos amplos, o que torna mais atrativa e grandiosa o prolongamento do espaço interior para o exterior, “além dos limites periféricos do corpo da casa”. Os pavimentos são distribuídos em meio-níveis, unidos por escada escultural.

Artigas insere no programa um ambiente aberto, de acesso físico e visual permitido, para abrigar uma biblioteca, sala de leitura, ou outras atividades. Essa permissividade na apropriação desse espaço aberto, segundo Artigas, poderia servir para educação das pessoas da família a respeitar os limites daquele espaço e de quem estivesse ali desempenhando alguma atividade sem ter que encontrar barreiras físicas para tal controle / educação. A cor do piso daquele ambiente demarca a área (ou limite) que deveria ser respeitada. Esse critério foi espalhado por todo o piso térreo da sala, com demarcações em cores diversas pintadas

em retângulos ou quadrados que definiam, pelas visuais, os limites desses espaços que, sem paredes, poderiam se transformar em ambientes diferentes. O piso pintado desse jeito era referência a *Mondrian*.

Nessa casa encontramos elementos da arquitetura orgânica de Wright e do racionalismo de Le Corbusier, como cita Dalva Thomaz (dissertação de mestrado, 1997): na continuidade espacial sala de jantar x sala de estar e jardim do terreno recomposto para ser integrado ao interior da casa, esta, por sua vez, se constituía

“(...)nem só Frank Lloyd Wright, nem só Le Corbusier. A partir desta casa Olga Baeta poderíamos afirmar que a prática arquitetônica de Artigas deu um grande salto qualitativo”.

O concreto armado aparente é elemento de presença marcante e constante nas obras de Artigas desse período, porém, o projeto do Estádio do São Paulo Futebol Clube, uma grande estrutura nesse material, é de 1952, cronologicamente, da fase anterior. É um dos exemplos de obras que, enquanto presentes numa fase como exceção, estão conceitualmente ligadas à outra, onde provavelmente fariam parte harmoniosa do conjunto de obras semelhantes e com características afins. Vale a pena lembrar que a partir de 1952 aparece o registro da sociedade com o arquiteto Carlos

Cascaldi, justamente no projeto deste estádio. A sociedade dura até 1963, último ano de registro do nome de Cascaldi no acervo de projetos de Artigas.

Outras residências foram projetadas após esta de Olga Baeta, e a cada unidade nova, Artigas aperfeiçoava sua pesquisa e afinava o processo até conseguir, com a casa José Mário Taques Bittencourt – 2, em 1959, a casa dos pórticos, a completa junção dos elementos que preconizava serem os componentes de um projeto de arquitetura contemporânea brasileira.

Estava, sem saber claramente, gestando uma “escola paulista de arquitetura”. Sua existência era contestada por alguns críticos. Alguns arquitetos, colegas e ex-alunos dele seguiram suas orientações e partiram para a busca dos rumos da arquitetura por caminhos referenciados nas lições de Artigas, como Paulo A. Mendes da Rocha, Carlos Barjas Millan e Fábio Penteado, dentre outros.

Com a casa José M. T. Bittencourt – 2, Artigas conseguiu isolar a estrutura interna da casa da cobertura principal. Esta, apoiada em empenas laterais cegas em concreto armado aparente que se transformavam nos quatro pilares de apoio quando em direção ao chão, resultando em elegante

elemento de fechamento e sustentação. A casa se desenvolve a partir de um jardim interno transparente e visível de toda a casa. Rampas unem os pavimentos. A área de serviço está semi-incorporada a casa, disposta na parte frontal da mesma, mas abaixo das visuais internas e protegida da rua por muro de pedras.

A casa Rubens de Mendonça, a casa dos triângulos, projeto de 1958 é, para Artigas, “(...) a contribuição que eu pude dar para a história da forma na nossa arquitetura, foi com essa casa (...)”. Nesta casa não aparecem as rampas internas de circulação que na José Ferreira Fernandes, de 1957, já tinham sido utilizadas nos projetos dessa fase. A casa Rubens de Mendonça, com o tratamento pictórico das empenas em concreto e outras partes estruturais em concreto, quebra paradigmas com relação à sensação de volumetria que se pode passar, através de superfícies planas de um volume inserido na paisagem urbana, ao mesmo tempo imponente pela posição e tamanho, mas sem ser grotesco, pesado ou monumental.

Outras residências são projetadas por Artigas e em cada uma parece haver uma busca pelo aperfeiçoamento do que foi utilizado em projeto anterior. Dois projetos na Aclimação, um em frente ao outro, na mesma rua e com a utilização do concreto aparente como recurso estrutural e visual. Mesma linguagem com abordagens distintas. São as casas Ivo Viterito, de

1962 e Álvaro de Freitas, de 1968. Nenhuma possui rampas de circulação interna. A circulação entre os pavimentos é feita por escadas.

A casa Telmo Porto, nas Perdizes, de 1968 é outro exemplo semelhante àquele da casa dos pórticos. Artigas se utiliza de toda a largura do terreno e, a partir das divisas laterais do lote, desenvolve empenas enormes, em concreto armado aparente, que vão “buscar” a grande cobertura em laje de concreto apoiada em consideráveis vigas em concreto também. Internamente, sob essa cobertura, outras estruturas menores são utilizadas para abrigar / apoiar grande parte do programa.

Na casa Martirani, de 1969, no Alto de Pinheiros, utiliza também a pedra como ornamento interno. Artigas volta a aplicar muro de pedras externo, repetindo solução utilizada na “casa dos pórticos”. Este muro em concreto ciclótico adentra a casa, vindo do alinhamento com a rua, e se transforma em base de apoio para toda a casa, encerrando o subsolo habitável onde várias atividades podem ser desenvolvidas neste local que também faz as vezes de garagem.

A residência Domschke, de 1974, repete implantação perpendicular à rua de acesso do volume paralelepípedo, levando em conta que a intenção era.

A casa José Mário Taques Bittencourt – 3 é concluída em 1981. É o último projeto de residência que Vilanova Artigas projeta que é construído.

Depois que foi reintegrado como professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1979, juntamente com Paulo Mendes da Rocha e Jon A. V. Maitrejean, Artigas fez somente três projetos para residências unifamiliares, sendo que dois foram executados: a casa de praia Júlia Romano Correa, de 1980, em Juqueí, São Sebastião, litoral paulista e a casa José Mário Taques Bittencourt – 3, citada no parágrafo anterior.

De 1979 até 1984, último ano em que exerceu a profissão de arquiteto e professor na FAU-USP, Artigas projetou 24 projetos diversos, porém só 9 foram concluídos total ou parcialmente. Em junho deste ano presta provas no Concurso para Professor Titular na FAU-USP, situação constrangedora que o desagrada profundamente.

Nesta terceira e última fase da produção profissional de Artigas, o emprego do concreto armado aparente não se deu de imediato. Artigas nas quatro primeiras casas construídas segundo seus projetos, Olga & Baeta Henriques, de 1956, no Butantã, José Ferreira Fernandes, de 1957, no Alto de Pinheiros, Rubens de Mendonça, de 1958, no Sumaré e Leo Pereira

Lemos Nogueira, de 1959, no Ibirapuera, embora utilizasse o concreto deixando sem revestimento de argamassa não escondendo o material da estrutura ou o desenho estampado das madeiras das formas, o pintava. Ainda não podemos classificar estas residências como de caráter brutalista, o que se dá a partir da casa José Mário Taques Bittencourt – 2, de 1959, no Sumaré.

J. B. Vilanova Artigas era homem culto, humanista, amante das artes e acompanhava o desenvolvimento da arquitetura em outras partes do mundo, como Europa, Estados Unidos e Japão, por exemplo. A utilização do concreto armado aparente pode ser referência ou influência de Le Corbusier (principalmente pelas suas obras de 1945 a 1965), mas, podemos imaginar que Artigas também tivera conhecimento dos trabalhos desenvolvidos por Marcel Breuer nos Estados Unidos e Europa, Kenzo Tange, no Japão, ou dos arquitetos britânicos Alison e Peter Smithson, representantes dos profissionais ingleses que utilizaram o concreto aparente em estado “bruto” em suas obras em meados da década de 1950, dando origem, segundo Rayner Banham, ao termo “brutalismo”⁶³.

⁶³ dictionnaire de l’architecture moderne, Paris, Hazan, 1964, pp. 75-77 (BRUAND, 2005)

Se o termo brutalismo na arquitetura pode ser definido como deixar a mostra a “verdade estrutural” das edificações, sem jamais escondê-los, ao contrário, se possível, destacá-los, Artigas, numa descrição do prédio da FAU⁶⁴, após justificar o emprego do concreto armado aparente para esta edificação como:

“...necessidade de se encontrar meios de expressão artística, lançando mão da estrutura do edifício, sua parte mais digna.”

Conclui:

“A estrutura, para o arquiteto, não deve desempenhar o papel humilde de esqueleto, mas exprimir a graça com que os novos materiais permitem dominar as formas cósmicas, com elegância de vãos maiores, de formas leves”.

⁶⁴ RIBEIRO, 2001, p 131;

Capítulo 3 – Considerações sobre as fichas das casas desta pesquisa

A partir dos dados coletados e tendo em vista os objetivos da pesquisa, elaboramos fichas cadastrais para facilitar a consulta e a recuperação das informações necessárias para a análise. Assim, elencamos os seguintes aspectos como estruturadores do estudo, que deveriam constar de cada uma das fichas:

- Identificação da obra (nome do proprietário à época do projeto);
- Ano do projeto;
- Endereço da obra, com nome de rua ou avenida e bairro;
- Situação do imóvel, se encontrado, existente ou demolido e estado externo de conservação do corpo principal da casa;
- Número do processo para obtenção do Alvará de Construção junto a Prefeitura do Município de São Paulo e nº do habite-se, quando localizado;
- Registro fotográfico da visita ao local, quando da existência da casa;

- Croquis de localização e/ou desenho da fachada quando não encontrada documentação pertinente ou informação mínima que possa levar ao confronto entre estas e o objeto construído para registro fotográfico ou constatação da inexistência do imóvel;

Obs: Nem todos os processos continham folhas de “desenho de prefeitura” legível e em bom estado para manipulação e/ou registro digital por máquina de fotografias. Essas pastas de processos não podem ser retiradas do departamento da prefeitura e as anotações, fotos, pesquisa, enfim, devem ser feitas nas dependências do mesmo.

A definição do conjunto da obras a serem estudadas foi baseada nas seguintes considerações:

Dessa listagem que nos foi fornecida pelo arquiteto Júlio Artigas (filho de Vilanova Artigas e diretor da Fundação Vilanova Artigas), em janeiro de 2004, enumeramos 165 projetos residenciais, entre eles, registros completos, alguns imprecisos, inconclusos e/ou desatualizados. A imprecisão e a distinta variedade da documentação relativa a cada um dos projetos geraram dúvidas com relação a toda a listagem, o que confirmava

a necessidade de verificação “in loco” de todas as casas nos diversos endereços, mesmo as indicadas como demolidas ou não construídas.

Considerando que nosso recorte estabeleceu como objeto de estudos as casas construídas somente no município de São Paulo, de início foram descartadas 33 (trinta e três) dessas casas, pois não eram projetos ou obras em São Paulo, capital, embora, duas delas sejam de importância fundamental para ajudar na compreensão e qualificação da obra de Artigas, são elas: Residência Heitor de Almeida, de 1949 (rua Castro Alves, 51 esq. com rua Vergueiro Steidel, em Santos, SP) e a Casa de Praia para Giocondo Vilanova Artigas, em 1961 (Caiobá, PR, já demolida).

Também foram descartadas dezesseis casas por registros incompletos, sem indicação pertinente de proprietário ou endereço, ou por serem projetos de terceiros e que a Marone & Artigas só construiu, por exemplo, as casas Fernando Álvares de Toledo Piza, Anna Ricaldoni Ponta e Hugo Rodrighiero, todas de 1942 e que foram projetadas pela sociedade Bratke & Botti. Segundo depoimento de Duílio Marone a pesquisador não identificado (30-06-80)⁶⁵, após a morte de Carlos Botti, Bratke encaminha estas três obras para a Marone & Artigas, completas e

⁶⁵ *In* IRIGOYEN, 2002, p 128;

detalhadas, prontas para aprovação na prefeitura. Não há registros de que estes últimos tenham feito alterações nos projetos originais, com ou sem anuência de Oswaldo Bratke.

Vinte outras indicações também não foram selecionadas, pois, segundo a listagem, eram estudos preliminares, anteprojetos ou projetos executivos de Vilanova Artigas que não resultaram em obra. Uma delas, a casa estudada para Luiz Lúcio Rizzo, no Jardim Leonor, Morumbi, após visita a campo foi constatado que este proprietário, o Sr. Rizzo construiu uma casa no mesmo local com o Projeto do arquiteto Ruy Ohtake. O partido arquitetônico adotado era semelhante ao do anteprojeto datado de 1974 de Vilanova Artigas. Esta curiosidade e coincidência foram esclarecidas em entrevista com o próprio Ruy Ohtake. Teria o proprietário feito uma espécie de mini concurso de projetos com alguns arquitetos de renome? Outro exemplo é uma residência para Newton Bernardes, na rua Pascoal Vita, no Alto de Pinheiros, com processo aprovado pela Prefeitura do Municipal de São Paulo em 1969, que não foi construída. Era projeto interessante, com laje de cobertura em concreto armado e de forma abobadada, as já “tradicionais” rampas internas para circulação vertical principal e fachada frontal em grande pórtico curvo em concreto aparente, com 14 metros de vão.

A Casa Paroquial do Jaguaré não era habitação unifamiliar e por isso não foi relacionada.

Dezesseis projetos de reformas de casas ou apartamentos constantes na lista não foram considerados, pois eram intervenções de Artigas em obras de terceiros e, algumas delas de pequeno porte, como redistribuição de alvenarias internas para adequação de um ou mais cômodos. Um exemplo interessante de equívoco de registro original correu com dois para residência de Nicolau Scarpa Jr., um citando casa na rua Dr. Manuel Maria Tourinho, em 1940 e outro, na rua Itajaçú, em 1944. Ocorre que este último nome de rua era a denominação anterior da rua Manuel Maria Tourinho, e a intervenção de 1944 foi uma pequena reforma interna na mesma residência. Houve, certamente, uma confusão na atualização dos nomes das ruas quando da catalogação original dos projetos de Artigas. Este equívoco pode ser constatado durante as pesquisas nos arquivos municipais das pastas dos processos para solicitação de alvarás para construção, reformas, etc.

Outro projeto, desses 16 acima, catalogado em bibliografia existente como obra completa e existente é o da casa para Paulo Garcia Guimarães, no Jardim América (rua Honduras, 124), porém não passou de projeto de reforma interna, com alterações de alvenarias e ambientes.

Dois projetos indicados em bibliografia existente como sendo de autoria do arquiteto J.B. Vilanova Artigas e, coincidentemente na mesma rua Cel. Irlandino Sandoval, em Pinheiros, não devem ser dele. Devem ser de seu sócio dos primeiros anos de formado (e até 1946), Duílio Marone. A primeira, para Fernando B.B. Henriques, em 1952 e a segunda, para Wladimir do Amaral, em 1953. Nas “plantas” das respectivas pastas dos processos para obtenção de alvará de construção existentes na PMSP, constam como autor do projeto o Sr. Duílio Marone e responsável pelas obras a firma “Marone & Savoy Ltda”. Empresa constituída pelo ex-sócio de Artigas logo após o fim da sociedade com o mesmo, época em que Artigas foi para os Estados Unidos em viagem de estudos devido a uma bolsa oferecida pelo MoMA de Nova Iorque. Artigas ficaria na América do Norte por aproximadamente um ano.

Semelhante fato ocorreu com o projeto para a residência de Moacyr de Freitas Amorim, de 1944, no Sumaré (Av. Prof. Alfonso Bovero, 218). Na bibliografia existente consta como obra executada de Artigas. Deveria ter sido, caso o projeto inicial dele, em processo registrado na PMSP sob nº 46729/44 não tivesse sido substituído em 1945 pelo de nº 83.963/45, cuja autoria do projeto e responsabilidade técnica da obra são da firma Marone & Savoy e de desenho diferente do anterior, de Artigas.

Dois outros projetos residenciais de Artigas relacionados como tendo sido construídos: para o Sr. Adelino C. Baptista, em 1958 e para o Sr. Orlando Martinnelli, em 1959, ambos na rua José Comparato, no bairro da Aclimação, não foram construídos, embora conste na PMSP projeto aprovado para construção para a residência do Sr. Adelino datado de 28/07/1958, com alvará lavrado sob nº 142.155. Artigas assinava as documentações pertinentes como autor dos projetos e “engenheiro” responsável pelas obras.

Encontramos nessa mesma rua e no local indicados como do projeto da casa Adelino C. Batista, uma outra residência construída, diferente do desenho de prefeitura, mas com possibilidades de ser de Artigas (ou de outro arquiteto cuidadoso), pois esta obra diferencia-se das demais casas comuns da rua, pelo desenho, distribuição dos cômodos e implantação. Não conseguimos obter informação conclusiva do proprietário que, já bem idoso, adoeceu gravemente (já que havia comprado a casa de terceiros, ou seja, não era o primeiro morador da casa) e a família nos solicitou que poupássemos o proprietário e a mesma, em virtude da situação delicada. Um filho deste proprietário, porém, comentou sobre o que lembrava da casa quando era criança e havia morado nela, mas em nada esclareceu a

autoria do projeto. Ao menos confirmou que não era como o projeto constante na prefeitura para aquela localidade.

O projeto executado da residência Alfredo Machado Marques, de 1944, no Pacaembú (rua Itajubá, 118), atribuído pela bibliografia existente a Vilanova Artigas, na verdade não é dele. Em 1945, foi substituído o projeto original de Artigas junto à prefeitura de São Paulo (nº 25.564/44), por um outro, diferente e completo, da empresa Marone & Savoy (nº 17.865/45), que assinou como autora do projeto e responsável técnica pela construção.

Restaram **76 registros** de casas construídas segundo projetos de Artigas em São Paulo, sendo que algumas destas precisavam ser confirmadas sua existência ou demolição, o que foi verificado nas visitas aos endereços registrados na listagem. Quando a informação era duvidosa, decidimos pela sua verificação “in loco”. Isso ocorreu, por exemplo, ao constatarmos a construção de uma residência com as características de projetos de Artigas para aquele ano, pois o desenho e partido arquitetônico da mesma coincidiam com as casas projetadas nessa época pelo arquiteto. É a casa Bartolomeu F. José Araújo Lima Neto, de 1952, no bairro do Sumaré, a rua Plínio de Moraes, 414. Outra residência sem informação precisa na listagem inicial, mas com processo aprovado

na Prefeitura para obtenção de Alvará de construção e provavelmente construída, é a casa Edith Leme Ianni, com endereço na Alameda Jauaperí, 311, em Indianópolis. Hoje, porém, há edifício de apartamentos construído no local.

Existem hoje **49** casas, nem todas conforme projeto original. Algumas muito alteradas, como a residência Paulo Seixas Queiroz, de 1967, no Itaim-Bibi (rua da Mata, 70) que virou ponto comercial. Outras sofreram pequenas obras externas, como ampliação de garagem para carros, construção de muros e gradis frontais altos onde antes eram pequenas muretas de pedra com portões baixos, alguma alteração de fachada, como as residências Hanns Vitor Trostli, de 1948, no Sumaré (rua Guará, 66), José Mário Taques Bittencourt-1, de 1949 (rua Taboão, 32 esquina com rua Votuporanga, Sumaré) e Luiz Antônio Leite Ribeiro, de 1943, no Pacaembu (rua Heitor de Moraes, 257).

A maior parte dessas intervenções externas feitas nos alinhamentos, como construção de muros ou gradis altos tem relação direta com a compreensiva tentativa dos proprietários ou moradores em se proteger de eventuais problemas de segurança pública, resguardando um pouco mais os imóveis e as pessoas que neles circulam. Nem sempre, ou melhor, na maioria das vezes, os resultados estéticos foram desastrosos, sem deixar

de registrar aqui que os muros altos impedem quaisquer tentativas de apreciação das casas no interior dos terrenos, ou seja, elimina qualquer possibilidade de contato visual e continuidade espacial entre as áreas abertas das casas e a rua, confinando as residências nos seus lotes e isolando-as da rua, da cidade. Estas casas não podem mais ser compreendidas em sua plenitude por quem passa pela rua, nem com os portões abertos. Exemplos de construção de muros altos nos alinhamentos que isolaram as casas da rua são as feitas para as residências Olga Baeta (rua Gaspar Moreira, 271), no Butantã e David Rosemberg (rua Morás, 50), em Pinheiros, dentre outros.

Intervenções no corpo principal das casas também podem ser observadas em algumas delas, como na residência Paulo Emílio Gomes dos Reis, de 1951 (rua Almirante Pereira Guimarães, 378), ambas no bairro do Pacaembu, onde o projeto original foi bem desfigurado.

A partir de análise preliminar sobre o desenho, “estilo” e a construção em si das **30** casas demolidas, surgiu a curiosidade em pesquisar os projetos das mesmas. Isso estava fora dos planos iniciais de se localizar e estudar somente as casas existentes. Mas a inclusão dessas casas demolidas nos estudos é entendida como a incorporação dessas obras que fizeram parte da produção de projetos residenciais de Artigas que foram

construídos e, portanto, participaram de sua evolução profissional, da ação projetual, de suas pesquisas e do rol de experiências adquiridas e acumuladas com o constante “fazer” arquitetônico, da prática da profissão, de engenheiro- arquiteto “projetista e construtor”.

Na época de início da carreira profissional de Artigas (lembrar que ele se diplomara Engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1937) nos escritórios de arquitetura, ou construtoras, ainda não se faziam exclusivamente Projetos Executivos de Arquitetura. Os engenheiros e arquitetos construtores faziam a obra e os desenhos necessários para a construção e para aprovação da obra na prefeitura (para obtenção do alvará de construção). A maior parcela desses documentos gráficos, só poderia ser encontrada em arquivos da Prefeitura Municipal de São Paulo, no Arquivo Geral, (DAMP-40) departamento responsável pela guarda desses processos antigos (processos a partir de meados da década de 1920), dentre outras documentações.

No acervo digitalizado dos projetos de Vilanova Artigas que há na biblioteca da FAU.USP, não há informações completas de todos esses projetos construídos e alguns desenhos de casas mais antigas não correspondiam com a casa encontrada no endereço da listagem, não sendo compatíveis entre si. A imprecisão dessas informações no arquivo

eletrônico / digitalizado dos projetos de Artigas também corroborou com a necessidade de se verificar os projetos (desenhos) apresentados junto à prefeitura paulistana para obtenção do alvará de construção. Este procedimento, esta busca, poderia revelar outras informações sobre as casas demolidas, não divulgadas e/ou ausentes em publicações a respeito da obra de Artigas, como: o desenho original e correto das plantas, das fachadas, o partido arquitetônico adotado, o porte da casa, a implantação adotada, a localização na cidade. Estas eram algumas das expectativas nesse sentido.

Algumas casas receberam anexos ao projeto original de forma inadequada, não fazendo composição harmoniosa com o corpo principal. Um exemplo disso é o anexo construído na lateral esquerda/fundos da casa Rio Branco Paranhos, de 1943, no Pacaembu (rua Heitor de Moraes, 120). Intervenção adequada foi à implantação do pavilhão anexo com piscina em 1974 à casa de Elza Berquó, de 1969, no Campo Belo (rua Paulo Roberto Paes de Almeida, 51). Este acréscimo de obra foi projetado pelo próprio Artigas em 1974.

Algumas das casas demolidas foram bastante divulgadas em bibliografia específica, ou exposições e seminários acadêmicos sobre Artigas, como a residência Rivadávia de Mendonça, de 1944, no

Pacaembu (rua Camargo Aranha) de clara inspiração no sistema USONIA de Frank Loyd Wright, conforme *Irigoyen (2002)*. Porém, no processo junto à prefeitura para obtenção de alvará de construção, a rua desenhada na implantação da obra apresentada, ou seja, o endereço dessa casa seria rua Itaguassú, nº 46, aproximadamente a 133 metros à esquerda da rua Traipú. O desenho apresentado no processo não condiz com o traçado da rua Camargo Aranha. Neste endereço não foi encontrado vestígio do correto local onde poderia ter existido a casa.

Dentre as casas pesquisadas também estão algumas mais modestas, encomendadas pelos clientes para posterior venda ou locação, para classe média, como: os conjuntos de casas na Barra Funda (para José Coelho Pamplona, em 1942), as duas casas geminadas no Ibirapuera (para Luiz Antônio Leite Ribeiro, em 1942), ou as quatro no Jardim Paulistano, na rua Sampaio Vidal (para Jaime e Euzébio Porchat de Queiroz Mattoso, em 1944).

Uma casa de grande porte implantada em terreno igualmente grande, com aproximadamente 1.600m², foi demolida durante o período de levantamento de campo iniciado em 2004. Em 2005 deram cabo da mesma para a construção de condomínio residencial vertical de apartamentos. Era a residência feita para Otoni de Arruda Castanho em

1939 e localizada na rua Cotoxó, 531 esquina com a rua Desembargador do Valle, na Pompéia. Segundo Irigoyen (Wright e Artigas: Duas Viagens), esta casa “(...) embora de linhas despojadas, remete, contudo, ao *neocolonial simplificado*”. E teria sido a primeira casa projetada por Artigas (e Duílio Marone) a incorporar alguns conceitos novos, saindo do campo das casas “de estilo” que projetavam para os clientes na época, “por imposição destes”. A casa se encontrava em razoável estado de conservação e poderia ter merecido maior atenção dos proprietários e dos órgãos públicos pertinentes para a manutenção de sua existência. Porém, a pressão do mercado imobiliário ou eventuais dificuldades em administrar essa “herança” por parte dos herdeiros / proprietários devem ter sido fatores importantes na decisão de se desfazer de patrimônio arquitetônico interessante e relevante para a história da arquitetura paulista.

As fichas das casas apresentadas neste trabalho são resultados da pesquisa de campo e estão organizadas em ordem cronológica, da mais antiga até a mais recente. Houve uma preocupação inicial em se ordenar a apresentação das fichas por bairros da cidade de São Paulo, de modo a se montar uma espécie de roteiro, refletindo, em parte a organização das visitas em campo. No entanto, não refletia com clareza a seqüência cronológica da execução dos projetos, o que poderia gerar alguma

confusão na compreensão da produção dessas casas de Artigas, no entendimento do desenvolvimento e transformação dessa ação projetual dele.

As fichas das casas foram(são) importantes fontes de consulta e subsídios para as análises e interpretações feitas, pois, a utilização dos elementos gráficos de desenhos atualizados e legíveis (compreensíveis) que se fizeram necessários para auxiliar na análise crítica das casas foi contribuição primeira das fichas, além de compor registro iconográfico atualizado. A documentação fotográfica obtida nas visitas a campo é elemento importante de referência visual sobre o estado atual dessas construções. Analisando as imagens das fotos das casas, mesmo que alteradas, são muitas vezes mais esclarecedoras do que os desenhos das “plantas de prefeitura” de algumas delas, ou dos desenhos do arquivo eletrônico disponível na FAU-USP, pois muitos dos desenhos encontrados nos arquivos da PMSP estão com imagem bem fraca ou são desenhos bem “sumários” com relação a pormenores, mesmo os desenhos das fachadas. Portanto, as fotografias são elementos importantes para quantificação e classificação das construções quanto ao “estilo” adotado, ao partido arquitetônico seguido, além de registrar a existência das mesmas, por exemplo, embora não descartemos as possibilidades de

transformações e alterações que as casas possam ter sofrido ao longo do tempo desde as construções originais.

Na tabela 1, a seguir, estão relacionados os bairros com a quantidade de casas existentes, demolidas ou não localizadas/identificadas. Informações iniciais da listagem da Fundação Vilanova Artigas e da relação de obras apresentadas no capítulo “Bibliografia Ativa”, do Catálogo da Exposição “A cidade é uma casa. A casa é uma cidade. Vilanova Artigas Arquitecto”, sobre Artigas, em Almada, Portugal, 2001. Constatações da existência ou não das mesmas foram feitas através das visitas aos endereços identificados das casas que conseguimos obter / atualizar.

TABELA 1

BAIRRO	CASAS EXISTENTES	CASAS DEMOLIDAS	TOTAL
PACAEMBU	9	0	9
SUMARÉ	8	1	9
PERDIZES	1	2	3
BARRA FUNDA	1	1	2
CONSOLAÇÃO	1	0	1
CERQUEIRA CÉSAR	0	2	2
JARDIM EUROPA	3	3	6
JARDIM PAULISTA	4	1	5
JARDIM AMÉRICA	0	2	2
PINHEIROS	1	4	5
JARDIM PAULISTANO	1	0	1
ALTO DE PINHEIROS	1	1	2
ITAIM-BIBI	1	0	1
VILA ROMANA	1	0	1
ACLIMAÇÃO	2	1	3
VILA MARIANA	1	0	1
IBIRAPUERA	4	1	5
MOEMA	0	1	1
VILA CLEMENTINO	1	0	1

VILA NOVA CONCEIÇÃO	1	4	5
CAMPO BELO	2	1	3
CHÁCARA FLORA	1	0	1
CHÁCARA SANTO ANTÔNIO	2	1	3
BROOKLIN PAULISTA	0	1	1
ALTO DA BOA VISTA	1	0	1
JARDIM GUEDALA	1	0	1
CITY BUTANTÁ	1	0	1

A tabela 2, abaixo, demonstra a quantidade de casas deste trabalho divididas pelas três “fases” da produção arquitetônica de Vilanova Artigas:

- A primeira fase com projetos / construções Ecléticas, algumas com Inspirações Neo-coloniais, outras Organicistas (referências à arquitetura do mestre norte- americano Frank Lloyd Wright). Etapa que se identifica no período de 1937 a 1945;
- A segunda, representada pelos projetos / obras com claras referências à arquitetura propagada pelo arquiteto europeu Le Corbusier, numa aplicação do racionalismo estrutural e aproximação à escola carioca de arquitetura. De 1946 a 1954;

- A terceira fase de Artigas (e última) apresenta os projetos e obras com a utilização do concreto aparente, às vezes pintado, permitindo leitura de sua textura, do desenho das formas, mas não da cor original, estrutura de concreto armado definindo a forma do edifício e compondo a arquitetura. Nesta fase Artigas busca os caminhos para a criação de uma arquitetura de linguagem própria e distinta da escola carioca, que pudesse dar uma identificação de caráter nacional, porém, acabou por ser classificada e identificada como arquitetura da escola paulista, brutalista. De 1956 em diante;

TABELA 2

	1ª FASE	2ª FASE	3ª FASE	TOTAL
QUANTIDADE DE CASAS	45	14	17	76

A transição da primeira para a segunda fase não se deu de maneira tão facilmente identificável cronologicamente como da segunda para a terceira. Duas casas construídas antes de 1946 já demonstravam possíveis pesquisas de Artigas no sentido de abandonar as construções ecléticas, ou mesmo as de influência wrightiana. Provavelmente já sondava uma aproximação com a linguagem da escola carioca de arquitetura moderna. São: a Casa Benedito Levi (Jd. Europa-1944), o conjunto de quatro casas para Eusébio e Jaime Porchat Queiroz Mattoso (Jd. Paulistano-1944).

O curioso é que a maioria das casas projetadas nesse período classificado como “fase wrightiana de Artigas” pela bibliografia existente está longe de qualquer referência à arquitetura do arquiteto americano. Elas são, de modo geral, ecléticas.

O projeto e construção de casas unifamiliares foi decrescente durante a produção de Vilanova Artigas, porém, isso não é decréscimo em toda a produção do arquiteto. Vale lembrar que a partir de finais dos anos de 1940 e principalmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970, Artigas fazia projetos de arquitetura para governos Estaduais e Municipais, como a Rodoviária

de Londrina, no Paraná, os Ginásios de Itanhaém, Guarulhos e Santo André, o Conjunto Habitacional Zezinho de Magalhães Prado, O CECAP de Americana, Estação Rodoviária de Jaú, a Sede para sindicatos de trabalhadores, edificações para a iniciativa privada, como o Estádio do São Paulo Futebol Clube, Colégio 12 de Outubro, por exemplo.

Outra constatação importante quando se analisa a tabela 1 acima, é que dos 76 projetos separados, 50% foram construções para bairros em loteamentos feitos pela Companhia City, como: Pacaembu, Sumaré, Jardim Europa, Jardim Paulistano, Jardim Paulista, Jardim América, Jardim Guedala, Alto de Pinheiros e City Butantã. Pode-se afirmar que esses projetos acompanharam, praticamente par-e-passo, o crescimento e ocupação desses bairros conforme a cidade se expandia em direção às zonas Sul e Oeste da cidade, ou seja, à medida que o interesse dos clientes / investidores se deslocava das áreas mais próximas ao centro da capital para os bairros “nobres” e mais distantes. Destas obras construídas em bairros da Cia City, 70% ainda existem nos dias de hoje, a maioria alteradas com relação ao projeto original, porém, todas em bom estado de conservação.

Essa expansão urbana esteve intimamente ligada à especulação imobiliária, em grande parte, promovida pelos investimentos da própria Cia.

City. Esta empresa, fundada em 1911, com sede na Inglaterra e escritórios em Paris e São Paulo, com o nome “*City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*”, adquiria imensas áreas nas zonas Sul e Oeste da cidade e implantava loteamentos exclusivamente residenciais, aos moldes das cidades-jardins inglesas. Os lotes eram de grandes dimensões e os compradores tinham a permissão de construção de somente uma residência por lote. Deveriam seguir, além do código de obras do município, as restrições da própria Cia. City, que também fiscalizava as obras para garantir o padrão pretendido para os bairros, referentes às taxas de ocupação do solo, aos recuos da edificação em relação às divisas do lote e ao material empregado. Estas restrições eram muito mais rigorosas e restritivas do que as encontradas nas leis municipais pertinentes.

Esses bairros, muito arborizados, eram destinados a uma parcela da população de alto poder aquisitivo. As ruas eram sinuosas, originalmente pensadas para o trânsito local somente. Os urbanistas ingleses Barry Parker e Raymond Unwin projetaram em 1917 o primeiro desses bairros, o Jardim América. A arquiteta Marlene Milan Acayaba⁶⁶, comentando como

⁶⁶ ACAYABA, 1986;

que a arquitetura moderna começou a se desenvolver na cidade e nesses bairros, escreveu:

“Na década de 30, diante de uma cidade provinciana e de um poder público indiferente quanto ao caráter de seus edifícios, a arquitetura moderna em São Paulo restringia-se ainda a exemplares isolados, quase que exclusivamente às habitações de uma pequena clientela, composta de burgueses progressistas e intelectuais, que procuravam os novos bairros residenciais. (...)”.

Esse tipo de clientela era a que procurava a construtora Marone & Artigas (Sociedade entre os colegas de faculdade Duílio Marone e J.B. Vilanova Artigas). Adriana Irigoyen cita no seu livro *Wright e Artigas: Duas viagens*, que , sendo “Artigas um jovem profissional, seria difícil renunciar a seus princípios. “Mas não podia se dar ao luxo de recusar um projeto. Em geral, seus usuários não pertenciam à elite paulistana. Eram empregados, pequenos empresários, artistas e profissionais liberais“. No entanto, constam como clientes na listagem de casas de Artigas, nomes como Francisco Matarazzo Sobrinho, Fernando Bebiano Barreto Henriques, que num espaço de 12 anos, encomendou e executou 6 projetos, Fernando A. Toledo Piza, os Arouche de Toledo, os Porchat de Queiroz Mattoso, dentre outros que contrastam com as informações acima, pois alguns eram de famílias de muitas posses e pertenciam a elite econômica paulistana.

Da listagem original dos 165 projetos residenciais projetados por Vilanova Artigas e recebida da Fundação Vilanova Artigas, 76 casas separamos para verificação da veracidade das informações pertinentes constantes da listagem. São 46% do total, lembrando que algumas foram descartadas, pois não se situavam na cidade de São Paulo, outras não foram executadas, isto é, não resultaram em obra concluída e, portanto, fora do escopo desta pesquisa.

A quantidade total dessa listagem que citamos acima difere da quantidade de projetos residenciais constante no livro/catálogo da exposição ocorrida em Almada, no capítulo “Dados biográficos / listagem de projectos”, contamos 180 projetos residenciais⁶⁷. A diferença deve-se ao fato de estarem incluídos nesta última listagem projetos de reformas de residências, apartamentos e de casas sem dados completos como proprietário, endereço ou outras informações imprecisas, que, por algum motivo, não foram considerados pela Fundação Vilanova Artigas em seus registros. Não conseguimos obter da Fundação alguma resposta esclarecedora. O curioso é que a Fundação colaborou na organização dessa exposição em Almada.

⁶⁷RIBEIRO, 2001;

As 76 casas que separamos estão nas duas listagens, até porque a segunda complementava a primeira quanto a informações bibliográficas, por exemplo.

A investigação das casas com informações incompletas, porém com as mínimas referências para podermos iniciar alguma busca, foi interessante e resultou em:

- Localizar residência que estava registrada como não executada;
- Verificar construção executada por outro arquiteto para o mesmo local, objeto de anteprojeto de Vilanova Artigas, e com mesmo partido e desenho semelhante entre as duas propostas que, de tão parecidos, nos confundiu no início dos trabalhos. Este foi o caso da residência no Morumbí para Luiz Lúcio Izzo. Somente o autor do projeto construído nos tirou a dúvida. Este arquiteto, Ruy Ohtake, ficou também muito surpreso com as semelhanças e coincidências dos projetos e da inusitada “concorrência” com Artigas, embora desconhecesse esse fato;
- Constatação do estado de conservação do imóvel, independentemente do ano de construção, algumas casas estão em bom estado de conservação. A maioria sem alterações significativas, sugerindo respeito pelo projeto executado, ou porque ela ainda atende aos programas de necessidades de seus usuários;

A variedade de desenho de Artigas para as casas de mesma época, ou melhor, fase, é impressionante. Artigas raramente repetiu exatamente a mesma solução para projetos em terrenos e/ou programas semelhantes. Exceto para aqueles projetos de conjunto de casas em que a repetição é uma condicionante para a construção em escala das unidades e, como são construções para venda ou locação, devem permitir otimização de mão-de-obra na sua execução, reduzindo, com isso, parte dos custos iniciais de investimento para o cliente. Havia alguma semelhança nos projetos para as casas Luiz Gonzaga Leme Monteiro, Nelson Tabajara de Oliveira e José Carlos Amaral de Oliveira, mas não encontramos nenhuma documentação sobre estas duas últimas nos arquivos da prefeitura paulistana e nenhuma evidência de que foram construídas no local visitado no Jardim Paulista. A rua das Magnólias citada como endereço destas casas teve seu nome alterado para Sarita Cirylo. O nome anterior induzia à confusão com a atual rua das Magnólias situada no bairro de Cidade Jardim, no distrito do Butantã, já próximo ao bairro do Morumbi. Nos desenhos de prefeitura conseguimos desfazer eventuais confusões, pois há clara referência à rua das Magnólias como sendo uma transversal à rua Claudina Silva, próxima

às avenidas São Gabriel e Brigadeiro Luiz Antônio, que se localiza no bairro do Jardim Paulista.

Durante o processo de pesquisa e, sobretudo, nas visitas a campo, acompanhamos parte da dinâmica de vida, transformação e morte de algumas casas. Já citamos acima o caso da residência de Ottoni de Arruda Castanho, nas Perdizes, que foi demolida para dar lugar a um edifício residencial de alto padrão. Vimos a transformação da casa que Artigas e Marone construíram para Anna Ricaldoni Ponta, em 1942, em ponto comercial para abrigar uma agência imobiliária⁶⁸. A casa feita para Alberto Augusto da Silva Caldas, que no início dos nossos trabalhos e até meados de 2008 estava bem conservada como a construção original, foi, desta época até fevereiro de 2009 transformada (e parcialmente transfigurada) em restaurante de culinária japonesa, com intervenções físicas nas alvenarias, resultando em alterações espaciais, como a construções de pequenas coberturas no jardim lateral e uma questionável pintura em verde abacate nas partes de alvenarias anteriormente brancas, que contrastavam com os tijolos de barro aparentes.

⁶⁸ Esta casa não foi relacionada como objeto de pesquisa, pois descobrimos durante os levantamentos que era uma das casas que Artigas e Duílio Marone receberam de Oswaldo Bratke para construção, ou seja, não era projeto de Artigas.

Por mais de uma ocasião constatamos que Artigas (e seu sócio Duílio Marone) projetavam e construía em terrenos contíguos para alguns dos seus clientes. Um exemplo disso são as casas projetadas para Fernando Bebiano Barreto Henriques na Avenida Santo Amaro esquina com rua Bastos Pereira. Além da casa construída neste terreno, havia outra no terreno ao lado, na mesma avenida e outras duas residências projetadas para Duílio Marone adjacente às divisas de fundos desses lotes da avenida. Foram quatro casas nesse “canto” (esquina) de Vila Nova Conceição. Estas quatro casas tinham as plantas e implantação muito semelhantes e, nos permitindo supor que eram casas com “planta mínima”, numa possível referência aos projetos similares de Frank Lloyd Wright e que eram residências para venda ou locação. A numeração atual não corresponde à indicada nas relações de casas iniciais fornecida pela Fundação Vilanova Artigas e no catálogo da exposição em Almada, Portugal, em 2001. Destas, somente uma casa existe ainda, embora alterada e abandonada, e está no número 40 da rua (que corresponderia ao antigo e original número 532).

Outra situação semelhante à descrita acima ocorreu para as casas projetadas e construídas por Artigas e Marone na rua Tavares Cabral, em Pinheiros, para clientes que posteriormente voltariam a contratá-los para

outros empreendimentos. Nesta rua foram feitas as residências para Jaime Porchart Queiroz Mattoso, Euzébio Porchat Queiroz Mattoso e Luiz Arouche de Toledo, todos representantes de famílias paulistas tradicionais e endinheiradas.

Artigas, nessa tipologia de residências unifamiliares, criou um “patrimônio” de projetos valiosíssimo em quantidade e qualidade, todos diferentes entre si, embora possamos identificar se pertencem à fase organicista (wrightiana), racionalista, apresentando um funcionalismo formal, eclética, neocoloniais, estilo missões (estas três categorias dos primeiros anos de formado, quando era mais pragmático) ou de sua terceira e última fase, a fase da utilização da tecnologia do concreto armado aparente (não se pode afirmar que seja somente referência ao Novo Brutalismo, nos moldes dos ingleses da década de 1950, como o casal inglês Smithson). O próprio Artigas contestava essa comparação e rotulação de sua obra, alegando que o conteúdo ideológico destes diferia em muito do brasileiro. Ver, para esse assunto, o texto de Hugo Segawa “*Consolidação do Modelo*”, no livro *Arquiteturas no Brasil – 1900-1990*, páginas 148 a 150.

Pudemos constatar nas casas da terceira fase de Artigas, de 1954 até 1984, um ano antes de falecer e o último em que desempenhou alguma atividade profissional, que as obras de casas são como que “laboratórios” para posterior aplicação em escala maior de conceitos e repertórios testados e avaliados, pelos usuários e pelos arquitetos, em tipologia específica como a de residências unifamiliares.

Capítulo 4

Inventário das casas projetadas e construídas

1938

Casa Henrique Arouche de Toledo:

Ano de projeto / construção: 1938

Endereço: rua Itapicurú, 509, Perdizes

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 38158/1938, habite-se em 10/12/1938

Área do terreno: aproximadamente 400m²

Área de construção: 233m², sendo 138 no piso térreo, 75 no pavimento superior e 20 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico o engenheiro Duílio Marone, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: duas salas de estar, uma de jantar, sanitário e cozinha.

Pavimento superior: três dormitórios, um com toucador, e um sanitário.

Edícula: garagem, dormitório de empregado e sanitário.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais em colonial mexicano e perímetro irregular, era centralizada em lote praticamente retangular (dimensões aproximadas de 12,8 x 33,6m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e detalhes em pedras incrustadas nos arcos do terraço frontal de acesso ou cantos das paredes do corpo da casa. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava pela lateral direita, via terraço coberto (varanda).

Havia edícula térrea, no canto direito do terreno no recuo de fundo, que abrigava garagem de automóvel, dormitório de empregado e pequeno sanitário. O acesso se dava pela mesma passagem lateral da casa.

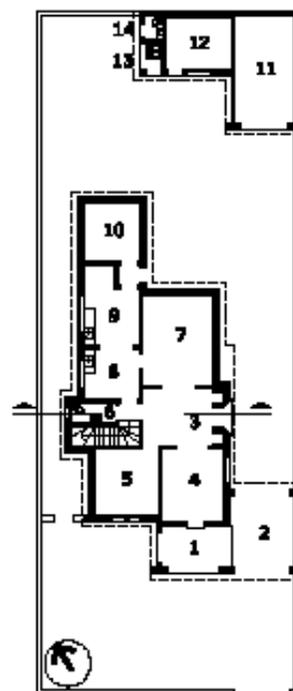
Um pequeno telheiro junto ao corpo da casa, nos fundos, abrigava tanque para lavagem de roupas e outros serviços.

As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenas áreas concentradas junto à escada principal, que era o único meio de circulação vertical existente.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontais) e sudeste (lateral direita).

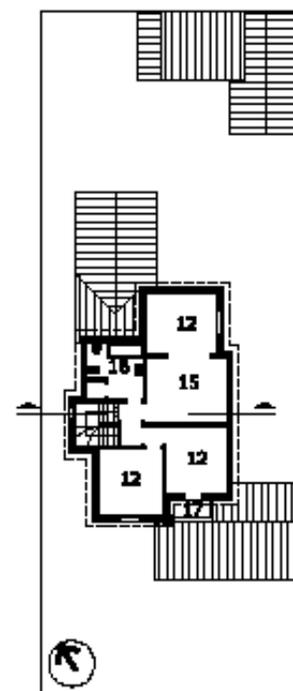
Fontes:

IRIGOYEN (2002), OTHAKE (2003), MIGUEL (2003), PMSP



RUA TORRESMÃO

PLANTA PAV. TÉRREO

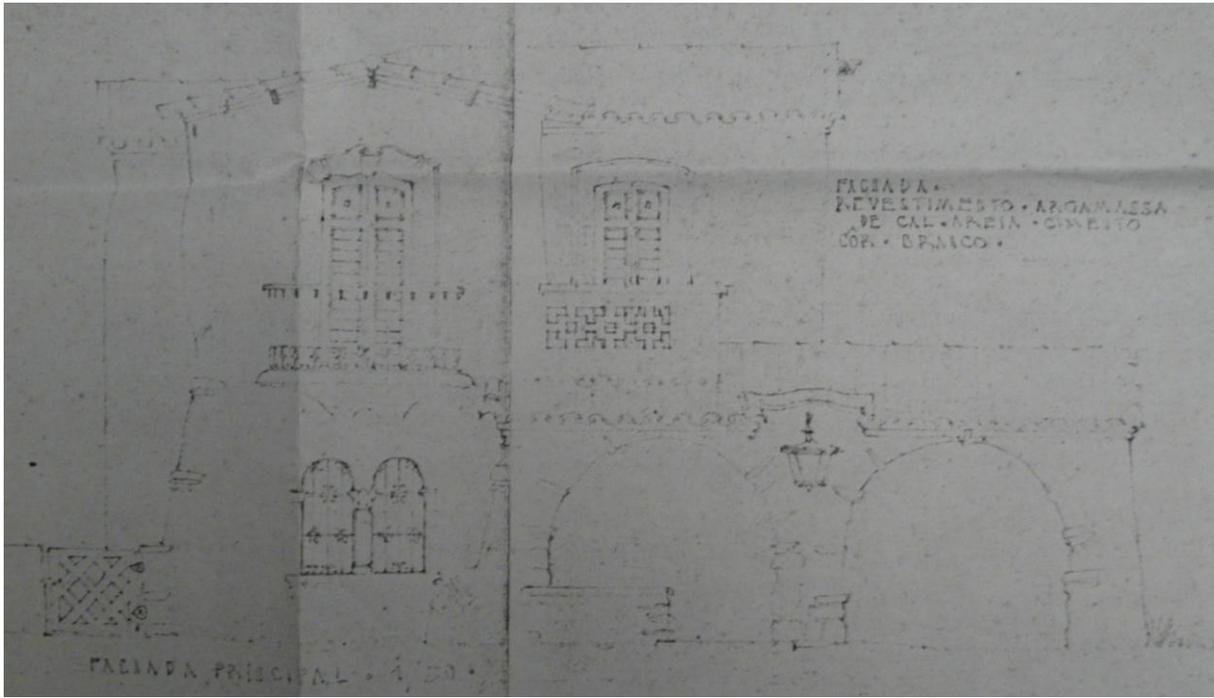


PLANTA PAV. SUPERIOR

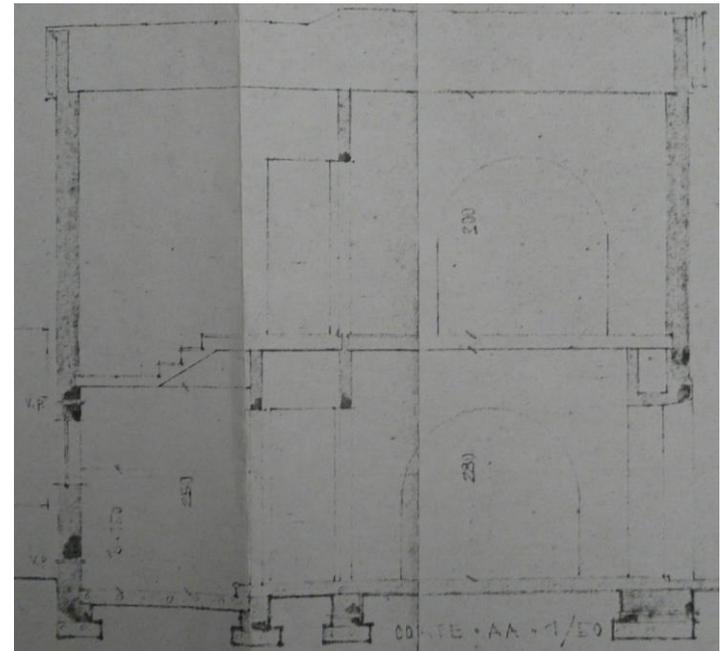
LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 EMBAIQUED/DESCOMBARQUE DO VEÍCULO
- 3 VESTÍBULO
- 4 SALA DE VISTAS
- 5 ESCRITÓRIO
- 6 WC (LIVAND)
- 7 SALA DE JANTAR
- 8 COZINHA
- 9 COZINHA
- 10 DORMIT. EMPRIMADA
- 11 BANHEIRO
- 12 DORMITÓRIO
- 13 LAVANDERIA
- 14 SANITÁRIO EMPRIMADA
- 15 TOILETADOR
- 16 SANITÁRIO
- 17 TERRAÇO

CASA HENRIQUE AROUCHE DE TOLEDO



FACHADA PRINCIPAL



CORTE

Casa José Morganti:

Ano de projeto / construção: 1938

Endereço: rua Salvador Corrêa, nº 7, Aclimação

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura não localizado

Área do terreno: aproximadamente 500m²

Análise descritiva:

Térreo: sala de estar, sala de jantar, sanitário, dois dormitórios, cozinha e despensa.

A construção principal em um pavimento, de aspectos formais ecléticos e perímetro irregular, era centralizada na metade frontal do lote retangular e profundo (dimensões aproximadas de 10 x 50m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto (varanda). Este bloco era corpo único, pois não havia edícula para abrigar área de serviços ou garagem no projeto original.

Embora não tenhamos encontrado informações precisas, deveria existir pequeno telheiro junto ao corpo da casa, provavelmente nos fundos para abrigar tanque para lavagem de roupas e outros serviços, uma vez que não existia edícula.

As conexões horizontais entre os ambientes internos ocorria por pequeno corredor de distribuição centralizado entre os mesmos.

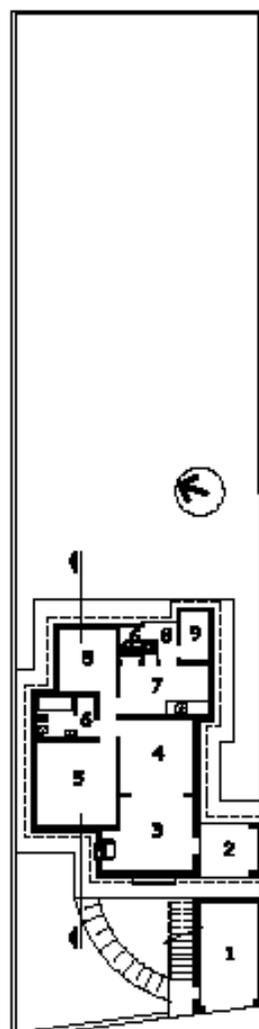
As janelas dos dormitórios eram orientadas para leste (fundos do lote).

Um muro alto no alinhamento do lote foi erguido, o que inviabiliza visão externa da construção e dificulta reconhecimento da obra, além de ter descaracterizado o acesso original ao lote. Isso pode ter ocorrido pela incorporação deste lote a outro vizinho.

Nos arquivos eletrônicos da FAU-USP, há registros da planta dessa residência.

Fonte:

MIGUEL (2003), FAU-USP, acervo digitalizado de projetos de Vilanova Artigas.



REDACTAÇÃO: C&M&A

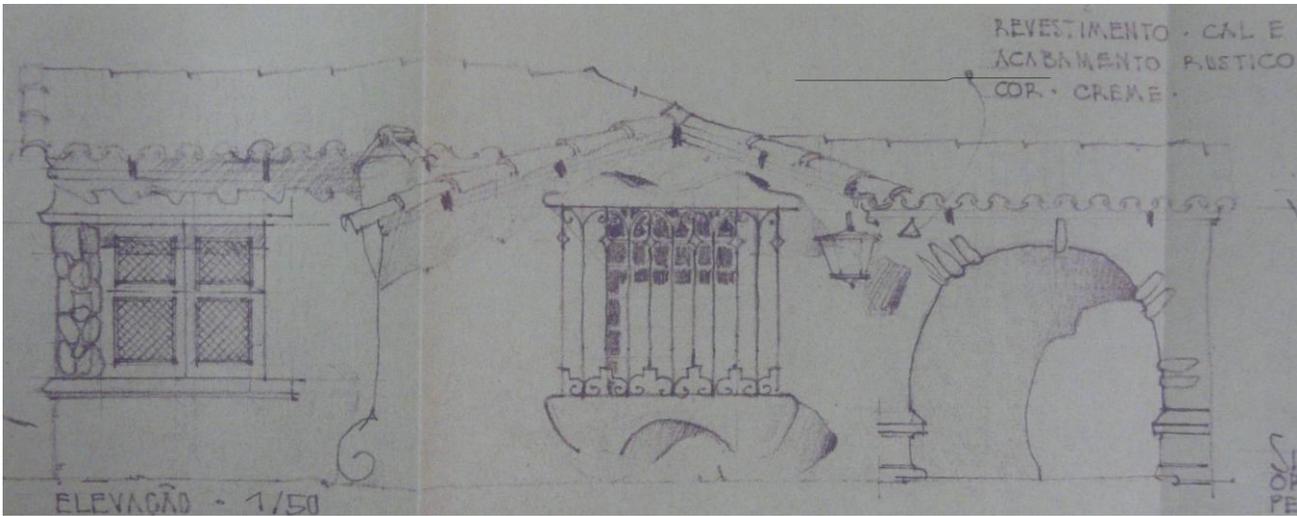
PLANTA PAV. TÉRREO

LEGENDA

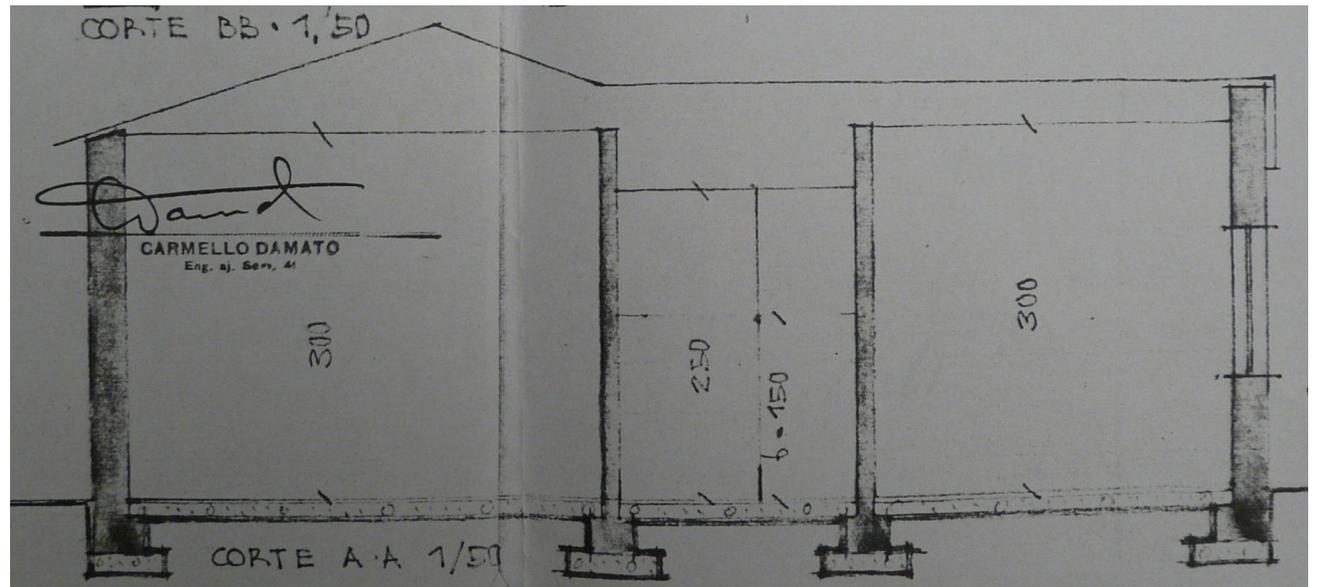
- 1 GARAGEM
- 2 TERRAÇO COBERTO DE ACESSO
- 3 "LIVING ROOM" (SALA DE ESTAR)
- 4 SALA DE JANTAR
- 5 DORMITÓRIO
- 6 BANHEIRO
- 7 COZINHA
- 8 LAVANDERIA
- 9 DESPENSA



CASA JOSÉ MORGANTI



FACHADA PRINCIPAL



CORTE

1939

Casa Giulio Pasquale:

Ano de projeto / construção: 1939

Endereço: AL. Lorena, 48, Jardim Paulista

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 72.044/1939, habite-se em 10/04/1940

Área do terreno: 530m²

Área de construção: 128m², sendo 70 no piso térreo, 58 no pavimento superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico J.B. Vilanova Artigas, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Obs.: Em 1942 foi realizada reforma para acréscimo de 41m² área, sendo 19m² de garagem para automóveis. (processo nº 14.818/1942).

Análise descritiva:

Térreo: varanda de acesso coberta em “L”, sala de estar, sala de jantar. Sanitário e tanque sob cobertura externos

Pavimento superior: três dormitórios e um sanitário.

A construção principal em volume cúbico, em dois pavimentos, de aspectos formais modernista (fachadas lembram casas modernistas de Gregori Warchavchik e a planta quadrada remete às soluções do American System-Built Homes, de Frank Lloyd Wright) e perímetro

regular, ficava encostada a divisa lateral direita do lote, este com dimensões aproximadas de 10 x 53m, afastada 2,50m da lateral esquerda e recuada 4m do alinhamento. Executada em alvenaria portante, com revestimentos externos com acabamento rústico em argamassa com caiação. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes e escondida por platibandas. Uma clarabóia permitia iluminação natural diurna na escada. O acesso principal à residência se dava pela lateral esquerda, via terraço coberto (varanda) e pergolado. Não há indicação de abrigo para automóvel no projeto original.

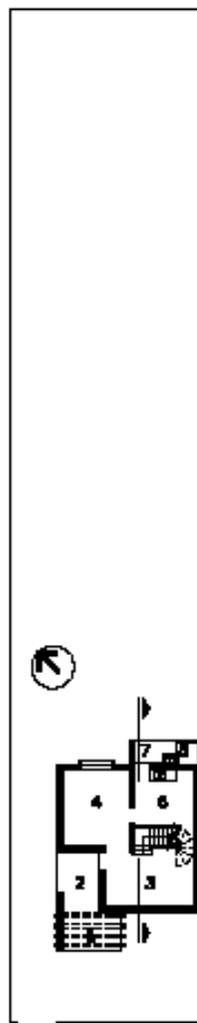
Uma pequena laje nos fundos, externamente a uma das paredes da cozinha, cobria sanitário e tanque de lavar roupas.

As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenas áreas concentradas junto à escada principal, que era o único meio de circulação vertical existente.

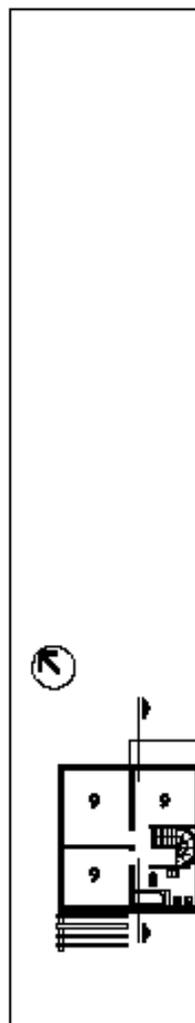
As janelas dos dormitórios eram orientadas para nordeste (posteriores) e noroeste (lateral esquerda).

Fontes:

IRIGOYEN (2002), MIGUEL (2003), PMSP



PL. LOBBY
PLANTA PAV. TÉRREO



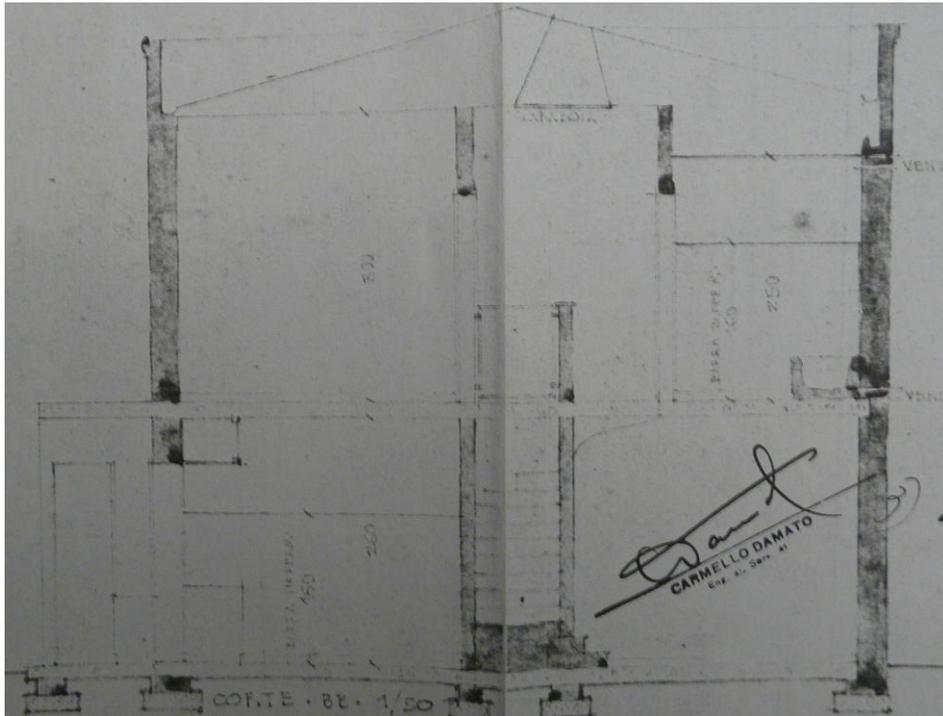
PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

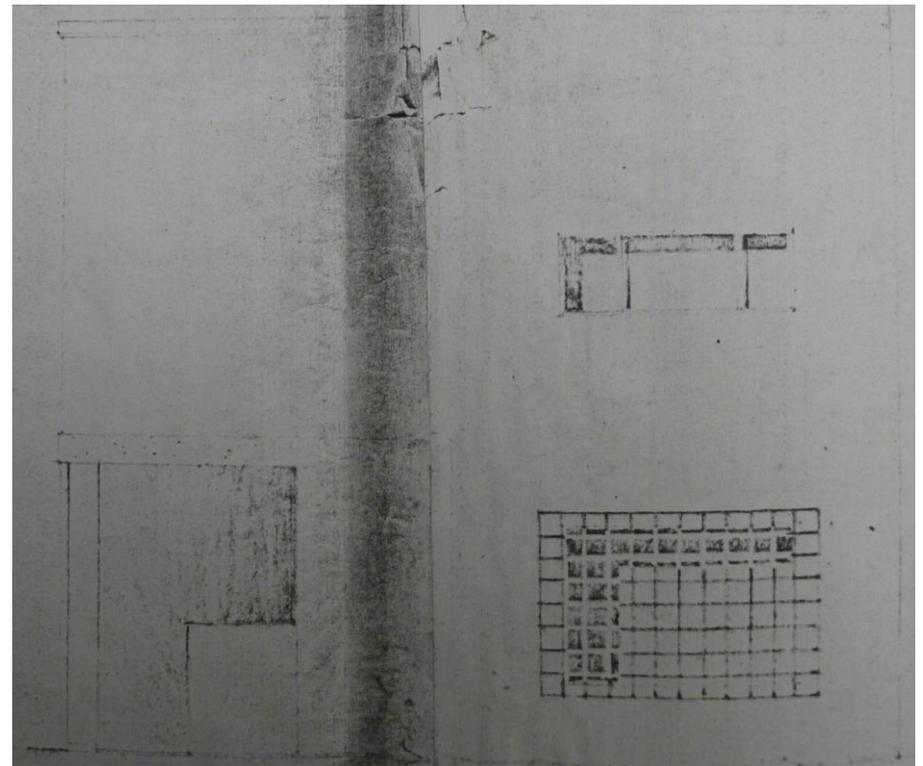
- 1 ACESSO COM PERGOLADO
- 2 TERRAÇO COBERTO DE ACESSO
- 3 SALA DE ESTAR
- 4 SALA DE JANTAR
- 5 ARMÁRIO SOB ESCADA
- 6 COZINHA
- 7 LAVANDERIA
- 8 SANITÁRIO
- 9 DORMITÓRIO



CASA GIULIO PASQUALE



CORTE



ELEVAÇÃO PRINCIPAL

Casa Nelson Pereira da Costa:

Ano de projeto / construção: 1939

Endereço: rua Noruega, 15, Jardim Europa

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 72.043/1939

Área do terreno: aproximadamente 735m²

Área de construção: 195m², sendo 109 no piso térreo, 86 no pavimento superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico J.B. Vilanova Artigas, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: varanda coberta de acesso em “L”, duas salas de estar, uma com lareira, sala de jantar, sanitário, cozinha e pequena área de serviços externamente à cozinha, dormitório de empregado e sanitário num volume menor, anexo.

Pavimento superior: três dormitórios e um sanitário.

Edícula: garagem.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos entre o neoclássico e o neocolonial e perímetro irregular, era centralizada na metade frontal do lote de planta trapezoidal (dimensões aproximadas de 15,5 x 49 m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e painéis ou detalhes em tijolos de barro aparente. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava pela lateral direita, via terraço coberto (varanda).

Havia edícula térrea, no canto esquerdo do terreno junto à divisa lateral, que abrigava garagem de automóvel. O acesso se dava pela passagem lateral esquerda da casa.

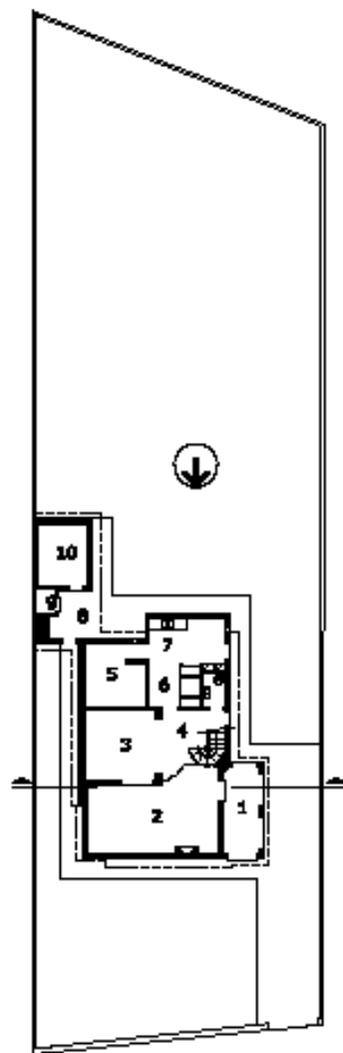
Um volume térreo e pequeno, como uma extensão posterior do corpo principal, abriga dependências de empregado e serviços.

As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenos corredores junto à escada principal, que era o único meio de circulação vertical existente. Esta escada não tinha comunicação com o vestíbulo no térreo.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontais) e noroeste (lateral esquerda).

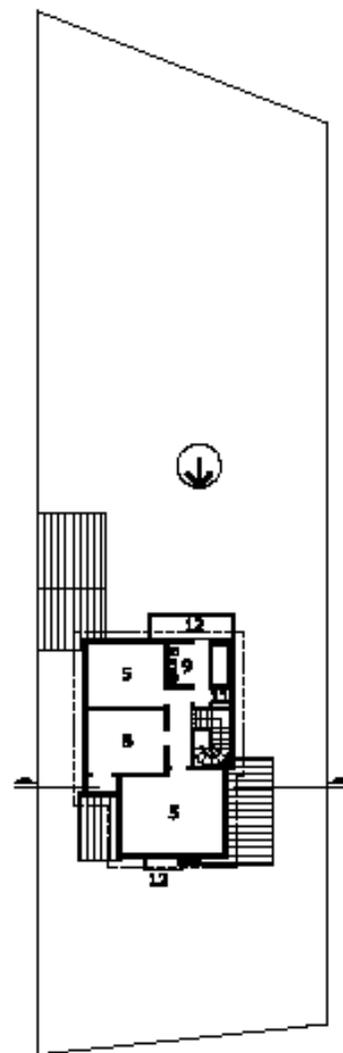
Fontes:

MIGUEL (2003), PMSP



100 0 500 1000

PLANTA PAV. TÉRREO



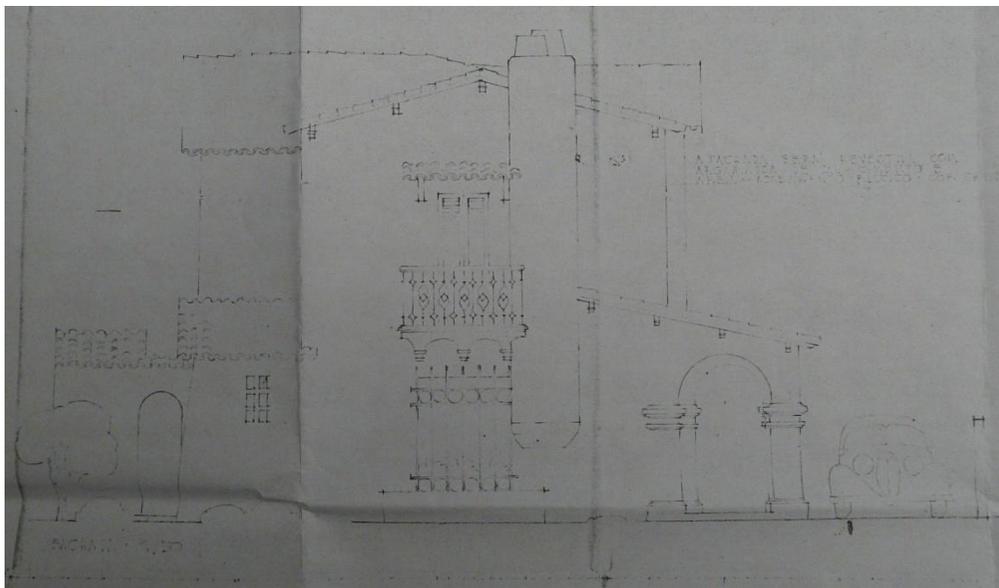
PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

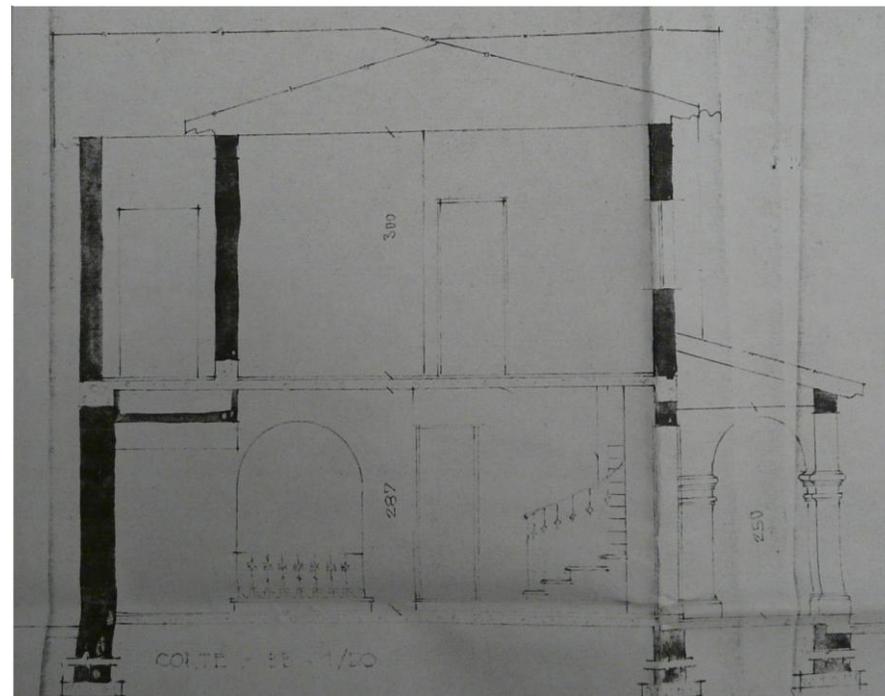
- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 "HALL"
- 5 DORMITÓRIO
- 6 COPA
- 7 COZINHA
- 8 ÁREA DE SERVIÇO
- 9 SANITÁRIO
- 10 DORMIT. EMPREGADA
- 11 ARMÁRIO
- 12 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m
ESCALA GRÁFICA

CASA NELSON PEREIRA DA COSTA



ELEVAÇÃO PRINCIPAL



CORTE

Casa Ottoni de Arruda Castanho:

Ano de projeto / construção: 1939

Endereço: rua Cotoxó, nº 531, esquina rua Desembargador do Valle, Perdizes

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 69.542/1939, habite-se em julho de 1940

Área do terreno: aproximadamente 1600m²

Área de construção: 364m², sendo 206 no piso térreo, 128 no pavimento superior e 30 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico o engenheiro Duílio Marone, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: duas salas de estar, sala de jantar, sala de almoço, dois terraços cobertos, lavabo, copa, cozinha e despensa.

Pavimento superior: quatro dormitórios, dois sanitários e três terraços descobertos.

Edícula: garagem, dependência de empregado, sanitário e área de serviços.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos, “linhas despojadas, remetendo ao colonial simplificado” (IRIGOYEN, 2002) e perímetro irregular, era centralizada na metade direita de lote retangular de esquina (dimensões aproximadas de 32 x 50m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava pela lateral esquerda, via terraço coberto (varanda).

A edícula térrea, no canto esquerdo do terreno no recuo de fundo, tinha acesso pela mesma passagem lateral da casa.

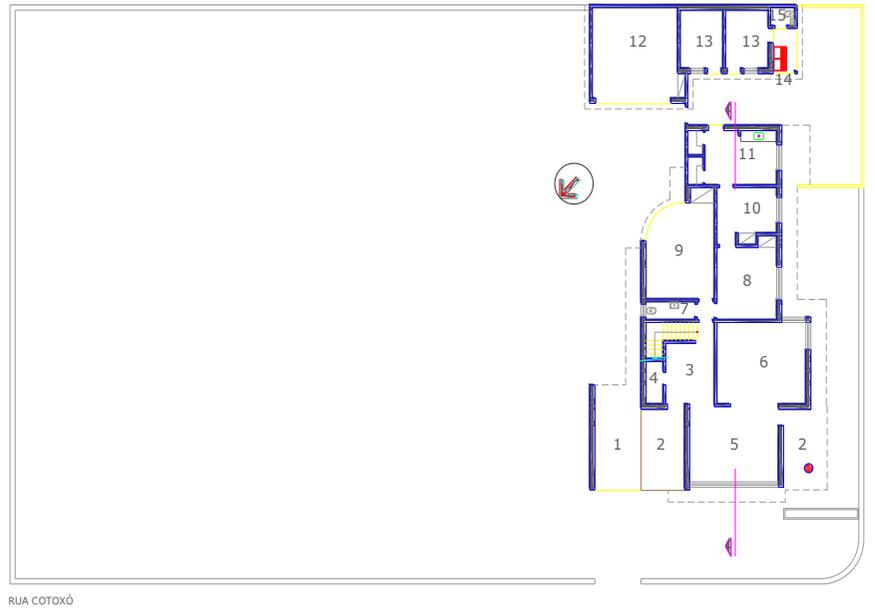
As circulações e acesso aos ambientes no térreo eram por meio do vestíbulo e corredor junto à escada principal. No pavimento superior, por “hall” de acesso à escada e pequeno corredor de distribuição.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para noroeste (frontais) e sudoeste (lateral direita), voltadas para as ruas adjacentes.

“A planta... ..insinua uma tímida integração entre a sala de e a sala de jantar. Detalhes como as janelas em ângulo e a grande abertura do *living* trazem um certo dinamismo à percepção dos ambientes”. (IRIGOYEN, 2002).

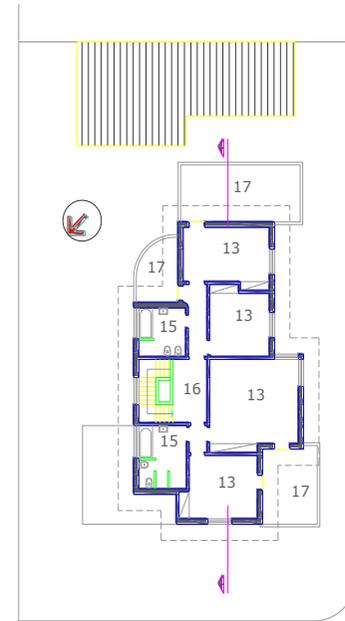
Fontes:

IRIGOYEN (2002), KAMITA (2000), MIGUEL (2003), PMSP



PLANTA PAV. TÉRREO

CASA OTTONI DE ARRUDA CASTANHO

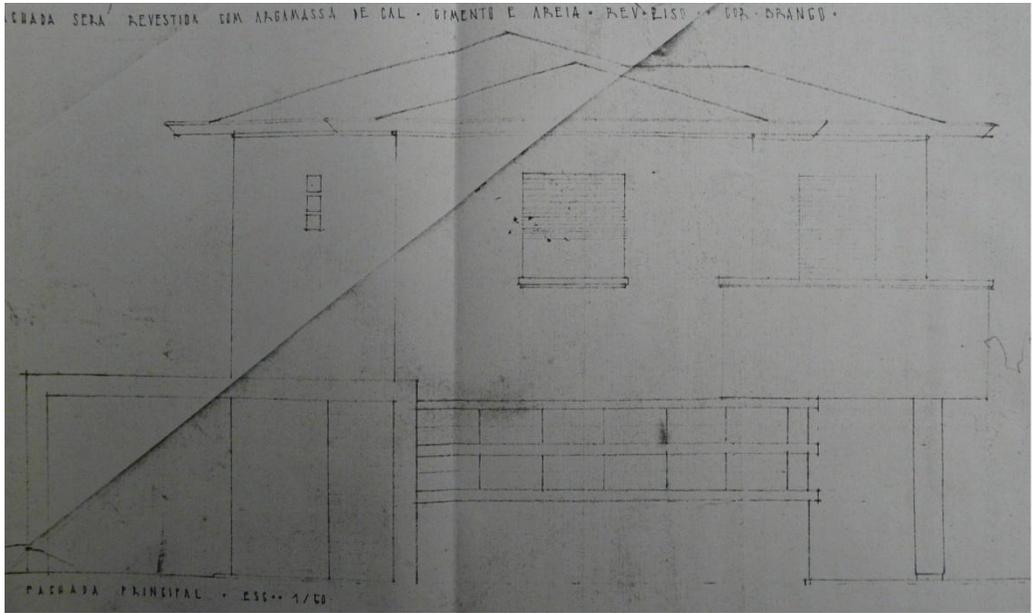


PLANTA PAV. SUPERIOR

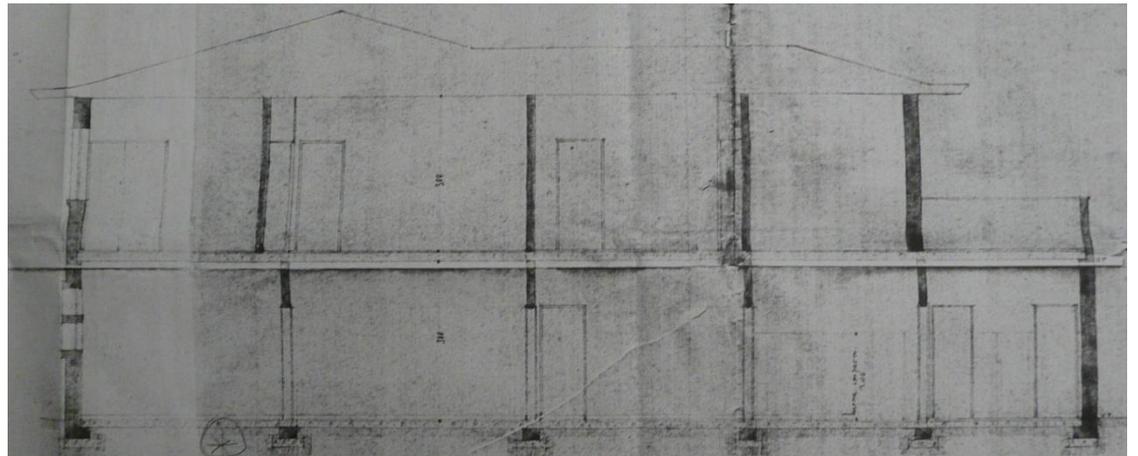
LEGENDA

- 1 PASSAGEM COBERTA / AUTOS
- 2 TERRAÇO COBERTO
- 3 VESTÍBULO
- 4 ARMÁRIO
- 5 SALA DE ESTAR
- 6 SALA DE JANTAR
- 7 LAVABO
- 8 SALA DE ALMOÇO
- 9 SALA DE JOGO
- 10 COPA
- 11 COZINHA
- 12 GARAGEM
- 13 DORMITÓRIO
- 14 ÁREA DE SERVIÇOS
- 15 SANITÁRIO
- 16 "HALL"
- 17 TERRAÇO DESCOBERTO





ELEVAÇÃO PRINCIPAL



CORTE

1940

Casa Alcides de Lara Campos:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: avenida Santo Amaro, 9, esquina av. Brigadeiro Luiz Antônio, Vila Nova Conceição

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 50.739/1940, habite-se em 28/03/1941

Área do terreno: 352m²

Área de construção: 144m², sendo 68 no piso térreo, 60 no pavimento superior e 16 para a edícula (garagem).

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico o engenheiro Duílio Marone, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, cozinha, despensa, sanitário e área de serviços.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário.

Edícula: abrigo de automóvel.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro regular, junto com a edícula, foi implantada

centralizada no lote de formato trapezoidal [11 x 36 (le) x 28 (ld) x 13.10m (fundos)]. Executada em alvenaria portante, era revestida externamente em argamassa com acabamento rústico na cor creme. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto (varanda).

“ A reminiscência wrightiana é evidente...(neste projeto) ...cuja solução parece fazer alusão ao *American System-Built Homes*. As tentativas de Artigas de otimizar a planta coincidem formal e conceitualmente com a experiência de Wright” (IRIGOYEN, 2002).

O acesso à edícula, que ficava encostada na divisa lateral esquerda, se dava pela passagem lateral deste lado da casa.

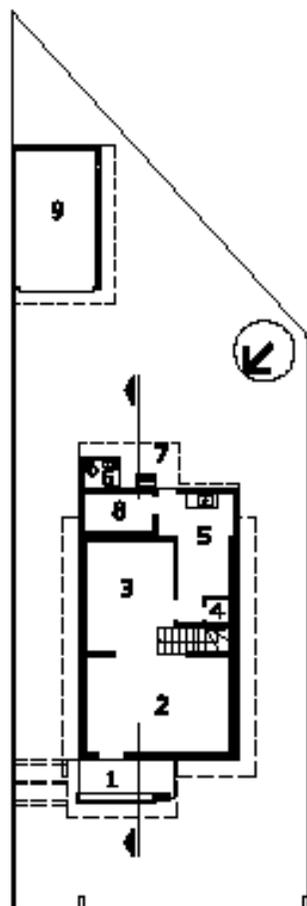
Parte da cozinha, a despensa, o sanitário “externo” e a área de serviços estão diretamente sob telhado e forro em estuque e não sobre a projeção do corpo principal da casa.

A circulação horizontal entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenas áreas concentradas junto à escada, único elemento de circulação vertical entre os andares.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para noroeste (frontais) e sudeste (posterior).

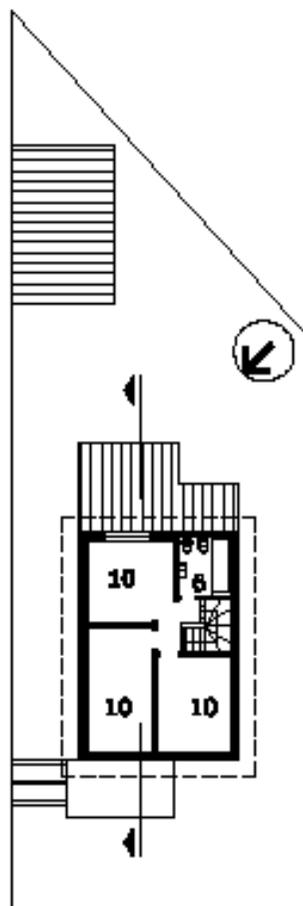
Fontes:

IRIGOYEN (2002), PMSP



AV. SANTO ANTONIO

PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

CASA ALCIDES DE LARA CAMPOS

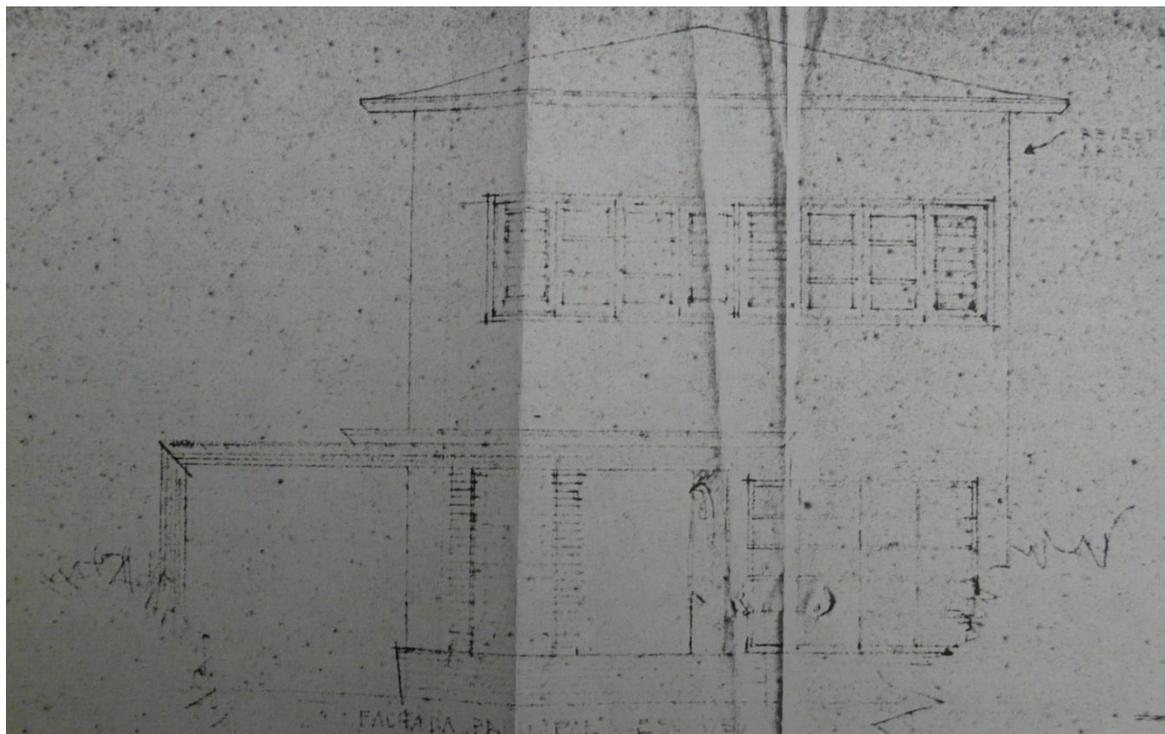


CORTE

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA JANTAR
- 4 ARMÁRIO/DESPENSA
- 5 COZINHA
- 6 SANITÁRIO
- 7 ÁREA SERVIÇO
- 8 DORMITÓRIO EMP.
- 9 GARAGEM
- 10 DORMITÓRIO





ELEVAÇÃO PRINCIPAL

Casa Aurélio Pereira Lima:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Atlântica, 862

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 0.054.289/1940

Área do terreno: 236m²

Área de construção: 236m², sendo 122 no piso térreo, 96 no pavimento superior e 18 para a edícula (garagem).

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável o engenheiro Duílio Marone, e os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, cozinha, despensa, sanitário e área de serviços..

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário.

Edícula: térrea, abrigo de automóvel e galinheiro.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro regular, junto com a edícula, foi implantada no

meio do lote de formato trapezoidal [14 x 38,76 (le) x 36,30 (ld) x 15.90m (fundos)]. Executada em alvenaria portante, era revestida externamente em argamassa “de cal e areia, cor creme”. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava lateralmente, via corredor largo externo no lado direito da casa e vestíbulo. A porta era protegida por pequeno beiral. Para acessar a edícula nos fundos, utilizava-se esta mesma passagem com 3.30m de largura.

As dependências de empregada e área de serviços ficavam sob a projeção do corpo principal da casa, embora com acesso externo e ligação através de pequeno “hall” entre estas e a cozinha.

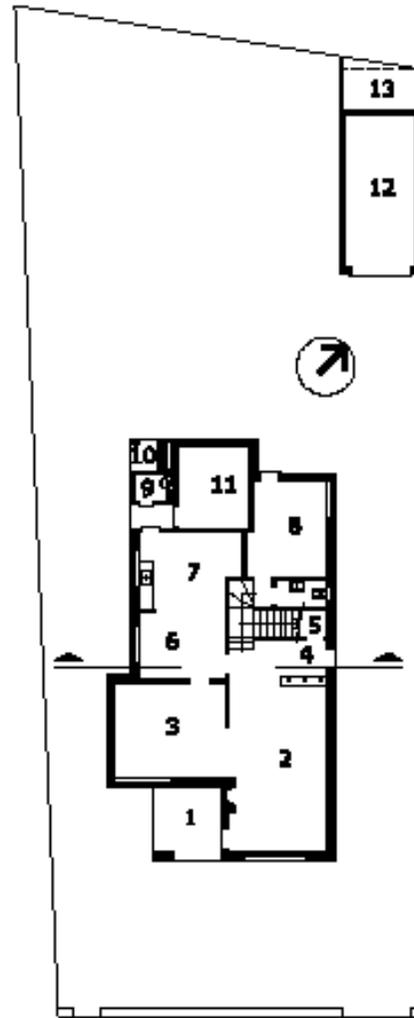
A sala de costura e o lavabo adjacente só poderiam ser acessados após subir e descer a mesma quantidade de degraus situados em frente ao pé da escada principal, são solução curiosa.

A circulação horizontal entre os ambientes internos do pavimento térreo ocorria pelos ambientes. No pavimento superior por amplo “hall”. A circulação vertical era feita por uma escada, que tinha contato direto com o vestíbulo, embora ficasse escondida.

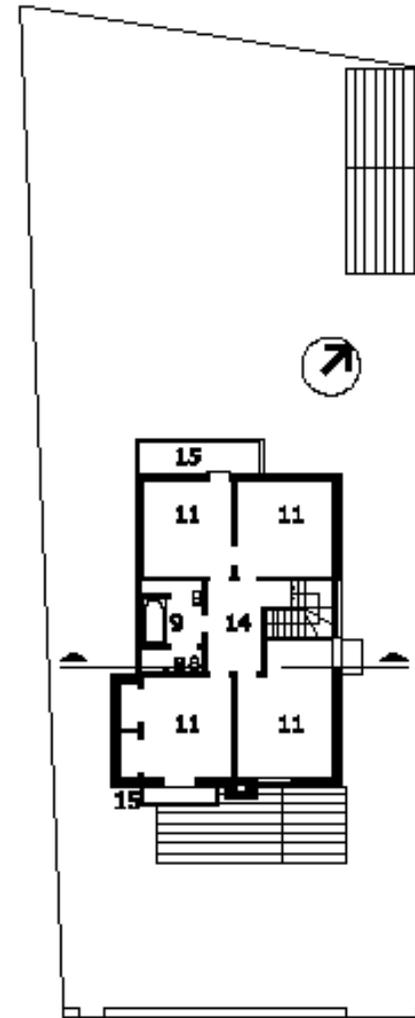
As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudeste (frontais) e noroeste (posteriores).

Fontes:

IRIGOYEN (2002), PMSP



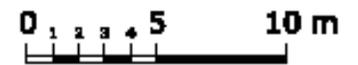
RUA ATLÂNTICA
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

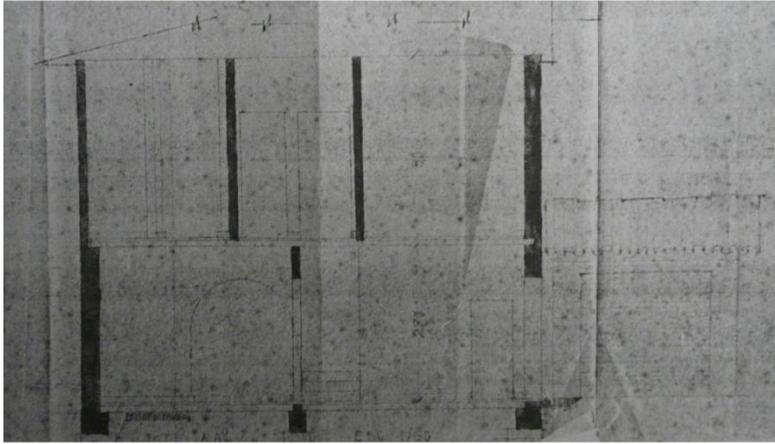
LEGENDA

- 1 TERRAÇO COBERTO
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 VESTÍBULO
- 5 ARMÁRIO
- 6 COPA
- 7 COZINHA
- 8 SALA DE COSTURA
- 9 SANITÁRIO
- 10 LAVANDERIA
- 11 DORMITÓRIO
- 12 GARAGEM
- 13 GALINHEIRO
- 14 "HALL"
- 15 TERRAÇO

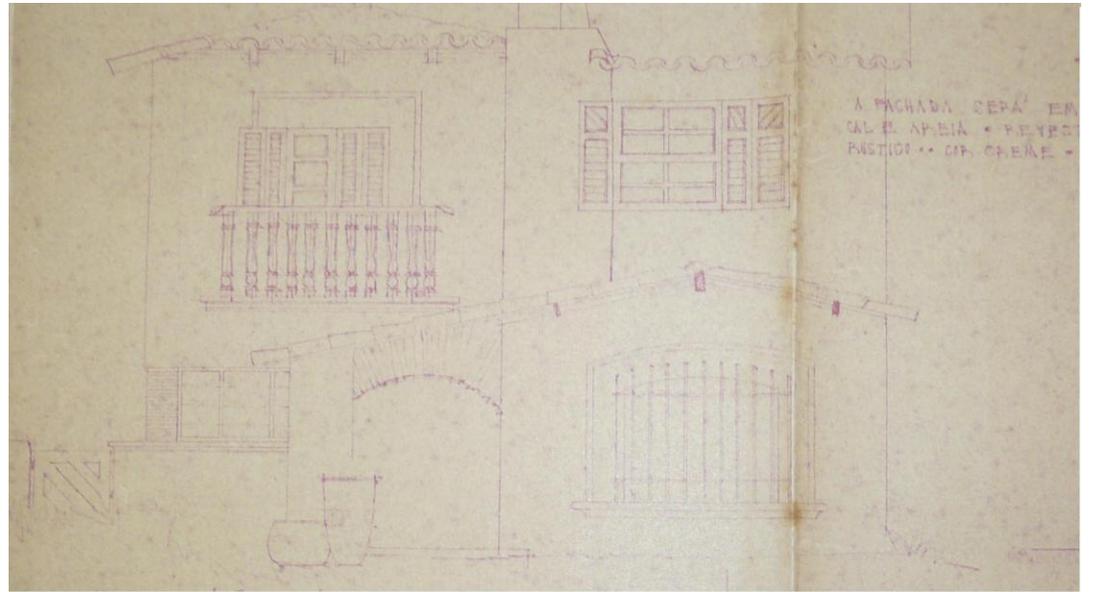


ESCALA GRÁFICA

CASA AURÉLIO PEREIRA LIMA



CORTE



ELEVAÇÃO PRINCIPAL

Casa Bertha Gift Steiner:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Antônio das Chagas, 124a, esquina com rua Francisco de Moraes, Chácara Santo Antônio

Situação atual: existente, alterada, conservada e adaptada para escola infantil

Área do terreno: 800m²

Área de construção: 100m²

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso e distribuição, sala de estar com lareira e sala de jantar num único ambiente, cozinha, depósito, 3 dormitórios e um sanitário. Tanque externo. Não há abrigo para auto.

A construção é térrea, de aspectos formais com referências às casas "USONIA" de Frank Lloyd Wright, com perímetro de planta regular, praticamente quadrada (10 x 10m) implantada no centro da metade frontal do lote retangular de esquina com 20 x 40m. Executada em alvenaria portante, a casa é revestida externamente em tijolos de barro aparente pintados de branco. O telhado de quatro águas originalmente coberto por telhas de barro e madeiramento apoiado nas alvenarias, com um pequeno "prolongo" sobre o acesso social, teve as telhas originais substituídas por peças de cimento amianto.

O acesso principal original à residência se dá lateralmente se considerarmos a frente da casa para a rua Antônio das Chagas. Um tanque para lavar roupas está locado externamente à parede da cozinha / depósito. O muro de divisa foi alterado, o acesso à escola infantil existente é feito pela rua Francisco de Moraes.

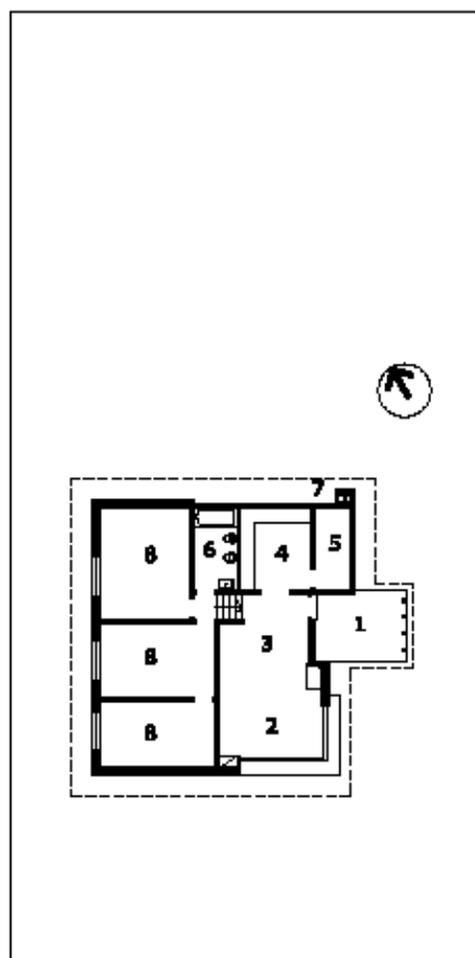
Os dormitórios e o sanitário estão situados a meio nível abaixo do piso das salas. A circulação se dá pelos ambientes e pela pequena escada entre os dois níveis de piso.

As janelas dos dormitórios são orientadas para noroeste (lateral esquerda).

“Na casa Bertha Gift Steiner (1940), é possível descobrir um novo ingrediente: a composição centrífuga melhor resolvida na primeira casa Vilanova Artigas (1942), onde a lareira atua como pivô. Ela permite uma leitura dinâmica da casa, relegando a idéia de uma frente principal para dar lugar a uma idéia de fachadas múltiplas (...) esta é também uma preocupação constante em Wright, cujas casas USONIA não oferecem a noção clássica de fachada. As decisões de projeto respondem à questões climáticas e funcionais, sendo freqüentes as fachadas cegas.” (IRIGOYEN, 2002)

Fontes:

IRIGOYEN (2002), OHTAKE (2003), THOMAS (1993), FERRAZ (1997), PMSP.



RUA ANTÔNIO DAS CHAGAS
PLANTA PAV. TÉRREO

LEGENDA

- 1 TERRAÇO COBERTO DE ACESSO
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 COZINHA
- 5 DESPENSA
- 6 SANITÁRIO
- 7 ÁREA DE SERVIÇOS
- 8 DORMITÓRIO

0 1 2 3 4 5 10 m

ESCALA GRÁFICA

CASA BERTHA GIFT STEINER



VISTA DAS FACHADAS PARA AS DUAS RUAS

(foto: Fundação Vilanova Artigas – acervo FAU-USP)



VISTA DA FACHADA PARA RUA ANTÔNIO DAS CHAGAS

(foto mmp)

Casa Duílio Marone - 1 (duas unidades lado a lado):

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Bastos Pereira, 40 e 54

Situação atual: uma demolida, uma existente, a de nº 40, bem alterada e abandonada

Processo Prefeitura nº 072.005/1940

Área do terreno: 72m² cada um

Área de construção: 279m², sendo 128 no piso térreo, 116 no pavimento superior e 35 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável Duílio Marone, e os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva (para cada casa):

Térreo: garagem frontal, terraço de acesso coberto, vestíbulo, sala de estar, sala de jantar, armário, cozinha, despensa ligada à cozinha, sanitário externo e área de serviços.

Pavimento superior: três dormitórios e um sanitário.

As duas casas tinham plantas idênticas e foram construídas em lotes contíguos, cada um com medidas de 9 x 28m, retangulares e planos. As construções tinham aspectos formais ecléticos, de plantas

mínimas, com perímetros regulares nos corpos principais, mas com dois “apêndices”: entre estes e a rua, o volume da garagem e nos fundos, perpendicular à fachada posterior, três cômodos que correspondiam às despensas, sanitários externos e tanque coberto. Pode-se arriscar que há referências tímidas ao *American System-Built Homes*, de Wright.

As fachadas eram revestidas em tijolos de barro. Como seguiam o mesmo critério de outras casas projetadas nesse período, os tijolos eram “à vista” e pintados de branco (ou creme), à base de cal. Eram, provavelmente, casas para a venda ou locação.

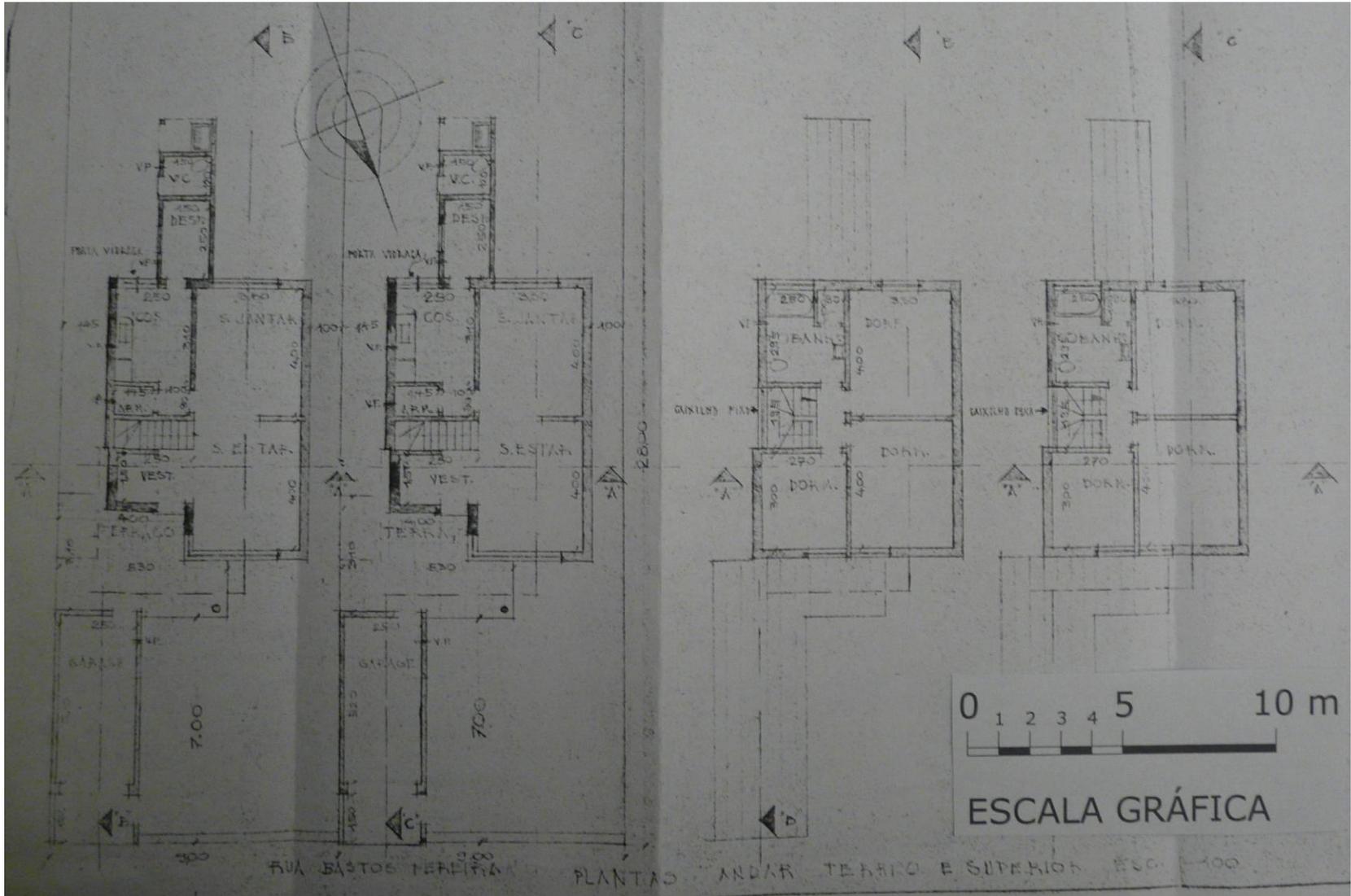
As coberturas dos corpos principais eram em telhas de barro com madeiramento apoiado nas paredes estruturais das edificações. Os volumes anexos tinham cobertura plana, provavelmente laje.

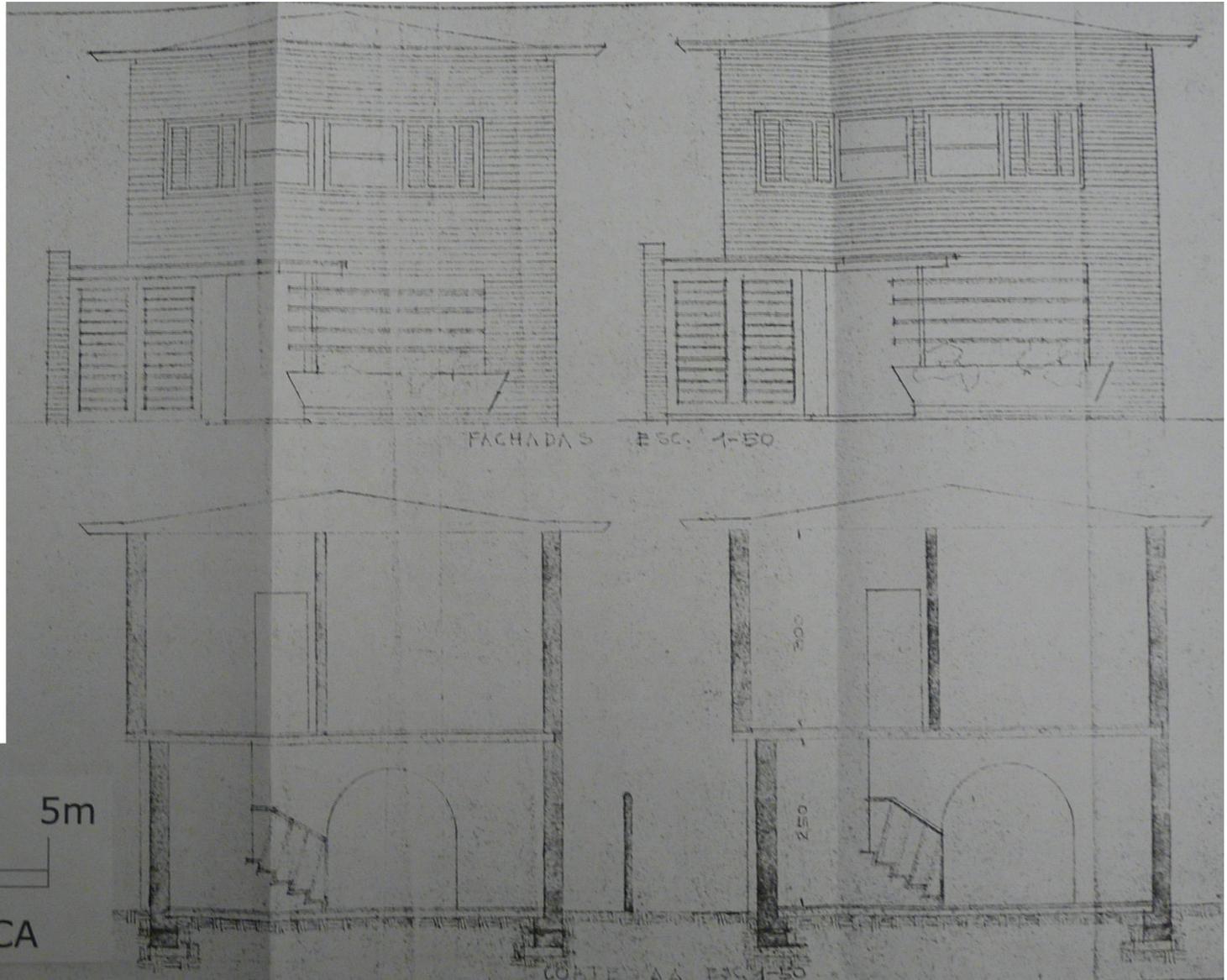
As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorriam por pequenas áreas concentradas junto às escadas, que eram os únicos meios de circulação vertical. Estas escadas tinham comunicação direta com os vestíbulos do acesso.

As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para nordeste e as dos fundos, para sudoeste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP







VISTA DA FACHADA DA CASA EXISTENTE

(foto mmp)

Casa Fernando Bebiano Barreto Henriques - 1:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: avenida Rebouças, 120 – 122, Cerqueira Cesar

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 0.030.880/1940, habite-se em 05/03/1941

Área do terreno: 400m²

Área de construção: 253m², sendo 135 no piso térreo, 100 no pavimento superior e 18 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico J.B. Vilanova Artigas, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: varanda coberta de acesso em “L”, duas salas de estar, uma com lareira, sala de jantar, sanitário, cozinha e pequena área de serviços externamente junta a parede da cozinha.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário e pequeno terraço nos fundos.

Edícula: garagem, dormitório de empregado e sanitário.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro irregular, era centralizada em lote retangular (dimensões de 10 x 40m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e detalhes em tijolos de barro, aparentes. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto (varanda).

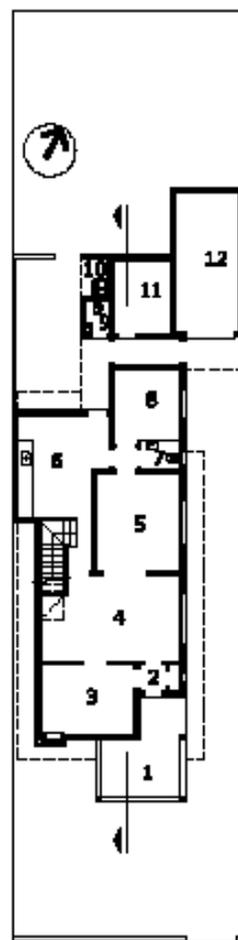
Havia edícula térrea, no canto direito do terreno, nos fundos junto a casa, que abrigava garagem de automóvel, dormitório de empregado e pequeno sanitário. O acesso se dava pela passagem lateral direita da casa.

As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenas áreas concentradas junto à escada principal, que era o único meio de circulação vertical existente. Esta escada não tinha comunicação direta com o vestíbulo do acesso social da residência.

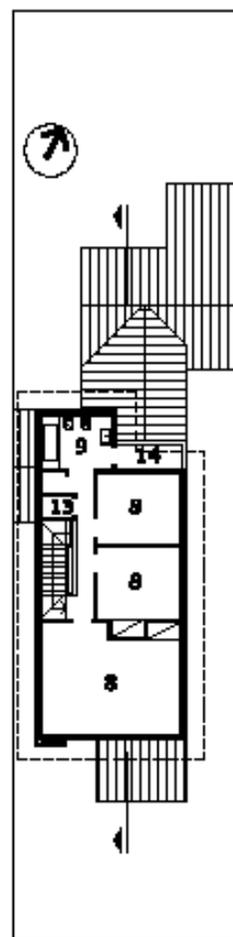
As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudeste (frontal) e nordeste (lateral direita).

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



AVENIDA REBOUÇAS
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

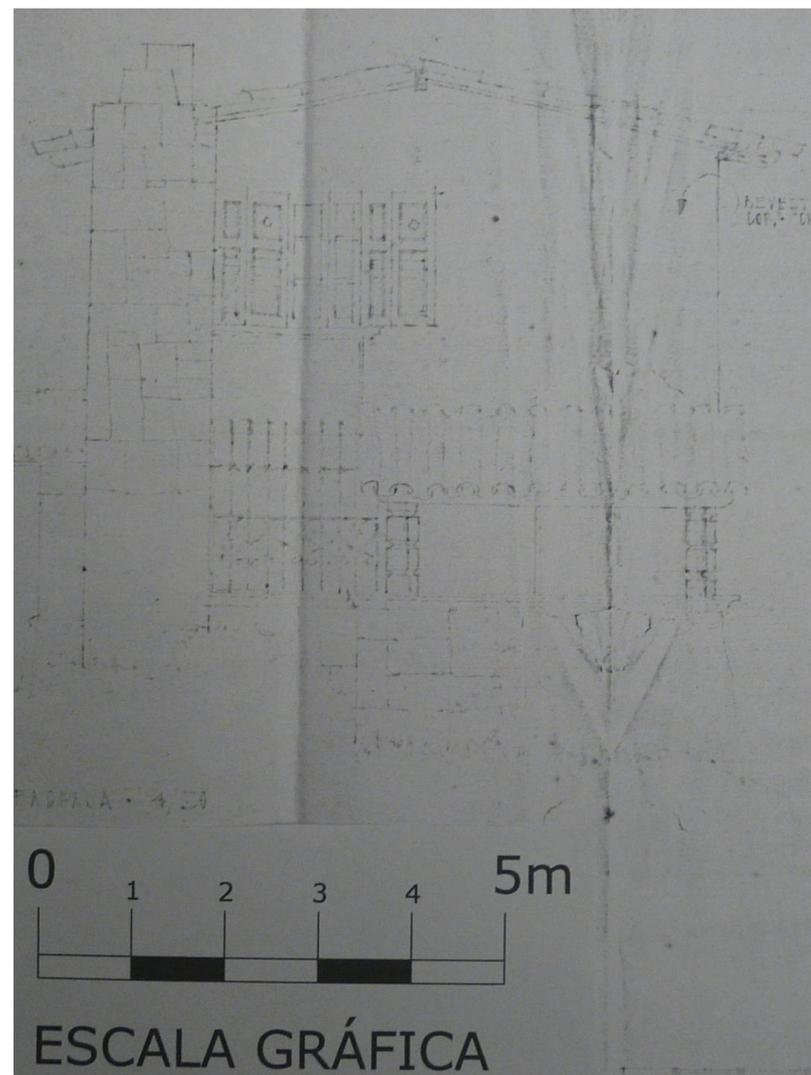
- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 VESTÍBULO
- 3 ESCRITÓRIO
- 4 SALA DE ESTAR
- 5 SALA DE JANTAR
- 6 COZINHA
- 7 LAVABO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 SANITÁRIO
- 10 ÁREA DE SERVIÇO
- 11 DORMIT. EMPREGADA
- 12 GARAGEM
- 13 ROUPEIRO
- 14 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m

ESCALA GRÁFICA

CASA FERNANDO BEBIANDO BARRETO HENRIQUES - 1

ELEVAÇÃO PRINCIPAL



Casa Fernando Bebiano Barreto Henriques - 2:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: avenida Santo Amaro, 351, Vila Nova Conceição

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 85.134/1940 com habite-se em 07/10/1941

Área do terreno: 242,6m²

Área de construção: 168m², sendo 88 no piso térreo, 64 no pavimento superior e 16 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável J.B. Vilanova Artigas, e engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, armário e cozinha.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário e um terraço coberto com acesso a um dos quartos.

Edícula: garagem, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços coberta.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos entre o neoclássico e o neocolonial e perímetro irregular, era centralizada na metade frontal do lote de planta trapezoidal (dimensões aproximadas de 15,5 x 49 m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e painéis ou detalhes em tijolos de barro aparente. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava pela lateral direita, via terraço coberto (varanda).

Havia edícula térrea, no canto esquerdo do terreno junto à divisa lateral, que abrigava garagem de automóvel. O acesso se dava pela passagem lateral esquerda da casa.

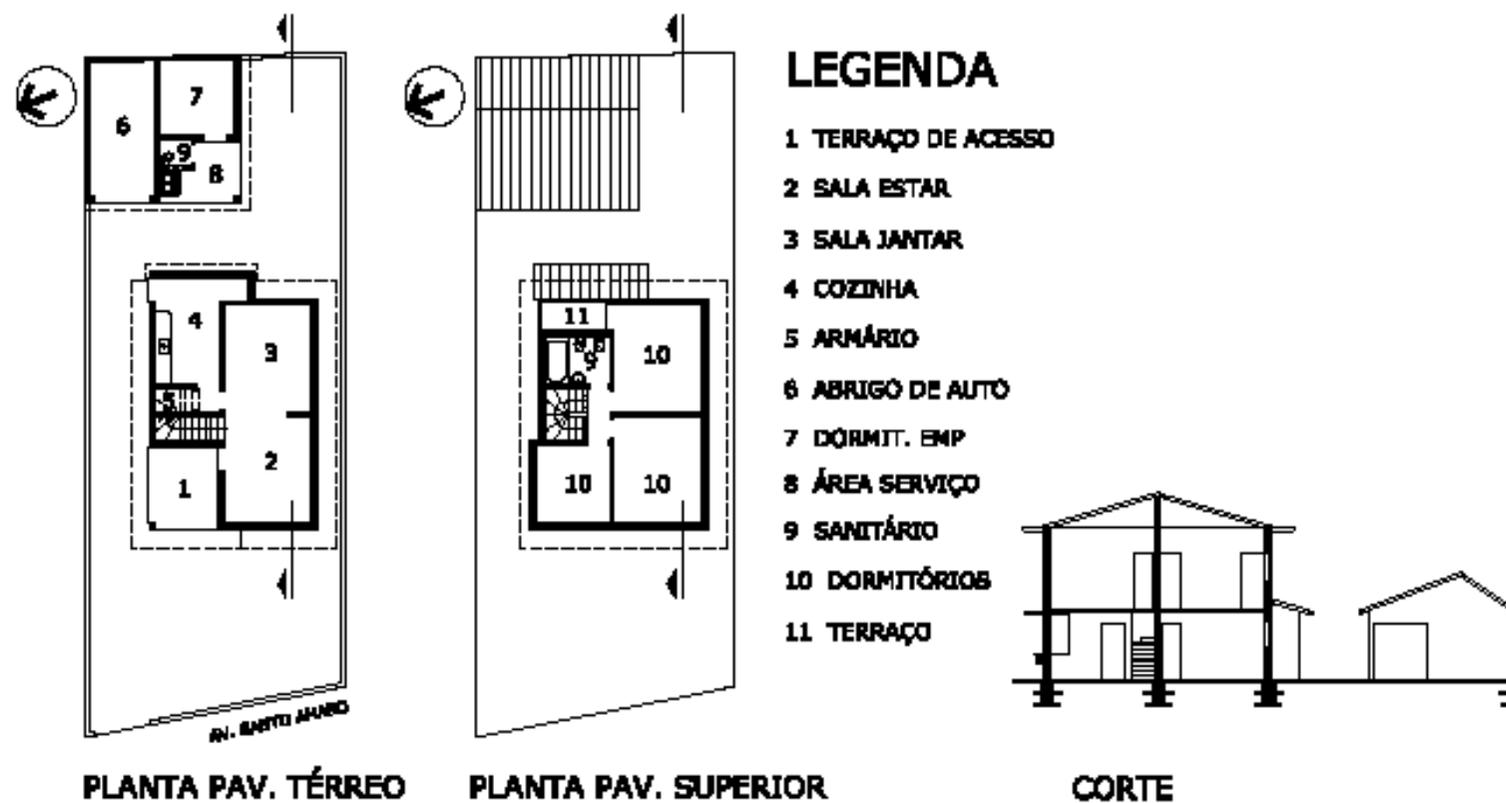
Um volume térreo e pequeno, como uma extensão posterior do corpo principal, abriga dependências de empregado e serviços.

As conexões horizontais entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenos corredores junto à escada principal, que era o único meio de circulação vertical existente. Esta escada não tinha comunicação com o vestíbulo no térreo.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontais) e noroeste (lateral esquerda).

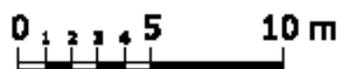
Fontes:

MIGUEL (2003), PMSP



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA JANTAR
- 4 COZINHA
- 5 ARMÁRIO
- 6 ABRIGO DE AUTO
- 7 DORMIT. EMP
- 8 ÁREA SERVIÇO
- 9 SANITÁRIO
- 10 DORMITÓRIOS
- 11 TERRAÇO



ESCALA GRÁFICA

CASA FERNANDO B.B. HENRIQUES - 2



FACHADA PRINCIPAL

Casa Genulfo Máximo de Carvalho:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Clélia, 237, Vila Romana

Situação atual: existente, alterada para instalações comerciais

Processo Prefeitura nº 93.341/1940

Área do terreno: 200m²

Área de construção: 174m², sendo 99 no piso térreo, 75 no pavimento superior

Nos desenhos do projeto legal para aprovação junto a prefeitura paulistana, Artigas assina como construtor responsável e pela Marone e Artigas como engenheiros responsáveis.

Análise descritiva:

Térreo: garagem, terraço coberto de acesso, duas salas, copa, cozinha, despensa ligada à cozinha, “hall” de serviço, sanitário externo e pequena área de serviços.

Pavimento superior: três dormitórios (um com terraço), vestíbulo (sic), e um sanitário.

Construção modesta em dois pavimentos executada em terreno de classe média em loteamento à época considerado “zona suburbana”, conforme documentos legais para obtenção do alvará de construção.

A casa foi implantada praticamente centralizada no lote de 8 x 25m, respeitando os 4 m de recuo frontal, com o pavimento térreo encostado na divisa lateral direita e a parte frontal do pavimento superior nas duas divisas laterais, configurando, em parte, cobertura para o terraço e garagem lateral adjacente ao mesmo.

Aspectos formais ecléticos com revestimento externo em argamassa de cal, cimento e areia, com pintura. Cobertura do corpo principal em duas águas com quedas para as partes frontais e posterior do lote. O bloco que abriga copa, cozinha e dependências de serviços é em volume menos e térreo, com telhado em uma só água com caimento da divisa lateral direita para dentro do terreno.

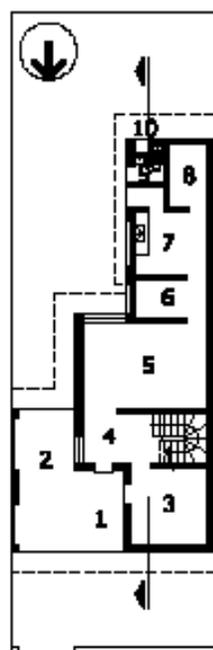
Um pequeno nicho nos fundos da construção menor, abriga tanque de lavar de roupas e a ventilação permanente do sanitário externo.

As conexões horizontais entre os ambientes internos do pavimento térreo eram feitas pelos ambientes ou próximo à escada, que era o meio de circulação vertical existente. No superior, a circulação entre os ambientes era feita pelo “hall” (vestíbulo) junto à escada.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para norte (frontais) e sul (posterior).

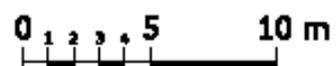
Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP

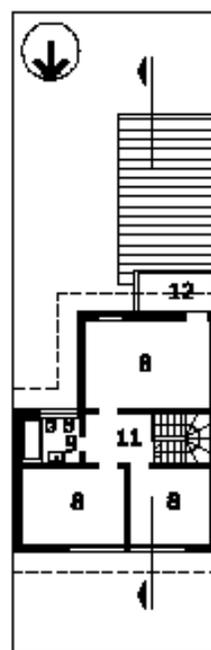


RUA CLÉLIA

PLANTA PAV. TÉRREO



ESCALA GRÁFICA



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 EMBARQUE/DESEMBARQUE / ABRIGO DE AUTO
- 3 SALA
- 4 VESTÍBULO
- 5 SALA DE ESTAR
- 6 COPA
- 7 COZINHA
- 8 DESPENSA
- 9 SANITÁRIO
- 10 ÁREA DE SERVIÇO
- 11 "HALL"
- 12 TERRAÇO

CASA GENULFO MÁXIMO DE CARVALHO



VISTA FRONTAL (foto mmp)

Casa Hermann Hugo Sheyer:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Antônio das Chagas, 247, esquina com rua Vitorino de Moraes, Chácara Santo Antônio

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 1147/193/1940 e substituído por nº 2942/193/1940

Área do terreno: 1560m²

Área de construção: 160m², sendo 75 no piso térreo, 65 no pavimento superior e 20 para a edícula.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico o engenheiro Duílio Marone, e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, cozinha e dormitório.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário e terraço coberto.

Edícula: garagem, tanque de lavar roupas e sanitário.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro regular, junto com a edícula, foi implantada no quadrante inferior esquerdo do lote retangular de grandes dimensões (40 x 39m). Executada em alvenaria portante, era revestida externamente em tijolos de barro aparentes pintados com cal na cor branca. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto (varanda).

O acesso à edícula, que ficava encostada na divisa lateral esquerda, se dava pela passagem lateral deste lado da casa.

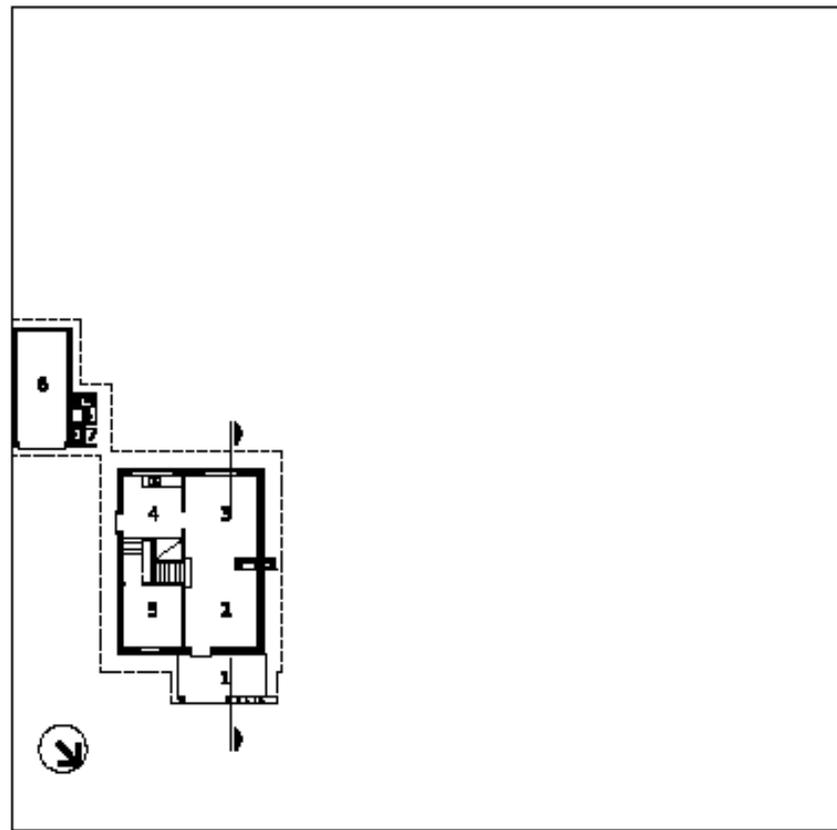
Um pequeno telheiro junto ao corpo da casa, nos fundos, abrigava tanque para lavagem de roupas e outros serviços.

A circulação horizontal entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria por pequenas áreas concentradas junto à escada, esta o único elemento de circulação vertical entre os andares.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para nordeste (frontal), noroeste (lateral direita) e sudoeste (posteriores).

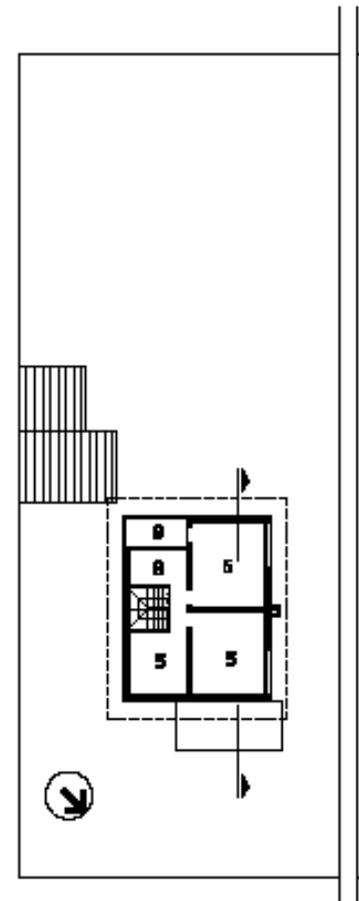
Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



RUA ANTÔNIO DAS CHAGAS
PLANTA PAV. TÉRREO

RUA VITORINO DE MORAES



PLANTA PAV. SUPERIOR

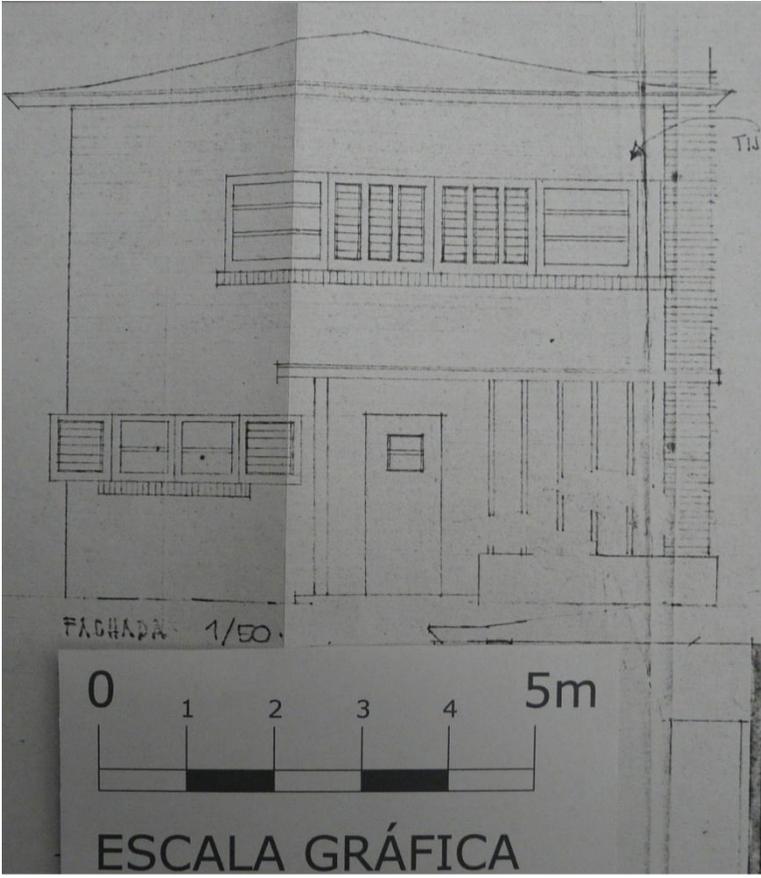
LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTA
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 COZINHA
- 5 DORMITÓRIO
- 6 GARAGEM
- 7 -AREA DE SERVIÇO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m

ESCALA GRÁFICA

CASA HERMANN HUGO SCHEYER



Casa Max Dreifuss:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Antônio das Chagas, 252, Chácara Santo Antônio

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura iniciado sob nº 2386/1940, substituído por 2943/1940, habite-se em 28/02/1941

Área do terreno: 760m²

Área de construção: 64m²,

No projeto legal consta como técnico responsável o engenheiro Duílio Marone, e os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: pequena varanda coberta de acesso, sala de estar com lareira, cozinha, um dormitório e sanitário. Tanque para lavagem de roupas do lado externo. Não havia abrigo de automóvel projetado.

A construção simples em um único pavimento centralizada em lote retangular com 19 x 40m, desmembrado do original maior que tinha 50 metros no alinhamento e 30 de profundidade na porção lateral ao lote “definitivo” da construção. Residência contemporânea às de Bertha Gift Steiner e Hermann Hugo Sheyer, construídas na mesma

rua, também apresenta características formais idênticas àquelas, com referências às casas “USONIA” de Frank Lloyd Wright. Executada em alvenaria portante com tijolos de barro aparentes externamente, mas com acabamento em pintura branca a base de cal. O telhado em duas águas, com beirais pequenos, excetuando-se o frontal, era composto de telhas de barro e madeiramento apoiado sobre as paredes.

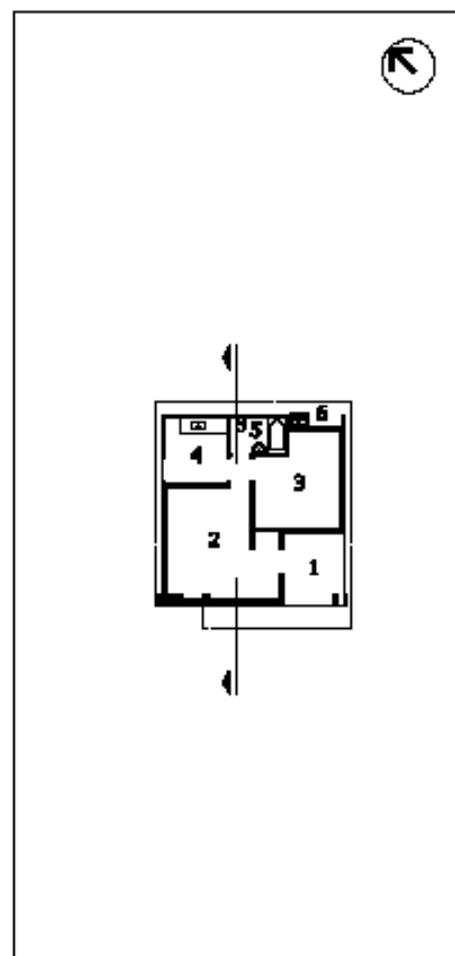
A área de serviços se resume a um nicho com tanque nos fundos da casa, atrás do dormitório e ao lado do sanitário, dentro do perímetro virtual da planta praticamente quadrada com 8m de lado e protegido pelo beiral do telhado desta.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes sociais, e pequeno “hall” de distribuição comum a todos os ambientes internos.

O dormitório tem janela orientada para sudeste (lateral direita).

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



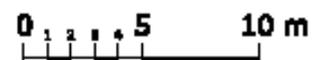
RUA ANTÔNIO DAS CHAGAS
PLANTA PAV. TÉRREO

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 ESCRITÓRIO
- 4 SALA JANTAR
- 5 COZINHA
- 6 SANITÁRIO
- 7 ÁREA SERVIÇO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 TERRAÇO

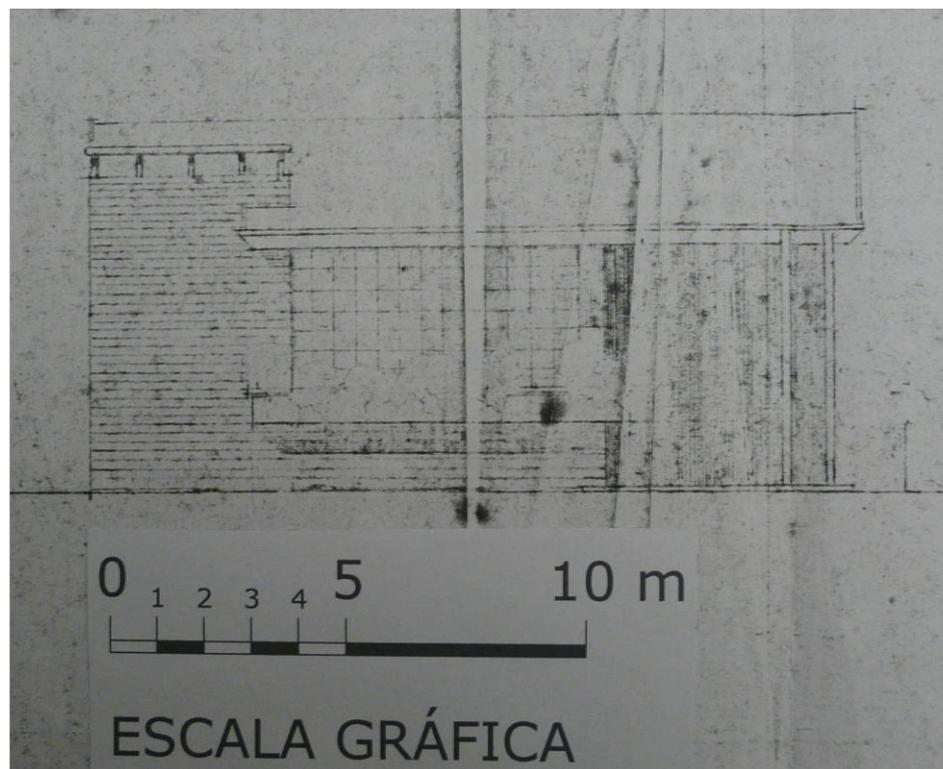


CORTE



ESCALA GRÁFICA

CASA MAX DREIFUSS



ELEVAÇÃO PRINCIPAL

Casa Ruy Martins Ferreira:

Ano de projeto / construção: 1940

Endereço: rua Conselheiro Torres Homem, 479, Jardim Paulista

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 81.903/1940, habite-se em 18/10/1941

Área do terreno: 440,70 m²

Área de construção: 282m², sendo 170 no térreo, 92 no pavimento superior e 20 da garagem

No projeto legal consta como técnico responsável o engenheiro Duílio Marone, e os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, escritório, sala de estar com lareira, sala de jantar, sala de costura, lavabo, copa e cozinha.

Superior: três dormitórios, um toucador, rouparia e banheiro.

Edículas: uma no recuo de fundo, à direita no próprio terreno, como garagem. Outra, no terreno vizinho da esquerda, com acesso voltado para a casa principal, com área de serviços e dormitório e sanitário de empregada.

A construção com programa mais elaborado e extenso do que outras casas do mesmo ano. A casa de dois pavimentos tem planta regular retangular, com dois volumes bem definidos para o corpo principal: um, frontal e térreo, abrigando terraço de acesso, escritório e sala de estar. O volume com dois pavimentos com ligação direta com o primeiro, abriga o restante do programa e um acesso social secundário na lateral direita, entre a sala de jantar e o corredor de passagem de automóvel. A edificação encontra-se implantada centralmente no lote retangular (11,30 x 39m) respeitando recuo de 8,30m do alinhamento. O revestimento externo é em argamassa de cal, cimento e areia com pintura originalmente na cor creme claro. Alguns panos da alvenaria do volume frontal térreo são revestidos em pedras.

Duas edículas foram construídas para esta casa. Uma abriga a garagem, com acesso pelo corredor lateral direito com 2,55m de largura. A outra, curiosamente, está implantada no terreno vizinho à esquerda, também no recuo de fundo. O lote provavelmente é do mesmo proprietário, porém com outra construção grande, como a principal deste lote contíguo. O acesso se dá somente pela lateral da edícula encostada na divisa entre os dois lotes voltada para a primeira casa.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes sociais, e pequeno “hall” de distribuição junto à sala de costura, copa e lavabo. No superior, há corredor de interligação entre os ambientes e a escada de acesso. Esta, o elemento de circulação vertical.

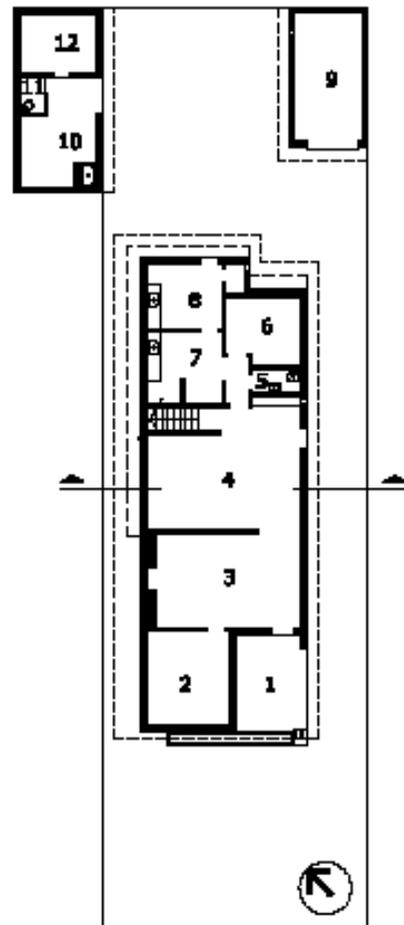
O dormitório frontal e o toucador tem janelas orientadas para o nordeste. O quarto de lateral direita, janela que se abre para o noroeste. No dormitório voltado para os fundos do lote, a janela se abre para o sudoeste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP

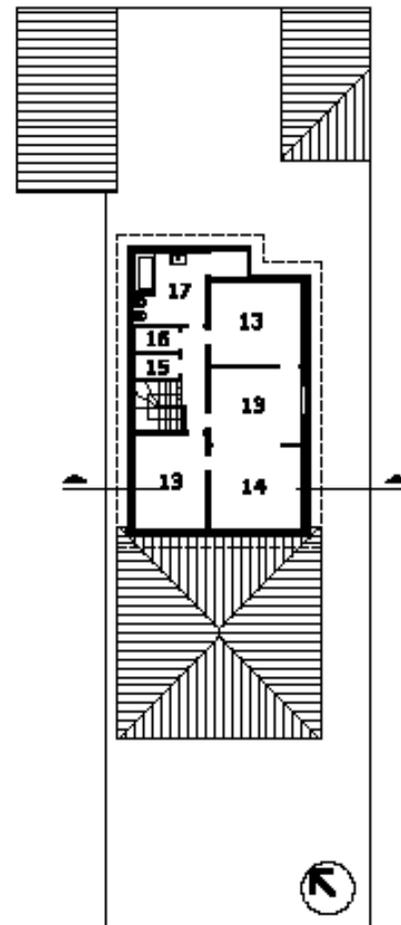


VISTA FRONTAL (foto mmp)



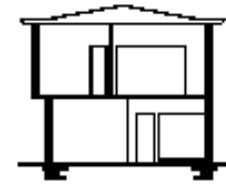
RUA CONS. TORRES HOMEM

PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

CASA RUY MARTINS FERREIRA



CORTE

0 5 10 m

ESCALA GRÁFICA

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACSO
- 2 ESCRITÓRIO
- 3 SALA ESTAR COM LAREIRA
- 4 SALA JANTAR
- 5 LAVABO
- 6 SALA COSTURA
- 7 COPA
- 8 COZINHA
- 9 GARAGEM
- 10 ÁREA SERVIÇOS
- 11 SANIT. EMP.
- 12 DORMIT. EMP.
- 13 DORMITÓRIO
- 14 TOUCADOR
- 15 ARMÁRIO
- 16 ROUPEIRO
- 17 SANITÁRIO

1941

Casa Amelie Elisa Celestine Morin Glover:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Henrique Martins, 273, Ibirapuera

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 54.149/1941, habite-se em 08/04/1942

Área do terreno: 429m² (11 x 39m)

Área de construção: 219m², sendo 128 no piso térreo, 72 no pavimento superior e 19 para a garagem.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico, J. B. Vilanova Artigas e a firma construtora, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal de acesso em “L”, coberto, sala de estar com lareira, chapeleira, sala de jantar, corredor de circulação isolando parcial e visualmente a parte social da cozinha e escada de acesso aos dormitórios. Em volume térreo anexo à casa principal, dormitório e sanitário de empregada. Na passagem em “L” entre estes volumes, um tanque de lavar roupas encaixado na parede posterior da cozinha configura uma área de serviços.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário e um armário.

Edícula: garagem com acesso pela lateral esquerda da casa, via corredor com 2,45m de largura.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais wrightianos e perímetro irregular, era centralizada no lote retangular, pois parte da lateral direita no térreo, correspondente à cozinha e ao volume baixo de serviços, encostava na divisa deste lado. A casa era executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em tijolos de barro aparentes. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava pela lateral direita, via terraço coberto em “L”, que cobria parcialmente a frente e a lateral direita da casa, protegendo a porta.

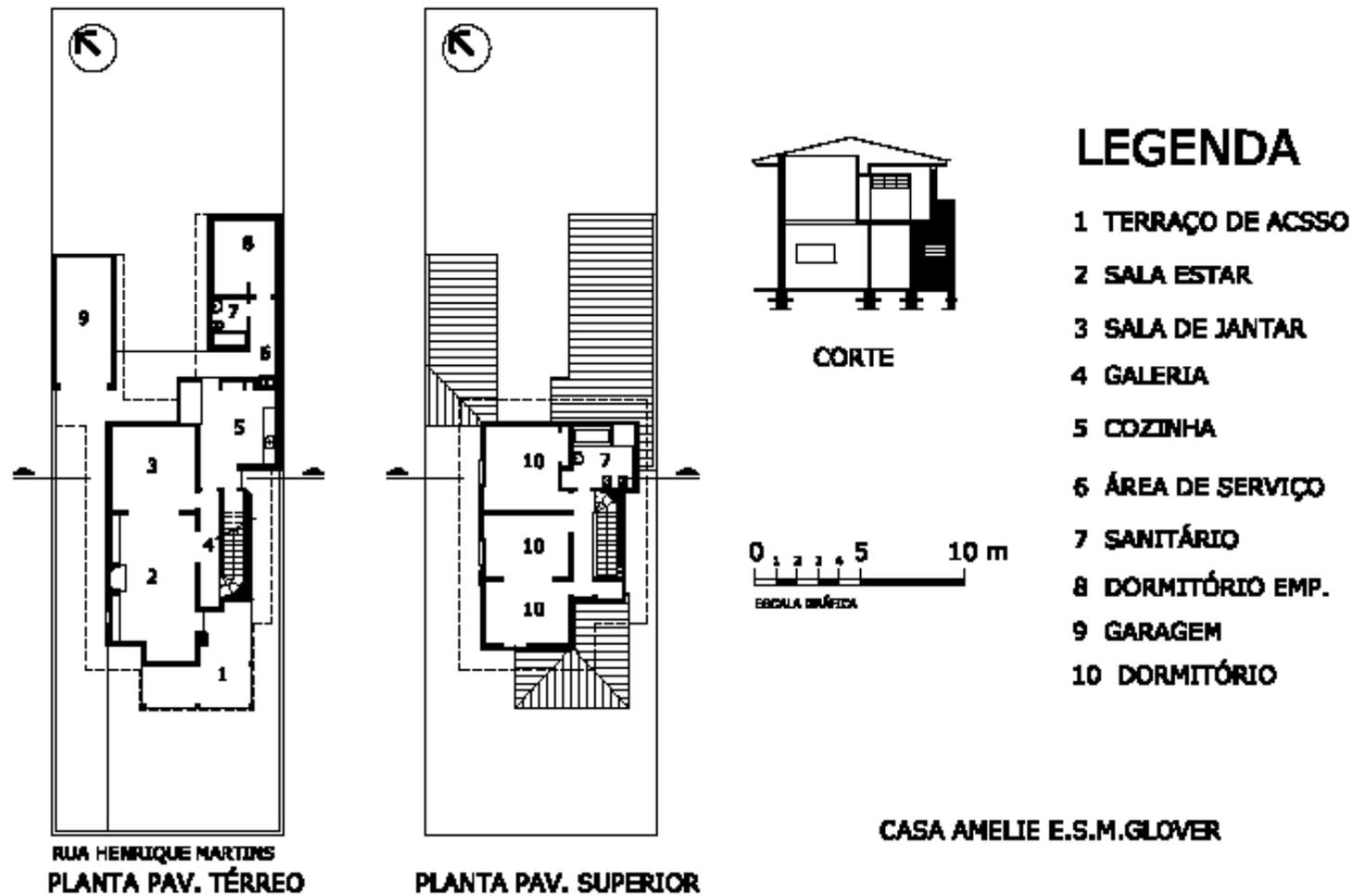
A edícula térrea que abrigava somente garagem, era encostada na lateral esquerda do terreno, em lado oposto ao volume de serviços.

As conexões horizontais no térreo se davam pelos ambientes e pela circulação paralela a escada e às salas. No superior outro corredor paralelo a escada era local de passagem e ligação entre os cômodos. A escada, com armário sob a mesma, era o elemento de circulação vertical entre os andares na parte assobradada da casa.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontal) e noroeste (lateral esquerda).

Fontes:

IRIGOYEN (2002), PMSP





DESENHO DA FACHADA E FOTOS DA CASA (fotos mmp)



Casa Eduardo Cunha:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Fradique Coutinho, 97, Pinheiros

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 36.401/1941, habite-se em 27/10/1941

Área do terreno: 425m² (8,5 x 50m)

Área de construção: 131m², sendo 77 no piso térreo, 54 no pavimento superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável, Duílio Marone e a firma responsável pela obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal coberto com pergolado e que pode servir de garagem, sala de estar com lareira, sala de jantar, copa e cozinha.

Pavimento superior: dois dormitórios (o posterior com terraço), um sanitário.

Edícula: dormitório e sanitário de empregada com acesso por pequeno "hall" e tanque de lavar roupas nos fundos da edícula.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro regular, era parcialmente centralizada na metade frontal do lote retangular, já que parte da lateral direita no térreo encostava na divisa deste lado e executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e detalhes em lâminas de pedra (ou tijolos aparentes) como no volume da chaminé da lareira. O pavimento superior era afastado da lateral direita em um metro e da esquerda em 1,40m. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto que podia ser utilizado como garagem. Este volume era em estrutura de madeira constituído de vários pilares e vigas alinhados e em sequência, formando “pergolado”. Não aparentava ser coberto.

A edícula térrea estava encostada somente à lateral direita do terreno e distava três metros da casa principal.

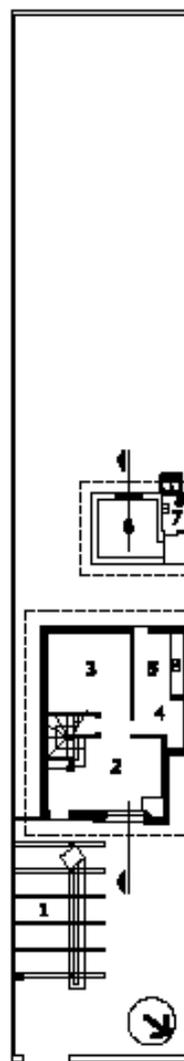
As conexões horizontais no térreo se davam por pequeno “hall” ao pé da escada, sob a qual ficava um armário. No superior, junto a escada, outro pequeno “hall” era o espaço para circulação entre os cômodos, exceto para o terraço dos fundos, acessível pelo dormitório adjacente.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para nordeste (frontal) e sudoeste (fundos).

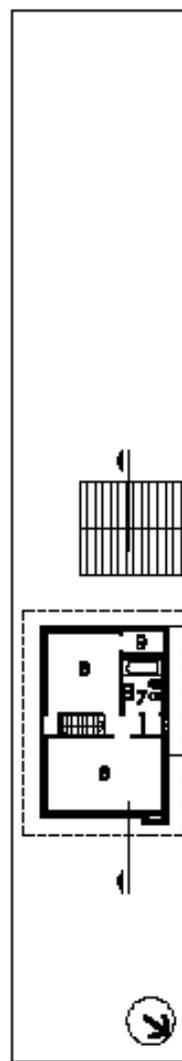
Perto de 60% da área do lote estava sem edificação alguma.

Fontes:

IRIGOYEN (2002), PMSP



PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

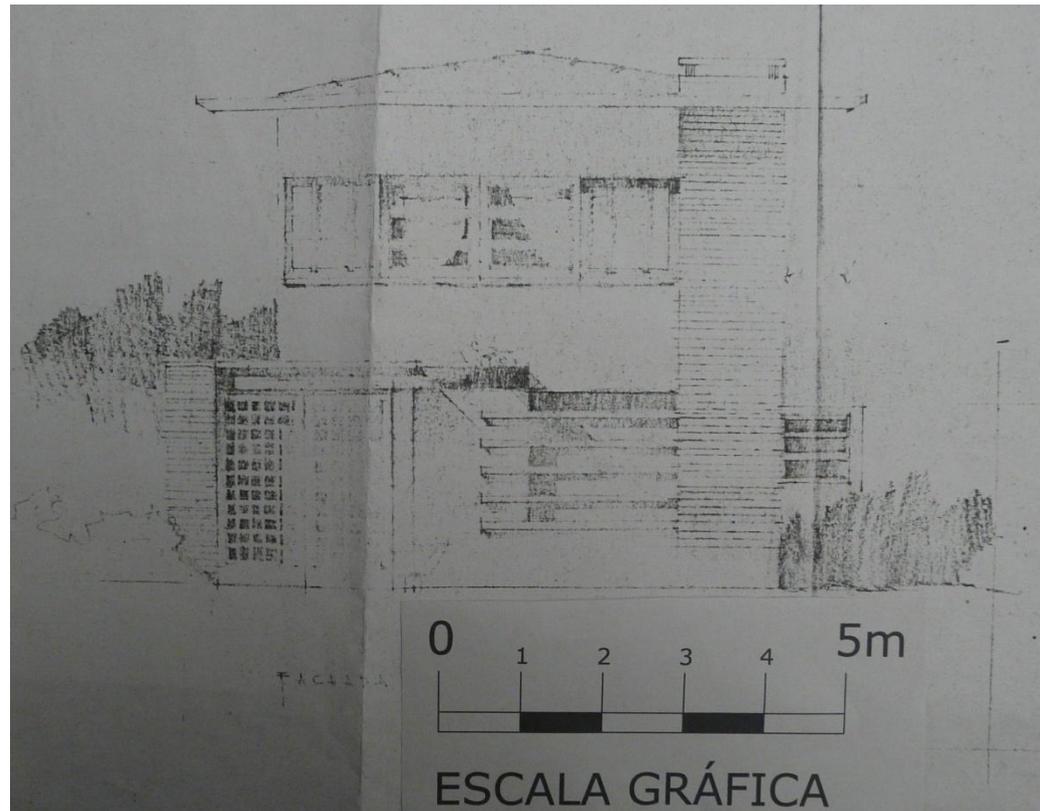
- 1 GARAGEM - ABRIGO/ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA JANTAR
- 4 COPA
- 5 COZINHA
- 6 DORMIT. EMP.
- 7 SANITÁRIO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 TERRAÇO



CORTE



CASA EDUARDO CUNHA



FACHADA PRINCIPAL

Casa Fernando Bebiano Barreto Henriques - 3:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: avenida Santo Amaro, 357, Vila Nova Conceição

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura: original nº 73.765/1941, pedido para construção anexa a casa principal nº 82.321/1941. Habite-se em 23/05/1942.

Área do terreno: 226,06m² [10,00(al) x 22,10(ld) x 9,85(f) x 23,80m (le)].

Área de construção: 152m². 76 no pavimento térreo, 60 no superior e garagem com 16m².

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável, J. B. Vilanova Artigas e engenheiros projetistas e construtores, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, copa e cozinha.

Superior: três dormitórios, o posterior com acesso a terraço, um sanitário.

Edícula: térrea, com garagem, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços sob a mesma cobertura.

Bloco principal assobradado e de perímetro regular, de aspectos formais ecléticos, e alguma referência ao neocolonial, com arcos plenos marcando acesso ao terraço do térreo e caixilho da sala de estar sobre floreira. A casa está implantada no lote praticamente centralizada no sentido longitudinal. Dista 1,00m do lado esquerdo e 2,40m da divisa lateral direita. A casa foi executada em alvenaria portante, com revestimento externo em tijolos de barro aparentes nas paredes do térreo. Argamassa e pintura na faixa de paredes no pavimento superior. A cobertura era em telhas de barro de “desenho colonial” (peças grandes em capa e canal separadas) sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes e aparente nos beirais.

Um largo corredor na lateral esquerda do lote é acesso à garagem situada na edícula implantada no canto posterior esquerdo do terreno.

A circulação horizontal era pelos ambientes no térreo, sem definição clara de corredor de passagem, porém com as portas e passagens entre ambientes muito próximas umas das outras e da escada. No pavimento superior, há pequeno “hall” com acesso a todos os ambientes junto à “chegada” da escada, exceto ao terraço externo.

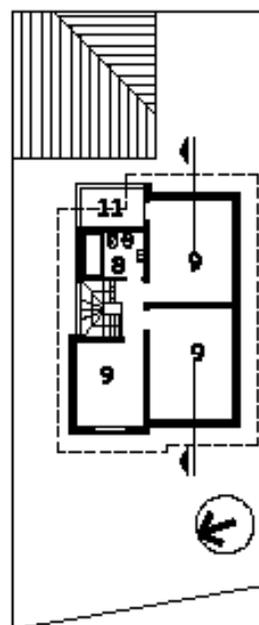
As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para oeste e a do dormitório dos fundos, para leste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



AV. SANTO AMARO
PLANTA PAV. TÉRREO

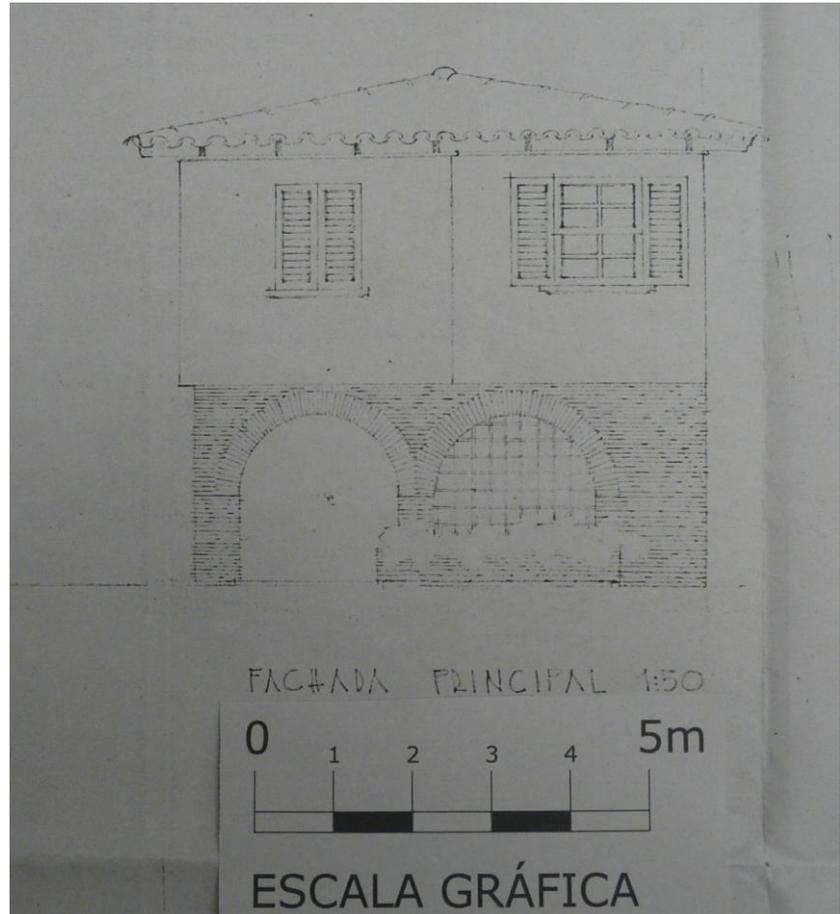


PLANTA PAV. SUPERIOR



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 DESPENSA
- 5 COPA
- 6 COZINHA
- 7 ÁREA DE SERVIÇO
- 8 SANITÁRIO
- 9 DORMITÓRIO
- 10 GARAGEM
- 11 TERRAÇO



Casa Francisco Franco Teixeira:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Tumiarú, 298, Ibirapuera

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 64.079/1941. Habite-se em 01/07/1942.

Área do terreno: 388m² (10,00 x 38,80m)

Área de construção: 166m², 97 no pavimento térreo, 69 no superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico, J. B. Vilanova Artigas e engenheiros projetistas e construtores, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: abrigo de automóvel, terraço frontal coberto de acesso, vestíbulo, sala de estar, sala de jantar, nicho com lavatório no acesso a cozinha, armário sob escada, cozinha. Em volume anexo e térreo, "hall" de circulação, sanitário e dormitório de empregada, área de serviços

Superior: três dormitórios, um sanitário e terraço com acesso pelo sanitário.

No bloco principal de planta irregular e de aspectos formais ecléticos e com traços de uma arquitetura colonial mexicana devido aos arcos

no terraço de acesso, molduras decorativas na janela de um dos dormitórios e implantação. Esta foi executada de modo a deixar a casa praticamente centralizada no lote regular e plano, afastada das divisas em respeito aos recuos obrigatórios por lei, mas com o abrigo de automóvel encostado na lateral direita e coberto com telhado de telhas de barro e madeiramento estrutural aparente. No desenho da fachada principal constante na folha do projeto legal, o caixilho indicado para a sala de estar é ainda uma janela com duas folhas com venezianas que se abrem para fora e duas partes internas em madeira e vidro com funcionamento em guilhotina para abrir e fechar.

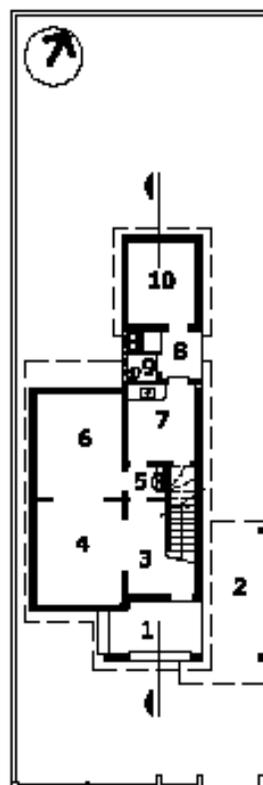
A circulação horizontal se dava pelos ambientes no térreo, após o vestíbulo de acesso que também era o ponto inicial para subida na escada, que dava de topo para a porta principal. Entre as dependências de empregada e serviços, a circulação poderia ser feita por pequeno "hall" coberto de distribuição acessível pela cozinha ou corredor lateral direito. No pavimento superior, um pequeno "hall" era elemento de distribuição da circulação entre os cômodos.

O abrigo de automóvel estava situado na lateral direita, encostado ao terraço de acesso social da casa e ao muro de divisa.

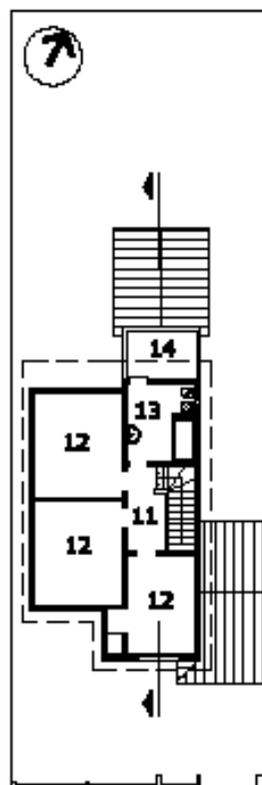
As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para sudeste e a do dormitório dos fundos, para noroeste.

Fontes:

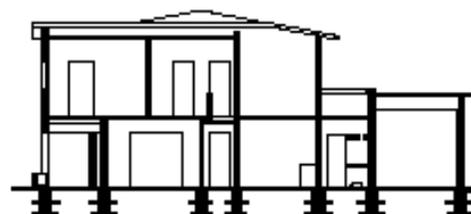
RIBEIRO (2001), PMSP



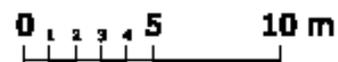
RUA TUMIARÓ
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE

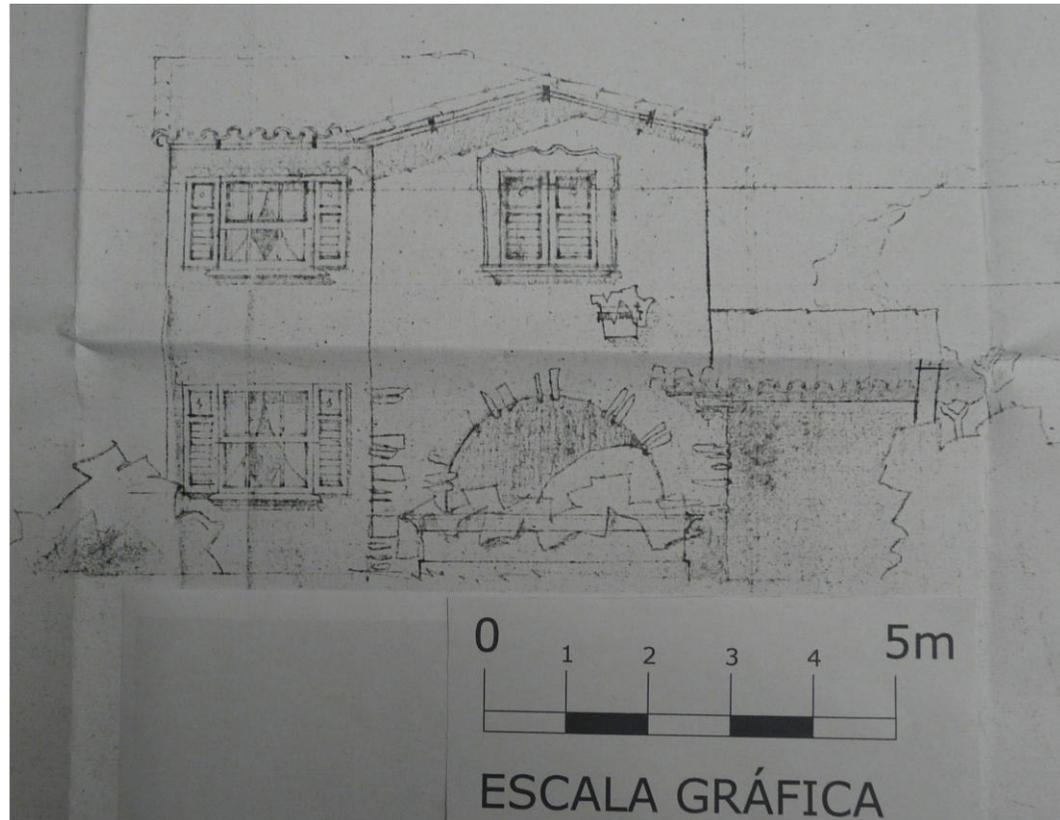


ESCALA GRÁFICA

LEGENDA

- 1 TERRAÇO COBERTO DE ACESSO
- 2 ABRIGO DE AUTO
- 3 VESTÍBULO
- 4 S. ESTAR
- 5 LAVATÓRIO
- 6 S. JANTAR
- 7 COZINHA
- 8 ÁREA SERVIÇO
- 9 SANITÁRIO
- 10 DORMIT. EMP.
- 11 CIRCULAÇÃO
- 12 DORMITÓRIOS
- 13 SANITÁRIO
- 14 TERRAÇO

CASA FRANCISCO FRANCO TEDXEIRA



FACHADA PRINCIPAL

Casa Herculano Quadros:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Chile, 788, Jardim Paulista

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 0.083.319/1941. Habite-se em 20/10/1941.

Área do terreno: 448,41m² (19,17(al) x 31,64(ld) x 10,28 (f) x 30,14m(le).

Área de construção: 235m², 127 no pavimento térreo, 88 no superior e 20m² na garagem.

Duílio Marone assina como técnico responsável e Marone & Artigas como engenheiros construtores e projetistas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal coberto de acesso, sala de estar com lareira, acesso social principal lateral, vestíbulo, sala de jantar, lavabo, copa e cozinha.

Superior: três dormitórios, um com toucador (o dos fundos) um sanitário e terraço com acesso pelo toucador.

Edícula: térrea com garagem, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços coberta e galinheiro.

Bloco principal praticamente centralizado no lote de planta trapezoidal e em declive em relação à rua de acesso. Construção em alvenaria portante de tijolos de barro com aspectos formais ecléticos e implantação com perímetro irregular. Revestimentos externos das alvenarias em argamassa com pintura e alguns elementos de detalhes em pedras, basicamente nos cantos do terraço de acesso e da sala de estar. Fachada principal indica algumas referências ao neocolonial, como janela em arco e com pequeno terraço num dos dormitórios do pavimento superior.

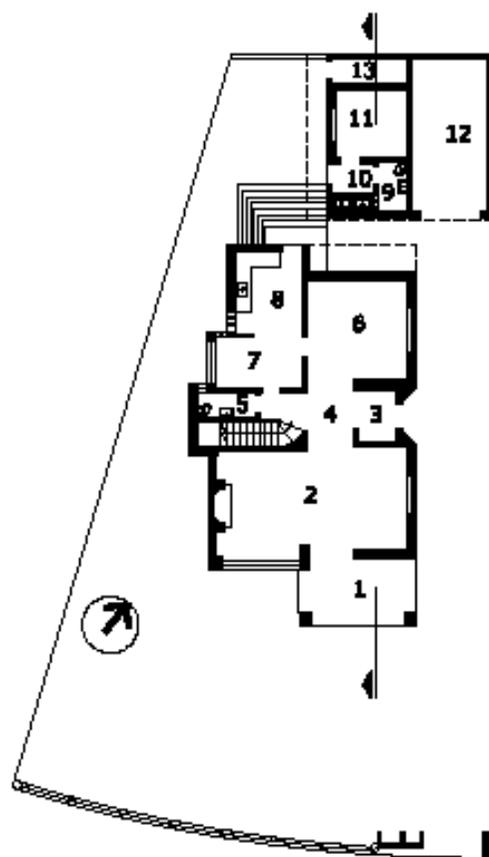
Tendo o vestíbulo como elemento de recepção e despedida das pessoas pelo acesso principal e lateral, a circulação horizontal no térreo dava-se basicamente pelos ambientes e pelo “hall” centralizado na planta, entre o vestíbulo e a escada. No pavimento superior, o “hall” em frente a escada fazia o elo de comunicação entre os dormitórios e o único banheiro que servia ao andar.

O abrigo de automóvel ficava na edícula implantada nos fundos do terreno, no recuo de fundo e no canto direito. O acesso era por corredor lateral com 3,00m de largura.

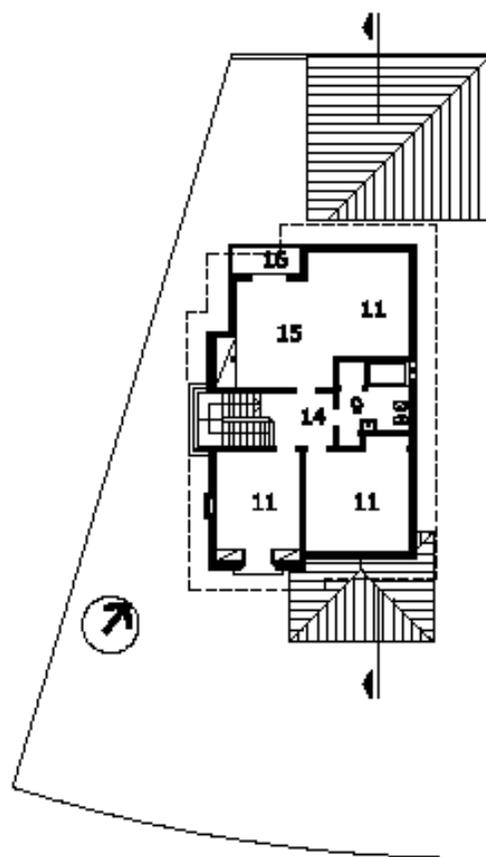
As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para sudeste e a do dormitório dos fundos, para noroeste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



RUA CHILE
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 ANTE CÂMARA / "HALL"
- 4 VESTÍBULO
- 5 LAVABO
- 6 SALA DE JANTAR
- 7 COPA
- 8 COZINHA
- 9 SANITÁRIO
- 10 LAVANDERIA
- 11 DORMITÓRIO
- 12 GARAGEM
- 13 GALINHEIRO
- 14 "HALL"
- 15 TOUCADOR
- 16 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m
ESCALA GRÁFICA

CASA HERCULANO QUADROS



FACHADA PRINCIPAL

Casa Luiz Antônio Leite Ribeiro - 1:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Turquia, 42 – Jardim Europa

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 66.704/1941

Área do terreno: 364,60m² [13,00(al) x 29,25(ld) x 12,00(f) x 29,10m (le)].

Área de construção: 195m². 100 no pavimento térreo, 75 no superior e garagem com 20m².

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico, J. B. Vilanova Artigas e engenheiros construtores e projetistas, Marone & Artigas. Como proprietário assina neste documento o Sr. João Batista Vilanova Artigas. Esta casa pode ter sido construída pelos sócios Marone e Artigas e vendida posteriormente ao Sr. Luiz. A. L. Ribeiro.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal coberto de acesso, sala de estar com lareira, terraço coberto com acesso ao jardim dos fundos do lote, chapeleira e armário sob escada, sala de jantar, copa e cozinha.

Superior: três dormitórios, um sanitário e terraço com acesso pelo sanitário.

Edícula: térrea, com garagem, galinheiro, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços neste volume sob a mesma cobertura.

No bloco principal assobradado e de perímetro regular, notamos alguma existência tímida de aspectos formais wrightianos das casas de campo (*prairie houses*), embora prevaleça a verticalidade sobre a horizontalidade desejada para aquelas “casas de pradaria”⁶⁹. A casa esta praticamente centralizada no lote, no sentido longitudinal, afastada 2,85m do lado esquerdo e 1,90m da divisa lateral direita. A casa era executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em tijolos de barro aparentes nas paredes do térreo. Argamassa e pintura na faixa de paredes no pavimento superior. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. Os beirais do telhado com inclinação suave eram longos e protegiam as janelas altas que se limitavam ao alto no forro em estuque dos beirais. Esse dispositivo, igualmente encontrado na casa Winslow, de F.L.Wright (PFEIFFER, 2004), torna as janelas “aberturas de uma divisória, em vez de buracos na parede”. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço coberto. Nos fundos, o terraço de proporções razoáveis, nos permite supor que o projetista vislumbrava alguma possibilidade de utilização dos jardins da casa como local de lazer e contemplação. Era outro ambiente que

⁶⁹ Casa de pradaria não deve ser entendido como termo generalizado empregado por Frank Lloyd Wright para casas de campo. Wright, quando referiu-se a esse termo, pensava num tipo de habitação que seria mais apropriada para a pradaria do *Midwest* nos arredores de Chicago e seus subúrbios. (PFEIFFER, 2004)

poderia abrigar várias atividades, embora aberto dos lados, mas protegido pelo pavimento superior.

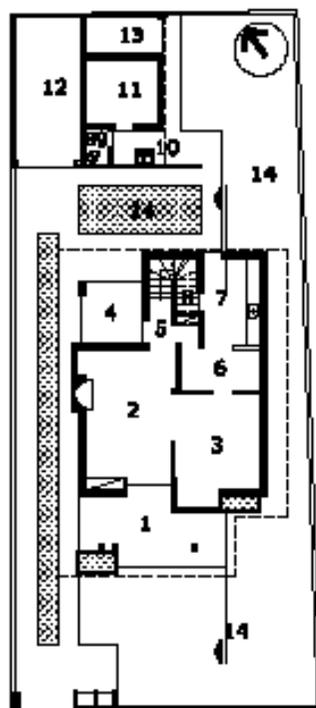
A circulação horizontal se dava pelos ambientes no térreo, sem definição clara de corredor de passagem. No pavimento superior, há pequeno “hall” no prolongamento virtual da escada, com acesso a todos os ambientes exceto ao terraço externo.

A garagem no canto esquerdo posterior do lote tinha acesso pelo corredor largo na lateral esquerda da casa principal, para onde um dos lados abertos dos dois terraços eram orientados. Esse recurso poderia servir para eventual embarque e desembarque de passageiros em local protegido.

As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para sudoeste e a do dormitório dos fundos, para nordeste.

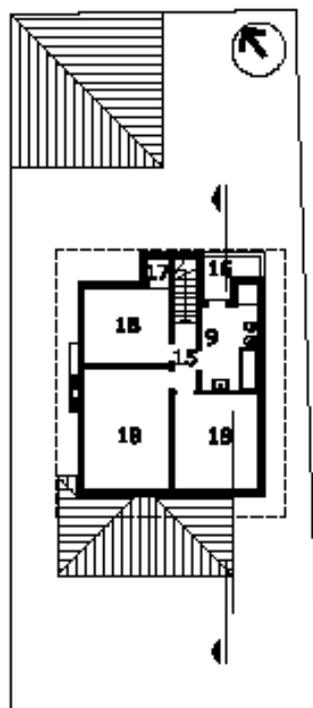
Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



RUA TURQUISA

PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE

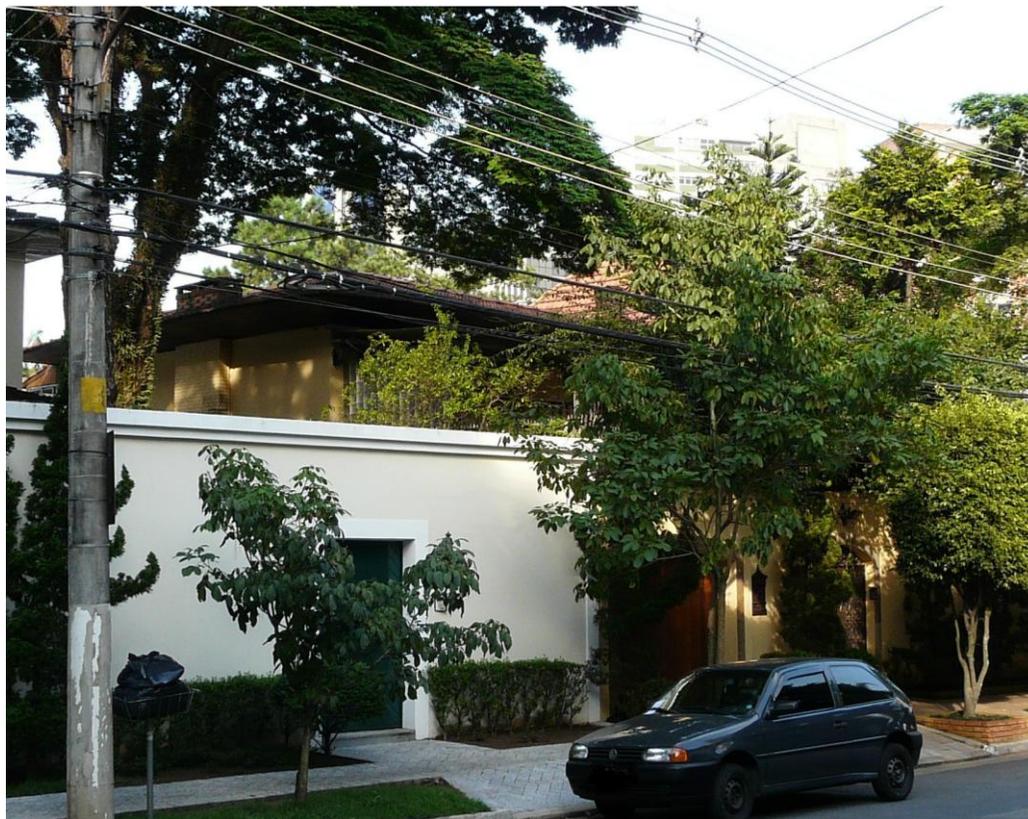


ESCALA GRÁFICA

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 SALA DE ESTAR COM LAREIRA
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 TERRAÇO DE ACESSO LATERAL
- 5 VESTÍBULO
- 6 COPA
- 7 COZINHA
- 8 ARMÁRIO / DESP.
- 9 SANITÁRIO
- 10 ÁREA DE SERVIÇO
- 11 DORMITÓRIO DE EMPREGADA
- 12 GARAGEM
- 13 GALINHEIRO
- 14 JARDIM
- 15 HALL
- 16 TERRAÇO DO SANITÁRIO
- 17 ARMÁRIO
- 18 DORMITÓRIO

CASA LUZ ANTÔNIO LEITE RIBEIRO - 1



VISTA FRONTAL (foto mmp)

Casa Luiz Aulicino:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 4469, Jardim Paulista

Situação atual: existente muito alterada para funcionamento de laboratório de análises clínicas

Processo Prefeitura: 0173292/1941. Habite-se em 13/10/1941.

Área do terreno: 500m² (10 x 50m).

Área de construção: 168m², sendo 90 no piso térreo, 60 no pavimento superior e 18 para a garagem.

Análise descritiva:

Térreo: terraço de acesso coberto e com pergolado frontal, sala de estar com lareira, sala de jantar com varanda abrindo para jardins dos fundos, copa / cozinha, despensa ligada à cozinha, sanitário e área de serviços externos, mas juntos ao corpo principal da casa.

Pavimento superior: dois dormitórios, um com terraço, uma sala ou estúdio e um sanitário.

Edícula: abrigo de automóvel.

Casa implantada na metade frontal do lote, com planta compacta e ambientes distribuídos em desníveis de meio pé-direito, o que pode ter sido influenciado pelo declive do terreno em relação à rua frontal, um lote regular, com frente de 10m e profundidade de 50m. Pode-se dizer que há referências ao *American System-Built Homes*, de Wright, embora a planta do térreo apresente o apêndice do sanitário externo junto com tanque de serviços, além de dois terraços, um frontal e outro posterior. O sistema estrutural era em alvenaria portante de tijolos de barro, deixados aparentes e, assim como as telhas de barro, podem ser referências à arquitetura organicista wrightiana.

As fachadas frontais são em tijolos de barro aparentes. Caso seguissem o mesmo critério de outras casas projetadas nesse período, os tijolos eram pintados de branco, à base de cal. Atualmente parte está aparente e na cor natural.

Os telhados eram em estrutura de madeira apoiada nas alvenarias e coberta com telhas de barro, tipo “de Marselha”, ou francesa.

Os ambientes eram distribuídos em meios-níveis interligados por pequenas escadas. No térreo, a sala de jantar e a cozinha com despensa ficavam na metade posterior do corpo da casa e no nível mais baixo em relação à sala de estar e terraço de acesso frontal. Entre o nível mais alto do pavimento superior, com os dois dormitórios, terraço e banheiro, acessado por um “desvio” da escada, ficava uma sala aberta, provavelmente de estudos ou outros afazeres domésticos. Na planta deste andar mais alto, no topo do telhado de uma água, frontal, uma interrupção do mesmo para permitir abertura de janelas. Uma laje sem acesso cobre esta parte do telhado.

O acesso à garagem situada nos fundos do lote, do lado direito, afastada aproximadamente 1,5m da divisa posterior, e encostada na lateral, era feito por corredor largo, com aproximadamente 2,65m de largura e para onde estavam voltadas as janelas e porta da copa e cozinha

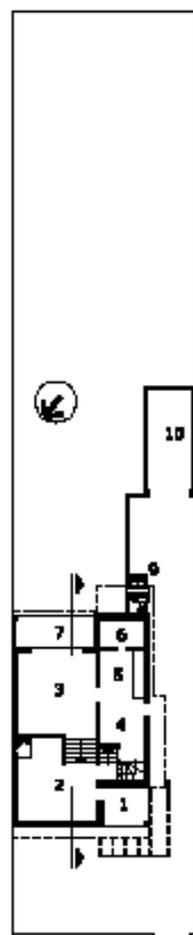
A janela do dormitório frontal era orientada para noroeste e a do posterior para sudeste. A “sala de estudos” possuía várias janelas, duas grandes orientadas para NE e NO e uma estreita, para SE.

Fontes:

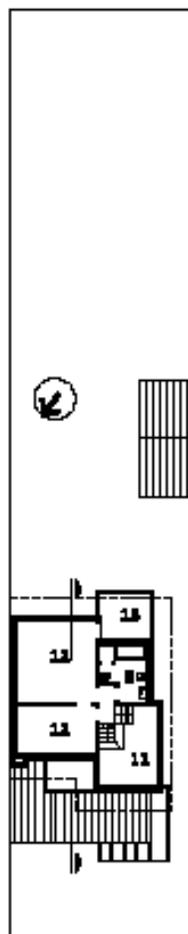
IRIGOYEN (2002), RIBEIRO (2001), PMSP



VISTA FRONTAL (foto mmp)



AV. BRUL. LUIZ ANTÔNIO
PLANTA PAV. TÉRREO



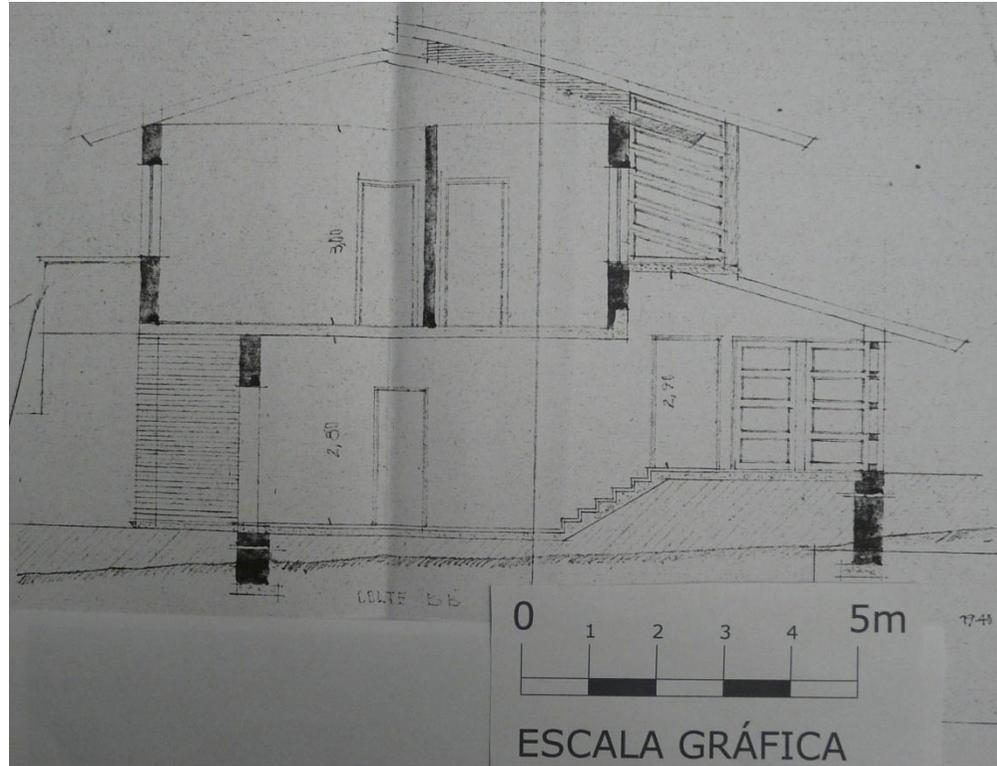
PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO FRONTAL
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 COPA
- 5 COZINHA
- 6 DESPENSA
- 7 TERRAÇO COBERTO
- 8 SANITÁRIO
- 9 ÁREA DE SERVIÇO
- 10 GARAGEM
- 11 ESTÚDIO
- 12 DORMITÓRIO
- 13 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m
ESCALA GRÁFICA

CASA LUIZ ALICINDO



CORTE

Casa Luiz Gonzaga Leme Monteiro:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Sarita Cyrillo, esquina com rua Claudina Silva (antiga rua das Magnólias), Jardim Paulista

Situação atual: demolida

Área do terreno: 280m²

Área de construção: aproximadamente 150m², sendo 80 no piso térreo e 70 no pavimento superior.

Análise descritiva:

Térreo: varanda frontal coberta de acesso, sala de estar com lareira, sala de jantar com terraço parcialmente coberto voltado para os jardins dos fundos, cozinha, sanitário e área de serviços externos.

Pavimento superior: dois dormitórios, um sanitário e pequeno terraço nos fundos, com acesso pelo sanitário.

Edícula: não há

Esta casa, aparentemente, foi a única construída de uma série de três projetadas para essa mesma rua, todas com referências as casas wrightianas do *American System-Built Homes*, dentre elas a disposição das salas formando espaço único. (IRIGOYEN, 2002, p 138). Esta casa de planta irregular era centralizada no terreno plano

e retangular (10 x 28m). Construída em alvenaria portante de tijolos de barro, era revestida externamente em argamassa e pintura branca, mas com alguns detalhes formando painéis em madeira (no caso acentuando a posição do caixilho do dormitório frontal. O telhado com beirais generosos e inclinação suave era em estrutura de madeira apoiada nas alvenarias e coberta com telhas de barro.

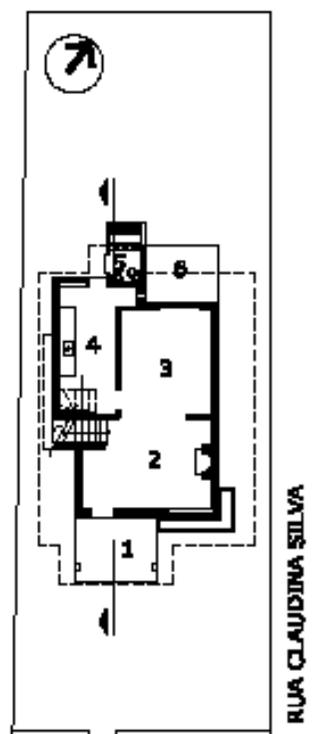
Há uma discrepância entre os desenhos da fachada original e o efetivamente construído, se compararmos o desenho da mesma a foto divulgada em publicações (IRIGOYEN, 2002). Nos desenhos o terraço aparece coberto com um pequeno telhado em três águas, enquanto o que aparece na foto é uma espécie de pergolado marcando o acesso social com uma parede revestida com plantas.

A circulação horizontal no térreo ocorria pelos ambientes, pois não havia claramente área definida para isso. No pavimento superior, um pequeno “hall” de aproximadamente 1 x 1m era o elemento de interligação entre os cômodos, exceto para acesso direto ao terraço do sanitário. A circulação vertical era feita por escada que ligava sala de estar com o “hall” do andar de cima e compunha um volume na fachada lateral, pois “projetava-se” para além da alvenaria deste ambiente e passava por dentro da cozinha, junto a uma das paredes.

A janela do dormitório frontal era orientada para sudeste e a do dormitório dos fundos, para nordeste (lateral direita).

Fontes:

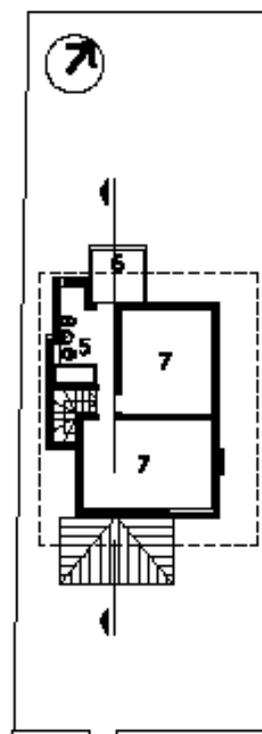
IRIGOYEN (2002), OHTAKE (2003), ACRÓPOLE (ano 16), PMSP



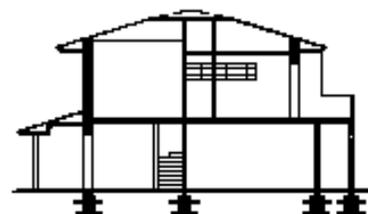
RUA SARITA CYRILLO

PLANTA PAV. TÉRREO

RUA CLAUDINA SILVA



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA JANTAR
- 4 COZINHA
- 5 SANITÁRIO
- 6 TERRAÇO
- 7 DORMITÓRIOS

CASA LUIZ G. L. MONTEIRO

Casa Nicolau Scarpa Jr:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Dr. Manuel Maria Tourinho, 91, Pacaembú

Situação atual: existente, bem conservada

Processo Prefeitura nº 0.031.355/1941, substituído por 66.703/1941

Área do terreno: 765,38m²

Área de construção: 404m², sendo 234 no piso térreo, 120 no pavimento superior e 50 para a edícula (garagem).

No projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, consta como técnico responsável o engenheiro Duílio Marone, e os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: vestíbulo de acesso e distribuição, sala de estar com terraço e com lareira, sala de jantar com terraço, copa, cozinha, despensa, dormitório com toucador e sanitário, dormitório e sanitário de empregada;

Pavimento superior: dois dormitórios, um sanitário, terraço.

Edícula: garagem, depósito, galinheiro e área de serviços no térreo. Dois dormitórios de empregada e um sanitário no pavimento superior.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais da arquitetura normanda e perímetro de planta irregular, foi implantada no meio do lote de formato trapezoidal [17 x 41,21 (le) x 43,65 (ld) x 13,46+6,98 (fundos)]. A área do pavimento superior tem perto de 1/3 da área do térreo. Executada em alvenaria portante, a casa é revestida externamente em argamassa, tijolos de barro aparente com alguns detalhes em madeira. A cobertura é em vários telhados e fragmentada, com forte inclinação das águas, com telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência e à edícula se dá lateralmente, via corredor externo no lado direito da casa com 3 metros de largura. A porta de acesso ao vestíbulo da casa é protegida por um terraço do pavimento superior.

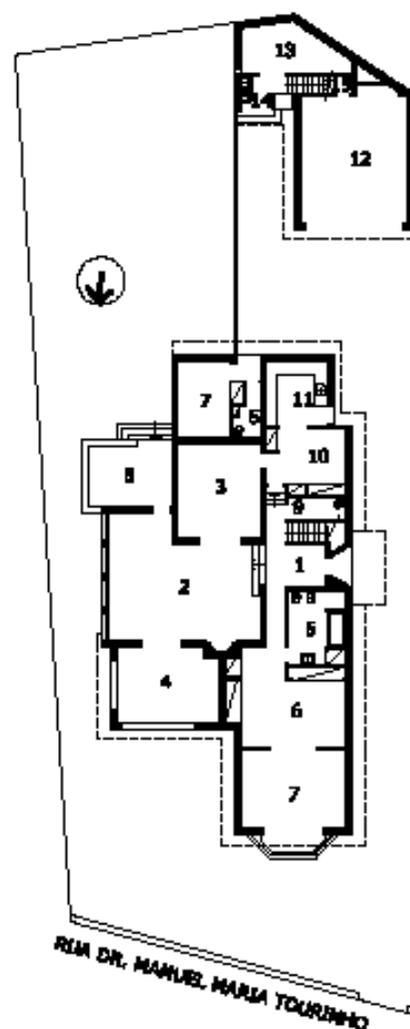
Há dependências de empregada sob a projeção do corpo principal da casa, somente com acesso externo e na edícula.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes e no pavimento superior por pequeno “hall” junto a escada. A vertical é feita por uma escada, que tem contato direto com o vestíbulo.

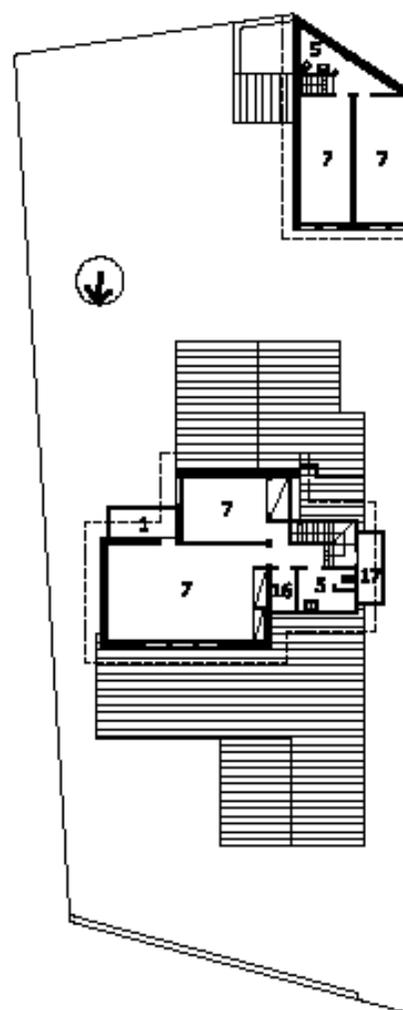
Os dormitórios tem janelas orientadas para norte (frontais) e leste (posterior).

Fontes:

IRIGOYEN (2002), OHTAKE (2003), PMSP



PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 VESTÍBULO
- 2 SALA DE ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 TERRAÇO
- 5 SANITÁRIO
- 6 TOCADOR
- 7 DORMITÓRIO
- 8 TERRAÇO DESCOBERTO
- 9 LAVABO
- 10 COFA
- 11 COZINHA
- 12 GARAGEM
- 13 GALINHEIRO
- 14 LAVANDERIA
- 15 DEPÓSITO
- 16 ROUPEIRO
- 17 TERRAÇO

0 1 2 3 4 5 10 m
ESCALA GRÁFICA

CASA NICOLAU SCARPA JR

RUA DR. MANUEL MARIA TOURINHO



VISTAS FRONTAL E LATERAL DIREITA (foto mmp)

Casa Roberto Lacaze:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: avenida Sumaré, 2172, Sumaré.

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 90.829/1941, habite-se em 10/04/1942

Área do terreno: 474,06m² [19,25(al) x 47,10(ld) x 0,88(f) x 49,40m (le)].

Área de construção: 95m² em pavimento térreo.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico, J. B. Vilanova Artigas e engenheiros construtores e projetistas, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal de acesso, sala com lareira e cozinha no mesmo patamar. Meio “pé-direito” acima, três dormitórios e sanitário.

A construção principal em um pavimento térreo, de aspectos formais wrightianos das casas de campo (*prairie houses*) e perímetro irregular, está centralizada na metade frontal e mais larga de lote em aclave em relação ao passeio público e com planta trapezoidal. A casa foi executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em tijolos de barro aparentes. A cobertura, em telhas de barro sobre

estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dá frontalmente, via terraço coberto. A implantação da casa foi feita em platô elevado aproximadamente a 2 metros em relação a rua de acesso e na parte da sala e cozinha. Os dormitórios estão implantados meio nível acima. Esse desnível era vencido por pequena escada.

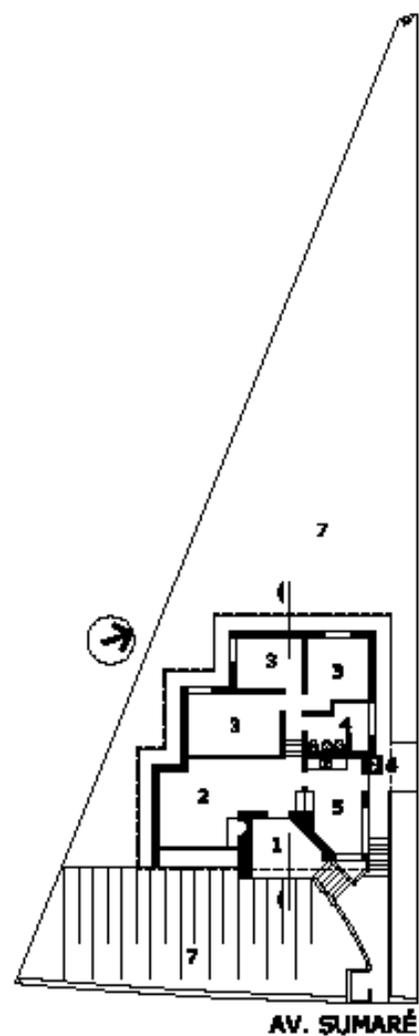
A circulação horizontal se dá pelos ambientes e, na área dos dormitórios, por pequeno “hall” no prolongamento virtual da escada de acesso à sala do patamar inferior.

As janelas dos dormitórios são orientadas para noroeste e sudoeste.

Ainda como propriedade da família Lacaze, houve acréscimo de área com a posterior construção de duas edículas nos fundos do lote e de um sanitário interno, alterando o volume externo da parte posterior esquerda da casa e do desenho do telhado. Posteriormente foi erguido muro alto no alinhamento, para “proteção” e como barreira acústica em função do excesso de ruídos do tráfego de veículos pela avenida Sumaré, além do acréscimo da entrada de automóveis, igualmente não prevista nos desenhos originais. Isto mudou o perfil e desenhos originais com pequeno portão e gradil no alinhamento que permitiam visuais totais da casa implantada em nível mais alto em relação ao passeio. Os portões dos acessos de veículo e pedestres são em madeira maciça, igualmente altos, impedindo a visão interna.

Fontes:

MIGUEL (2003), BRUAND (2005), PMSP



PLANTA PAV. TÉRREO



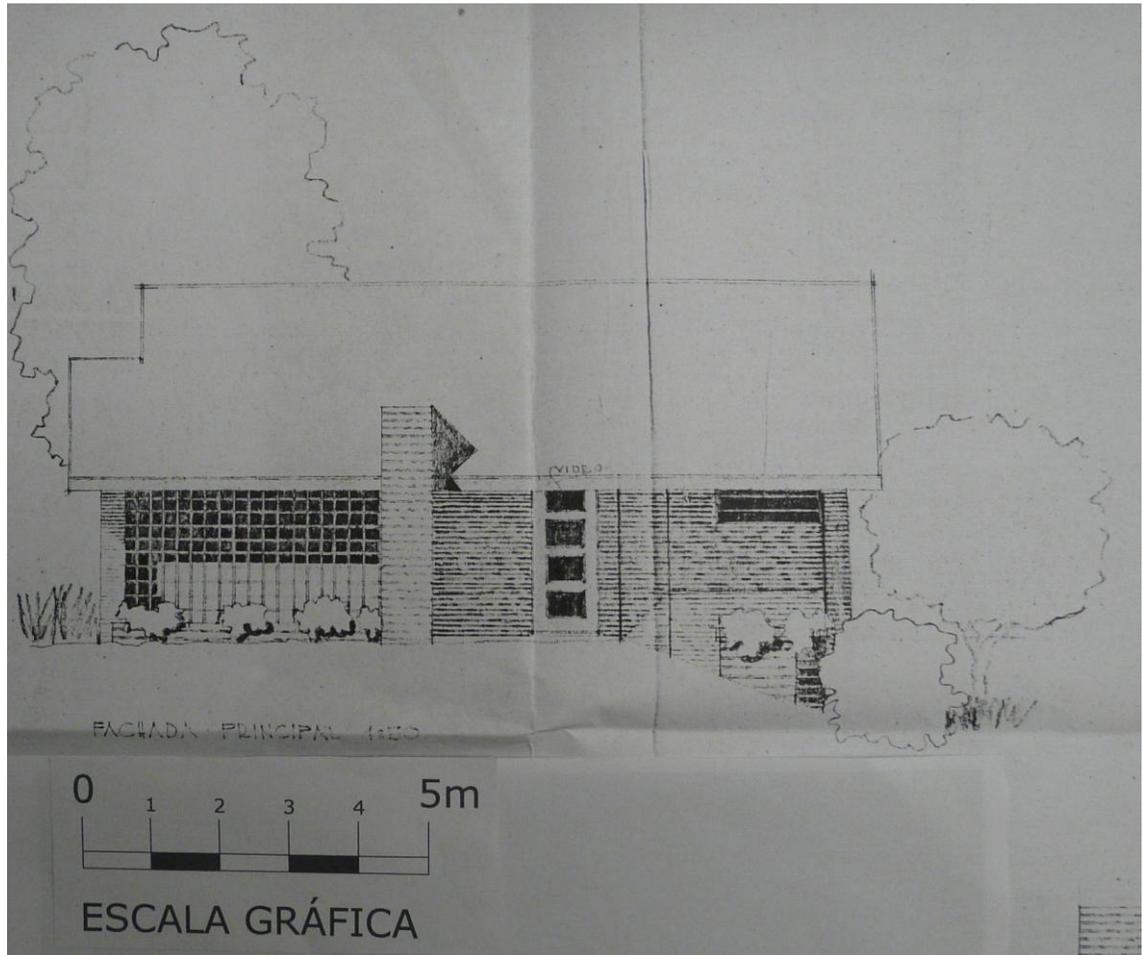
CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR COM LAREIRA
- 3 DORMITÓRIO
- 4 SANITÁRIO
- 5 COZINHA
- 6 ÁREA SERVIÇO
- 7 JARDIM

CASA ROBERTO LAKAZE



FACHADA PRINCIPAL

1942

Casa Alberto Augusto da Silva Caldas:

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua Fernando de Albuquerque, 166, Consolação.

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 39.988/1942, (substituiu original de nº 10.815/1942)

Área do terreno: 215,40m²

Área de construção: 246m², sendo 122 no piso térreo, 90 no pavimento superior e 34 para o embasamento.

No projeto legal consta assinatura de Duílio Marone como técnico responsável e Marone & Artigas como engenheiros projetistas e construtores responsáveis

Análise descritiva:

Embasamento: garagem e escadas de acesso.

Térreo: vestíbulo, lavabo com armário, duas salas de estar, terraço coberto, sala de jantar, copa, cozinha com armário, dormitório e sanitário de empregada, área de serviço (estes dois últimos locados numa espécie de edícula muito próxima a casa principal).

Pavimento superior: três dormitórios, um com terraço (o que seria a cobertura da edícula) e um sanitário comum a todos os quartos.

Construção principal em três pavimentos, se contarmos o embasamento, de aspectos formais ecléticos e wrightianos, com perímetro irregular, está implantada junto à lateral direita do lote de formato trapezoidal [12 x 16,5(ld) x 12,35 (f) x 19,40m(le)] e em forte aclive em relação a rua. Executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura e detalhes em tijolos de barro aparentes na faixa correspondente ao embasamento. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes e com os planos dos telhados orientados para várias direções, marcando a volumetria dinâmica em função de planta irregular. O acesso principal à residência se dava lateralmente, demarcado por pequeno telhado na fachada lateral esquerda para proteção da porta principal.

É possível notar traços organicistas nessa casa, bem como o tratamento das salas como um único grande ambiente sem divisórias entre os locais definidos, o jogo de telhados para valorizar o desenho da planta e os ambientes e o muro frontal, no alinhamento e fazendo às vezes de arrimo, que foi executado em tijolos de barro maciço aparentes, lembrando a solução adotada na casa Rio Branco Paranhos, no Pacaembú

O lote tem pouca profundidade e o sanitário de empregada e a área de serviço implantados junto à divisa dos fundos, separados no térreo da casa principal por corredor de acesso com um metro de largura, não pode ser denominada edícula, pois no pavimento superior um terraço com acesso por um dos dormitórios (portanto com ligação física entre os dois “volumes” é a cobertura daqueles ambientes de

serviços. O dormitório de empregada ficava no corpo principal da casa, porém com acesso externo somente.

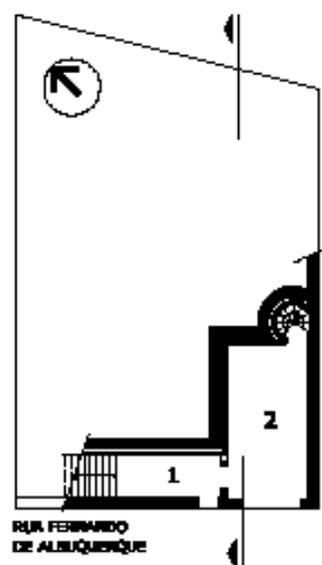
A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes e por um “hall” de distribuição que era extensão do vestíbulo em direção à cozinha e escada tipo caracol de acesso à garagem. No pavimento superior um pequeno corredor junto a escada é o elemento de passagem entre os dormitórios e sanitário. A circulação vertical é feita por escadas. E são três: uma larga no acesso social do embasamento ao térreo, uma estreita e em forma de “caracol” ligando a garagem ao “hall” de acesso à cozinha e a escada interna, de ligação do vestíbulo no térreo com o corredor de acesso aos dormitórios do pavimento superior. Esta deve ser bem imponente e trabalhada, pois é o elemento arquitetônico principal e à vista presente no vestíbulo social.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontal), noroeste (lateral esquerda) e nordeste (fundos).

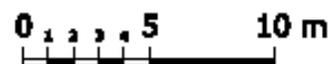
Atualmente (28/02/2009) a casa foi transformada em restaurante japonês e sofreu algumas alterações, como o fechamento com alvenaria do portão da garagem, caixilhos estranhos ao projeto original foram colocados e pequenas coberturas foram acrescentadas no jardim lateral para aumentar área de atendimento ao público.

Fontes:

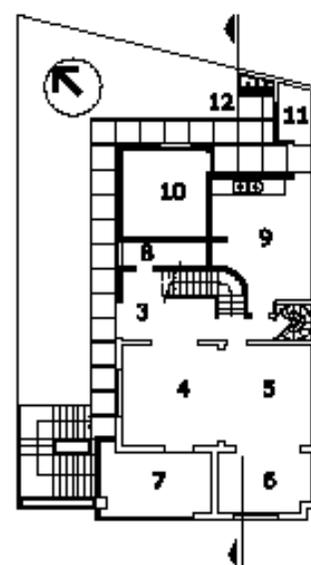
RIBEIRO (2001), PMSP



PLANTA EMBASAMENTO



ESCALA GRÁFICA

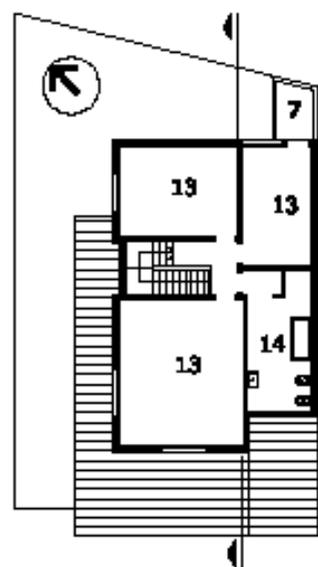


PLANTA PAV. TÉRREO

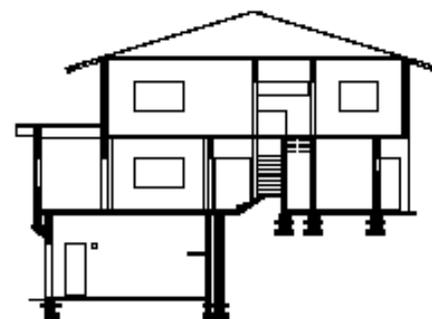
LEGENDA

- 1 ACESSO SOCIAL
- 2 GARAGEM
- 3 VESTÍBULO
- 4 SALA ESTAR
- 5 SALA JANTAR
- 6 SALA
- 7 TERRAÇO
- 8 LAVABO
- 9 COPA/COZINHA
- 10 DORMIT. EMP.
- 11 SANIT. EMP.
- 12 ÁREA SERVIÇOS
- 13 DORMITÓRIO
- 14 SANITÁRIO

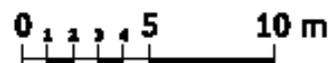
CASA ALBERTO A.S. CALDAS



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE



ESCALA GRÁFICA

CASA ALBERTO A.S. CALDAS



VISTAS DAS FACHADAS LATERAL E FRONTAL (fotos mmp)
FOTO DA ESQUERDA DE 2005, A OUTRA, SITUAÇÃO ATUAL

Casa Duílio Marone - 2:

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: avenida Santo Amaro, 345, esquina com rua Bastos Pereira, Vila Nova Conceição

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 46.269/1942. Habite-se em 21/01/1943

Área do terreno: 257,80m² (havia previsão de desapropriação de 16m² para ampliação da antiga estrada para Santo Amaro, a posterior avenida alargada), o que resultava na área a considerar de 241,80m². O limite dos fundos desse lote era divisa com a lateral de uma das duas casas idênticas projetadas por Marone & Artigas para Duílio Marone na rua Bastos Pereira.

Área de construção: 152m², sendo 75 no piso térreo, 59 no pavimento superior e 18m² para a garagem.

Duílio Marone assinou o projeto legal da prefeitura como o técnico responsável e pela firma responsável pela construção, a Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: varanda coberta de acesso pela lateral direita da casa, sala de estar com lareira, sala de jantar, copa, cozinha. A escada implantada na sala de estar estava junto do acesso social.

Pavimento superior: três dormitórios, dois com pequenas floreiras nas janelas de canto e um sanitário com terraço.

Edícula: em um só pavimento, abrigava: garagem, dormitório de empregada com armário, sanitário de empregada com acesso externo e tanque para lavar roupas junto a parede externa e porta do quarto da empregada e coberto pelo beiral do telhado da edícula.

A construção era centralizada no lote plano (subia 1,10m nos 25,5m de profundidade), de esquina, com desenho praticamente retangular, embora ligeiramente trapezoidal. Este volume tinha dois pavimentos e aspectos formais organicistas, com referências às casas de pradaria de Frank Lloyd Wright. As fachadas eram em tijolos de barro aparentes, a varanda possuía detalhes de madeira compondo uma sequência de pontaletes na vertical, uma espécie de grade-biombo. A cobertura era com telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas alvenarias portantes. O corpo principal da casa ficava encostado na divisa lateral esquerda, a que dava para a rua Bastos Pereira, guardando recuo de 6m em relação ao alinhamento da avenida. A edícula ocupava o recuo de fundos em toda extensão.

O acesso social e de pedestres à casa de dava pela lateral direita do terreno, pela avenida Santo Amaro. O acesso à garagem da edícula

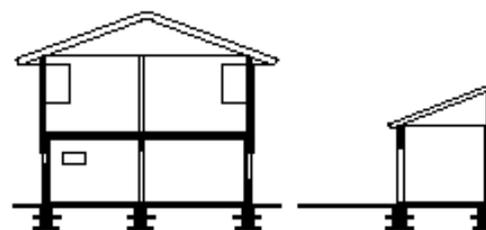
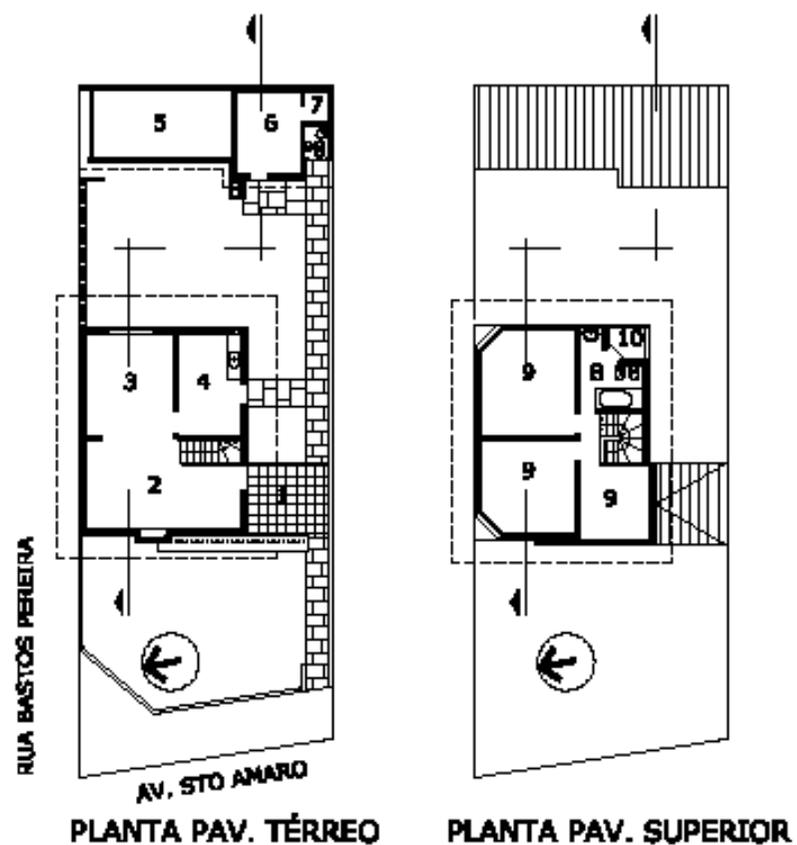
era feito pela divisa lateral esquerda, nos fundos, juntamente com o de serviços, para pedestres.

A circulação horizontal no térreo ocorria pelos ambientes, mas, provavelmente próximo ao volume da escada. No pavimento superior havia um pequeno “hall” junto a escada para a circulação entre os cômodos. A escada era o elemento para circulação vertical entre os dois andares da residência.

As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para noroeste e norte. A do quarto dos fundos, para nordeste.

Fontes:

Ribeiro (2001), PMSP



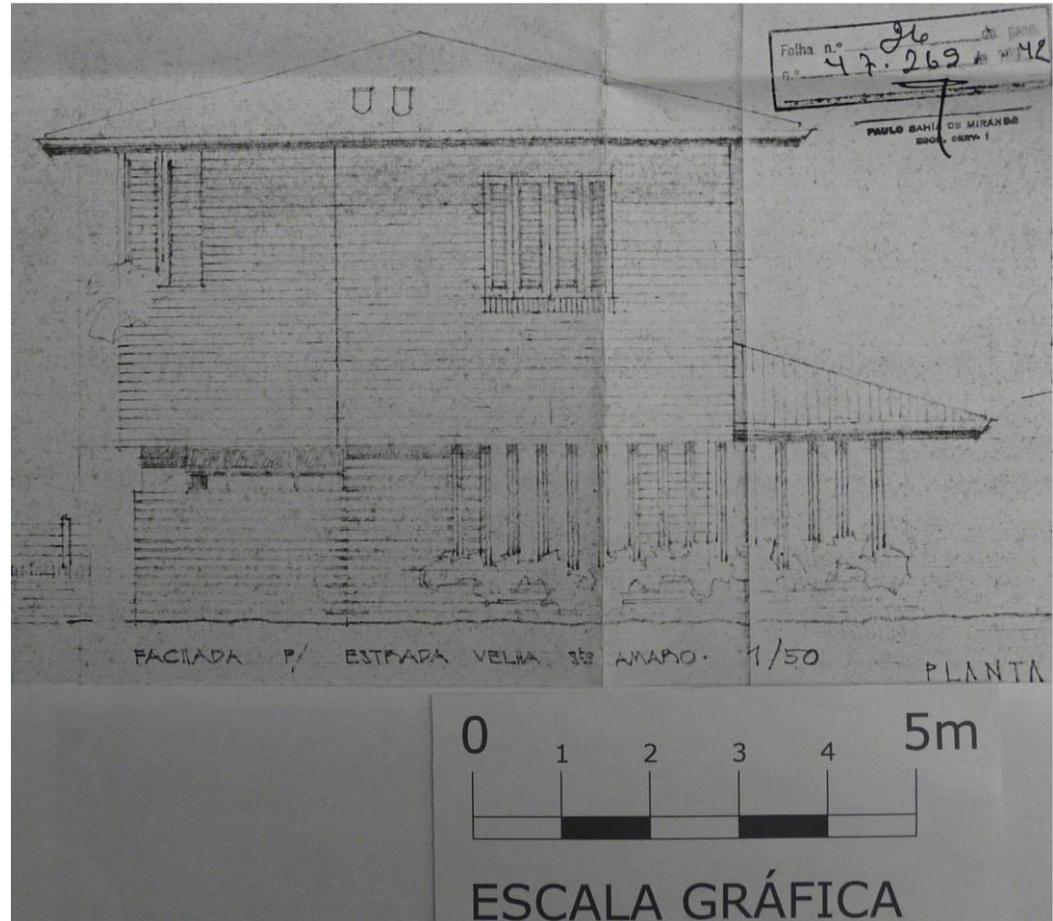
CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA DE JANTAR
- 4 COZINHA
- 5 GARAGEM
- 6 DORMITÓRIO EMP.
- 7 ARMÁRIO
- 8 SANITÁRIO
- 9 DORMITÓRIO
- 10 TERRAÇO

CASA DUÍLIO MARONE - 2



FACHADA PRINCIPAL

Casa Frederick Lumney Andrews:

Ano de projeto / construção: 1941

Endereço: rua Madre Teodora, 44, Jardim Paulista

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 46.678/1941

Área do terreno: 459m²

Área de construção: 274m², sendo 176 no piso térreo, 98 no pavimento superior.

No projeto legal consta assinatura de Duílio Marone como técnico responsável e Marone & Artigas como engenheiros projetistas e construtores responsáveis

Análise descritiva:

Térreo: acesso social coberto, vestíbulo, escritório, lavabo, grande sala de estar com lareira e com generoso terraço coberto voltado para os jardins dos fundos, sala de jantar, copa, cozinha, garagem, maleiro, despensa.

Pavimento superior: dormitórios, todos com armário embutido e um com terraço, dois sanitários comuns aos dormitórios.

Residência de grande porte com planta irregular e de características formais ecléticas, implantada no meio de lote plano e retangular (18 x

25,5m). Construída em alvenaria portante, se nota nas fachadas a predominância dos planos cheios sobre os vazios, embora exista um terraço avarandado ligado à sala de estar e garagem posicionado centralizadamente entre esta e a sala de jantar, com planta retangular e um dos lados maiores aberto para jardim dos fundos. A cobertura em quatro águas e grandes beirais com madeiramento aparente é em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas alvenarias.

O bloco principal da construção encosta nas divisas laterais por dois “volumes” baixos anexos: o da lateral esquerda mais ao fundo é a garagem e no outro lado com uma das paredes alinhadas com a fachada a passagem de serviço ladeada pela cozinha, de um lado e maleiro e despensa de outro. A lateral direita da casa principal está afastada 3,30m da divisa. No canto posterior dessa lateral a edícula com dependências de empregada e área de serviços em volume térreo tem telhado simples, mas isolada da casa por muro.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes e por um “hall” de distribuição junto ao vestíbulo e escada, na área social e outro pequeno na ligação da cozinha com os ambientes de apoio e passagem de serviço. No pavimento superior, a circulação é feita pelo “hall” entre os ambientes localizado junto à escada principal.

Dormitórios são orientados para as laterais (NO e SE) e fundos (NE).

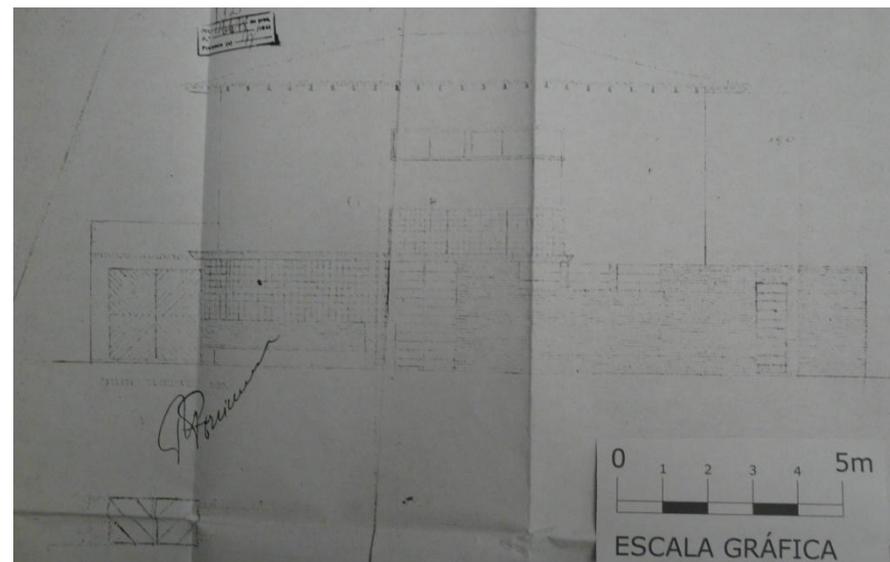
Fontes:

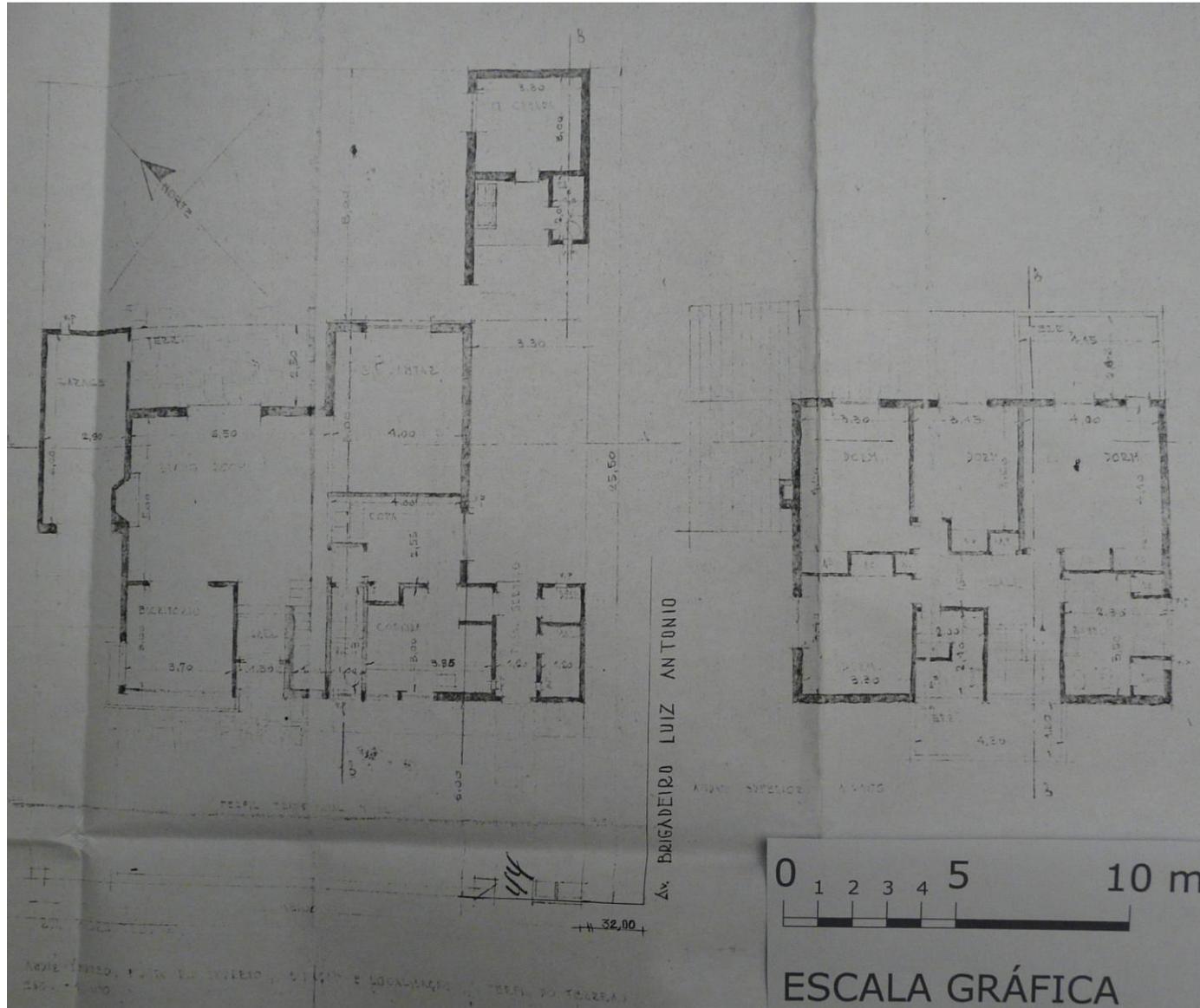
Ribeiro (2001), PMSP



VISTA FRONTAL (foto mmp)

FACHADA PRINCIPAL





PLANTAS DO PAVIMENTO TÉRREO E SUPERIOR

Casa Vilanova Artigas - 1:

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua João de Souza Dias, esquina com rua Barão de Jaceguai, 1149

Situação atual: existente, abriga instalações comerciais.

Área do terreno: terreno original, total de 1000m² (20 x 50m)

Área de construção: 128m², sendo 100 no piso térreo e 28 no estúdio meio nível acima

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar com lareira, cozinha, um dormitório meio nível mais baixo, estúdio meio nível acima. Área de serviço externa (tanque situado do lado externo de uma das paredes da cozinha, próximo ao acesso a mesma) protegida pelo beiral do telhado.

Casa compacta de dimensões modestas, conhecida como “casinha”, tem referências claras ao organicismo de Frank Lloyd Wright, no emprego de materiais naturais e sem escondê-los, como as paredes construídas em tijolos de barro, embora tenham recebido caiação branca, o madeiramento de pérgulas, ou dos telhados, deixados à mostra.

Outra referência às propostas de Wright para as *prairie houses* é o núcleo central que, no caso desta casa de Artigas, é composto pela lareira, pelo único sanitário e pelas instalações hidráulicas da cozinha. O volume destacado e generoso da chaminé da lareira, também demonstra a influência dos desenhos das casas do arquiteto norte-americano. Há integração espacial entre a cozinha e a sala, embora tímida e somente perceptível de um dos lados desta.

A construção está implantada centralizada na metade do terreno mais próxima da rua João de Souza Dias, respeitando os recuos mínimos em relação aos alinhamentos de acordo com o código de edificações da época. As alvenarias portantes, ou não, estão dispostas a 45° em relação aos alinhamentos das duas ruas, de modo que não há definição correta para se hierarquizar as fachadas como frontal, posterior ou laterais. A fachada onde se encontra o terraço coberto de acesso está voltada para a rua Barão de Jaceguai, a lateral maior do terreno retangular e plano.

A circulação se dá pelos ambientes e “virtualmente” de forma circular ao redor do núcleo onde está a lareira. Há pequeno “hall” no acesso social, ligado a pequeno corredor que permite circulação entre o dormitório, o estúdio, o sanitário e a cozinha.

Em função da planta irregular, mas com configuração quase de um quadrado com 10 metros de lado, a cobertura é dividida em vários planos com inclinações diferentes. Estes são cobertos com telhas de barro tipo francesa sobre estrutura de madeira com vigamentos aparentes e forro de madeira aplicados sob o plano dos caibros.

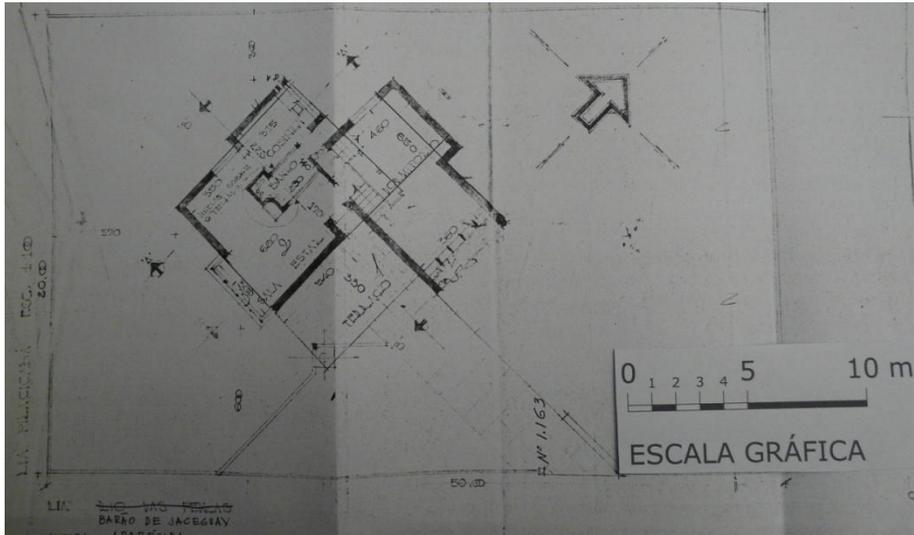
O dormitório possui caixilho orientado para oeste (divisa maior posterior a rua Barão de Jaceguai).

Fontes:

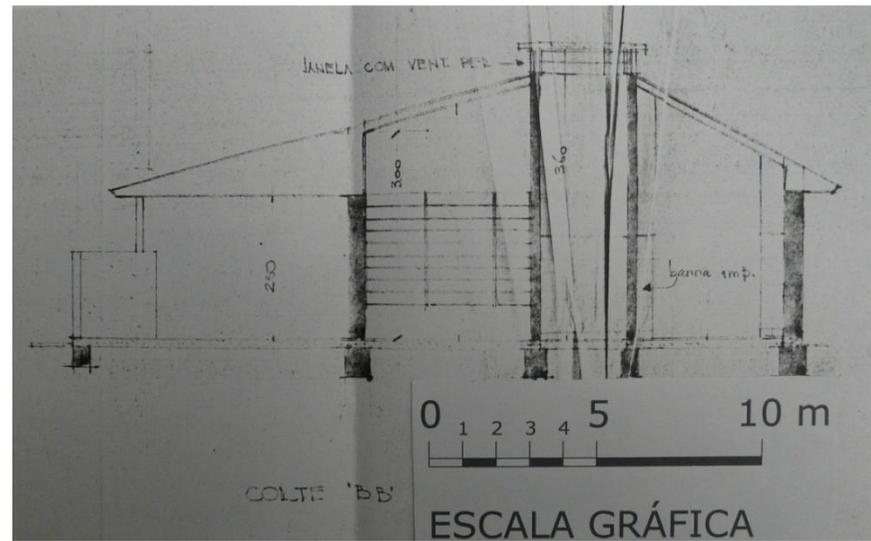
Acervo eletrônico de Vilanova Artigas da Biblioteca da FAU-USP na cidade universitária, MÓDULO (1942), THOMAZ (1993), FERRAZ (1997), KAMITA (2000), IRIGOYEN (2002), OHTAKE (2003), MIGUEL (2003), RIBEIRO (2001), Casas de Artigas (FVA, 1990).



VISTA DA BARÃO DE JACEGUAI (foto mmp)



PLANTA



CORTE BB

Casa José Coelho Pamplona (12 unidades):

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua Capitão-Mor Gonçalo Monteiro, 23 a 55, Barra Funda

Situação atual: existentes, algumas alteradas

Área do terreno: aproximadamente 100m² para cada casa numa área total de aproximadamente 1500m².

Área de construção: aproximadamente 80m², sendo 42 no piso térreo, 38 no pavimento superior.

Análise descritiva:

Térreo: fachada frontal no alinhamento, pequeno terraço de acesso coberto pelo pavimento superior, sala de estar, copa, cozinha e tanque de lavar roupas do lado externo da parede da cozinha.

Pavimento superior: três dormitórios e um sanitário.

A construção do conjunto de casas modestas dispostas em grupos de 4 e de 3 casas, com frente para a rua principal e outras com acesso por vila, era composto por unidades geminadas com acesso frontal, sem passagens laterais, abrigo para automóvel ou edículas. De aspectos formais ecléticos essas casas simples foram construídas para venda ou locação em região fabril próxima a parque ferroviário.



O mesmo local serve para o acesso social e o de serviços, protegido das intempéries por pequeno “hall” coberto, onde estão localizados os medidores das concessionárias de água e energia elétrica. A cobertura dos conjuntos de casas é em duas águas, com caimento para a frente e fundos das casas. Telhas de barro tipo francesas sobre estrutura de madeira apoiada nas alvenarias portantes. O revestimento externo das residências era, originalmente, em argamassa com pintura.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes no térreo, pois as dimensões da planta não permitem espaços somente para passagem. No superior, pequeno “hall” de distribuição próximo a escada é local de circulação entre os dormitórios e sanitário.

As janelas dos dormitórios estão orientadas para leste e oeste na maioria das casas, porém há dessas aberturas orientadas para nordeste e sudoeste, dependendo da implantação da casa no conjunto.

Fontes:

Acervo eletrônico dos projetos de Vilanova Artigas da FAU-USP, cidade universitária, RIBEIRO (2001), PMSP.

Casa Luiz Antônio Leite Ribeiro – 2 (duas unidades):

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua Bento de Andrade, 516 e 526, Ibirapuera

Situação atual: existentes, alteradas

Área do terreno: aproximadamente 250m²

Área de construção: aproximadamente 110m² cada casa, sendo 60 no piso térreo, 50 no pavimento superior.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso, sala de estar, sala de jantar, cozinha e sanitário. Área de serviço adjacente à parede externa da cozinha.

Pavimento superior: três dormitórios, um sanitário e um terraço coberto com acesso por um dos quartos frontais.

A construção principal em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos de perímetro regular, era centralizada no lote plano de planta retangular (dimensões de 10 x 25 m), executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura. O bloco com as duas casas geminadas é afastado das divisas laterais respeitando os recuos de lei, à época de 1,0m. A cobertura era em telhas de barro tipo francesa, em duas águas no sentido frente-fundo, sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. Os beirais laterais



são pequenos, porém o frontal e o posterior são generosos para proteção dos caixilhos e terraço. Não havia calhas para escoamento das águas de chuvas. O acesso principal à residência se dava pelo terraço frontal coberto pelo do pavimento superior e havia acesso de serviços pelas laterais recuadas de cada casa.

As circulações no pavimento térreo era feita pelos ambientes e com pequeno “hall” junto a escada. No pavimento superior, por corredor de dimensões mínimas (aproximadamente 1,2 x 1,2m) era feita a circulação entre os dormitórios e sanitário.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudeste (frontais) e noroeste (posterior).

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Luiz Arouche de Toledo:

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua Tavares Cabral, 133, Pinheiros

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 84.130/1942 (substituiu o original de nº 38.547/1942. Habite-se em 23/12/1942

Área do terreno: 416m²

Área de construção: 125m², sendo 75 no piso térreo, 50 no superior.

No projeto legal consta assinatura de Duílio Marone como técnico responsável e Marone & Artigas como engenheiros construtores e projetistas responsáveis.

Análise descritiva:

Térreo: terraço em “L” frontal coberto para acesso lateral, escritório, sala de estar com lareira, sala de jantar, copa, cozinha. Sanitário de empregada e área de serviço somente com acesso externo.

Pavimento superior: dois dormitórios, um com terraço e sanitário comum aos dois quartos.



Esta construção também foi construída com financiamento obtido junto ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, pela agência de São Paulo, por isso assinava como “proprietário” nos desenhos de prefeitura um gerente desse órgão.

O bloco principal da construção, de planta irregular, estava implantado no centro do lote retangular e plano (dim. 13 x 32m), afastado 6 metros do alinhamento, 3 da lateral esquerda e 2 metros da direita. Foi executado em alvenaria portante em tijolos de barro, coberto com telhados em duas águas e com telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. Esta cobertura, embora simples, foi desenhada de modo a destacar a planta do pavimento superior, que era menor e não coincidia exatamente com a planta do térreo. Os ambientes deste pavimento que não ficavam sob a projeção do superior eram cobertos por telhados, somente com uma água. Ao aspectos formais e tratamento de fachadas eram ecléticos e eram revestidas com argamassa e pintura de acabamento.

A casa era bastante compacta, com as salas formando ambiente espacialmente único e de planta retangular, com as janelas nos lados menores. A da sala de estar era de piso ao teto, possibilitando vista para o jardim frontal, mas a posterior, da sala de jantar, era alta, impedindo a comunicação visual exterior / interior dos ambientes sociais com os fundos do lote, nos permitindo supor não haver tratamento especial nesta área, a não ser como local de serviços.

A circulação no pavimento térreo se dava pelos ambientes, mas um pequeno vestíbulo permitia acesso ao escritório sem a necessidade de adentrar nas salas.

Um pequeno “hall” junto a passagem para a cozinha era ponto de partida da escada para se atingir o pavimento superior. Da cozinha para a lateral esquerda havia um “hall” aberto que protegia a porta desse ambiente e permitia a colocação de dispositivos de ventilação permanentes nas paredes da cozinha e sanitário de empregada. Para este e o tanque coberto junto a parede externa posterior da cozinha, o acesso se dava somente por fora da construção principal.

Os dormitórios eram orientados somente para a frente do lote (face norte). Esta solução, no caso do dormitório mais ao fundo na planta, aliada à execução de telhado sobre a sala de estar, permitiu que o terraço deste quarto, com acesso por porta balcão, ficasse “escondido” pela parte mais alta deste telhado.

Fontes:

Acervo eletrônico de Vilanova Artigas da Biblioteca da FAU-USP na cidade universitária, RIBEIRO (2001), PMSP.

Casa Maria Risoleta Bueno Pamplona (4un):

Ano de projeto / construção: 1942

Endereço: rua Assis, 50 a 58, Barra Funda

Situação atual: demolidas

Processo Prefeitura nº 73.407/1942, habite-se em 29/07/1943

Área do terreno: 406,77m²

Área de construção: total para as quatro unidades 308m², sendo 79m² para cada um das duas unidades no pavimento térreo e 75m² para cada uma do pavimento superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável J. B. Vilanova Artigas, e a firma construtora da obra, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: duas unidades geminadas com sala de estar, cozinha, sanitário, dois dormitórios e pequena área de serviços no acesso cozinha / quintal. Acessos às casas geminadas no pavimento superior.

Pavimento superior: duas unidades geminadas e de plantas praticamente idênticas às do térreo, porém sem acesso ao quintal no

térreo e fundos do lote. Também tinham cada uma, sala de estar, cozinha, dois dormitórios, sanitário e área de serviços externa sobre a do térreo.

Construção de aspectos formais ecléticos, apresenta solução inusitada e curiosa, pouco verificada nas construções de casas geminadas. O bloco de quatro casas era implantado encostado nas divisas laterais do lote retangular com pequeno declive. A frente do lote inteiro tinha 13,5m e 30,70m de profundidade. Longitudinalmente dividido ao meio, as casas eram geminadas no térreo e no superior. Os pares de casas na vertical eram encostados uns nos outros em parte da divisão central e, à medida que a planta das casas avançava em direção aos fundos do terreno, as paredes se afastavam de maneira escalonada de acordo com a implantação dos dormitórios e sanitários no lote. Mantinha-se dessa forma um afastamento entre os dormitórios e sanitários das unidades para melhor ventilar e iluminar naturalmente esses ambientes

O bloco é coberto por telhado em duas águas, basicamente seguindo o desenho da planta das casas com relação aos recortes na parte posterior da construção. As telhas eram de barro apoiadas em estrutura de madeira. Estas descarregavam o peso todo nas alvenarias que eram portantes em tijolos de barro.

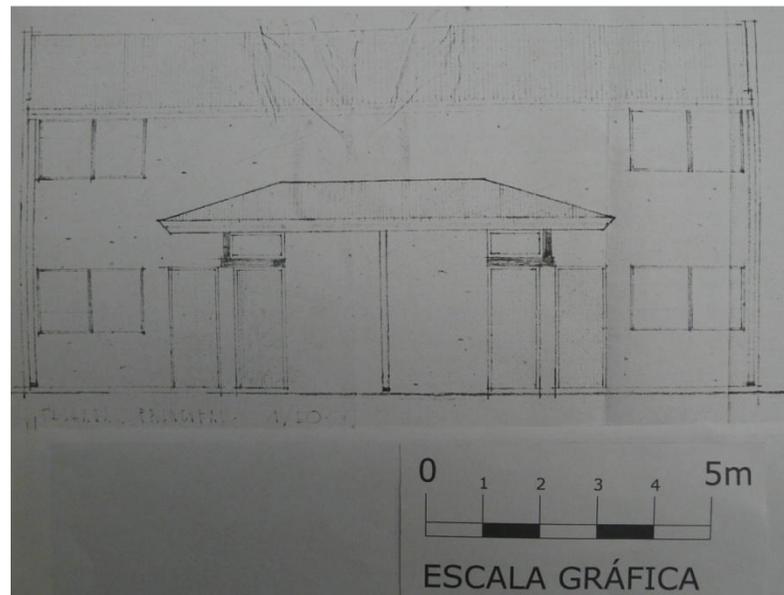
As duas casas do térreo tinham acesso ao quintal na parte posterior do lote. Na parte frontal, no recuo de 4 metros, o terreno era dividido em quatro partes praticamente iguais em área, definindo os quatro acessos distintos de cada casa. As portas de acesso às casa eram protegidas por pequeno telheiro.

A circulação horizontal entre os ambientes internos de cada pavimento ocorria pelos ambientes na parte social, mas um corredor entre a sala, sanitário e dormitórios era o local de passagem que interligava esses cômodos. As escadas existentes eram somente para acesso às casas do nível superior.

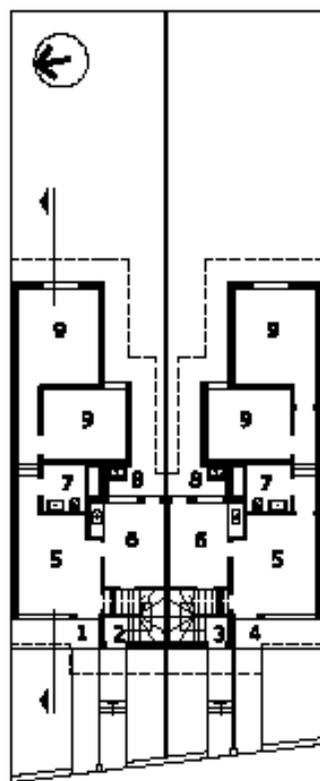
As janelas dos dormitórios, todas voltadas para os fundos do lote, eram orientadas para leste.

Fontes:

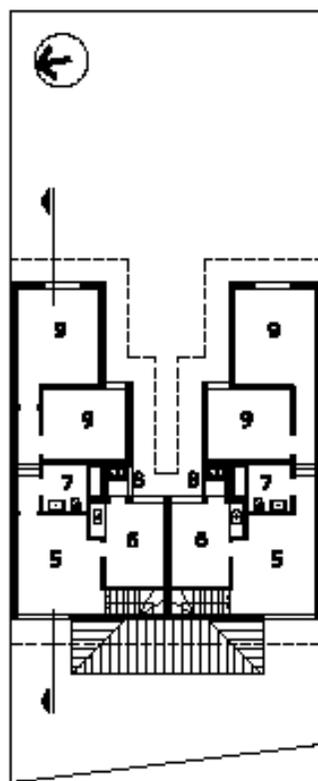
RIBEIRO (2001), PMSP



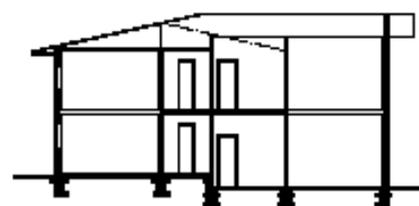
ELEVAÇÃO PRINCIPAL



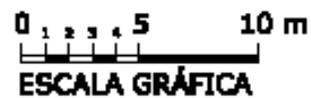
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE



ESCALA GRÁFICA

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO (casa 1)
- 2 ACESSO (casa 2)
- 3 ACESSO (casa 3)
- 4 TERRAÇO DE ACESSO (casa 4)
- 5 SALA ESTAR
- 6 COZINHA
- 7 SANITÁRIO
- 8 ÁREA SERVIÇO
- 9 DORMITÓRIO

CASA MARIA RIZOLETA B. PAMPLONA

1943

Casa Álvaro de Freitas Pimentel:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Itajubá, 132, Pacaembú

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 050.312/1943, habite-se em 11/04/1944

Área do terreno: 425m² (17 x 25m)

Área de construção: 192m², sendo 97 no piso térreo, 95 no pavimento superior.

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como técnico responsável, João Batista Vilanova Artigas e como engenheiros construtores e projetistas, Marone & Artigas.

Análise descritiva:

Térreo: terraço frontal coberto, sala de estar, terraço posterior voltado para o jardim e parcialmente coberto, sala de jantar, pequena copa, cozinha, despensa e sanitário de empregada.

Pavimento superior: três dormitórios, dois sanitários, sendo que um ficava com acesso por um dos dormitórios, que ainda tinha um grande armário (“closet”) exclusivo. Terraço semi-coberto com acesso pelo sanitário comum e dormitório de empregada, acessível somente por escada externa.

Residência construída em dois pavimentos, de aspectos formais ecléticos e perímetro regular, era centralizada no lote retangular (17 x 25,00m) com grande acive em relação à rua e executada em alvenaria portante, com revestimentos externos em argamassa com pintura. O bloco principal da casa está assentado num patamar de nível intermediário entre o da rua e o dos fundos do lote. Os recuos exigidos por lei e pelas normas rígidas da Cia City são obedecidos na implantação da casa isolada completamente de todas as divisas. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço localizado à direita na fachada. Posteriormente foi acrescida uma edícula nos fundos do lote, no canto direito, para abrigo de automóvel, com acesso pelo corredor largo da lateral direita. O dormitório de empregada fica(va) no pavimento superior, com acesso por escada externa e longe do sanitário. Nos desenhos de prefeitura não há indicações de área de serviços. A parte dos fundos do lote, com aproximadamente um terço da área total, foi deixada no nível original, mais alto, portanto, do que o plano do piso térreo e parcialmente sustentada por muro de arrimo em “L”.

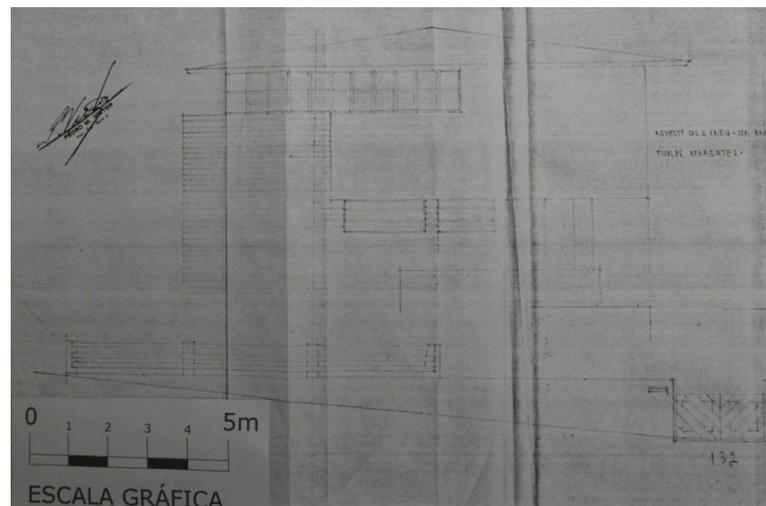
A circulação no térreo é feita pelos ambientes e, aparentemente próxima ao “núcleo” central composto por escada com desenho em lances retos e patamar intermediário em semi-círculo. No pavimento superior a situação se repete, mas há também um corredor que permite a circulação entre os quartos, a escada e o sanitário comum.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para leste (lateral direita) e norte (fundos).

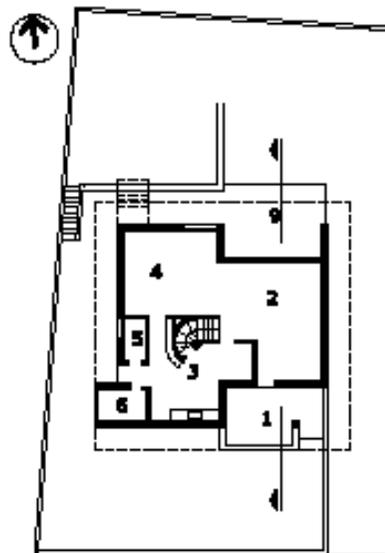
Esta casa fica ao lado de outra residência equivocadamente atribuída a Vilanova Artigas. É a de nº 118, de Alfredo Machado Marques, de 1944. No entanto, esta foi construída segundo projeto com alterações executado somente por Duílio Marone e sua firma construtora, a Marone & Savoy, após a dissolução da sociedade que tinha com Artigas. As plantas das duas casas são parecidas em área e distribuição dos cômodos, porém diferentes nos desenhos das escadas e disposição de alvenarias de fechamento e algumas internas. O processo com o projeto modificativo executado por Duílio Marone é de 1945.

Fontes:

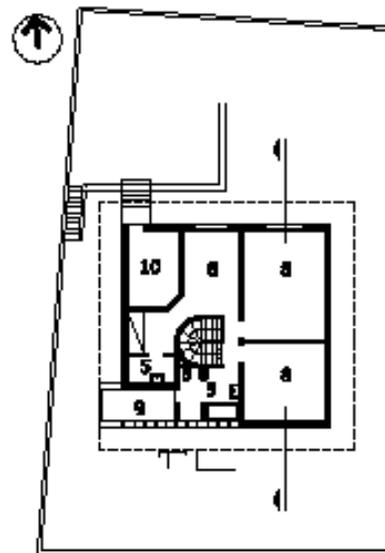
RIBEIRO (2001), PMSP



FACHADA PRINCIPAL



RUA ITAJUBÁ
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SALA ESTAR
- 3 COZINHA
- 4 SALA JANTAR
- 5 SANITÁRIO
- 6 ÁREA SERVIÇO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 TERRAÇO
- 10 DORMIT. EMPL.

CASA ÁLVARO DE FREITAS PIMENTEL

Casa Euzébio Porchat de Queiroz Mattoso:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Iguatemi, nº 1995, esquina com a rua Tavares Cabral, Pinheiros.

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 041.354/1943. Habite-se em 12/06/1944 (mesma data do habite-se para a casa de Jaime P. Q. Mattoso).

Área do terreno: 526,18m² [34,67(al) x 11.08 (ld) x 32 (f) x 24,07m(le)]

Área de construção: 249m². Sendo: 137m² no pavimento térreo (1º pavimento), 93m² no superior (2º pavimento) e 19 na garagem.

Nos desenhos do projeto legal que constam nos arquivos da prefeitura paulistana, Marone & Artigas assinam como os engenheiros projetistas e construtores responsáveis. João Batista Vilanova Artigas assina como o técnico responsável.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto frontal de acesso social, vestíbulo, sala de estar para dois ambientes, sala de jantar com acesso a terraço coberto na lateral direita da casa, copa, cozinha, lavabo. Dormitório e sanitário de empregada com acessos externos são ligados à área de serviços coberta junto a estes cômodos.

Superior: grande “hall” de distribuição da circulação, três dormitórios, um sanitário com terraço voltado para a lateral esquerda do lote.

Edícula: Térrea, com garagem para um automóvel e galinheiro na lateral direita do lote (nos fundos da garagem).

Esta casa tem praticamente os mesmos desenhos de plantas que a residência feita para Jaime P.Q. Mattoso, irmão de Euzébio. As duas foram implantadas segundo a mesma orientação em relação ao sol, porém, como a frente desta casa de Euzébio P. Q. Mattoso era para a rua Iguatemi, o ambiente que na anterior estava orientado para frente do lote, agora se encontrava orientado para a lateral direita deste. Os fundos deste lote de esquina era a lateral esquerda do lote de Jaime P. Q. Mattoso. Este lote de esquina era trapezoidal em planta, enquanto que o outro era retangular. Pode-se aventar a possibilidade destas duas residências terem sido feitas para venda ou locação e não para moradia de seus proprietários (clientes), assim como o conjunto de quatro casas projetadas por Artigas no ano seguinte para os mesmos dois irmãos.⁷⁰

Construção com aspectos formais ecléticos, a casa principal tinha planta regular e estava implantada de forma centralizada no lote plano e com planta trapezoidal, com testada de 34,67m. Neste caso, nos desenhos de prefeitura, a fachada desenhada corresponde às plantas dos pavimentos e aparentemente era em tijolos de barro aparentes e/ou com pintura na cor branca ou bege aplicada. A cobertura em quatro águas era em telhas de barro sobre estrutura de

⁷⁰ Estas quatro casas geminadas e ainda existentes , estão localizadas a rua Sampaio Vidal, nº 550, no Jardim Paulistano

madeira apoiada nas paredes. Os beirais do telhado com inclinação suave eram longos.

O acesso principal à residência se dava via terraço frontal e coberto do terreno, próximo à garagem. O terraço na lateral direita voltada para a rua Tavares Cabral, na face Norte da casa e ligado à sala de jantar, pode ter sido planejado como local de estar e contemplação do jardim frontal, lateral e da paisagem da rua. Este terraço era coberto por telheiro com madeiramento aparente e telhas de barro iguais às da casa e da edícula. Esta, por sua vez, estava encostada nas divisas do fundo e lateral direita e o acesso de carro e pedestres se dava por um corredor com 3m de largura pela rua Iguatemi..

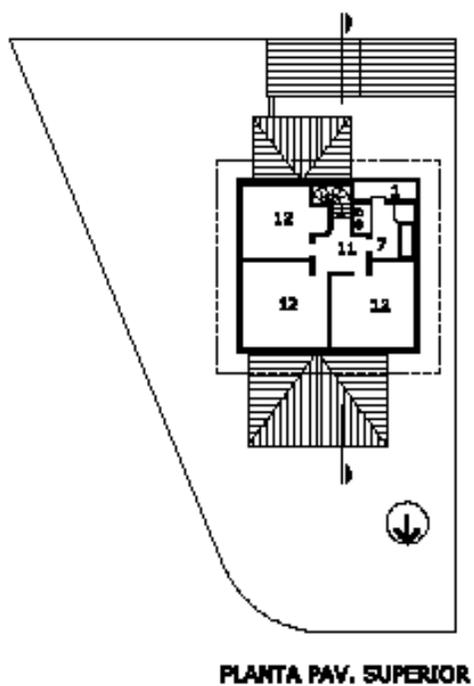
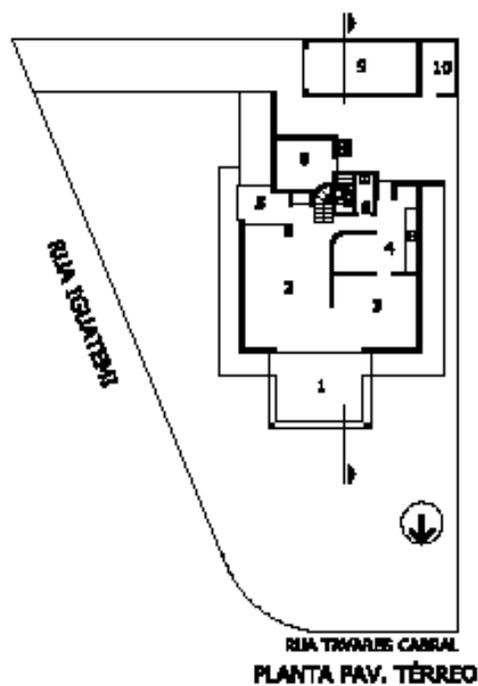
O sanitário de empregada tinha a mesma implantação curiosa encontrada na residência Jaime P. Q. Mattoso. Com acesso externo, ficava em nível mais baixo do que o restante da casa e só se podia entrar ou sair do mesmo passando por uma pequena escada com 4 degraus. Essa “ginástica” era explicada por que este sanitário estava localizado sob parte da escada principal da casa, que ligava o térreo ao pavimento superior. Era solução engenhosa, porém complicada e com certo desconforto para os usuários, pois, além disso tudo, a porta localizada na parte mais alta da escada de acesso era de operação perigosa.

A circulação horizontal se dava pelos ambientes e pelo vestíbulo de acesso no térreo. No pavimento superior, um “hall” centralizado em planta era o elemento de ligação entre os dormitórios, o sanitário e escada de circulação vertical, ligada também ao vestíbulo no térreo, parcialmente à vista dos usuários.

As janelas dos dormitórios laterais (voltados para a rua Tavares Cabral) eram orientadas para o Norte. O dormitório frontal (voltado para a rua Iguatemi) tinha janela orientada para o Leste e o de empregada para os fundos do terreno, face Oeste, com caixilho sobre o tanque de lavar roupas.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO
- 2 SALA ESTAR
- 3 SALA JANTAR
- 4 COIPA / COZINHA
- 5 TERRAÇO DE ACESSO
- 6 LAVABO
- 7 SANITÁRIO
- 8 DORMIT. EMP.
- 9 GARAGEM
- 10 GALINHEIRO
- 11 CIRCULAÇÃO
- 12 DORMITÓRIO

CASA ELZÉBIO P.Q. MATTOSO

Casa Herbert Steffens:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Itaperuna, 36, esq. rua Itaetê, Pacaembú,

Situação atual: demolida, ou muito reformada, descaracterizada.

Processo Prefeitura nº 050.311/1943. Processo (projeto modificativo) para construção de garagem nº 071.257/1943. Habite-se em 19/07/44

Área do terreno: 813,75m² (18,48m no alinhamento pela rua Itaperuna, curva com 13,00m em direção a rua Itaetê, 24,15m no alinhamento com esta rua, 31,33m na lateral esquerda de quem olha da rua Itaperuna e 25,24m de “fundos”).

Área de construção: total de 295m², sendo 67m² no subsolo, 114m² no pavimento térreo e 114m² no superior.

A empresa Marone & Artigas assina como projetista responsável. J. B. Vilanova Artigas como técnico responsável.

Análise descritiva:

Subsolo: dormitório e sanitário de empregada, armário para malas, terraço coberto de acesso ao jardim, sala de jogos.

Térreo: terraço coberto frontal de acesso de pedestres, vestíbulo, sala de estar para dois ambientes, terraço coberto lateral a esta sala, sala

de jantar (voltada para os jardins dos fundos), copa, cozinha, lavabo e lavatório isolado em nicho próximo à copa. Garagem coberta.

Superior: “hall” de acesso e circulação, quatro dormitórios, um sanitário completo, um pequeno ambiente somente com chuveiro, terraço com acesso pelo sanitário.

Construção projetada em três pavimentos implantada na metade frontal e superior do lote de esquina em declive em relação à rua principal (Itaperuna), respeitando o recuo de 6 metros do alinhamento com esta rua. Com aspectos formais ecléticos, estruturalmente resolvida com alvenarias portantes e com planta regular retangular. Formalmente um prisma encimado por telhado em quatro águas em telhas de barro e com madeiramento específico da cobertura apoiado nas alvenarias. No subsolo, uma parede dupla e de arrimo é o isolamento deste pavimento da terra em que está encostado na sua profundidade maior em relação à fachada posterior. Provavelmente, o vão entre as alvenarias servia para isolamento térmico e drenagem de eventuais infiltrações de água do terreno.

Esta casa ainda guarda muito da distribuição e divisão do programa e compartimentos internos como as casas burguesas do começo do século em São Paulo. As plantas dos pavimentos apresentam certo conservadorismo em suas configurações internas das divisórias dos ambientes.

Três dormitórios estão com suas janelas orientadas para a rua lateral (Itaetê), face Norte. O dormitório frontal tem janela voltada para a face Leste. O dormitório de empregada tem a janela orientada para a face Oeste (fundos do terreno).

A lajes piso são em concreto armado (provavelmente tipo “prel” / pré-moldadas). O forro do pavimento superior é em estuque.

Um pequeno telheiro junto ao corpo da casa, nos fundos, abrigava tanque para lavagem de roupas e outros serviços.

A circulação horizontal no térreo ocorre pelos próprios ambientes, com as zonas de passagem delimitadas pelo mobiliário. No subsolo há corredor de passagem entre os ambientes e no pavimento superior, um “hall” retangular de aproximados 6m² é o elemento de interligação da chagada da escada com o sanitário e os dormitórios. A escada interna é o único elemento de circulação vertical interna existente.

Fontes:

RIBEIRO (2001), FERRAZ (1997), PMSP

Casa Jaime Porchat de Queiroz Mattoso:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Tavares Cabral, 12, Pinheiros.

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 67.933/1943 (alterado pelo de nº 041.356/1943). Habite-se em 12/06/1944.

Área do terreno: 508,48m² (15,89 x 32m)

Área de construção: 227m². 110m² no pavimento térreo (1º pavimento), 95m² no superior (2º pavimento) e 22 na garagem.

Nos desenhos do projeto legal que constam nos arquivos da prefeitura paulistana, Marone & Artigas assinam como os engenheiros projetistas e construtores responsáveis, enquanto que o engenheiro – arquiteto João Batista Vilanova Artigas assina como o técnico responsável.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto lateral de acesso social, vestíbulo, sala de estar para dois ambientes, sala de jantar com acesso a terraço coberto frontal, copa, cozinha, lavabo. Dormitório e sanitário de empregada com acessos externos são ligados à área de serviços junto a estes cômodos.

Superior: grande “hall” de distribuição da circulação, três dormitórios, um sanitário com terraço voltado para os fundos do lote.

Edícula: Térrea, com garagem para um automóvel e galinheiro nos fundos.

Construção com aspectos formais ecléticos, a casa principal tinha planta regular e estava implantada de forma centralizada no lote plano e retangular, com testada de 15,85m. Nos desenhos da prancha de prefeitura, na folha única do projeto de arquitetura, a fachada desenhada não corresponde às plantas dos pavimentos e aparentemente era em tijolos de barro aparentes e/ou com pintura na cor branca ou bege aplicada. A cobertura em quatro águas era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. Os beirais do telhado com inclinação suave eram longos.

O acesso principal à residência se dava via terraço coberto na lateral esquerda do terreno, nos fundos, próximo à garagem. O terraço frontal, na face Norte da casa e ligado à sala de jantar, pode ter sido planejado como local de estar e contemplação do jardim frontal e da paisagem da rua, na década de 1940 uma tranqüila travessa da antiga rua Iguatemi (atual Avenida Brigadeiro Faria Lima), de onde o lote distava aproximados 11 metros. Este terraço era coberto por simples telheiro com madeiramento aparente e telhas de barro iguais às da casa e da edícula. Esta, por sua vez, estava encostada nas divisas do fundo e lateral esquerda e o acesso de carro e pedestres se dava por um corredor com 3m de largura.

Uma implantação curiosa era a do sanitário de empregada. Com acesso externo, ficava em nível mais baixo do que o restante da casa

e só se podia entrar ou sair do mesmo passando por uma pequena escada com 4 degraus. Essa “ginástica” era explicada por que este sanitário estava localizado sob parte da escada principal da casa, que ligava o térreo ao pavimento superior. Era solução engenhosa, porém complicada e com certo desconforto para os usuários, pois, além disso tudo, a porta localizada na parte mais alta da escada de acesso era de operação perigosa.

A circulação horizontal se dava pelos ambientes e pelo vestíbulo de acesso no térreo. No pavimento superior, um “hall” centralizado em planta era o elemento de ligação entre os dormitórios, o sanitário e escada de circulação vertical, ligada também ao vestíbulo no térreo, parcialmente à vista dos usuários.

As janelas dos dormitórios frontais eram orientadas para o Norte, o dormitório dos fundos tinha janela orientada para o Leste e o de empregada para os fundos do terreno, face Sul.

Fontes:

Ribeiro (2001), PMSP

Casa Luiz Antônio Leite Ribeiro - 3:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Heitor de Moraes, 257, Pacaembú

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 25.031/1944. Habite-se em 08/04/1946.

Área do terreno: 545,14m² [17,00(al) x 28,10(ld) x 21,80(f) x 26,86m (le)].

Área de construção: 138m². 40 no inferior, 82m² no piso térreo (primeiro pavimento) e 18 no superior.

No projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como responsável técnico, J. B. Vilanova Artigas. Como proprietários, engenheiros projetistas e construtores responsáveis assina neste documento a empresa Marone & Artigas. Esta casa pode ter sido construída pelos sócios Duílio Marone e J.B. Vilanova Artigas e vendida posteriormente ao Sr. Luiz. A. L. Ribeiro, como a casa 1 para este mesmo cliente, pois Marone & Artigas poderiam ser os proprietários deste lote da "Cia CITY". Outra hipótese para esse tipo de ocorrência era a possibilidade de se ganhar mais tempo com a parte burocrática na documentação junto a Prefeitura.



Análise descritiva:

Inferior: dormitório e sanitário de empregada, área de serviços coberta, acesso ao terreno / jardim em declive dos fundos do lote.

Térreo (primeiro pavimento): terraço coberto de acesso social, salão com planta em “L”, com lareira, cozinha, sanitário com acesso externo e garagem coberta por pergolado.

Superior: três dormitórios e um sanitário.

Construção principal com três níveis implantada a meia encosta em terreno com acentuado declive de modo muito semelhante à casa Rivadávia de Mendonça e com esta confundida, sendo por algumas vezes apresentadas fotos de uma juntamente da outra, embora bem diferentes na volumetria e distribuição dos pavimentos e programas, podendo induzir a erros em análises dessas informações colocadas lado a lado como se fossem da mesma edificação. Estruturada parte em concreto armado, parte em concreto ciclótico, Artigas abusa de balanços generosos para o salão do pavimento térreo e pergolado e lajes de cobertura deste ambiente. A concepção estrutural dessa casa é arrojada, vigas invertidas e lajes em concreto armado de espessuras mínimas são utilizadas em todos os níveis, incluindo os beirais da cobertura. Externamente e em algumas paredes internas, o revestimento é em tijolos de barro aparentes e pintados na cor branca com cal (originalmente). Em planta, a casa tem desenho irregular e parte do pavimento inferior trabalha como arrimo para parte do terreno que constituirá o piso externo do térreo. Os aspectos formais wrightianos das casas de campo são buscados por Artigas, embora prevaleça a verticalidade sobre a horizontalidade desejada para

aquelas “casas de pradaria”, como ocorreu com a primeira casa construída para este mesmo cliente no bairro de Jardim Europa. A casa esta praticamente centralizada no lote, afastada das divisas em respeito aos códigos de obras municipais e determinações imposta pela companhia loteadora. A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes. Os beirais do telhado com inclinação suave eram longos e protegiam as janelas altas e amplas. O acesso principal à residência se dava via terraço coberto na lateral direita do terreno. Nos fundos, no nível do pavimento inferior, e aproximadamente no ponto médio da profundidade do lote, Artigas projetou muro de arrimo em concreto ciclótico para segurar aterro que ampliaria a área utilizável plana deste nível mais baixo da casa.

A circulação horizontal se dava pelos ambientes no térreo e no inferior, sem definição clara de corredores de passagem. No pavimento superior, há um corredor no prolongamento virtual da escada, com acesso a todos os ambientes e permitindo, do lado oposto aos dormitórios e voltado para o fundo do vale do Pacaembú, ótimos visuais sobre a paisagem. Escadas eram os elementos de circulação vertical entre os pavimentos e a principal tinha os degraus desenhados e construídos em ângulo com as paredes que a encerravam. É possível que nesta casa e na Rivadávia de Mendonça, Artigas já demonstrasse certo interesse no projeto e implantação das escadas, importante elemento de circulação vertical. Essa importância era tal que culminou com atenção especial para estes corpos das casas, somados às rampas que posteriormente Artigas introduziu em seus projetos. A circulação, como outras atividades

desenvolvidas nas casas, deveriam estar integradas sob mesma cobertura, configurando um grande abrigo para todas elas.

A garagem no lado esquerdo da casa e protegida por pergolado tinha acesso direto à área de serviços externamente por escada junto à casa e a cozinha no piso térreo, mas três degraus mais baixa que o nível da garagem.

As janelas dos dormitórios, todos frontais, eram orientadas para noroeste. A do dormitório de empregada, nos fundos, para sudeste.

As alterações que conseguimos constatar são visíveis externamente, como: e supressão da escada de acesso à área de serviços do pavimento inferior, que se dava pelo jardim frontal, bem como o acesso à cozinha que se fazia por ela e um novo acesso à cozinha foi locado próximo à porta principal, voltado para a garagem; o pergolado lateral foi coberto por telhas de cimento amianto; O pergolado de madeira no prolongamento do telhado sobre as salas não existe mais; uma lareira foi instalada na sala de estar, próximo ao terraço lateral; este, foi fechado na sua parte voltado para o vale do Pacaembú.

Fontes:

Arquivo eletrônico dos projetos de Vilanova Artigas na FAU.USP, Cidade Universitária; The Architectural Forum “Magazine of Building”, novembro de 1947, p 94; RIBEIRO (2001), PMSP



ELEVAÇÕES POSTERIORES

Casa Rio Branco Paranhos:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Heitor de Moraes, 120, Pacaembú

Situação atual: existente, pouco alterada, mas com acréscimo posterior de edícula nos fundos.

Área do terreno: aproximadamente 704m² [20(al) x 30,5(ld) x 31,2(f) x 24m(le)]

Área de construção: no projeto original, aproximadamente 241m², sendo 54,4 no pavimento térreo, 129 no 1º pavimento e 57,6 no 2º.

Análise descritiva:

Térreo: corredor coberto de acesso social, sala de estar com terraço lateral com pergolado. Este pavimento está meio nível mais baixo que o 1º pavimento.

Primeiro pavimento: estúdio (a parte em grande balanço da obra), sala de jantar (meio nível acima), cozinha, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços.

Segundo pavimento: três dormitórios e um sanitário comum a todos.



Residência construída em três pavimentos, assentada a meia encosta em terreno de forte aclive em relação à rua de acesso. De aspectos formais com claras referências ao organicismo de Frank Lloyd Wright e muita semelhança com o desenho da casa ----- deste arquiteto americano. A construção possui alguns ambientes implantados de modo escalonado no terreno e distribuídos a meio nível de altura entre si. Com perímetro irregular em planta, era centralizada no lote de planta irregular com grande aclive em relação à rua e executada em alvenaria portante e partes com reforços em estrutura metálica, como no balanço característico do volume do estúdio, com revestimentos externos em argamassa com pintura branca e tijolos de barro aparentes. O bloco principal e original mantinha afastamentos de todas as divisas, respeitando as normas legais municipais vigentes e as restrições impostas pela Cia City, a empresa que projetou e comercializou o loteamento.

A cobertura era em telhas de barro sobre estrutura de madeira apoiada nas paredes e com generosos beirais protegendo as janelas que iam dos peitoris ao forro do beiral. O acesso principal à residência se dava frontalmente, via terraço localizado na parte fachada. A cobertura desse acesso era a laje do balanço do estúdio. Posteriormente foi acrescida uma edícula nos fundos do lote, no canto superior esquerdo, para abrigo de dependências de empregada e hóspedes. O dormitório de empregada fica(va) no primeiro pavimento, com acesso por escada externa que dava na área de serviços. Esta área toda está(va) coberta, sob os dormitórios do pavimento superior.

A circulação no térreo é feita pelos ambientes e, pelas inúmeras escadas em meia altura. No pavimento superior, um “hall” é o elemento de ligação para circulação entre os dormitórios, o sanitário e a escada de acesso. Esta comunicava este piso com o da sala de jantar.

O muro de arrimo executado em alvenaria estrutural em tijolos de barro com concreto, com pilastras “gigante” intercaladas por pequenas floreiras escalonadas no terreno é outra aplicação de Artigas a partir da releitura de projeto semelhante de F. L. Wright.

As janelas dos dormitórios eram orientadas para sudoeste (frontal), sudeste (lateral direita) e nordeste (fundos).

Esta casa é emblemática da primeira fase de produção de Vilanova Artigas. Muito conhecida, é o modelo maior dos projetos organicistas de Artigas onde é clara a demonstração da referência e inspiração na arquitetura de Frank Lloyd Wright.

Fontes:

FERRAZ (1997), MIGUEL (2003), IRIGOYEN (2002), XAVIER (1983), RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Victor Brecheret:

Ano de projeto / construção: 1943

Endereço: rua Alemanha, 115, esquina com rua Bucarest, Jardim Europa

Situação atual: existente, bem alterada

Processo Prefeitura nº 048.976/1943, que modificou o de nº 042.258/1943. Habite-se em 14/07/1944.

Área do terreno: aproximadamente 1150m² [25m(al) x 50(ld) x 20(f) x 50m(Le)].

Área de construção: 304m². Sendo: 162m² no pavimento térreo e 142m² no superior.

Nos desenhos do projeto legal que constam nos arquivos da prefeitura paulistana, Marone & Artigas assinam como os engenheiros projetistas e construtores responsáveis. João Batista Vilanova Artigas assina como o técnico responsável.

Análise descritiva:

Térreo: vestíbulo de acesso social, lavabo, sala de estar com lareira para dois ambientes, sala de jantar, terraço com acesso pelas duas salas, copa, cozinha e dormitório, sanitário de empregada, área de serviços e garagem de automóvel na edícula.

Superior: três dormitórios, um sanitário comum, terraço descoberto e ateliê na edícula, com pequeno sanitário, sobre a garagem.

Edícula: Em dois pavimentos e unida à casa principal fisicamente pelas passagens cobertas no térreo e escadas de acesso no pavimento superior, abrigava dependências de serviços no térreo e o ateliê do artista no superior.

Este projeto construído substitui outro em que os projetistas, provavelmente atendendo à solicitação do cliente, projetaram duas casas geminadas para esse terreno. Porém, como estava em loteamento da “Cia City”, o Jardim Europa, não deve ter sido aprovado por esta organização, que, dentre outras funções, também analisava e aprovava somente os projetos para construções que seguiam as normas específicas deste loteamentos de alto padrão.

A Construção estava praticamente centralizada na metade frontal do lote plano e de planta trapezoidal, com 25 metros de testada, embora o volume da edícula estivesse encostado na divisa lateral direita e no corpo da casa. De características formais ecléticas, mas com grandes beirais e telhado com quatro águas que podem ser alguma referência ao neocolonial brasileiro, tinha as fachadas revestidas com argamassa e pintura sobre as alvenarias portantes. Estas faziam parte da estrutura da casa que também empregou concreto armado em pilares “soltos” e em vigas para vencer grandes vãos nas salas. As salas de estar e jantar formavam grande salão, com o terraço coberto integrado aos ambientes e levemente lembrando soluções de Rino Levi, pois tal terraço era semi-confinado entre estes ambientes. Mas era coberto pela laje do pavimento superior. A escada de

circulação vertical entre os dois pisos da casa tinha acesso pelo vestíbulo, logo à frente da porta principal e seu volume e desenho ficava à mostra nas salas, ou seja, estava incorporada à elas física e visualmente, fazendo parte do mesmo espaço generoso das salas.

A cobertura era generosa, com grandes beiras e inclinação média. Era composto por telhas de barro vermelho tipo capa e canal (paulista) e estrutura em madeiras apoiadas nas alvenarias e lajes. O madeiramento e o fundo das telhas eram aparentes nos beirais.

O acesso principal à residência se dava frontalmente, pela porta principal no plano da fachada, sem a intermediação de terraço coberto. A garagem, situada no recuo lateral direito, era acessada por corredor com 3 metros de largura. Essa situação é incomum nesse tipo de loteamento, onde uma das exigências é não se construir nos recuos estabelecidos no regulamento específico. E essa edícula tinha dois pavimentos. As dependências de serviço estavam mais ligadas aos jardins dos fundos do lote, porém com acesso coberto também pela casa principal, via cozinha ou sala de jantar.

A circulação horizontal no piso térreo se dava pelos ambientes, pelo vestíbulo de acesso e por “hall” entre a casa principal, a área de serviços e a garagem. No pavimento superior, a disposição dos ambientes configurou um corredor de circulação importante entre os dormitórios, sanitário e estúdio. Verticalmente era feita pela escada que partia do vestíbulo do térreo ao lado das salas e chegava no corredor no piso superior. Havia escada de meia altura entre o piso do estúdio sobre a garagem e o do corpo principal da casa.

A janela do dormitório maior, na lateral esquerda da casa estava orientada para noroeste. As dos dormitórios voltados para os fundos do terreno, estavam orientadas para nordeste. O grande caixilho do estúdio estava voltado para o sudeste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP



VISTA FRONTAL (foto mmp, de dez/2008)

1944

Casa Benedito Levi:

Ano de projeto / construção: 1944

Endereço: rua Áustria, 141, esquina rua Inglaterra, Jardim Europa

Situação atual: existente, pouco alterada.

Processo Prefeitura nº 52.470/1944. Habite-se em 25/05/1946.

Área do terreno: aproximadamente 420m²

Área de construção: aproximadamente 296m². Corpo principal: 117m² no pavimento térreo, 121m² no piso superior. Edícula (anexo): 25m² no térreo e 33m² no superior.

A Marone (&) Artigas assinava o projeto como: engenheiros projetistas e construtores responsáveis. J.B. Vilanova Artigas assinava como técnico responsável e projetista. Pouco tempo após a obtenção do alvará de construção da obra, o engenheiro Osvaldo Ferraresi assume a responsabilidade pela execução desta casa.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto de acesso social, vestíbulo, lavabo, sala de estar com lareira, sala de jantar, terraço com acesso às salas e com churrasqueira, copa, cozinha com depósito, sanitário de empregada com acesso externo. Na “edícula”: garagem e dormitório de empregada.

Superior: quatro dormitórios, dois sanitários de uso comum, um com terraço, armário, rouparia e estúdio.

Construção principal com referências ao racionalismo estrutural ao formalismo da escola carioca de arquitetura pelo tratamento dado ao volume da parte superior da casa. A busca de um desenho de forma mais pura a aproxima do desenho para a casa Gino Saltini, feita no mesmo ano, notadamente na solução para a cobertura desse volume principal, de seção trapezoidal. Ela é em grande plano inclinado, numa única água, em telhas de cimento amianto. A casa está implantada no centro do terreno plano de planta triangular, embora o alinhamento seja uma curva com aproximadamente 31 metros de comprimento. A casa é construída em estrutura de concreto armado e alguns pilares são deixados isolados das alvenarias sem caracterizar um conjunto de “pilotis”. Os pavimentos, graças ao partido estrutural adotado, poderiam ter planta livre, mas o arranjo do programa e a distribuição de algumas alvenarias “fixas” não demonstra essa intenção. No entanto, as salas estão dispostas em “L” e num generoso espaço que domina e é o mais interessante do térreo. No pavimento superior, embora exista uma distribuição e modulação original tendo como “guia” alguns pilares, as paredes dos dormitórios poderiam “mudar” de lugar, alterando o “lay-out” original, se assim fosse o desejo dos usuários.

Os caixilhos contínuos e acompanhando toda a fachada frontal, porém recuado dela de modo a permitir que a varanda frontal e igualmente contínua por toda a fachada, cumpra a função de ligação externa entre os dormitórios e que sua cobertura proteja os caixilhos. Essa faixa contínua na fachada, representada pelos vazios acima do

gradil / guarda-corpo dessa varanda, pode ser uma referência, mesmo que virtual, aos caixilhos corridos da “Villa Savoy” de Le Corbusier. Externamente, as fachadas receberam revestimento em argamassa e pintura na cor clara (atualmente uma cor creme).

A edícula não é tecnicamente isso, pois o volume da mesma não se encontra encostado à divisa dos fundos, mas se configura mais como um bloco anexo e interligado por meio de corredores de passagem ao volume principal da casa e configurando, no fim das contas, numa parte hierarquicamente inferior ao volume principal.

O acesso à garagem se dá pela lateral esquerda da casa, mesmo lado do acesso social de pedestres. Primeira casa em que Artigas projeta churrasqueira, esta se encontrava na lateral direita da casa, com acesso e ligação às salas por grande caixilho corrido.

A circulação horizontal no térreo se dava pelos ambientes e pelo vestíbulo, que também era o elo entre a escada, a área social e a de serviços. No pavimento superior, um grande corredor longitudinal situado praticamente no eixo da planta, é o local principal de passagem dos usuários ao transitarem entre os ambientes ou para se atingir o térreo. A circulação vertical se dá por meio de escadas, a principal, interna e iniciando-se no vestíbulo do térreo até atingir o pavimento superior, porém, no meio do caminho, no patamar intermediário desta escada, está o acesso ao pavimento superior da “edícula”, onde está o estúdio e a rouparia mais ao fundo.

Todas janelas dos dormitórios são orientadas para a fachada frontal, para o nordeste. A do dormitório de empregada, nos fundos, no térreo, para o noroeste.

Fontes:

L'Architecture d'aujourd'hui (1952), THOMAZ (1993), FERRAZ (1997), MIGUEL (2003), KAMITA (2000), ACRÓPOLE(nº 184), RIBEIRO (2001), PMSP



VISTA DA FACHADA PRINCIPAL E LATERAL



Casa Euzébio & Jaime Porchat de Queiroz Mattoso (4 un):

Ano de projeto / construção: 1944

Endereço: rua Sampaio Vidal, 550, Jardim Paulistano.

Situação atual: existentes, alteradas.

Área do terreno: 1.200m² (30 x 40m) o terreno todo. Para as duas casas das extremidades, 320m² (8 x 40m) e para as duas casas centrais, 280m² (7 x 40m).

Área de construção: aproximadamente 800m² para a totalidade do conjunto. 192,5m² para cada casa das extremidades (próximo de 64m² para cada um dos 3 pisos) e 205,5m² para cada casa central (perto de 68m² para cada um dos 3 pisos), aproximadamente.

Análise descritiva:

Térreo: Das quatro residências do conjunto, apenas as duas das extremidades possuem corredor lateral de acesso aos fundos do lote, com 1,5 metros de largura (recoo lateral obrigatório). As plantas eram, no projeto original, praticamente idênticas e espelhadas duas a duas. Para cada casa os ambientes eram: abrigo de carros (e outras atividades), acesso social coberto (pelo abrigo, que é projeção dos pavimentos superiores), área de serviços, dormitório e sanitário de empregada, depósito e acesso ao jardim dos fundos. Embora não apareça em nenhuma publicação, em cada terreno havia edícula com dois pavimentos, com um ambiente de aproximadamente 30m² em



cada piso. Informação que nos foi passada por um ex-inquilino de uma das casas na década de 1970, o arquiteto Alfred Talaat.

1º Pavimento: sala de estar com lareira, sala de jantar e cozinha.

Pavimento Superior: três dormitórios e um sanitário comum.

O conjunto foi projetado por Artigas para os Mattoso um ano após os projetos das residências construídas para cada um deles na rua Tavares Cabral, em Pinheiros. As quatro casas do Jardim Paulistano foram construídas para locação. O engenheiro Euzébio Porchat de Queiroz Mattoso teve seu nome utilizado para batizar uma importante avenida do bairro de Pinheiros, parte do eixo viário formado pelas avenidas Consolação, Rebouças e Francisco Morato.

Implantada no meio do lote, a construção tem aspectos formais com referências à arquitetura moderna, pois os elementos estruturais no térreo são recuados do plano da fachada, assim como os acessos ao pavimento superior e as dependências de serviço, dando impressão de que todo o conjunto nos dois andares acima está suspenso do solo “por pilotis” sobre um grande vazio, embora este não transpasse da frente ao fundo do lote. Essa solução, na verdade a demonstração do domínio por parte de Artigas, não só da técnica, mas do melhor desenho para dar a impressão formal e espacial que se deseja, ao recuar os pilares do plano da fachada, encontraremos similaridade de solução, posteriormente, no edifício projetado pelo mesmo arquiteto para os vestiários do São Paulo Futebol Clube, ou na casa para Hanns Victor Trostli, de 1948, no Sumaré, em São Paulo. Essa sensação de vazio único e generoso era reforçada pelo projeto na

execução de muretas baixas entre as residências, desde o alinhamento com a rua até o volume interno dos acessos às casas.

A forma aproximada do conjunto edificado é a de um paralelepípedo suspenso, porém a cobertura, que é dividida em duas águas no sentido transversal, com a parte frontal maior que a posterior, despejando as águas de chuva sobre calha longitudinal acima do forro - teto do pavimento superior, tem essa característica acompanhada pelo topo das empenas cegas das laterais das casas.

Originalmente, para cada residência, os acessos de automóvel e de pedestres eram separados, com o gradil baixo frontal do acesso de carro recuado em aproximadamente 3 metros do alinhamento. No entanto, a partir de certo momento, que pode ter sido até mesmo na execução primeira da obra, foi alterado para um único acesso comum a casa unidade com o portão e muretas baixos colocados no alinhamento.

A estrutura do conjunto é em concreto armado embutido nas alvenarias. O telhado em duas águas convergentes das fachadas frontal e posterior, para o terço posterior da cobertura, é composto por telhas em cimento amianto sobre vigamento em madeira apoiado nas alvenarias principais das casas. Há espécie de “shaft”, ou “boneca” num dos cantos de cada um dos sanitários e cozinha, formando uma “prumada hidráulica”, provavelmente, para a passagem de tubulação de esgotos, de descidas de águas de chuva e ramal principal de entrada de água limpa antes das distribuições dos ramais pelos ambientes.

As paredes divisórias entre as unidades geminadas são mais grossas, provavelmente recurso técnico utilizado na busca de melhor isolamento acústico entre as casas, além de “incorporarem” a estrutura de concreto nesses planos.

Externamente o revestimento era, originalmente, em argamassa com acabamento em pintura numa cor clara única somente, sem a separação entre as casas, conforme hoje se encontra de forma individualizada o tratamento da fachada de cada uma das unidades.

O acesso a cada residência se dá pelo abrigo do térreo. Cada unidade tem uma escada mais larga para o acesso social, que liga o vestíbulo do térreo às salas e outra escada mais estreita, para a circulação entre a área de serviços e a cozinha.

Os dormitórios estão com suas janelas orientadas para a frente e fundos do lote, correspondendo às faces sudeste e noroeste, respectivamente.

As plantas dos pavimentos são compactas e a circulação horizontal se dá pelos ambientes e somente no pavimento superior há um corredor importante que é o elemento de ligação entre os dormitórios e o sanitário comum, cuja porta de acesso fica junto à escada. A circulação vertical entre os pisos é feita por escadas em alvenaria, e do térreo para o primeiro pavimento as escadas são em lances paralelos, porém, separadas as circulações de serviço e social.

Fontes:

FERRAZ (1997), OHTAKE (2003), RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Gino Saltini:

Ano de projeto / construção: 1944

Endereço: avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 4521, Jardim Paulista

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 72.284/1944.

Área do terreno: 564,75m² (12,55 x 45m)

Área de construção: 310m². 40 no pavimento inferior, 137m² no piso térreo, 23m² para a garagem e 110m² no superior.

No projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, assina como arquiteto (autor do projeto), J. Vilanova Artigas. Outra construtora, de terceiros e não mais a Marone & Artigas assina como responsável pela execução da obra. A sociedade de Artigas com o ex-colega havia terminado em meados de 1944.

Análise descritiva:

Inferior: adega, dormitório de empregada, área de passar roupas e depósito.

Térreo: terraço coberto de acesso social, vestibulo, lavabo, sala de estar com lareira, sala de jantar com acesso por escada à adega,

copa, cozinha. Garagem e, ao fundo desta, sanitário de empregada e área com tanques de lavar roupas.

Superior: três dormitórios, um com grande “*closet*”, dois sanitários de uso comum, um deles com terraço voltado para os fundos do lote.

Provavelmente uma das primeiras casas onde Artigas desenvolve pesquisas projetuais com referências ao racionalismo estrutural e se aproxima do formalismo da escola carioca de arquitetura pelo tratamento formal dado ao volume da construção e de parte importante do pavimento térreo apresentar pilares independentes das alvenarias portantes e num número tal que pode-se aceitar a possibilidade deste ser também um ensaio na aplicação dos pilotis para liberar, mesmo que parcialmente, parte da construção no piso térreo para a “planta livre”. O ambiente único e generoso das salas (4 x 13,1m) pode ser o exemplo disso, pois, praticamente não há alvenarias desde o terraço frontal até o posterior. Os pilares “soltos” sustentam o pavimento superior nestes ambientes e grandes caixilhos de piso ao teto formam os fechamentos periféricos desses cômodos.

A construção está implantada praticamente no meio do lote retangular e com declive de 3,70 metros em relação ao alinhamento. No terreno de testada com 12,55m, a casa está recuada da rua 8m, do lado esquerdo, 1 metro e do lado direito afastada 3 metros da divisa lateral, até o volume da garagem, que encosta na divisa e “fecha” esse corredor de acesso de serviços. A planta da casa era irregular e disposta longitudinalmente no terreno, acompanhando o mesmo. As alvenarias externas receberam argamassa de revestimento e

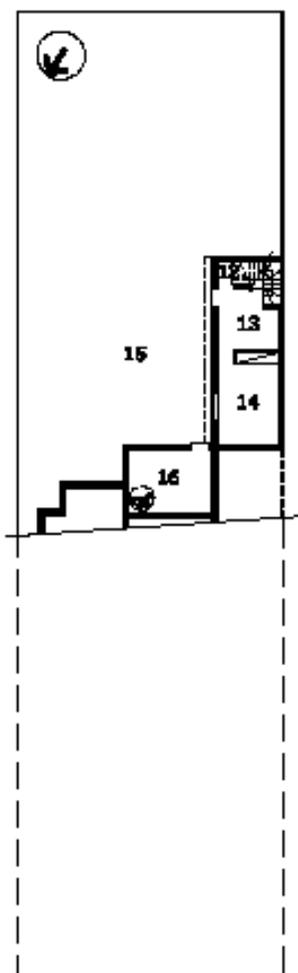
argamassa com pintura (ou pastilhas cerâmicas). O telhado sobre o volume principal da casa e sobre o da garagem são planos inclinados em uma água só, com o emprego de telhas de barro sobre estrutura de madeira. Não há beirais exceto na parte mais alta, na lateral direita do corpo da casa, sobre a alvenaria que tem os caixilhos dos dormitórios. Na fachada frontal, uma empena em alvenaria, somente com uma abertura correspondendo à janela do “*closet*”, e de desenho trapezoidal é a característica importante e marcante, pois solta das alvenarias frontais do térreo pelo vazio do terraço e pelo caixilho alto da sala, chama para si as atenções do observador.

A circulação horizontal no térreo se dava pelos ambientes e pelo vestíbulo, que também era o elo entre a escada, a cozinha e as salas. No pavimento superior, um grande corredor junto a escada é o local principal de passagem dos usuários ao transitarem entre os ambientes ou para se atingir o térreo. Verticalmente uma escada na construção principal que une o vestíbulo do térreo com o corredor do superior e outra menor, no canto esquerdo superior da sala de jantar fazem a ligação desta com a adega no piso inferior, que também pode ser acessado externamente, pelo jardim.

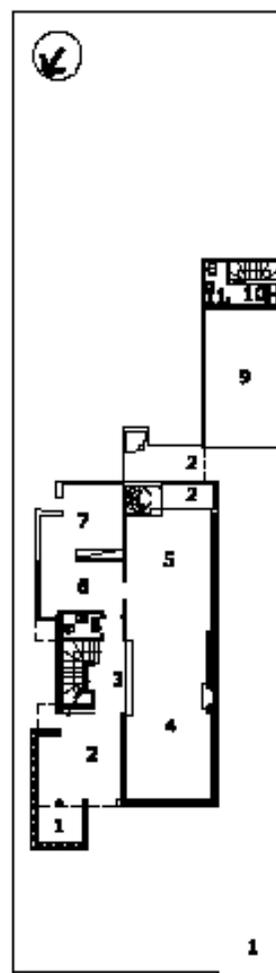
As janelas dos dormitórios, todos orientados para a lateral direita do terreno, se voltam para o sudoeste. A do dormitório de empregada, nos fundos, no pavimento inferior, para o nordeste.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP

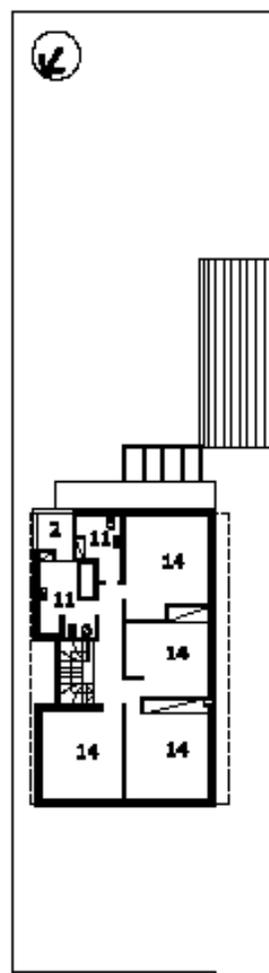


PLANTA PAV. INFERIOR



AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO

PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 JARDIM COM MURO DE PEDRAS
- 2 TERRAÇO COBERTO
- 3 VESTÍBULO
- 4 SALA ESTAR
- 5 SALA JANTAR
- 6 COPA
- 7 COZINHA
- 8 LAVABO
- 9 GARAGEM
- 10 LAVANDERIA
- 11 SANITÁRIO
- 12 DEPÓSITO
- 13 SALA DE PASSAR RÓMPAS
- 14 DORMITÓRIO
- 15 JARDIM
- 16 ADEGA

0 1 2 3 4 5 10 m
ESCALA GRÁFICA

Casa Luiz Carlos Uchôa Junqueira:

Ano de projeto / construção: 1944

Endereço: avenida Padre Antônio José dos Santos (antiga Avenida Central), 211, esquina com avenida Portugal, Brooklin Paulista

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 3.606/1944, que modificou o de nº 2.220/1944. Habite-se em 08/11/1945.

Área do terreno: total da gleba 3000m² (50 x 60m), porém nos desenhos do projeto legal, na PMSF, há indicações de que a casa ocupa uma área de 31 x 27m (837m²), incluídas áreas de jardins projetados. Pode ser um arranjo visando posterior desmembramento do restante do lote.

Área de construção: 302,31m², sendo 185,77 no pavimento térreo e 116,54 no superior.

Nos desenhos do projeto legal que constam nos arquivos da prefeitura paulistana, João Batista Vilanova Artigas assina como o técnico responsável projetista e construtor. Em 22/11/1944 Artigas transfere a responsabilidade pela construção para a firma Duílio & Savoy, provavelmente porque a sociedade com Duílio Marone na Marone & Artigas chegara ao fim. Esta casa foi reformada posteriormente em 1973 segundo projeto do arquiteto Paulo Julio

Valentino Bruna para expressivo aumento de área, dentre outras modificações no programa original.

Análise descritiva:

Térreo: terraço coberto no acesso social e marcado por pergolado em balanço, vestíbulo, lavabo, sala de estar com lareira, terraço lateral coberto anexo a este ambiente, sala de jantar, copa, cozinha, dormitório, sanitário de empregada, lavanderia e pátio de serviços / garagem. À direita do vestíbulo, lado oposto das salas, se encontrava a biblioteca com lareira e pé-direito duplo, laboratório com câmara escura

Superior: Um “hall” / corredor no mesmo eixo da escada de acesso é elemento de distribuição da circulação para onde convergem todos os ambientes. Há um vazio da biblioteca unido espacialmente a esse corredor, que conta também com armário em boa parte de seu comprimento. Um dos dormitórios, o maior, tem no mesmo ambiente saleta de estar (sic) com grande armário e lareira. Um grande sanitário com terraço servia a todos os dormitórios

Edícula: Térrea, era uma mistura de estufa com pequeno galpão. Abrigava galinheiro e plantação de verduras e plantas de corte (sic).

Naquela área menor de 837m² a construção estava recuada do alinhamento frontal da avenida (ex-rua) Portugal do lote plano e de planta retangular, com 31 metros de testada. O volume da edícula estava “virtualmente” encostado na divisa posterior, a 27 metros do

alinhamento frontal. De características formais ecléticas, mas com grandes beirais e telhados em vários planos de uma água só, tinha as fachadas revestidas com argamassa e pintura sobre as alvenarias portantes. A estrutura mesclava esta solução com o emprego de concreto armado em alguns pilares e vigas independentes das alvenarias. As salas de estar e jantar formavam grande salão, e o espaço poderia ser ampliado com a abertura do caixilho total que integrava o terraço lateral e os jardins à sala de estar. Este terraço tinha cobertura um telhado de uma água com caimento para a lateral direita do lote.

Artigas utiliza pela primeira vez o pé-direito duplo num ambiente e o integra ao volume espacial interno, permitindo se visto a partir do piso superior. Emprega, em decorrência disso, grandes caixilhos altos por toda a área social e nessa área do vestíbulo e biblioteca com teto alto. O plano inclinado do telhado nesse corpo principal da casa, ascendendo para a parte posterior da construção, onde estão os dormitórios no pavimento superior, faz com que os grandes beirais dessa fachada das janelas dos dormitórios, tenha inclinação em direção à alvenaria. Pode-se especular que Artigas já pesquisava outras formas dinâmicas para a volumetria das casas na busca de uma linguagem mais contemporânea para seus projetos. Na construção, ou beirais frontais foram suprimidos.

A circulação horizontal no térreo se dava pelos ambientes, podendo ser identificada uma faixa específica para isso junto à escada e às paredes centrais. Um corredor era comunicação da garagem com a lavanderia. O vestíbulo era elemento de passagem do acesso social para as salas ou biblioteca e laboratório. No pavimento superior o

corredor paralelo aos dormitórios e espécie de mirante interno, era o elemento de passagem entre os ambientes. Para circulação vertical, uma única escada reta era utilizada para isso.

A cobertura era generosa, em planos inclinados que definiam os ambientes abaixo dela, eram cobertos, provavelmente, por telhas de cimento amianto. Nos desenhos de prefeitura aparecem beirais, diferentemente do que foi construído, segundo foto da revista Acrópole (ver fontes, no fim desta ficha).

O acesso principal à residência se dava frontalmente, pela porta principal no plano da fachada, com a intermediação de terraço coberto. A garagem, situada sub os dormitórios do pavimento superior da casa, era acessada pela Avenida Central. Todas as dependências de serviços estavam abrigadas e dispostas sob o volume do corpo principal da casa.

O laboratório deveria servir para atendimento ambulatorial de pequenos animais domésticos, para atividades de taxiodermia⁷¹, ou outras similares, já que no desenho de prefeitura verificamos a indicação de “caixas para animais”.

As janelas de todos os dormitórios estavam orientadas para a parte posterior do terreno, correspondente à face Noroeste.

Fontes:

REVISTA ACRÓPOLE, Nº 184, pp 176-179; RIBEIRO (2001), PMSP

⁷¹ A arte que consiste em dissecar animais mortos para conservá-los com aparência de vivos. Dicionário Michaelis, Ed. Melhoramentos, SP, 2005.

Casa Rivadávia de Mendonça:

Ano de projeto / construção: 1944

Endereço: rua Dr. Manuel Maria Tourinho, 46

Situação atual: existente, alterada

Processo Prefeitura nº 76.582/1944. Habite-se em 31/01/1949.

Área do terreno: 515m², sendo frente com 23 metros de comprimento, lateral direita com 26,90m, fundos com 17,86m e lateral esquerda com 23,37m.

Área de construção: 227m², sendo 147 no pavimento térreo e 80 no superior.

Nos desenhos do projeto legal que constam nos arquivos da prefeitura Artigas assina pela primeira vez num projeto como ARQUITETO responsável pelo projeto e construção, não mais “engenheiro”. E assina J. Vilanova Artigas. Esta casa pode ser um dos primeiros projetos e obras que Artigas faz sozinho após o término de sua sociedade com Duílio Marone, ex-colega de faculdade. A empresa de nome Marone & Artigas atua no mercado da construção civil de 1937 a meados de 1944.(MIGUEL, pp 91-93, 2003). Em 1952, com projeto de Moacir V. Martins, foi construída edícula com 32m² nos fundos, junto à divisa direita do terreno.

Análise descritiva:

Térreo: acesso por escada desde o abrigo de carro sob a casa e terraço, ambos cobertos, salas de estar, estudo e refeições. Copa, cozinha, dormitório e sanitário de empregada juntos a área de serviços coberta, sob o pavimento superior.

Superior: dois dormitórios e um sanitário comum, ligados por corredor de circulação que funciona também como espécie de mirante, com vista da paisagem por cima da cobertura da parte do pavimento térreo.

Edícula: Originalmente não havia edícula projetada por Artigas.

Uma das casas que Artigas utilizava como exemplo de suas propostas para construção em “pirambeiras” (sic), terrenos com grande inclinação, demonstrando ser possível uma implantação com o mínimo de cortes ou intervenções radicais no terreno, evitando ao máximo reduzir o local onde se propõe implantar uma edificação a um punhado de patamares escalonados, ou imenso platô com corte profundo e destruidor da topografia original, ou mesmo resolver esse tipo de implantação com uma série de “murinhos” (de arrimo). (FERRAZ, p 45,1997).

A implantação não ignora o terreno nem sua topografia acidentada, ao contrário, o domina e divide sua utilização e ocupação conforme as necessidades do programa. A parte posterior, acima do muro de arrimo é integrada ao pavimento térreo, parte utilizada para atividades de serviços domésticos, parte para as atividades sociais ou de lazer dos moradores e convidados. A parte frontal, afora a diretamente

utilizada para garagem ou outras atividades, é um jardim adaptado à proteção da casa em relação a rua.

A casa está implantada centralizada no lote, com o programa distribuídos basicamente em dois blocos sobre pilotis, o frontal, que abriga as salas sobre a garagem e acesso de pedestres e o posterior, abrigando na parte térrea um terraço e as áreas de serviços e no superior, os dormitórios e sanitário. A estrutura é mista, predominando o uso do concreto armado na maior parte da casa, sobre a parte em alvenaria portante do pavimento superior. O destaque maior é a laje do piso térreo, com vigas invertidas na área das salas, com a frontal se configurando em peitoril. As alvenarias são revestidas com argamassa e pintura na cor branca, em contraponto ao muro de arrimo em concreto ciclópico com textura característica mais marcante visualmente.

Cada bloco tem sua própria cobertura em telhas de cimento amianto sobre vigamento mais leve em peças de madeira, porém, esta estrutura está escondida por forro liso. As inclinações dos dois planos de cobertura são mínimas e não há beirais destacados, mas um pergolado generoso delimita e reforça a área do caixilho frontal das salas. Este caixilho corrido na fachada frontal pode ser referência ou influência da arquitetura Le Corbusier, sobretudo a aplicada na *Villa Savoye*, em Poissy, França (COHEN, 2007, pp 42-47). Mesmo com essa provável referência, esta casa também mostra importante referência à arquitetura organicista de Frank Lloyd Wright, mais pelas plantas dos pisos do que pela volumetria do conjunto ou materiais empregados. Atentar que Artigas utiliza para as coberturas telhas de

cimento amianto que não tem necessariamente uma linguagem próxima da natureza selvagem dos elementos da Terra.

A circulação horizontal no térreo se dava pelos ambientes, podendo ser identificada uma faixa específica para isso junto à escada e às paredes que encerram os ambientes de serviços. Partindo da garagem, no pavimento inferior, uma escada em cada extremidade do muro de arrimo conduz aos acessos sociais e de serviços, separadamente. A escada social está instalada entre as duas paredes de concreto ciclópico do muro de arrimo. No pavimento superior, um corredor / mirante é o elemento de circulação entre os ambientes. Uma escada em dois lances, um bem maior que o outro que é separado do patamar quase no topo da mesma da laje do piso do superior, que parte da sala de refeições e chega no ponto médio desse corredor é por onde se dá a circulação vertical entre os pisos térreo e superior.

O acesso principal à residência se dava lateralmente por escada entre os muros de concreto já citados. Esta chegava a um terraço protegido pela laje do pavimento superior. O piso da garagem estava a cinco metros, aproximadamente, do nível da rua e era atingida após subida em rampa. Esta parte do acesso era comum para carros e pedestres.

As janelas de todos os dormitórios estavam orientadas para a parte posterior do terreno, correspondente à face Noroeste.

Posteriormente a casa sofreu reformas, como elevação de uma das paredes do muro de arrimo e revestimento da mesma com tijolos de barro aparentes na cor clara, inclusão de lareira na parede sudoeste

da sala de estudos, ampliação do comprimento do caixilho longitudinal das salas. Abertura de um caixilho lateral no dormitório junto ao sanitário Estas mudanças são visíveis externamente. Não obtivemos informações de outras alterações.

Fontes:

RIBEIRO (2001); FERRAZ (1997); MIGUEL (2003), PMSP



VISTAS FRONTAIS (FACHADA PRINCIPAL)

Fotos mmp / 2009

1946

Casa Antônio Luiz Teixeira de Barros:

Ano de projeto / construção: 1946

Endereço: rua Turquia, 468, Jardim Europa

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 64.177/1946

Área do terreno: 830m² (20 x 41,5m), Área de construção: 367m²

J.B. Vilanova Artigas assina o projeto de prefeitura como arquiteto autor do projeto e responsável pela obra.

Análise descritiva:

Térreo: único pavimento com terraço coberto de acesso, vestíbulo, sala de estar com lareira, sala de jantar, lavabo, copa, cozinha, terraço coberto nos fundos junto à sala de jantar, quarto e sanitário de empregada, jardim de inverno, dois dormitórios com acesso e sanitário comum, um dormitório grande, com lareira, armários, sanitário próprio e sala de vestir. Esta suíte estava mais próxima da rua, na sequência dos dormitórios dispostas longitudinalmente no lote. Esta distribuição do programa, com os dormitórios na parte frontal do volume da casa térrea, separados das áreas sociais ou de serviços por jardim de inverno (quase que um vazio de transição), lembra a solução de implantação da casa FEBUS GIKOVATE, de 1949. Esta, mais modesta no tamanho e programa. A “edícula” incorporada à casa abrigava a garagem para dois automóveis, outro dormitório de empregada e ampla área de serviços.

Artigas enfrentou dificuldades legais e burocráticas para aprovação de seu projeto junto à prefeitura paulistana, pois a área total da casa excedia o permitido por lei, já que a mesma configurava-se em único corpo com a incorporação do volume da edícula junto à casa. Artigas respondeu a um “comunique-se”, obtendo, aparentemente, sucesso na defesa de seu desenho. Neste documento a prefeitura pedia informações e atendimento às normas de edificação, pois o total da área de ocupação do bloco principal excedia os 276,66m² permitidos (1/3 da área do lote), o volume da edícula (garagem) incorporado ao da casa principal, portanto era entendido como parte deste, avançava em 2 metros sobre o recuo de fundo e o recuo frontal estava irregular em 20cm a menos que o necessário legalmente (conforme a pasta do processo legal junto ao arquivo histórico da PMSP).

Artigas assim argumentou contra esse documento:

“ Exmo Engº Martins (obras 1), pretendeu-se, ao reunir o conjunto de edícula, garage (sic) e quarto de criada, ao corpo da casa, dar ao problema uma solução monobloco. Por isso a ocupação do lote é um pouco superior à estabelecida nos artigos citados, para o que pedimos tolerância, considerando:

- a) Que não há edícula no recuo de fundo;
- b) Que a solução proposta é mais harmoniosa;
- c) Que não houve intenção de aproveitar exageradamente o lote...”

A construção térrea foi implantada em forma de “T”, com a perna do “T” disposta longitudinalmente no lote plano e regular. As outras duas extremidades do “T” encostam nos recuos laterais, de um lado pela edícula / garagem, e do outro, pelo terraço coberto de acesso social e lazer. Os dormitórios estavam distribuídos na perna do “T”, mais próximos da rua de acesso, e esse conjunto se articulava com a outra

parte transversal, pelas dependências de empregada que ficava nessa sequência dos dormitórios.

A implantação desta residência define áreas de jardins ou serviços diretamente ligadas, cada uma, aos ambientes que lhe dão acesso: Nos fundos, do lado direito e atrás da garagem, área de serviços como secagem de roupas, isolada por muro alto de pedra dos outros $\frac{3}{4}$ do jardim posterior. Este era área externa de uso imediato das salas e terraço coberto lateral. Na lateral esquerda existia o largo corredor de acesso de automóveis e do outro lado, outro espaço igualmente largo para acesso social, que se dava lateralmente e na parte posterior da construção.

Estruturalmente a casa foi construída em alvenaria portante, com poucos elementos em concreto armado, como a marquise nos fundos do lote, a cobrir o terraço da sala de jantar. A cobertura foi projetada em duas águas, convergindo para o eixo longitudinal da construção e composta por telhas de cimento amianto sobre vigamento de madeira escondido por forros de estuque de argamassa. As alvenarias eram externamente revestidas em argamassa e posterior acabamento em pintura numa única cor clara. Os aspectos formais do bloco todo são próximos da linguagem da arquitetura moderna com referências à escola carioca. O desenho dos telhados inclinados “para dentro”, configurando o padrão “asa de borboleta” demonstram preocupação formal com o volume, mas o racionalismo construtivo não é percebido, provavelmente por não ter sido procurada essa solução.

As dependências de empregada e área de serviços ficavam sob a projeção do corpo principal da casa. Um dos dormitórios era elemento

de transição entre a área social e de serviços para a área de descanso e recolhimento dos dormitórios. Não se pode utilizar a denominação de casa “bi-nuclear”⁷², conforme termo defendido por Marcel Breuer⁷³ (COBBERS, 2007), pois não era fisicamente clara essa separação dos setores neste projeto. A circulação horizontal se fazia pelos ambientes e, na ala dos dormitórios, por extenso corredor que abrigava do lado do caixilho alto, um móvel “corrido” por toda sua extensão. As janelas do dormitório frontal eram orientadas para sudoeste (frontal) e nordeste (a voltada para dentro do lote). As dos dois dormitórios menores eram orientadas para o noroeste. Para os quartos das empregadas, um tinha a janela orientada para noroeste (jardim de inverno / pátio) e o da edícula, a janela estava orientada para nordeste.

Fontes:

FERRAZ (1997); RIBEIRO (2001); MIGUEL (2003); PMSP

⁷² Basicamente o conceito de casa bi-nuclear propunha a separação física, em blocos separados por pátio ou jardim, as áreas de ocupação e de desenvolvimentos das atividades diurna (trabalho, serviços, convivência social, etc) e noturna (descanso, área privativa aos moradores, locais mais reservados ao convívio familiar);

⁷³ Marcel Lajos Breuer (Hungria, 1902 – Nova Iorque, 1981), arquiteto formado pela Escola Superior de Arte Bauhaus, de Weimar, onde, mais tarde leciona e chega a diretor. Atuava como “designer” de móveis, geralmente desenhados para as edificações que projetava. Morou e trabalhou em Berlin e Londres antes de migrar para os EUA, em 1937, a convite do arquiteto Walter Gropius para lecionar em Harvard. A longa estada na América do Norte possibilita abrir seu próprio ateliê desenvolvendo sua carreira (parte em associação com o próprio Walter Gropius) e foi importante na “definição dos parâmetros do movimento moderno dos Estados Unidos” (CUNHA, Marcio Cotrim. *Arquitextos* nº 67, revista eletrônica Vitruvius, de março de 2009). Atuou profissionalmente na Europa, também, sobretudo na França e Alemanha;

1948

Casa Eli Daniel Nassi:

Ano de projeto / construção: 1948

Endereço: rua João de Souza Dias (antiga rua Piracicaba), 808, Campo Belo.

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura nº 0287/1948.

Área do terreno: 800m², (20 x 40m)

Área de construção: 134m², sendo 114m² na construção principal e 20m² para a garagem.

No projeto legal consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto. Como construtor e técnico responsável pela execução da obra assina originalmente o engenheiro Nicolau André Mauri, que foi substituído em 08/04/1950, pelo engenheiro Ruy Fachini, pois o imóvel passou para outro proprietário, o Sr. Lüder Wilhelm Georg Oltmann.

Análise descritiva:

Térreo: garagem em volume “separado” da casa, terraço coberto como acesso social, sala de estar com lareira, cozinha, sanitário social, “hall” (saleta mais reservada junto aos dormitórios), dois dormitórios. Sobre a mesma cobertura do corpo da casa, dormitório e

sanitário de empregada com acesso externo e pelo corredor coberto da lavanderia.

Residência de pequeno porte implantada em terreno plano e na metade frontal do mesmo, respeitando recuo do alinhamento de 8,50m. Podemos arriscar que Artigas pesquisou, embora timidamente, nesta casa, a planta “bi-nuclear” teorizada e desenvolvida por Marcel Breuer e o desenho da cobertura em “asa de borboleta”. Timidamente, porque não estão claramente definidas em volumes isolados por pátio, ou jardim, os dois setores de atividades opostas, o diurno e o noturno, embora o terreno grande permitisse maior espaçamento entre essas áreas. A localização da área de serviços junto ao dormitório de empregada e na mesma ala da casa dos demais dormitórios também demonstra uma interpenetração de atividades tidas como de períodos distintos junto a ambientes previstos para atividades em período oposto, embora, muito raramente a lavanderia pudesse gerar barulhos às noites e incomodar o repouso nos dormitórios. Se pensarmos na planta bi-nuclear, neste caso, como a separação entre ambientes sociais (sala, terraço e jardim frontal, dos mais privados (dormitórios) os elementos de separação / transição entre estes setores seriam a cozinha e o sanitário social.

O bloco principal da construção encosta na divisa lateral direita com o volume da garagem. Esta está sobre a mesma cobertura, portanto sobre mesmo volume da construção principal, embora separada da casa propriamente dita pelo terraço coberto e pergolado.

A casa é construída em alvenaria portante de tijolos, com acabamento externo em argamassa pintada. O telhado, em duas águas em formato de “asa de borboleta”, tinha telhas de cimento amianto apoiadas em vigamento de madeira. Este se apoiava nas alvenarias e era “escondido” por forro de estuque nos ambientes. Nos desenhos de prefeitura não há indicação da utilização de lajes de concreto, ou pré-moldada, com vigotas de concreto e blocos cerâmicos furados.

Grande caixilho de piso ao teto, na face da sala voltada para o jardim frontal, garante boa iluminação natural ao ambiente e, amplidão visual e espacial do ambiente interno (sala) em direção ao jardim. Brises verticais na fachada frontal e parede de “cobogó” voltada para os fundos do lote, dão alguma privacidade e proteção contra a luz direta do sol no terraço coberto e pergolado, para maior conforto para os usuários.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes na área social e por corredores junto aos dormitórios. Este corredor é o elemento de passagem e ligação entre a área mais privada e a social, tendo no meio do percurso, a cozinha, de um lado, e o sanitário social de uso comum, do outro.

As janelas dos dormitórios dos proprietários são orientados para a lateral direita (noroeste), enquanto que a do dormitório de empregada, para o miolo da construção (nordeste).

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Febus Gikovate:

Ano de projeto / construção: 1948

Endereço: travessa Ouro Preto, nº13, Jardim Europa.

Situação atual: demolida.

Processo Prefeitura nº 93.569/1948.

Área do terreno: 596,75m² (13 x 40,00 x 16,80 x 40,05m), embora nos desenhos de prefeitura esteja estranhamente indicado 599,50m².

Área de construção: total de 205,5m², sendo 196,5m² no pavimento térreo e 9m² para o estúdio, no superior da “edícula”.

J. B. Vilanova Artigas assina como autor do projeto e engenheiro responsável pela obra, conforme desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura.

Análise descritiva:

Térreo: abrigo de automovel semi-coberto, vestíbulo, acesso social na lateral direita da casa, sala de estar com um grande terraço coberto voltado para jardim frontal e pequeno terraço voltado para jardim posterior, lavabo, copa e cozinha, área de serviço, sanitário e dormitório de empregada. Dois dormitórios e um sanitário comum.

Superior: estúdio em espécie de edícula elevada, porém adjacente ao corpo principal da casa, na lateral esquerda, ao lado e acima do dormitório de empregada.

Casa implantada longitudinalmente e praticamente centralizada no lote plano. Somente parte da sala de estar e do terraço frontal encostam na divisa lateral direita. A residência foi construída em alvenaria portante e concreto armado, sobretudo nas lajes de cobertura. Estas eram protegidas por telhas de cimento amianto instaladas sobre vigamentos próprios de madeira apoiados nas ditas lajes.

A construção tinha aspectos formais próximos da escola carioca de arquitetura, com o bloco prismático bem definido, sem beirais, com um volume do terraço frontal e sala de estar de planta trapezoidal perpendicular ao paralelepípedo predominante. A horizontalidade da obra era predominante, somente interrompida pelo pequeno volume da “edícula suspensa” que abrigava o estúdio. Grandes caixilhos de piso a teto encerram a sala de estar e parte da circulação de acesso aos dormitórios. Esta, voltada para jardim de inverno.

Embora não configurando blocos exatamente distintos e separados fisicamente, ou com volumes diferentes, percebe-se uma divisão por setores de atividades diurnas (domésticas, de serviços, sociais) das noturnas (privadas, descanso, estudos). Era aplicação do conceito da planta bi-nuclear preconizada por Marcel Breuer (COBBERS, 2007). Os dormitórios estão isolados das alas de serviços por um pátio aberto, uma espécie de jardim de inverno.

Os dormitórios estão orientados para a face nordeste, o que corresponda à lateral esquerda da casa. A janela do dormitório de empregada e o grande caixilho da edícula / estúdio estão voltados para o sudeste, para o recuo de fundo do lote.

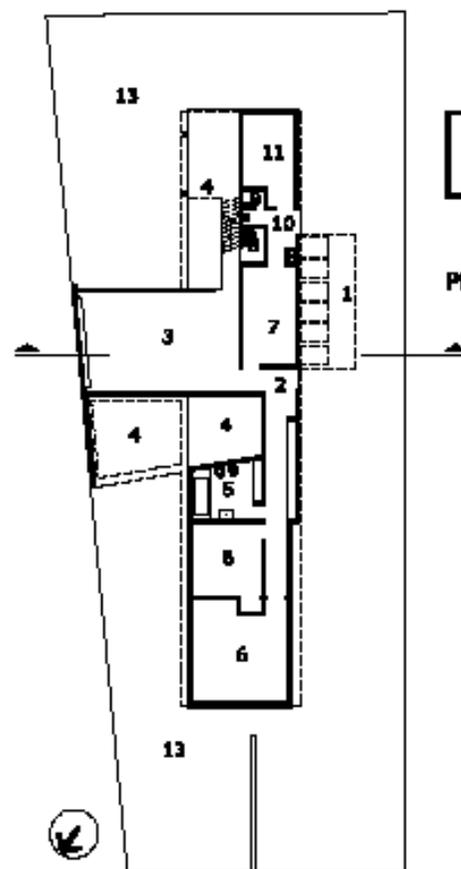
Muros externos e construídos praticamente sobre um eixo longitudinal do lote, separam as áreas de acesso social e/ou serviços dos locais mais reservados, para uso dos moradores e convidados.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes, pelo vestíbulo de acesso social e por corredor deste até os dormitórios. Para acessar o estúdio, uma escada era o elemento de circulação vertical existente.

O engenheiro Oduvaldo Pantaleão substituiu Artigas como responsável pela obra e já em 1950, segundo processo junto a PMSP de número 143.184/1950, o projeto original de Artigas sofria alterações, como a transferência do estúdio para o térreo e a construção de abrigo completo para automóvel na lateral da casa.

Fontes:

ACRÓPOLE (06/1955), RIBEIRO (2001), PMSP



TROVEMOS QUANTO MENOS

PLANTA PAV. TÉRREO

0 1 2 3 4 5 10 m

ESCALA GRÁFICA



PLANTA PAV. SUPERIOR



CORTE

LEGENDA

- 1 ABRIGO ALTO
- 2 VESTÍBULO
- 3 SALA
- 4 TERRAÇO
- 5 SANITÁRIO
- 6 DORMITÓRIOS
- 7 COZINHA
- 8 LAVABO
- 9 SANITÁRIO EMP.
- 10 ÁREA SERVIÇO
- 11 DORMIT. EMP.
- 12 ESTUDIO (pav. superior)
- 13 JARDIM

CASA FEBUS GIKÓVATE

Casa Hanns Victor Trostli:

Ano de projeto / construção: 1948

Endereço: rua Guará, 66, Sumaré.

Situação atual: existente, muito alterada por reformas sucessivas.

Processo Prefeitura nº 25.856/1948.

Área do terreno: 390m² (13 x 30m). Área de construção: 205,40m² em três níveis, embasamento 19,70m², térreo 100,00m² e superior com 85,70m².

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, J. B. Vilanova Artigas assina como autor do projeto, firma construtora e técnico responsável pela obra.

Análise descritiva:

Embasamento: garagem para um veículo sub o piso do térreo, escada descoberta de acesso, na lateral direita da casa.

Térreo: acesso lateral protegido por pequena laje em balanço em concreto armado, salas de estar e jantar, terraço coberto para o jardim lateral, cozinha, despensa e sanitário de empregada com acesso externo.

Superior: três dormitórios e um sanitário. Originalmente, os três dormitórios tinham varanda coberta.



Construção em três níveis implantada centralmente no terreno de planta retangular e em aclive de aproximadamente 2,5 metros em relação à rua de acesso. A estrutura é em concreto armado e o superior está elevado do piso térreo sobre pilotis com 16 pilares cilíndricos em modulação aproximada de 3 x 4 metros. As alvenarias do térreo são independentes da estrutura da casa e, juntamente com os caixilhos das salas, estão recuados em relação às linhas periféricas de pilares. Nos desenhos do projeto original analisados no departamento do arquivo histórico municipal de São Paulo, se nota que a planta era ligeiramente diferente da que foi construída, incluindo o sistema estrutural que era misto entre concreto armado e alvenaria portante.

As empenas das fachadas frontal e posterior acompanhavam a inclinação do telhado em uma água só, no sentido transversal, da direita para a esquerda. Não foram executadas dessa maneira, mas retas, configurando empenas retangulares que igualmente escondiam o telhado. Este, em telhas de cimento amianto sobre vigamento em madeira apoiado nas alvenarias do pavimento superior. No projeto original, não havia laje de concreto desenhada para a cobertura do pavimento superior, mas utilização de forro de estuque para esconder o madeiramento do telhado, as telhas e formar no “entre-forro” um colchão de ar para funcionar como atenuador da carga térmica do exterior para o interior.

No projeto original o acesso à casa era feito por escada, porém este elemento foi trocado na execução da obra, por conjunto de rampas dispostas na lateral direita da casa, primeiro, uma menor, do piso da

garagem até patamar intermediário e a outra, três vezes o comprimento desta, do patamar até o pé da porta de acesso lateral.

As salas configuravam ambiente amplo e a escada de acesso ao pavimento superior era elemento de destaque, funcionando também como elemento separador entre as salas de estar e jantar. A despensa do projeto legal virou dormitório de empregada no projeto executado.

No pavimento superior, o dormitório dos fundos pode ser acessado externamente por uma escada que não havia no projeto legal de 1948. Este quarto ganhou também uma pequena varanda privativa, enquanto que os outros dois compartilhavam varanda maior e comum a eles. Todas essas varandas estão contidas no volume prismático do superior e protegidas por elementos vazados de concreto. A varanda do dormitório dos fundos é totalmente coberta, ao passo que a varanda maior é parcialmente protegida pela cobertura principal da casa. A circulação horizontal se dá pelos ambientes na área social e por pequeno “hall” na área de serviços. No pavimento superior a circulação pode ser feita por corredor / “hall” interno entre os dormitórios e o sanitário ou pela varanda que une dois dormitórios. A circulação vertical era feita pelas escadas. As janelas dos dormitórios são orientadas para a face norte. No projeto original não havia garagem no recuo frontal conforme hoje se encontra. A garagem era sob parte da sala do pavimento térreo e 3/5 da área do recuo de frente era ocupada por jardim no mesmo nível do térreo.

Fontes:

ACRÓPOLE (1954), FERRAZ (1997), RIBEIRO (2000), PMSP

1949

Casa João Batista Vilanova Artigas - 2:

Ano de projeto / construção: 1949

Endereço: rua Barão de Jaceguai, 1151, Campo Belo.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 4.498/1949.

Área do terreno: terreno original, total de 1000m² (20 x 50m). No desmembramento do lote maior, esta parte para a construção da casa 2 de Artigas ficou com 560m².

Área de construção: total 214,55m², sendo 194,55m² para o bloco principal e 20m² para a garagem. A construção maior tem 11,90m² para a área de serviço e 7,15m² para o vestíbulo de acesso social, dois locais fora do volume principal, que tem no térreo 156m² e 19,2m² para o estúdio sobre parte do terraço coberto. No processo existente nos arquivos da prefeitura paulistana para obtenção do alvará de construção desta casa, há informações de que a área do térreo teria 155,17m² e a do mezanino, 17,70

Térreo: garagem, área de serviços e vestíbulo coberto em volumes menores e fora da projeção do prédio principal. Terraço coberto, sala de estar com lareira, sala de jantar, dois sanitários, cozinha e três dormitórios.

Superior: Estúdio com acesso por escada a partir da sala de estar.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas autor do projeto e técnico responsável pela obra.

Análise descritiva:

Construída com telhados em forma de asas de borboleta, muito se assemelha à primeira casa para José Mário Taques Bittencourt, no Sumaré e construída igualmente em 1949. Os aspectos formais são referências à escola carioca de arquitetura moderna, ao racionalismo e funcionalismo baseados nos conceitos propagados pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier para a arquitetura. A casa foi implantada na metade posterior do mesmo lote onde se encontra a primeira casa que Artigas edificou para sua família e mais à direita do lote, porém com os volumes da garagem, área de serviço e cobertura do acesso social, ocupa área de aproximadamente 195m², quase um terço da área deste lote de 600m² “desmembrado” do original de 1000m².

Nesta segunda casa que constrói para morar, Artigas também usa para os fechamentos das fachadas frontal, grandes caixilhos de piso a teto, para reforçar a intenção deliberada de integração “interior / exterior”, entre as atividades desenvolvidas no interior e a vida externa da rua, dos transeuntes. Essa aplicação de caixilhos vedando totalmente os vãos proporciona uma fenomenal entrada de luz natural nos ambientes “sociais”, enquanto alvenarias cegas ou janelas menores dão a privacidade necessária aos ambientes mais reservados da vida interna, dos moradores.

A estrutura principal da casa é em concreto armado, com pilares cilíndricos suportando a parte do estúdio, que é elevada do solo em aproximadamente 2,5 metros. O estúdio, que também é biblioteca e

local de desenvolver atividades que requerem certo silêncio, está nessa posição isolado dos demais ambientes da casa por um pátio coberto e só se junta à ela fisicamente por uma escada paralela à fachada principal.

A cobertura da casa, feita por duas águas convergentes, em planos inclinados que despejam as águas de chuva numa calha única transversal ao corpo principal da construção e sobre a prumada da parede de divisa da cozinha com as salas, para nela embutir as descidas de água de chuva, era feita por telhas de cimento amianto, apoiadas em vigamento de madeira ou aço. Nos desenhos de prefeitura, o forro, que escondia este vigamento, forma um colchão de ar entre o plano inclinado visto das salas ou estúdio e o plano das telhas, era feito de estuque de argamassa comum e pintado posteriormente de branco. Porém, essas lajes inclinadas da cobertura podem ter sido construídas em concreto armado como se observa em publicações posteriores desses desenhos (ver, por exemplo, RIBEIRO, 2001, p. 106).

A casa tem uma planta basicamente retangular com as fachadas paralelas às divisas do lote. As áreas de atividades conflitantes dia x noite, trabalho x descanso estão separadas não por um jardim ou pátio, mas por um conjunto de ambientes com instalações hidráulicas, como os sanitários e a cozinha. Esse procedimento permitiu instalação de caixa de água sobre esse núcleo de “serviços”. Esse arranjo é uma referência possível às casas “bi-nucleares” de Marcel Breuer. Nesta casa há os primeiros passos da Artigas na direção de se cobrir todas os cômodos da casa com uma única cobertura visível de vários pontos. Externamente as paredes são revestidas em

argamassa com acabamento final posterior em pintura. Os caixilhos são de perfis de aço com vidros lisos transparentes, parcialmente pivotantes.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes na área social, com a definição das passagens orientadas pelo mobiliário. Junto ao corpo central do bloco que concentra áreas que se servem da rede hidráulica, forma-se outro corredor de passagem que se une ao que dá acesso aos dormitórios. Uma única escada existe como elemento de circulação vertical entre o térreo e o estúdio. Os dormitórios são orientados para os fundos do lote, correspondendo à face noroeste.

Fontes:

BOM (1955), CONSTRUÇÃO (maio/1979) MÓDULO (maio/1984 e junho/1985), RIBEIRO (2001), OHTAKE (2003), MIGUEL (2003), MINDLIN (2000), THOMAZ (outubro – novembro/1993), XAVIER (1983), KAMITA (2000), FERRAZ (1997), PMSP



Casa José Mário Taques Bittencourt - 1:

Ano de projeto / construção: 1949

Endereço: rua Taboão, 32, esquina com rua Votuporanga, Sumaré.

Situação atual: existente, fachadas cromaticamente alteradas

Processo Prefeitura nº 79.622/1949. Habite-se em 02/03/1951.

Área do terreno: 480m² (30 x 16m).

Área de construção: total 169,80m², sendo 154m² para o bloco principal e 20m² para a edícula. A área ocupada no lote pela construção principal é de 137,5m².

Térreo: abrigo para automovel, terraço coberto de acesso social, sala de estar, sanitário, cozinha, dois dormitórios no corpo principal. Área de serviços, lavanderia e sanitário de empregada em pequena edícula fora da projeção do prédio principal, paralela e do lado oposto à fachada principal.

Superior: Nos desenhos de prefeitura, o mezanino sobre o abrigo de carros, de solução estrutural idêntica à da casa 2 de Vilanova Artigas, no Campo Belo, está indicado como “quarto de criada”. Em visita a residência em 2006, este ambiente era um escritório / estúdio.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto, técnico responsável e construtor.



Análise descritiva:

Construída com telhados em forma de asas de borboleta, muito semelhante fisicamente à casa 2 que Vilanova Artigas projetou para sua família. Os programas de necessidades destas duas casas eram praticamente idênticos e, na planta do térreo a sequência do arranjo dos dormitórios e do bloco “central” com os ambientes que tem instalações hidráulicas e dos setores sociais, em qualquer direção que se observe, era a mesma. Esta casa do Pacaembú era menor do que a de Artigas no Campo Belo. Enquanto esta tem três dormitórios e dois sanitários no corpo principal, aquela tem dois quartos e um banheiro. A sala da casa de Artigas é maior, com espaço para três ambientes e com lareira. A sala desta casa do Sumaré possui dimensões mais modestas.

Os aspectos formais são referências à escola carioca de arquitetura moderna, ao racionalismo e funcionalismo baseados nos conceitos do arquiteto Le Corbusier para a arquitetura moderna. A casa foi implantada de forma centralizada neste lote plano de esquina, porém, com a lateral direita, correspondente à empena cega do ambiente elevado por pilotis, o escritório, encostada à divisa. O padrão de cores originais das alvenarias pintadas e das pastilhas de tons claros que revestiam e destacavam os desenhos das coberturas e laje do mezanino foram alterados para um revestimento texturizado na cor verde folha na reforma de 2006.

Assim como no projeto para a sua segunda casa, Artigas repete nesta a concentração de alguns ambientes que têm instalações hidráulicas sob a prumada do reservatório de água suspenso sobre a

cobertura e no ponto mais baixo da convergência das duas partes do telhado em asa de borboleta do corpo principal da casa. A cobertura, formada por esses dois planos inclinados de laje de concreto armado, tem telhas de cimento amianto apoiadas em madeiramento fixados às lajes. A edícula possui solução de cobertura em laje impermeabilizada e está ligada ao acesso a cozinha por um prolongamento desta laje, com pé-direito baixo, de aproximados 2,25 metros. Este prolongamento da cobertura da edícula em direção à casa principal e a altura livre sob esta laje foram executadas diferentemente do indicado no projeto de prefeitura, onde a edícula está isolada com a cobertura contida sobre as alvenarias e o pé-direito mostrava 3,0m de altura.

A estrutura principal da casa é em concreto armado, com pilares cilíndricos em pilotis suportando a parte do escritório, que é elevada do solo em aproximadamente 2,5 metros. O escritório está isolado dos demais ambientes da casa e só se junta à ela fisicamente por uma escada paralela à fachada longitudinal oposta à fachada..

A casa tem uma planta basicamente retangular com as fachadas paralelas às divisas do lote. O arranjo do programa desta residência é uma referência às soluções de casas “bi-nucleares” de Marcel Breuer, assim como acontece na casa 2 de Artigas. Externamente as paredes são revestidas em argamassa com acabamento final posterior em pintura e faixas demarcando a estrutura de concreto revestidas de pastilhas cerâmicas de cor clara. Já citamos que hoje as fachadas encontram-se pintadas monocromaticamente de verde folha texturizado. Os caixilhos são de perfis de aço com vidros lisos transparentes, alguns, pivotantes.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes na área social, com a definição das passagens orientadas pelo mobiliário. Pequenos corredores de passagem permitem a circulação em torno ao núcleo do sanitário / cozinha e por esta também. Uma única escada existe como elemento de circulação vertical entre o térreo e o estúdio, com acesso pela sala.

Os dormitórios são orientados para os fundos do lote, correspondendo à face noroeste. Esta, uma outra coincidência com a casa 2 de Artigas.

Assim como outras casas da cidade, o muro baixo do alinhamento com o passeio público foi elevado, enclausurando a construção e a isolando da rua. Um portão de madeira serve de acesso para carros e pedestres. Internamente a casa passou por reformas para troca e modernização da rede elétrica e hidráulica. Não conseguimos confirmar trocas dos revestimentos das áreas molháveis. Não houve alteração de alvenarias internas nem do volume externo da casa.

Fontes:

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI (agosto/1952), THOMAZ (1997), KAMITA (2000), ACRÓPOLE (janeiro/1954), MÓDULO (vol. Especial de 1985), RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Juljan Dieter Czapski:

Ano de projeto / construção: 1949

Endereço: rua André Dreifuss, 284, Sumaré.

Situação atual: existente, pouco alterada

Processo Prefeitura nº 19.486/1949. Habite-se parcial, sem edícula, em 26/04/1951.

Área do terreno: 299,915m² (forma trapezoidal) no alinhamento tem 14,63m, na lateral direita 21 e esquerda com 20 metros de comprimento.

Área de construção: total 129,50m², sendo 25 no nível inferior, 33 no nível das salas (intermediário), 61 no nível superior (quartos) e 10,5 na edícula. Um mezanino com 17m² não indicado no desenho do projeto legal (processo de pedido de alvará para a construção da casa) junto a PMSP foi construído sobre o nível das salas. O bloco principal ocupa 94m² de área no terreno e tem 136m² de área construída no total.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas autor do projeto e técnico responsável pela obra. Em 1950, segundo o processo legal de nº 135.892/50, Artigas e o engenheiro Walfrido de Carvalho (que o havia substituído como responsável pela obra em dezembro de 1949), dão entrada para a construção da edícula.



Análise descritiva:

Inferior (nível da rua): abrigo de automóvel, estúdio fotográfico, sanitário e dormitório de empregada (este cômodo foi indicado como despejo no processo legal), área de serviço e acesso social e de serviço cobertos, área coberta sob as salas para atividades diversas.

Térreo (nível intermediário): sala para dois ambientes com acesso por rampa à porta de entrada social.

Superior: sala de jantar, dois dormitórios, um sanitário e cozinha.

Mezanino: estúdio aberto para o vazio das salas.

Residência de médio porte e construída com telhados em forma de asas de borboleta, embora numa versão “encurtada”, ou compacta, se comparada à segunda casa que Vilanova Artigas construiu para si ou com a primeira casa para José Mário Taques Bittencourt. Todas de 1949. Os aspectos formais são referências à escola carioca de arquitetura moderna, logo, à arquitetura racionalista e funcionalista baseada nos conceitos propagados pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier para a arquitetura moderna. A casa foi implantada na metade frontal de lote em declive em relação à rua de acesso e com planta regular de formato trapezoidal. A planta da casa também tem forma regular. A projeção da construção forma um retângulo onde os lados maiores estão paralelos à rua, provavelmente a forma adequada e sugerida por Artigas para melhor se ocupar o terreno, sem grandes engenhosidades para eventuais movimentação de terra e assim, de maneira racional e econômica, propõe tratar esta implantação de maneira peculiar.

Artigas aprofunda o conceito de transparência entre o interior e o exterior, pois as salas e mezanino são fechadas por dois lados com enormes caixilhos de piso a teto. Para Artigas, a possibilidade de uma sociedade igualitária, sem a perversa diferença social e econômica de seus indivíduos, poderia permitir soluções como a adotada para esta casa para essa relação entre a vida privada e a pública, uma se escancarando a outra, se revelando sem nada a esconder ou a temer uma da outra. Essa transparência não resistiu aos costumes dos moradores, pois painéis de papel ou cortinas fecham parte dos vidros, bloqueando a transparência inicial. Um muro alto no alinhamento substituiu o original gradil baixo de 1,20m de altura e sacramentou o isolamento da casa em relação à rua / cidade, prejudicando muito a visibilidade mútua.

A estrutura principal da casa é em concreto armado, com pilares cilíndricos dispostos de maneira modulada sustentam toda a obra, exceto o nível inferior, pois apenas o cobre. Na área aberta e coberta à esquerda do acesso e sob as salas, pode ter sido instalada uma churrasqueira, pois há chaminé na lateral esquerda da construção. Outra possibilidade, porém pouco possível, é a chaminé ser de uma lareira instalada na sala de estar voltada para o jardim posterior do lote.

A cobertura da casa, feita por duas águas convergentes, em planos inclinados que despejam as águas de chuva numa calha única transversal ao corpo principal da construção e sobre a prumada da parede de divisa da cozinha com as salas, para nela embutir as descidas de água de chuva, era feita por telhas de cimento amianto, apoiadas em viga de madeira ou aço. O forro, que escondia

este vigamento, formava um colchão de ar entre o plano inclinado visto das salas, dormitórios ou cozinha e o plano das telhas, era também feito com telhas fixadas sob o mesmo vigamento. (ver FERRAZ, 1997, p 60).

Com uma planta extremamente compacta, embora com o programa de necessidades distribuído por vários níveis, a circulação horizontal se dava pelos ambientes. Há três “halls” mínimos; um na área de serviços, um no acesso social e outro no acesso aos dormitórios / sanitário / cozinha. A circulação vertical era feita por escadas que venciam os meio níveis e por uma rampa de acesso do pequeno vestíbulo no pavimento inferior até o patamar das salas, o primeiro pavimento elevado do solo.

Os dormitórios são orientados para os fundos do lote, também para aproveitar as melhores visuais da paisagem vista daquele ponto a meia encosta do bairro do Sumaré, correspondendo à face Norte.

Fontes:

ACRÓPOLE (janeiro/1954), RIBEIRO (2001), OHTAKE (2003),
PMSP

1950

Casa Elphy Rosenthal:

Ano de projeto / construção: 1950

Endereço: rua Heitor de Moraes, 507, Pacaembú.

Situação atual: existente, pouco alterada.

Processo Prefeitura nº 40.274/1950.

Área do terreno: 510,84m² (aproximadamente 18 x 28,4m).

Área de construção: total de 303m² em dois níveis, no bloco principal, térreo com 139,00m² e superior com 111,40m². Na edícula, térreo com 29m² e superior com 23,60m².

No desenho do projeto legal que consta nos arquivos da prefeitura, J. B. Vilanova Artigas assina como autor do projeto, construtor e técnico responsável pela obra.

Análise descritiva:

Térreo: no corpo principal, abrigo de automóvel, acesso social protegido por pequena laje em balanço, vestíbulo, sala de estar para três ambientes, com lareira e varanda coberta, sala de jantar copa e cozinha. Na edícula, área de serviços coberta com escada de acesso ao pavimento superior.

Superior: três dormitórios, o maior com sanitário privativo, varanda estreita e corrida para os dormitórios, um sanitário comum e um

armário grande como rouparia. No superior da edícula, sala de costura com sanitário e dormitório de empregada.

Um ambiente para salão de jogos foi executado sob a projeção do volume posterior, a edícula, diferentemente do que consta no projeto legal.

Os dois volumes apresentados separados no projeto legal para obtenção do alvará de construção foram construídos unidos, ou seja, a edícula foi “incorporada” ao volume total da construção, dela fazendo parte e ampliando o bloco superior visualmente, pois as fachadas longitudinais tiveram tratamento com elementos de proteção solar do lado noroeste (lateral direita da casa) desde a alvenaria do último dormitório do bloco frontal, até a parede posterior da “edícula”. A fachada longitudinal oposta teve continuidade estrutural e fechamentos com alvenaria e caixilhos altos no pavimento superior

No térreo, os dois blocos foram unidos pelos compartimentos da área de serviço “migrada” da edícula original, que passou a abrigar uma sala para atividades de recreação juntamente com um depósito. No andar superior, os dois ambientes de dormitório de empregada e sala de costura foram mantidos, porém com outro “lay-out”. Um extenso corredor com comprimento praticamente igual à dimensão longitudinal do bloco todo interliga os setores dos dormitórios da família proprietária com os ambientes posteriores, na “edícula incorporada”.

Casa construída em dois blocos separados em parte por jardim no térreo, configurando um “poço de luz” com dois pavimentos cada. Implantada em terreno com forte declive em relação à rua de acesso,

com aterro de aproximadamente 50% do terreno, do alinhamento em direção aos fundos. Muros de arrimo ou estruturais foram executados para suportar a carga da terra colocada na parte do aterro. A outra metade do lote, da metade para os fundos, recebeu estrutura de concreto armado para suportar a construção à partir do térreo em parte da laje neste nível, ou à partir do subsolo, onde se locou sala de jogos sob a edícula. A parte mais alta, nos fundos, com aproximadamente 6 metros de altura do nível do piso térreo ao nível do perfil natural do terreno. A parede posterior da “edícula” foi afastada em aproximadamente 1,5 metros da divisa. Essa solução de unir a edícula ao corpo principal da casa, transformando todo o conjunto num grande prisma e invadindo o recuo de fundos determinado por lei ficou diferente do projeto legal aprovado e, em tese, estaria em desacordo até com as normas da Cia City, a loteadora desta área do Pacaembú.

Os muros de divisa somados às alturas dos muros estruturais do piso térreo até o terreno natural nas divisas laterais e posterior do lote formariam uma barreira e tanto, uma grande massa, voltada para os vizinhos. Então Artigas optou por levantar um muro de elementos vazados na divisa dos fundos, já que estava em patamar mais alto que o vizinho e teria a vista desimpedida para esta direção.

De qualquer modo foi uma forma não usual de Artigas tratar esse tipo de construção em encosta íngreme, mesmo que engenhosa e menos agressiva com o terreno natural. Pode ter sido uma imposição do cliente nivelar o térreo com a rua de acesso e o aterro para posterior execução do piso foi a solução adotada para parte do terreno. A outra metade, depois de concluída a laje do térreo, guarda um grande vazio

não ocupado, exceto pelo salão de jogos citado. Isto pode ter influenciado também na solução adotada em apoiar todo o segundo pavimento do bloco principal e da edícula sobre pilotis.

A estrutura da casa é em concreto armado e isolar estruturalmente o pavimento superior das alvenarias do térreo pode ter sido solução para liberar a planta do térreo. Praticamente somente no bloco de serviços da copa e cozinha e edícula há paredes até o teto. Nos fechamentos periféricos das salas, Artigas utiliza grandes panos de caixilhos de piso a teto, ou pequenas janelas corridas sobre as alvenarias, de modo que somente uma única parede na sala de jantar é construída de piso a teto

Os aspectos formais são claramente vinculados à escola carioca de arquitetura moderna, a volumetria geométrica precisa do paralelepípedo elevado sobre estrutura racionalmente distribuída e a disposição claramente setorizada do programa de necessidades são elementos que denotam essa referência.

Nas fachadas frontal e posterior no pavimento superior, Artigas optou por executar empenas cegas em alvenaria. Os revestimentos externos das alvenarias ou elementos estruturais são em pastilhas cerâmicas 2x2cm, aparentemente. As aberturas para as janelas deste nível estão voltadas para as laterais.

O abrigo para automóvel foi projetado em formas orgânicas e curvas, ligeiramente arqueado, em concreto armado e revestido com pastilhas cerâmicas. Os elementos vazados aplicados nos vãos estruturais entre o bloco frontal e o da edícula anexada, na fachada noroeste são de cor siena (ACRÓPOLE, 06/1956).

Todos os dormitórios estão orientados para a lateral direita da casa, face noroeste. Nesta fachada, os fechamentos em painéis com venezianas em madeira ou os elementos vazados em concreto estão afastados 80cm dos caixilhos internos dos dormitórios. Estes em aço e vidro.

As lajes em concreto armado do corpo principal da casa recebem telhas de cimento amianto instaladas sobre vigamento específico de madeira. O mesmo ocorre com o volume baixo onde se encontram os ambientes de serviço como cozinha e copa e com a cobertura da “edícula anexada”.

Um destaque deste projeto é o projeto e implantação do paisagismo, feito por Osborn Coelho Cardozo, onde as áreas externas, parte sobre laje de concreto e parte sobre aterro, recebeu diversos elementos e complementos às espécies vegetais plantadas, como biombo de tela aramada, tanque de água (sobre rebaixo da laje-piso do térreo)

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes e pelo vestíbulo de acesso social. No superior, pelo corredor longitudinal já citado. A circulação vertical é feita por escadas.

Fontes:

ACRÓPOLE (06/1956), MÓDULO (06/1985), RIBEIRO (2001), PMSP



Casa Augusto Gomes de Mattos:

Ano de projeto / construção: 1949

Endereço: rua Comandante Ismael Guilherme, 47, esquina avenida Sagres, Ibirapuera.

Situação atual: existente.

Processo Prefeitura nº 142.943/1949.

Área do terreno: 312m² (26 x 12m)

Área de construção: total 214,0m², sendo 84m² no térreo e 104m² no pavimento superior do bloco principal. A edícula conta com 26m².

Térreo: terraço coberto de acesso social, vestíbulo, lavabo, sala de estar em “L” para três ambientes, copa e cozinha no corpo principal da casa. Garagem, lavanderia e sanitário de empregada na edícula.

Superior: no corpo principal, três dormitórios, dois sanitários e roupeiro. No superior da edícula, estúdio e dormitório de empregada com acessos diferentes e incomunicáveis.

O arquiteto J.B. Vilanova Artigas assina o projeto legal como autor do projeto e responsável técnico.

Análise descritiva:

Construção implantada centralmente no lote de esquina, plano e voltado para grande praça. Esta casa tem dois blocos, o principal



abrigo o programa familiar propriamente dito e a edícula, com as dependências de empregada, garagem, área de serviços e estúdio com acesso isolado pela casa principal. Essa passagem pelo estúdio, é feita por meio de rampas que partem do bloco principal junto ao vestíbulo. Não há outra forma de circulação vertical no bloco principal. Na edícula, uma escada que parte de pequeno “hall” no térreo une este piso ao dormitório de empregada no superior.

A estrutura da casa é em concreto armado e pilotis sustentam o pavimento superior, liberando a área das salas como “planta livre” para arranjos diversos. O superior da edícula também é sustentado por pilares cilíndricos igualmente. As lajes planas das coberturas do bloco principal e da edícula são cobertas por telhado composto de várias águas em telhas de cimento amianto apoiadas em terçamento de madeira apoiado nas lajes.

As rampas estão fora dos volumes da construção, aparentemente constituindo-se apenas em elementos suporte para a circulação vertical entre os blocos e os pavimentos térreo e superior da construção principal. Estão confinadas e não são perceptíveis aberturas para o exterior, seja para o jardim no próprio terreno ou para os “fundos” do lote.

Os caixilhos dos dormitórios são painéis em madeira de piso a teto, com as partes móveis pelo sistema de guilhotina e instalados na fachada frontal (para a rua Comandante Ismael Guilherme, à frente da alvenaria interna, com pinturas diferenciadas para as partes móveis e fixas. Os painéis correspondem cada um a um dormitório e são separados por pequeno trecho em alvenaria.

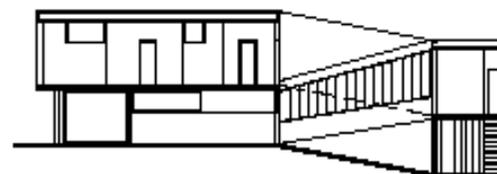
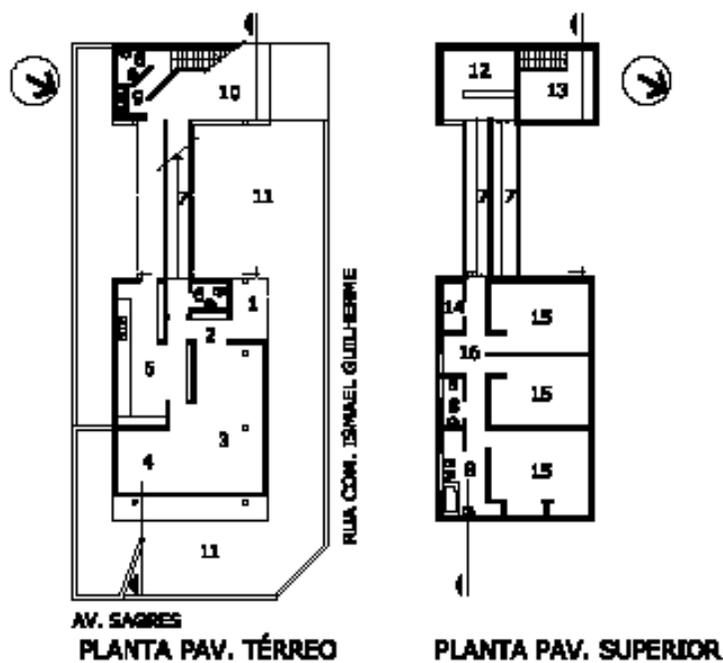
As paredes são revestidas em argamassa externamente e tem acabamento em pintura na cor areia clara, mas é possível que o revestimento original, pelo menos dos elementos mais marcantes da estrutura tenha sido em pastilhas cerâmicas na mesma cor clara, como era recorrente a aplicação desse material naquela época.

Os aspectos formais remetem à escola carioca de arquitetura moderna, com os dois volumes de formas prismáticas puras de paralelepípedos suspensos por pilotis, cobertura plana, projeto que tira partido da racionalização da estrutura, planta livre no térreo, integração com o jardim do próprio terreno por meio de grandes caixilhos de aço e vidro, permitindo integração com o entorno imediato, numa busca de maior diálogo entre a vida privada desenvolvida internamente à casa e a vida coletiva que se desenrolava externamente à propriedade particular.

A orientação das janelas dos dormitórios do pavimento superior para a parte frontal do lote busca a insolação da face norte. A janela do dormitório da empregada, na edícula, é voltada para o pátio interno que a separa da casa principal, face leste.

Fonte:

RIBEIRO (2001), PMSP



CORTE



LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 VESTÍBULO
- 3 SALAS DE ESTAR
- 4 SALA JANTAR
- 5 COPA/COZINHA
- 6 LAVABO
- 7 RAMPAS
- 8 SANITÁRIO
- 9 LAVANDERIA
- 10 GARAGEM
- 11 JARDIM
- 12 ESTÚDIO
- 13 DORMIT. EMPREGADA
- 14 ROUPEIRO
- 15 DORMITÓRIO
- 16 CIRCULAÇÃO

CASA AUGUSTO GOMES DE MATTOS

Casa David Rosenberg:

Ano de projeto / construção: 1950

Endereço: rua Morás, 50, Pinheiros.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 144.363/1950, substituído pelo de nº 102.403/53, em 1953.

Área do terreno: 580,00m² (forma trapezoidal com 18m no alinhamento x 39,50m (ld) x 9,0(f) x 40,90m (le)).

Área de construção: total 301,42m², sendo 274,42m² para o bloco principal e 27m² para a edícula. O pavimento térreo do corpo principal da casa tem 120m², o superior 131,00m². A garagem no pavimento inferior tem 23,42m². A área ocupada no lote pela construção principal é de 176,00m².

Pavimento inferior: abrigo para automovel.

Térreo: terraço coberto frontal, vestíbulo de acesso pela lateral direita da casa, sala de estar com lareira, sala de jantar, lavabo, copa, cozinha, terraço coberto posterior. Na edícula: área de serviços e sala de brinquedos cobertas.

Superior: quatro dormitórios, dois sanitários comuns que servem a todos os dormitórios, um estúdio e rouparia. Na edícula: dormitório e sanitário de empregada.



No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto somente.

Análise descritiva:

De aspectos formais ligados à escola carioca de arquitetura moderna, a casa está implantada em terreno de forma trapezoidal e em ligeiro aclive em relação à rua de acesso. A construção está mais encostada à lateral direita do lote, resguardada a distância mínima de recuo lateral obrigatório de 2,0 metros. A planta do térreo é irregular, enquanto que a do superior é mais regular e, dependendo do ângulo e posição que se observa a obra da rua, tem aparência de um volume prismático, como que um paralelepípedo semelhante à casa de Issac Pechelman, no Pacaembú. Esse bloco do pavimento superior onde estão três dormitórios e os dois sanitários está suspenso por pilotis em pilares cilíndricos e distanciados segundo modulação de 4,75 x 4m, aproximadamente.

É curiosa essa planta do térreo, onde somente os ambientes sociais estão sob a parte do pavimento superior sustentado pelo pilotis e que em planta é um retângulo. Os ambientes de serviço estão numa planta de perímetro irregular e que lembra um trapézio interrompido junto ao lado correspondente à altura da figura. O vestíbulo e a escada de acesso ao segundo pavimento estão nessa parte “anexada” da planta, fora da projeção do pavimento superior. A escada está localizada num espaço bem generoso e que permite um vazio significativo, unindo espacialmente o térreo e o superior nessa região da planta. Esta escada é o elemento de circulação vertical entre os dois pavimentos.

Horizontalmente, no térreo, a circulação é feita pelos ambientes e definida pelo mobiliário distribuído. No superior, um corredor a partir da chegada da escada é o elemento de passagem entre dormitórios e sanitários.

A estrutura principal da casa é em concreto armado, com pilares, lajes e vigas no mesmo material. No volume lateral esquerdo e térreo da sala de estar, a cobertura é em laje abobadada em concreto armado. Posteriormente foi anexada uma lareira ou churrasqueira externa a esse volume, conforme pode-se observar externamente a residência.

Os caixilhos dos dormitórios são grandes painéis em madeira de piso a teto, com as partes móveis pelo sistema de guilhotina. No entanto, não são contínuos como os da casa Isaac Pechelman, mas interrompidos por saliências perpendiculares à fachada, correspondente aos pilares de concreto armado, que neste pavimento assumem seção retangular, diversa daquela circular encontrada no nível do piso térreo.

As janelas dos dormitórios orientados para a lateral esquerda do lote, se voltam na direção norte, enquanto que aquele orientado para os fundos do lote, tem a janela na direção nordeste.

As fachadas são revestidas em pastilhas cerâmicas.

Fontes:

FAU-USP (arquivos eletrônicos do acervo Vilanova Artigas), RIBEIRO (2001), PMSP

Casa Geraldo D'Estéfani:

Ano de projeto / construção: 1950

Endereço: rua José de Magalhães, 176, Vila Clementino.

Situação atual: existente, muito alterada.

Processo Prefeitura nº 76.255/1950. Habite-se em 07/08/1951.

Área do terreno: 175,00m² (7 x 25m)

Área de construção: total 161,40m², sendo 71,4m² no térreo e 90m² no pavimento superior.

Pavimento inferior: abrigo para automovel.

Térreo: terraço coberto frontal (que poderia ser utilizado como abrigo de automovel), um dormitório, lavabo, sala de estar para dois ambientes, cozinha e área de serviços descoberta junta à divisa de fundos. Durante a execução da obra, um tanque para lavar roupas foi instalado sob a segunda rampa, próximo às dependências de empregado no térreo do bloco frontal.

Superior: estúdio e sanitário no volume frontal e dois dormitórios no posterior, sobre a sala e cozinha.

Atualmente a casa encontra-se em uso para consultório médico. As disposições gerais dos ambientes não parecem ter sido alteradas significativamente, mas o pátio / jardim interno, que separa os blocos

frontal e posterior, assim como as rampas que os une, foi coberto por elemento translúcido.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto, construtor e técnico responsável.



Análise descritiva:

Construção em dois volumes separados por pátio interno e conjunto de rampas que são os elementos de circulação entre os meios níveis em que se distribui o programa nesta casa de claras referências à escola de arquitetura moderna carioca, racional e formalista na sua concepção volumétrica e estrutural, sem deixar de ser funcional no atendimento ao programa de necessidades, resolvida de maneira compacta e dentro dos limites legais permitidos para a construção nesse tipo de lote mais modesto em dimensões (se compararmos com os lotes maiores dos loteamentos da região dos Jardins, Pacaembú, Sumaré ou outros equivalentes nos quais a maioria dos projetos residenciais de Artigas foram desenvolvidos).

A casa foi implantada em dois blocos, como citado acima, encostados às divisas laterais e espaçados internamente em 8 metros, aproximadamente, pelo jardim (pátio interno). Rigorosamente não se pode dizer que é uma aplicação do conceito da casa “bi-nuclear” proposta por Marcel Breuer, pois as atividades diurnas e noturnas não estão separadas (isoladas) por pátio, ou qualquer área horizontalmente. Neste caso, os locais para desenvolvimento destas atividades estão separados por níveis: o térreo para as atividades

“diurnas” e o superior, para as outras noturnas ou mais reservadas à família do morador.

A estrutura da casa é em concreto armado, os vedos externos são em alvenarias revestidas em argamassa e pintura com alguns detalhes como a marcação da estrutura ou o requadro. dos elementos vazados da fachada em pastilhas cerâmicas.

A cobertura é em telhas de cimento amianto fixadas ao madeiramento pertinente e apoiado nas lajes inclinadas, com a inclinação convergente dos planos inclinados para coleta de águas pluviais num ponto sobre o sanitário, ou seja, lembrando a solução de cobertura em “asa de borboleta”. O jardim interno, sem cobertura, era um pátio de iluminação e ventilação naturais dos ambientes voltados a ele, praticamente os sociais, pois os dormitórios tinham as janelas orientadas para o fundo do lote. Esse pátio interno é um recurso que Artigas passa a dar cada vez mais importância para aplicação nas casas (e, em outra escala em construções maiores que projeta, como escolas, por exemplo), pois é elemento de atração visual e de prolongamento das atividades de convívio, uma “praça interna”.

Os caixilhos dos dormitórios são painéis em madeira de piso a teto, com as partes móveis pelo sistema de guilhotina e instalados na fachada posterior, à frente da alvenaria interna. No entanto, não foi possível verificar se revestiam toda a fachada ou somente as regiões acima e abaixo de cada janela. Diferentemente dos desenhos de prefeitura, onde aparece uma alvenaria dividindo esses dois quartos, na execução da obra, armários fazem a função de divisão entre estes

cômodos, metade do armário voltada para cada lado, de modo que cada dormitório tivesse acesso à áreas equivalentes do mesmo.

A orientação das janelas dos dormitórios do pavimento superior para a parte posterior do lote, buscou a face leste do mesmo.

Fontes:

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI (agosto/1952), ACRÓPOLE (janeiro/1954), FERRAZ (1997), RIBEIRO (2001), FAU-USP (arquivos eletrônicos do acervo Vilanova Artigas), PMSP.

1951

Casa Oduvaldo Vianna:

Ano de projeto / construção: 1951

Endereço: avenida Dr. Arnaldo, 1384 (lote 26, Q. 2), Sumaré.

Situação atual: demolida.

Processo Prefeitura nº 67.599/1951.

Área do terreno: 407m² [13,5m (al) x 31,31m(ld) x 11,56m (f) x 34,50m(le)].

Área de construção: total de 318,46m², sendo 143m² no pavimento térreo e 125,46m² no superior, e 50m² no inferior.

J. B. Vilanova Artigas assina como autor do projeto, construtor e técnico responsável pela obra, conforme desenhos de prefeitura.

Análise descritiva:

Inferior (chamado de embasamento no desenho de prefeitura): terraço coberto pela área do terraço e estúdio do pavimento térreo.

Térreo: abrigo de automovel e terraço de acesso cobertos, lavabo, dois dormitórios, um sanitário comum a esses dois quartos, Dormitório e sanitário de empregada com acesso externo somente.

Superior: estúdio com acesso a grande terraço descoberto. Salas de estar com terraço, sala de jantar com terraço, lavabo e cozinha. Não há indicação clara do local da área de serviços, mas pode estar junto à cozinha. Esta tinha acesso à escada “caracol” que a unia às dependências de empregada no pavimento térreo.

Casa implantada longitudinalmente e praticamente centralizada em lote com acentuado declive em relação à via de acesso. Localizava-se próximo do atual acesso ao metrô de São Paulo junto à rua Petrópolis. Tinha aspectos formais ligados à escola carioca de arquitetura, portanto, com referências à arquitetura moderna preconizada por Le Corbusier. A estrutura era em concreto armado, o superior suspenso por pilotis, liberando o térreo para soluções independentes da estrutura, ao mesmo tempo que abrigava grande área para diversas atividades sociais, além de ter a função de abrigo de automóveis.

A construção consistia num bloco prismático de planta retangular (exceto a do último nível) e com o programa distribuído pelos pavimentos defasados em meio-pé-direito os frontais dos posteriores. Eram interligados por rampas dispostas paralelamente ao terraço cimentado do térreo e deste separadas por jardim. Um caixilho isolava acusticamente e encerrava este ambiente de passagem interno. Este jardim interno era o chão do vazio das rampas e podia ser visto de todos os níveis da casa acima do térreo.

Normalmente em posição inversa, os dormitórios desta casa estão num nível abaixo do destinado às atividades sociais e da cozinha, porém, voltados para a face posterior do lote, com boa insolação por

estar voltada para o fundo de vale, onde hoje se encontra a avenida Sumaré. Sobre estes quartos ficava o estúdio e seu terraço descoberto, provavelmente com a laje impermeabilizada, já que era a cobertura de um dos dormitórios do pavimento abaixo. O setor de serviços possuía circulação própria e independente, feita por escada “caracol” e posicionada externamente à caixa da construção principal.

O terraço localizado no nível inferior era o mais próximo do nível do terreno natural dos jardins do fundo do terreno. Nos desenhos de prefeitura é uma grande área coberta com acesso por escada externa, local para o desenvolvimento de inúmeras atividades não definidas no projeto inicial.

Os dormitórios estão orientados para a face nordeste, exceto o de empregada, voltado para a face sudeste (lateral direita do lote).

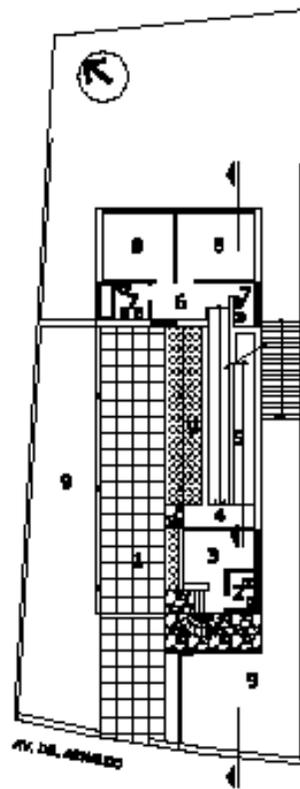
Os terraços das salas no nível mais alto da construção, além de servirem de proteção às salas, do sol intenso, com suas coberturas, eram locais para contemplação da paisagem urbana, já que a casa ficava em ponto elevado e privilegiado junto ao vale da atual avenida Sumaré, com visuais possíveis e praticamente livres na direção de Pinheiros e de Perdizes / Água Branca.

Este é um dos primeiros, senão o primeiro projeto em que Artigas utiliza as rampas não só como elementos para circulação vertical entre os níveis da moradia. Elas ganharam destaques como elementos de um sistema de contemplação do percurso, do entorno imediato a elas, do jardim enclausurado por caixilhos transparentes definindo uma espécie de “átrio” de pé-direito alto, por onde a maioria dos ambientes se interligam.

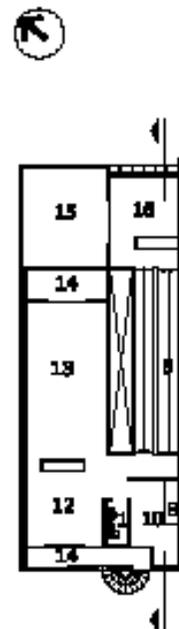
A circulação horizontal nos pavimentos se dá pelos ambientes, pelo pequeno “hall” dos dormitórios e sanitários. Verticalmente as rampas eram os principais elementos arquitetônicos de circulação, mas havia escada externa para a circulação de serviço.

Fontes:

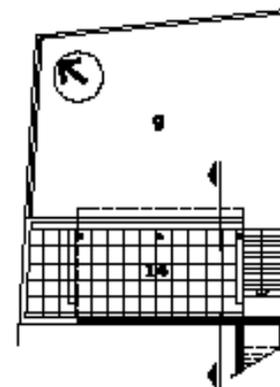
ACRÓPOLE (outubro/1955), RIBEIRO (2001), PMSP



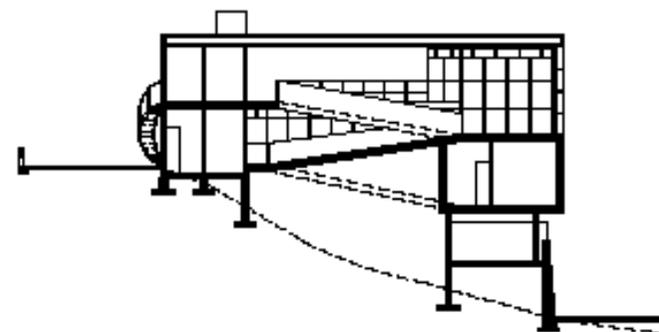
PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



PLANTA PAV. INFERIOR



CORTE

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO
- 2 SANIT. EMP.
- 3 DORMIT. EMP.
- 4 VESTÍBULO
- 5 RAMPAS
- 6 CIRCULAÇÃO
- 7 BANITÁRIO
- 8 DORMITÓRIO
- 9 JARDIM
- 10 COZINHA
- 11 LAVABO
- 12 S. DE JANTAR
- 13 S. DE ESTAR
- 14 TERRAÇO
- 15 TERRAÇO DESCOBERTO
- 16 ESTÚDIO
- 14 TERRAÇO
- 15 TERRAÇO DESCOBERTO

CASA ODUVALDO VIANNA FILHO

Casa Paulo Emílio Gomes dos Reis:

Ano de projeto / construção: 1951

Endereço: rua Almirante Pereira Guimarães, 378, Pacaembú.

Situação atual: existente, muito alterada.

Processo Prefeitura nº 40.833/1951. Habite-se em 03/02/1954

Área do terreno: 475m² [(22m(al) x 25m(ld) x 21m(f) x 18m(le)]

Área de construção: total 270,20m², sendo 118,40m² no térreo e 126m² no pavimento superior do bloco principal. A edícula conta com 25,80m².

Inferior: Abrigo de automóvel sob o corpo principal da casa e área coberta sob edícula.

Térreo: vestíbulo, lavabo, escritório, sala de estar com lareira, terraço coberto de acesso a sala de estar, sala de jantar, copa e cozinha no corpo principal da casa. Dormitório, sanitário de empregada e área de serviços na edícula.

Superior: no corpo principal, três dormitórios e dois sanitários. Um dos dormitórios com grande área para armários. Terraço no longitudinal, único para todos os dormitórios.



O arquiteto J.B. Vilanova Artigas assina o projeto legal como autor do projeto, construtor e técnico responsável.

Análise descritiva:

Construção implantada no centro do lote de planta trapezoidal de topografia irregular, com declive acentuado da metade para a lateral direita. Artigas tirou partido disso, projetando o lado direito do corpo principal da casa sobre pilares, elevando do solo de modo a formar a garagem e o acesso por este nível inferior à edícula e à área coberta sob a mesma. No corte transversal mostrado num periódico (ACRÓPOLE, 1953, pp446-449) percebemos a indicação de duas prováveis aberturas, sob a cozinha e com acesso pela garagem, que podem ser portas de dois depósitos neste nível inferior.

A casa apresenta aspectos formais com referências à escola de arquitetura moderna, tendo o desenho claras preocupações geométricas. Os planos das fachadas frontal e posterior são ligeiramente inclinados para dentro do corpo da construção, ou seja, a planta do piso superior é ligeiramente maior que a planta da cobertura. Isso se explica porque Artigas dotou essas fachadas longitudinais e maiores da casa, de um lado vazio para área externa do térreo (fachada frontal) e do outro, um corredor / terraço que interliga todos os quartos. Nos planos inclinados dessas duas fachadas Artigas utiliza elementos para proteção solar. Na frontal elementos vazados e pré-fabricados de concreto. Na posterior, brises móveis e controláveis formando uma faixa por toda extensão do terraço e parte de um grande painel com venezianas para ventilação permanente, fixas acima e abaixo da linha dos brises.

A construção tem estrutura em concreto armado e fechamentos em alvenarias revestidas em argamassa com acabamento em pintura. Os pilares e a lareira são revestidos com pastilhas cerâmicas. O pavimento superior é elevado do solo por pilotis que permitem flexibilidade no “lay-out” do térreo com a planta livre resultante.

A cobertura é em telhas de cimento amianto com inclinações para o interior da mesma, despejando as águas de chuva em calha longitudinal locada aproximadamente no eixo desta planta de cobertura. Este telhado se apóia sobre a laje de concreto armado.

Grandes caixilhos de aço com vidros transparentes são os elementos de vedação das salas. Praticamente todos voltados para os jardins internos, exceto no escritório. Neste grande salão coberto pela laje do pavimento superior suportada por pilotis que faz parte do ambiente, pois estão “no meio” dele, os espaços são limitados ou definidos virtualmente por elementos arquitetônicos: a lareira entre a sala de estar e a de jantar, a escada, o vestíbulo, por exemplo.

As janelas dos dormitórios são todas voltadas para a parte posterior do lote e buscam a insolação da face norte / noroeste. A janela do dormitório da empregada, na edícula, é voltada para sudeste / sul.

Fonte:

ACRÓPOLE (1953), RIBEIRO (2001), PMSP

1954

Casa Isaac Pechelman:

Ano de projeto / construção: 1956

Endereço: rua Ferdinando Laboriau,124, Pacaembú,

Situação atual: existente.

Processo Prefeitura nº 258.020/1956 com alterações ao projeto inicial e com aumento de área, substituiu o original de nº 137.359/1954.

Área do terreno: 502m² [18m (al) x 36,60m(ld) x 18,95m (f) x 24,77m(le)].

Área de construção: total de 411,71m², sendo 165m² no pavimento térreo e 165m² no superior do bloco principal e 50,63m² no térreo da edícula e 31,08m² para o superior.

J. B. Vilanova Artigas assina como autor do projeto, Duílio Marone como responsável pela obra e a firma construtora, Marone & Savoy Ltd, conforme desenhos de prefeitura.

Análise descritiva:

Térreo: no corpo principal, terraço externo abrigado na lateral direita para acesso social, vestíbulo, lavabo, sala de estar com lareira, sala de jantar, escritório, copa, cozinha com despensa (armário). Na edícula fica o abrigo de automovel.



Superior: no corpo principal há grande “hall” de circulação junto ao topo da escada (pode ser uma saleta), três dormitórios, um sanitário de uso comum, outro sanitário de uso mais privativo, pois tem acesso por dentro do “closet” do terceiro dormitório, no lado sudeste da planta da casa. O dormitório do lado oposto também tem grande armário privativo (“closet”). No superior da edícula ficam as dependências de empregada, dormitório e sanitário, e lavanderia.

Casa projetada e construída em dois blocos separados, o principal implantado no meio do terreno de planta de forma trapezoidal e com declive aproximado de 1,5m para o lado direito. No entanto, o terreno foi aterrado e nivelado para a implantação da casa ligeiramente mais alta do que o nível da rua. O acesso de pedestres e de veículos se dá pela lateral direita por um corredor de 3,90m de largura.

A construção principal tem planta retangular e regular e o acesso é feito pelo generoso vestíbulo de distribuição. O ambiente para sala de estar pode ser subdividido em outros três, um deles mais próximos da lareira que foi locada junto a parede lateral esquerda. Grandes caixilhos de aço e vidro de piso a teto ampliam a sensação espacial desse salão em direção ao jardim frontal, principalmente.

Diferentemente do que já vinha projetando com relação às escadas principais de acesso às áreas dos dormitórios das residências, nesta casa Artigas “esconde” a escada dos ambientes sociais. Dela não tira nenhum partido como elemento escultural, pois chega “emparedada” ao pavimento superior.

Todos os dormitórios do bloco principal estão voltados para a face nordeste, correspondente à lateral direita do lote, com os caixilhos

modelo “portas-balcão” abrindo para um terraço estreito e que tem todo o comprimento desta lateral. No plano desta fachada, painéis de madeiras treliçadas, como que muxarabiês, com partes móveis e corrediças com vidros para controle da luz e ventilação naturais.

A estrutura da casa é em concreto armado e somente no plano da fachada frontal três pilares cilíndricos estão à mostra, num plano à frente dos caixilhos. Embora independente da estrutura, as alvenarias escondem os pilares, aparentemente modulados, mas com seções diferenciadas em função da espessura das paredes que os recebem.

A laje de cobertura é em concreto, com platibandas em vigas invertidas de concreto escondendo telhado com telhas em alumínio (indicação nos desenhos de prefeitura), apoiadas em madeiramento próprio. As telhas estão divididas em quatro planos inclinados suavemente, pois assim o material permite, com duas linhas de calhas para recolhimento das águas de chuvas.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes, pelo corredor de passagem entre o “hall” de entrada e o escritório localizado na parte posterior junto à cozinha, passando por esta, pelo lavabo e pela escada de acesso ao superior. O vestíbulo de distribuição junto ao acesso social é, por excelência, local de passagem. No superior há corredor longitudinal interno que possibilita a circulação entre os dormitórios e sanitários. O estreito terraço “corrido”, paralelo às fachadas laterais é outro elemento que permite circulação entre os dormitórios, exclusivamente. Para se acessar o pavimento superior da edícula

Há uma escada externa, com arranque em frente à porta da cozinha na fachada posterior. No corpo principal da casa a escada “emparedada” é o elemento que permite a circulação vertical entre os andares.

O bloco prismático de aspectos formais geometricamente definidos, a planta do superior parcialmente elevada por pilotis, a laje plana de cobertura e o revestimento em pastilhas dos pilares e marcações da estrutura são referências à escola de arquitetura moderna, na qual Artigas se pautava, na época, para a elaboração de seus projetos, na busca de uma unificação em nível nacional de uma linguagem homogênea para a arquitetura moderna brasileira.

Como o projeto original desta casa de 1954 foi modificado por Artigas por outro em 1956, este ano deve ser considerado como o verdadeiro ano do projeto que foi feito pelo arquiteto e que teve a construção executada de acordo com ele. A indicação nas publicações, RIBEIRO (2001), FERRAZ (1997), levam em conta o ano do primeiro projeto e não o do projeto definitivo, o que foi construído.

Fontes:

RIBEIRO (2001), FERRAZ (1997), PMSP

1956

Casa Olga & Baeta Henriques:

Ano de projeto / construção: 1956

Endereço: rua Gaspar Moreira, 271, City Butantã.

Situação atual: existente, bem conservada.

Processo Prefeitura nº 254.581/1956. Habite-se em 07/07/1958.

Área do terreno: 456m² (16 x 28,50m)

Área de construção: total de 201,50m², sendo 123,50m² no pavimento térreo e 78m² no superior.

Vilanova Artigas assina como arquiteto e construtor os desenhos de prefeitura. O carimbo oficial com o número do alvará para execução da obra foi assinado pelo Engenheiro e Arquiteto Flávio J. M. Villaça, em 10/07/1956. Projetos de arquitetura feito em parceria com o arquiteto Carlos Cascaldi.

Análise descritiva:

Térreo: abrigo de automóvel, acesso por terraço coberto, pequeno “hall” de distribuição, sala de jantar, sala de estar, cozinha, dormitório e sanitário de empregada com acesso externo por pequeno “hall” junto ao acesso externo da cozinha, estúdio meio nível acima do térreo.



Superior: três dormitórios e dois sanitários de uso comum aos moradores.

Casa construída em concreto armado, com as empenas cegas na fachada frontal e posterior pintadas na cor branca, com o desenho das madeiras das formas dispostas na vertical, deixados à mostra. Segundo Artigas, esta textura lhe recordava as casas de madeira do Paraná, estado onde passou a infância e adolescência. Implantada centralizada no lote plano e retangular, o corpo da casa guarda distância dos limites do lote seguindo as regras impostas pela loteadora deste bairro, a Cia City.

A construção foi executada ligeiramente diferente do indicado no projeto legal, como, por exemplo, na região das dependências de empregada, na quantidade de dormitórios sendo executado um a mais do que o desenhado para a prefeitura, a escada de acesso ao superior foi simplificada em apenas dois lances e não os três iniciais, foi retirado espécie de pergolado desenhado para a fachada da lateral direita da casa.

A residência se apóia em oito pilares de concreto armado de seção retangular variável que sustentam a laje nervurada de concreto armado com as vigas invertidas do piso do pavimento superior e as vigas transversais que recebem as cargas das longitudinais em concreto. Estas são apoios para o madeiramento do telhado que é coberto por telhas de barro. O telhado é em duas águas assimétricas e cada uma com o caimento para uma lateral do lote. O plano inclinado da cobertura com menor dimensão está do lado direito da casa. Isso é em função da distribuição interna do programa do

pavimento superior. O desenho dos topos das empenas frontal e posterior seguem as inclinações dos planos inclinados da cobertura, ao mesmo tempo que arremata e esconde o telhado.

As salas e o estúdio tem pé-direito alto e o vazio formado acima desses ambientes permite que sejam vistos e integrados espacialmente à circulação do pavimento superior.

As áreas dos ambientes das salas são definidos por cores diferenciadas pintadas no piso. São cores primárias desenhadas geometricamente bem definidas compondo o piso de cada ambiente. Com isso, Artigas argumentava que a definição da área de influência de cada ambiente, os limites para a realização de atividades específicas e pertinentes a cada espaço, deveria ser percebida pelo usuário em função da espacialidade proposta pelos planos coloridos do piso e não por paredes.

A circulação horizontal no térreo se dá pelos ambientes e no pavimento superior, uma espécie de corredor de largura variável é o local de passagem entre os dormitórios e os sanitários. Uma escada escultural e toda preta é o elemento arquitetônico para a circulação entre os dois pisos da residência. Nem nos desenhos de prefeitura nem nos encontrados nas publicações que consultamos, identificamos o local para a área de serviços.

Os dormitórios do pavimento superior estão com os caixilhos orientados para a face norte, lateral direita do lote. A janela do dormitório da empregada volta-se para a face oeste, fundos do lote. Os caixilhos dos dormitórios do pavimento superior são em grandes painéis de madeira de piso a teto e pintados na cor vermelha, como

as calhas nos beirais do telhado, enquanto que os pilares estão pintados na cor azul escuro.

O projeto desta casa é tido como o “divisor de águas” na produção de Artigas, pois a partir dele, o arquiteto inicia a busca por uma linguagem própria, rompendo com as tentativas de se aliar à escola carioca de arquitetura para uma unificação de uma linguagem única, quase como padrão, para a arquitetura moderna brasileira. A partir desta casa construída, se pode especular que nascia também uma escola paulista de arquitetura, aparentemente nunca admitida como tal pelo próprio ARTIGAS, mas que angariou muitos profissionais arquitetos a buscar referências nessa produção de Vilanova Artigas a partir da metade da década de 1950.

Fontes:

MÓDULO (junho/1985, p 63), ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO (março/1998, pp 28-37), THOMAZ (AU, out-nov/1993), FERRAZ (1997, pp 72-73), KAMITA (2000), OHTAKE (2003), MIGUEL (2003), RIBEIRO (2001), FAU-USP (arquivos eletrônicos do acervo de Vilanova Artigas, biblioteca da unidade da cidade universitária), PMSP.

1958

Casa Rubens de Mendonça:

Ano de projeto / construção: 1958

Endereço: rua Guaçú, 176, Sumaré.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 213.296/1958. Habite-se em 04/07/1958.

Área do terreno: 381m² [12m (al) x 28,83m (ld) x 13,37m (f) x 34,76m (le)]⁷⁴.

Área de construção: total 215m², sendo 86,70m² para o pavimento térreo, 109,30m² para o superior e 20m² para a garagem no piso inferior. A área ocupada no lote pela construção é de 109,30m².

Inferior: garagem para um automóvel e conjunto de rampas de acesso ao térreo, separadas da garagem por jardim. A garagem foi executada maior que o indicado nos desenhos de prefeitura, com vagas para dois veículos e com a diminuição do jardim central no nível da rua.

Térreo: vestíbulo de acesso, sala de estar com lareira, sala de jantar, lavabo, copa, cozinha, área de serviços, dormitório e sanitário de empregada sob o volume da construção. A lareira não foi executada como previsto nos desenhos de prefeitura.



⁷⁴ al (alinhamento), ld (lateral direita), f(fundos), le (lateral esquerda)

Superior: quatro dormitórios, dois sanitários de uso comum e roupeiro. No projeto de prefeitura há indicação de um estúdio ao lado da escada interna, no nível do patamar intermediário desta. Este ambiente foi ampliado durante a execução das obras e passou de planta quadrada para retangular, praticamente dobrando a área original prevista para o estúdio.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como arquiteto e construtor responsável. Em 1958, o engenheiro Riolando Mendonça substituiu Artigas na responsabilidade pela execução da construção.

Análise descritiva:

Conhecida como a casa dos triângulos pela aplicação por Artigas desta figura geométrica nos desenhos da pintura das fachadas, nos pilares e detalhes construtivos, a construção tem aspectos formais de um grande prisma paralelepípedo elevado do solo. Tem plantas retangulares e está implantada no meio do lote de planta trapezoidal, resguardados os recuos das divisas conforme as leis municipais.

A estrutura é em concreto armado e pintada de branco. As fachadas são pintadas com desenhos geométricos nas formas de triângulos de várias dimensões, nas cores azul e branca. Os painéis maiores estão nas empenas cegas das fachadas frontal e posterior. Estudos para pintura do revestimentos dos pisos de alguns ambientes foram feitos por Mário Gruber e Artigas. A execução das pinturas nas fachadas, por Rebolo.

Esta casa é outro exemplo de como Artigas não perdia oportunidade para pesquisar novas formas de linguagem para a arquitetura, seja no partido adotado, na composição volumétrica ou nas pinturas concretistas dos triângulos azuis e brancos. Ver FERRAZ (2001, pp 78-80)

A cobertura plana em laje impermeabilizada e de concreto armado fica exposta às intempéries. O volume da caixa de água em concreto armado, elevada acima da cobertura por pilar central por onde passam as tubulações de hidráulica se repete de maneira similar à executada para a casa de Olga Baeta Henriques, de 1956.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes na área social, com a definição das passagens orientadas pelo mobiliário, além do vestíbulo de acesso social aos níveis da cozinha, salas, lavabo e estúdio. No pavimento superior um corredor longitudinal interliga os dormitórios com os sanitários e roupeiro. A circulação vertical se dá pela escada principal e centralizada em planta. O acesso social à residência é feita pela lateral direita do lote após conjunto de rampas externas e descobertas que interligam este corredor lateral à garagem coberta, no pavimento inferior e no nível da rua.

Os planos das fachadas longitudinais estão recuados em relação à projeção do beiral / laterais da cobertura, de modo que fornecem proteção contra intempéries aos painéis dos caixilhos dos quartos, pintados na cor vermelha. Do lado oposto, o avanço da cobertura na parte central, protege, de alguma forma a porta de acesso social.

Os dormitórios do pavimento superior são orientados para a lateral esquerda do lote, correspondendo à face noroeste.

A janela do quarto de empregada está direcionada para os fundos do lote, correspondendo à face nordeste.

Fontes:

FERRAZ (1997), FUNDAÇÃO (1993), RIBEIRO (2001),
CONSTRUÇÃO SÃO PAULO (dezembro/1979, nº 1664), MÓDULO
(junho/1985), KAMITA (2000), XAVIER (1983), THOMAZ (2005),
PMSP.

1959

Casa José Mário Taques Bittencourt - 2:



Ano de projeto / construção: 1959

Endereço: rua Votuporanga, 275, Sumaré.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 204.461/1959.

Área do terreno: 549m² [14m (al) x 34,59m (ld) x 17,53m (f) x 35,5m (le)].

Área de construção: total 332m², sendo: 32m² no subsolo, 130m² no pavimento térreo e 170m² no superior. A casa ocupa 170m² de projeção no solo.

Subsolo: volume de serviços semi-enterrado, localizado na parte frontal do terreno, respeitado o recuo frontal obrigatório, contém dormitório e sanitário de empregada e área de serviços.

Térreo: garagem coberta, vestíbulo de acesso coberto, cozinha, sala de almoço, sala de estar meio nível abaixo. Todos estes ambientes dispostos e interligados inter-ligados ao pátio ajardinado central.

Superior: estúdio e biblioteca com pequeno sanitário (meio nível acima do térreo e sobre a sala de estar), quatro dormitórios e um sanitário no nível mais alto.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como arquiteto autor do projeto. Carlos Cascaldi, co-autor do projeto de arquitetura, assina como responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

Residência conhecida como a “casa dos pórticos”, implantada centralmente em lote de desenho trapezoidal e em ligeiro declive em ralação à rua de acesso. O programa de necessidades foi distribuído por Artigas em pavimentos defasados em meio-níveis interligados por rampas e desenvolvidos em torno a um jardim interno descoberto, como se recriando uma praça para onde os ambientes da casa se voltam.

Diferentemente dos projetados para as casas Leo Pereira Lemos Nogueira e Geraldo D’Estéfani, o jardim interno desta casa no Sumaré é o foco das visuais internos e elemento de ampliação da sensação espacial dos ambientes de estar ou de circulação da residência. Não se configura somente como espaço de separação entre setores de uma casa. É mais que isso quando assume uma importância de ponto focal onde, virtualmente, os demais ambientes lhe prestam reverência, e os usuários, moradores e visitantes, não lhe são indiferentes na contemplação.

A estrutura é em concreto armado com acabamento em pintura na cor branca para os pórticos estruturais laterais e beirais da cobertura, enquanto que detalhes como a marcação dos planos das lajes-piso e caixa de água elevada sobre a cobertura, por exemplo, recebem pintura na cor vermelho claro / rosa. Estruturalmente as lajes, que são nervuradas, se apoiam nas duas empenas laterais. Estas, com

apenas dois apoios cada, transferem toda a carga que suportam ao solo. Os fechamentos externos dos ambientes das fachadas frontal e posterior são executados com painéis leves estruturados em perfis de alumínio, e planos folheados com laminados melamínicos na cor azul na parte baixa, encimados por vidros transparentes encaixilhados e fixos. As empenas laterais se prolongam além dos planos das fachadas frontal e posterior, formando espécie de grandes anteparos para proteção da insolação indesejada ou para garantir maior privacidade perante os vizinhos de cada lado da casa.

A cobertura é uma laje nervurada plana, que cobre toda a extensão da casa, exceto, claro, o jardim central e é impermeabilizada.

Um muro de concreto ciclótico construído no jardim frontal da casa, separando a entrada de veículos e social da área de serviços, esconde o bloco semi-enterrado das dependências de empregada das visuais externas ao lote.

O acesso social é feito por terraço coberto frontal, que é prolongamento da garagem para automóvel. Neste mesmo espaço há o acesso de serviços ao lado do volume da cozinha. Ambos acessos estão voltados para o jardim central que é envolto por caixilhos de metal com vidros transparentes para proteção dos ambientes internos contra as intempéries, porém sem negar a provocada busca pela luz natural, que penetra no interior da casa durante o dia impedindo que ele, mesmo projetada de modo a ser mais introspectiva, não se esqueça do mundo exterior no qual está inserida espacial e temporalmente.

Os dormitórios localizados no pavimento superior e voltados para a rua têm as janelas orientadas para a face Nordeste. O dormitório sobre a garagem tem sua janela voltada para o vazio do jardim central, orientada para Noroeste. O dormitório de empregada, no bloco frontal semi-enterrado, tem caixilho alto orientado para Nordeste.

A circulação vertical principal entre os ambientes e os vários níveis de plantas é feita pelas rampas localizadas junto à lateral direita da casa. No nível dos dormitórios há corredor de interligação entre os quartos e o sanitário. As dependências de serviços são acessíveis por meio de uma escada.

Fontes:

ACRÓPOLE (setembro/1963, pp 328-331), KAMITA (2000, pp 70-73), FERRAZ (1997, pp 82-83), ARQUITETURA E URBANISMO (artigo de Dalva E. Thomaz, out/Nov de 1993), RIBEIRO (2001, pp 120-121), XAVIER (Arquitetura Moderna Paulista, 1983, p 53), MIGUEL (2003), ANDREOLI (Arquitetura Moderna Paulista, Phaidon, 2004), FUNDAÇÃO (1993, p 19-20), PMSP.

Casa Leo Pereira Lemos Nogueira:

Ano de projeto / construção: 1959

Endereço: rua Comandante Ismael Guilherme, 277, Ibirapuera.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 200.518/1959.

Área do terreno: 300m² (10 x 30m)

Área de construção: total 186,10m², sendo 78,30m² para o pavimento térreo, 107,80m² para o superior. A área ocupada no lote pela construção é de 107,80m².



Térreo: vestíbulo coberto de acesso, garagem coberta pelo pavimento superior, sala, copa, cozinha, dormitório e sanitário de empregada. Não há indicação de área de serviços nos desenhos de prefeitura.

Superior: três dormitórios e dois sanitários, sendo que um dos dormitórios é suíte e tem banheiro privativo. Estúdio é ambiente disposto a meia altura entre o piso térreo e o superior.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como arquiteto autor do projeto. Carlos Cascaldi, co-autor do projeto de arquitetura, assina como responsável pela execução da obra.



Análise descritiva:

Desenho de fachada frontal no aspecto formal com referências às janelas contínuas de Le Corbusier no pavimento superior. A garagem está meio nível abaixo do piso da sala, no mesmo plano da rua de acesso. Escada em concreto rompe pequeno muro de concreto ciclótico para vencer o desnível entre a garagem e o vestíbulo de acesso com banco em concreto, compondo o patamar elevado onde se localizam além da sala, copa, cozinha e pátio interno. Este acesso frontal executado difere parcialmente do apresentado nos desenhos de prefeitura, onde uma escada reta e perpendicular ao alinhamento ligava o patamar mais elevado ao piso mais baixo da calçada.

Para se chegar ao fundo do lote é preciso descer outra escada que vence o meio nível entre o pátio e o terraço coberto sob o estúdio, no nível do jardim dos fundos. Um muro, continuação da parede que divide o dormitório de empregada do terraço, divide o jardim em duas áreas, uma de serviços e outra para o convívio social e/ou lazer.

A estrutura é em concreto armado e com acabamento em pintura na fachada, na cor azul. Nas empenas em concreto das laterais da construção há pintura na cor branca. Os pilares da estrutura estão escondidos nas alvenarias, conforme desenhos do projeto legal. Cores vivas são empregadas na pintura das alvenarias das fachadas, como o amarelo e azul. Os caixilhos tem estrutura na cor preta.

A cobertura plana em laje impermeabilizada e de concreto armado fica exposta às intempéries. Esta casa é uma das pioneiras na cidade de São Paulo a contar com o dispositivo da utilização da lâmina d'água na cobertura como elemento para atenuação térmica do

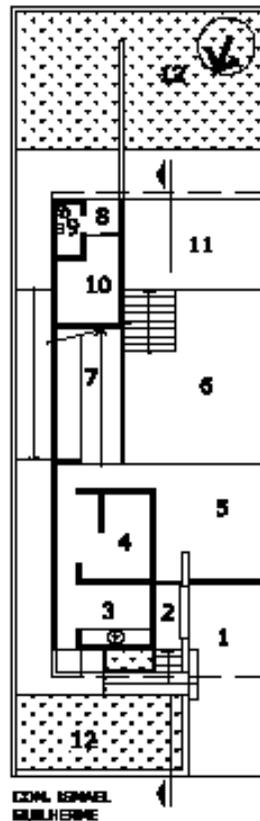
interior da residência e proteção da impermeabilização (IRIGOYEN, 2002, pp 151-153).

A circulação horizontal se faz pelos ambientes na área social. No pavimento superior um corredor longitudinal interliga os dormitórios. A circulação vertical se dá pelas rampas em concreto armado encostadas à lateral esquerda da casa e vedadas, no lado voltado para o pátio interno, por caixilhos de piso a teto. Este pátio pode ser entendido como local de prolongamento do espaço da sala de estar, já que para ele está voltada. Guardadas as devidas proporções, esta casa tem, no posicionamento do conjunto de rampas e pátio interno em relação ao acesso principal, muita semelhança com a casa Geraldo D'Estéfani, de 1950, na Vila Clementino. Os estúdios, sala e dormitórios estão em posições trocadas, ou melhor, o estúdio, por exemplo, que na casa de Vila Clementino está no bloco frontal sobre a garagem, nesta casa do Ibirapuera, está no bloco posterior e sobre um terraço coberto. O pátio foi desenhado para o projeto de aprovação na prefeitura paulistana como sendo descoberto, porém, como pudemos notar “in loco”, nos desenho atualizado publicado (IRIGOYEN, 2002, p 153) e via imagens de satélite (“site Google Earth”), este ambiente foi coberto pela laje de concreto com vigas invertidas que se configura na cobertura de toda a casa.

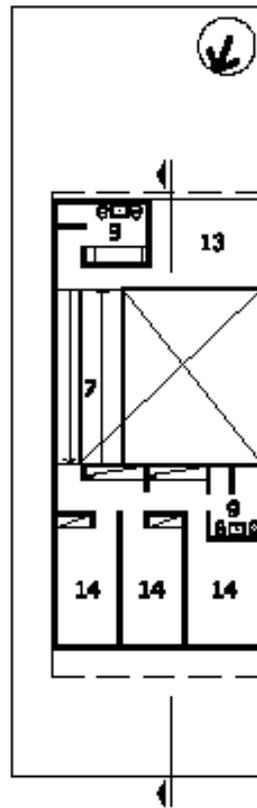
Os dormitórios localizados no pavimento superior e voltados para a rua têm as janelas orientadas para a face Noroeste e o dormitório de empregada, que tem caixilho de piso a teto no acesso, para Sudeste.

Fontes:

IRIGOYEN (2002), RIBEIRO (2001), PMSP.



PLANTA PAV. TÉRREO



PLANTA PAV. SUPERIOR



LEGENDA

- 1 ABRIGO DE AUTOMÓVEL
- 2 TERRAÇO DE ACESSO COBERTO
- 3 COZINHA
- 4 COPA
- 5 SALA
- 6 PÁTIO COBERTO
- 7 RAMPAS
- 8 ÁREA DE SERVIÇO
- 9 SANITÁRIO
- 10 DORMITÓRIO EMPREGADA
- 11 TERRAÇO COBERTO
- 12 JARDIM
- 13 ESTÚDIO
- 14 DORMITÓRIO

CASA LEO PEREIRA LEMOS NOGUEIRA

1962

Casa Ivo Antônio Viterito:

Ano de projeto / construção: 1962

Endereço: rua José Comparato, 106, Aclimação.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 177.573/1962. Habite-se em 30/11/1966.

Área do terreno: 356,67m² [11m (al) x 29,60m (ld) x 12m (f) x 31,89m (le)].

Área de construção: total 195,80m², sendo: 77,80m² no subsolo e 118m² no pavimento térreo. A casa ocupa 143m² de área de projeção no solo.

Subsolo: três dormitórios e dois sanitários de uso comum.

Térreo: acesso social pelo terraço coberto que também pode ser o abrigo de automóvel, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços, cozinha, sala de jantar, salão de estar para dois ambientes (um deles definido posteriormente como estúdio) e terraço coberto para estas salas na fachada posterior.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como arquiteto autor do projeto. Carlos Cascaldi, co-autor, assina como responsável pela execução da obra.



Análise descritiva:

Construção implantada centralmente em lote de acentuado declive em relação à rua de acesso e de planta trapezoidal. Artigas inverte as tradicionais posições térreo / superior quanto ao posicionamento dos dormitórios. Projeta os quartos no nível abaixo das áreas de estar e serviços do térreo, voltados para o fundo do lote, tirando partido da topografia acidentada do terreno, de uma adequada insolação (face Leste) e isolando essas dependências de repouso de eventuais ruídos da rua.

Segundo Artigas, devido à reduzida testada do lote, projetou a casa sem gradis frontais para dar uma sensação de amplitude e poder passar aos observadores externos a idéia de que a casa poderia ser maior do que as dimensões limitadas do terreno permitiam construir.

A estrutura desta residência é em concreto armado aparente, com a cobertura em laje de concreto armado nervurado apoiada em generosas vigas longitudinais, que descarregam as cargas para as fundações através de quatro apoios, sendo dois para cada viga. Os pilares estão dispostos na periferia desta sistema estruturam e as vigas laterais tem balanços de 7 metros para a frente e para os fundos do lote. A cobertura cobre todos os ambientes necessários para atendimento ao programa de necessidades requerido. As vigas laterais formam grandes anteparos aos olhares dos vizinhos cujas construções adjacentes se encontram muito próximas. Artigas usou esse recurso para garantir alguma privacidade a mais dos moradores em relação aos vizinhos, no entanto, as fachadas frontal e posterior

têm certa transparência devido ao emprego de vidros temperados transparentes nos ambientes voltados para a rua de acesso e para os fundos do lote.

Paredes de concreto armado definem o local da escada de acesso ao piso inferior (sub-solo), formando um volume que separa os ambientes das salas de estar e estúdio, da sala de jantar e cozinha. Uma outra escada externa possibilita circulação entre os dois pavimentos.

O acesso social é feito por terraço coberto frontal, que é a garagem para automóvel. Da garagem pode-se acessar a área de serviços por meio de uma porta que se abre para esta área coberta.

A casa tem dimensões modestas, porém soluções arrojadas do ponto de vista de arquitetura e de estrutura. A laje plana da cobertura é impermeabilizada.

Os dormitórios localizados no pavimento inferior e voltados para os fundos do terreno, têm as janelas orientadas para a face Oeste. O dormitório de empregada tem sua janela a se abrir para a face Leste.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes no pavimento térreo e por corredor de distribuição no pavimento dos dormitórios.

Fontes:

ACRÓPOLE (outubro/1965, pp 32-35), FERRAZ (1997, pp 82-83), RIBEIRO (2001), FUNDAÇÃO (1993, pp 21-22), PMSP.

1966

Casa Manuel Antônio Mendes André:

Ano de projeto / construção: 1966

Endereço: rua Coronel Arthur de Godoy, 185, Vila Mariana.

Situação atual: existente

Processo Prefeitura nº 141.389/1960. Este é o processo que foi aprovado para a construção da casa, muito próximo das configurações publicadas sobre esta casa de Artigas. Ele pode ter feito atualização do projeto executivo em 1966, porém não foram localizadas documentação nos arquivos da prefeitura paulistana que possam indicar alguma atualização do projeto legal. O primeiro processo aberto para obtenção de alvará de construção de uma casa nessa propriedade foi o de nº 61.673/1952, indeferido pois a área de ocupação da casa no lote ultrapassava em 1/3 a área do mesmo e porque a edícula estava ligada à construção principal por meio de bloco com outros ambientes, formando uma única construção. Nessa ocasião, havia servidão de passagem pelo lado direito do lote, que foi utilizada por Artigas para projetar os acessos de pedestres e automovel. Seis anos depois, Artigas apresenta à prefeitura outro projeto e abre-se o processo de nº 251.517/1956, novamente indeferido pelo excesso de área de ocupação do lote e porque a edícula, embora simplificada, contendo somente um estúdio, estava unida ao corpo principal da casa pelo conjunto das rampas. Em 1958, novamente é apresentado um projeto substitutivo para a prefeitura, cujo processo recebeu o nº 52.192/1958, também indeferido.

Somente em 1960 é aprovado outro projeto apresentado por Artigas que já tem configuração muito próxima da obra executada. Não encontramos registros de projetos para obtenção de alvará de construção de residência neste lote, posteriores a 1960.

Área do terreno: 592m² [24,35m (al) x 25,80m (ld) x 24m (f) x 22,89m (le)].

Área de construção: total 377,70m², sendo: 171,00m² no pavimento térreo, 171,00m² no pavimento superior e 35,70m² para a Edícula. A casa ocupa 171m² de área de projeção no solo (somente a construção principal).

Térreo: acesso social pelo terraço coberto, local para desenvolvimento de várias atividades e que também pode ser utilizado, em parte, como abrigo de automovel. Lavabo, armários, dependências de empregadas com dois dormitórios, um sanitário e lavanderia. As áreas sociais e de serviços domésticos são separadas por muro de concreto ciclótico que nasce no alinhamento, do lado esquerdo onde há o portão de acesso de serviço, e corta o terreno da frente aos fundos por debaixo do pavimento superior. No projeto aprovado pela prefeitura para construção em 1960, o acesso à garagem nos fundos do lote, que era o mesmo do social, era feito frontalmente por portão no canto direito do alinhamento. As alterações no projeto executado que percebemos se referem à eliminação da garagem nos fundos do lote, passando para a parte central no térreo, a criação de uma sala de estudos junto ao acesso social com o deslocamento do lavabo deste local sob a laje do

pavimento superior para o patamar intermediário do conjunto de rampas.

Superior: abrigo de automovel em espécie de edícula “aberta” nos fundos do lote, meio nível acima do térreo, vestíbulo, sala de estar para dois ou três ambientes, sala de jantar, copa, cozinha, três dormitórios e dois sanitários.

Somente o arquiteto Carlos Cascaldi, co-autor deste projeto, assina os desenhos de prefeitura como autor do projeto e responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

Construção de dois pavimentos implantada na parte central de lote com ligeiro acive em relação a rua de acesso. O bloco principal em estrutura metálica e concreto armado está apoiado somente em quatro pilares de concreto trabalhados por Artigas como seções tronco-piramidais. A casa tem planta retangular e os lados maiores estão paralelos à rua. Nestas fachadas, Artigas deixa à mostra a viga treliça em aço e concreto, à frente dos caixilhos, definindo um pequeno recuo dos painéis dos caixilhos das fachadas. Este recurso, não só plasticamente belo como exposição da estrutura, tornando clara sua leitura, sem máscaras, e, por isso mesmo, exigindo tecnicamente, desde a fase de projeto, que seja resolvido de maneira precisa seu dimensionamento, de modo a compor harmoniosamente com os planos de fachadas recuados e com a volumetria geral do paralelepípedo suspenso por quatro apoios.

O conjunto de rampas dispostos de maneira perpendicular ao corpo principal da casa e desenvolvendo-se fora da projeção da cobertura, assim com a escada de concreto de ligação do pavimento superior com as dependências de empregadas no térreo, mostra que estes elementos de circulação vertical podem ter sido implantados dessa maneira para as plantas dos dois pisos ficassem totalmente livres, permitindo total flexibilização de “lay-out” interno. Neste caso, pode não ter havido, por parte do autor do projeto, preocupação contundente em deixar todos os elementos de composição do programa sob um mesmo e único teto.

As alvenarias externas são revestidas em argamassa e tem acabamento em pintura. Os painéis dos caixilhos são em madeira e tem acabamento em verniz incolor. A estrutura de concreto armado é deixada aparente no seu estado acabado depois de desformadas as peças estruturais que a compõe. As lajes são nervuradas em concreto armado e executadas como “caixão-perdido”.

A laje plana da cobertura é impermeabilizada.

Os dormitórios todos tem suas janelas orientadas para a frente do lote correspondendo à face Norte. Os sanitários e as rampas têm iluminação zenital, por meio de “domus” que também permitem a ventilação natural permanente. A copa e cozinha têm caixilhos altos, formando faixa contínua de 60cm acima dos 2,10m correspondente à altura livre das portas e caixilhos próximos.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes no pavimento térreo e parte do superior. Há corredor de distribuição no pavimento dos

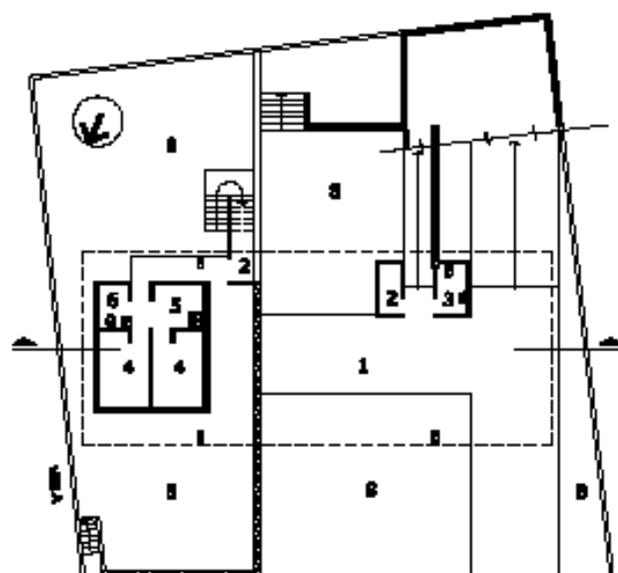
dormitórios, fazendo a ligação entre estes últimos e os sanitários e área social.

Fontes:

ACRÓPOLE (dezembro/1969, pp 13-16), FERRAZ (1997), RIBEIRO (2001), FUNDAÇÃO (1993, pp 23-24), CONSTRUÇÃO SÃO PAULO (maio/1982, pp 28-29), MÓDULO (junho/1985, p 78), ARQUITETURA E URBANISMO (out./Nov./1993, p 89), XAVIER (1983), MIGUEL (2003), OHTAKE (2003), PMSP.

ABAIXO: VISTAS DA FACHADA PRINCIPAL E VIELA



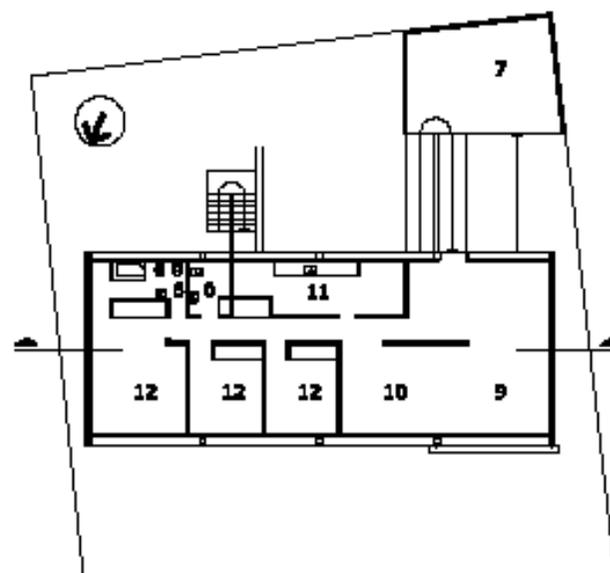


PLANTA PAV. TÉRREO

PLANTA PAV. TÉRREO



ESCALA GRÁFICA



PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 TERRAÇO DE ACESSO COBERTO
- 2 DEPÓSITO
- 3 LAVABO
- 4 DORMIT. EMPREGADA
- 5 LAVANDERIA
- 6 SANITÁRIO
- 7 GARAGEM
- 8 JARDIM
- 9 SALAS DE ESTAR
- 10 SALA DE JANTAR
- 11 COZINHA
- 12 DORMITÓRIO



CORTE

CASA MANUEL MENDES ANDRÉ

1967

Casa Elza Salvatori Berquó:

Ano de projeto / construção: 1967

Endereço: rua Paulo Roberto Paes de Almeida, 51, Chácara Flora.

Situação atual: existente.

Processo Prefeitura nº 087/1967. Construção da piscina e bloco de apoio processo nº 16.361/1973.

Área do terreno: da casa principal, 556,70m² [16m (al) x 35,90m (ld) x 15,42m (f) x 34,90m (le)]; Área de construção: total 239,35m², sendo 53,75m² no térreo e 185,60m² no pavimento superior. A área ocupada no lote pela residência é de 185,60m².

Térreo: garagem de automóvel e acesso à residência, conforme consta no projeto aprovado junto à prefeitura. Foram executados no bloco frontal, semi-enterrado junto ao alinhamento, as dependências de empregada, com um dormitório e um sanitário, juntamente com a área de serviços (lavanderia).

Superior: terraço coberto de acesso, vestíbulo, grande salão de convivência, jardim central, sob vazio da cobertura, cozinha, dois quartos, sendo um deles suíte com sanitário e armário privados e outro sanitário de uso comum.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:



Construção em um único bloco, com dois andares e centralizada em lote de planta praticamente retangular e em forte aclave em relação à rua no terço frontal de sua área, o que possibilitou projetar a garagem e as dependências de empregada no nível inferior, espécie de embasamento, sem interferir na volumetria geral da casa nem nas visuais vistas do interior desta.

A estrutura é em concreto armado, com os pilares embutidos nas alvenarias, exceto quatro pilares de madeira, feitos com troncos de árvore, arranjados em torno do vazio central sobre o jardim e que sustentam a parte do miolo dessa laje de cobertura. Os aparelhos de apoio, placas de “neoprene”, eram inovações técnicas de uso recente no Brasil e que Artigas aplicou entre o topo dos pilares e a laje, para a transferência dos esforços aos pilares de maneira uniforme e com movimentação previsível e calculada para absorção da movimentação estrutural em função da dilatação e contração natural dos materiais. Estes apoios são os únicos visíveis, dando a impressão de que são somente eles que sustentam toda a cobertura, que foi executada em concreto armado, com vigamento nervurado escondido pela técnica de execução em caixão perdido, de modo que o forro percebido é plano e com superfície contínua sem interferências ou interrupções quaisquer.

A cobertura do bloco principal recebeu tratamento impermeabilizante. A cobertura do bloco das dependências de empregada é um viveiro de plantas sobre laje impermeabilizada. As alvenarias de fechamento não são revestidas em argamassa e recebem acabamento em pintura na cor branca aplicada diretamente sobre os tijolos de barro. Os pisos dos ambientes receberam atenção especial de Artigas, que utilizou

diversos materiais para revestimento, como madeiras, ladrilhos hidráulicos, cimentado desempenado e cerâmicas.

Os aspectos formais da casa, com lambrequins e beirais em concreto armado transparecendo os desenhos das formas de madeira já se configuram numa linguagem do repertório do universo arquitetônico de Vilanova Artigas. Externamente, a estrutura e os detalhes dos beirais em concreto receberam pintura na cor branca.

A orientação das janelas dos dormitórios do pavimento superior era para os fundos do lote, face Sudoeste.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes, de modo geral, não existindo corredores definidos e enclausurados por paredes. A circulação vertical entre os pavimentos se dá por escada externa, que liga o abrigo de automóveis ao terraço coberto de acesso social.

A casa foi ampliada após a aquisição pelos proprietários do terreno lateral direito, para onde Artigas em 1973 projetou piscina e edifício de apoio, com dependências para hóspedes, vestiários e jogos.

Fontes:

ACRÓPOLE (dezembro/1969, pp 17-21), PROJETO E CONSTRUÇÃO (junho/1973, p 45), FERRAZ (1997), RIBEIRO (2001), MÓDULO (junho/1985, p 68), ARQUITETURA E URBANISMO (out./nov./1993, p 88), KAMITA (2000), MIGUEL (2003), OHTAKE (2003), IRIGOYEN (2002), FAU-USP (arquivos eletrônicos do acervo Vilanova Artigas), PMSP.

Casa Paulo Seixas Queiroz:

Ano de projeto / construção: 1967

Endereço: rua da Mata, 70, Itaim-Bibi

Situação atual: existente, muito alterada.

Processo Prefeitura nº 98.362/1967.

Área do terreno: da casa principal, 475m² (10 x 47,5m)

Área de construção: total 399,40m², sendo 206,20m² no térreo e 193,20m² no pavimento superior. A área ocupada no lote pela residência é de 193,20m².

Térreo: garagem de automóvel coberta (terraço frontal) e acesso por jardim à área social. Acesso social lateral coberto por pergolado, vestíbulo (entrada principal lateral), sala de estar e de jantar, cozinha com pequena copa, área de serviços coberta, dormitório e sanitário de empregada.

Superior: "hall" de distribuição de circulação, duas suítes, dois dormitórios, um sanitário, sala de estudo, roupeiro.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

No projeto original apresentado à prefeitura para obtenção do alvará de construção, constatamos ser em único bloco prismático, com dois pavimentos e centralizada em lote de planta retangular e plano. Implantada longitudinalmente ao lote e perpendicular à rua, Artigas utilizou o recurso do jardim interno nesta casa, porém, devido à configuração mais estreita do lote, apenas alguns ambientes se voltam para este local aberto: a sala de estar no térreo as duas suítes do andar de cima.

De linhas retas contemporâneas, a construção encosta na divisa lateral esquerda enquanto que, do lado oposto, toda a fachada é separada da divisa do vizinho por pergolado, no nível da laje de piso do pavimento superior, da frente aos fundos do lote. A planta do pavimento superior mantém sua largura em praticamente toda sua extensão, enquanto que a do térreo, na área correspondente às dependências de serviços domésticos, alarga-se em direção à divisa do lote. Neste ponto o recuo lateral fica com 1,60m. Nos demais pontos, de maior afastamento, este corredor tem 2,70m. Esse trecho, mais o vestíbulo de acesso principal, têm cobertura com o prolongamento da laje de piso do pavimento superior, como uma aba de concreto impermeabilizada.

A estrutura é em concreto armado aplicada de modo racional perceptível pela modulação estabelecida para os pilares. Estes só ficam aparentes na parte frontal da casa, sustentando o pavimento superior (pilotis). Os pilares tem seção quadrada neste pilotis e na casa assumem formas retangulares ou quadradas, conforme o local

de aplicação, embora seguindo uma modulação básica e sempre embutidos nas alvenarias longitudinais. Essa disposição resultou em vãos transversais de 7,30m, permitindo o uso da “planta livre”, notadamente no grande salão frontal onde estão as salas e o jardim, ou seja, as áreas de convívio social. Essa solução não se reflete no pavimento superior, de planta mais recortada, a não ser na parte posterior, embora de maneira limitada.

A cobertura da casa é em laje impermeabilizada e com rebaixos contínuo e longitudinalmente acompanhando a lateral direita, para que a ventilação e iluminação naturais cheguem aos sanitários por meio de caixilhos altos, rentes ao teto. Como os corredores de circulação entre os dormitórios e sanitários estão nessa região, este recurso também reduz “pé-direito” nesses locais estreitos e compridos, provavelmente com a intenção de minimizar sensação desagradável de corredor, embora tenha 1,20 de largura.

As alvenarias de fechamento são revestidas em argamassa e recebem acabamento em pintura na cor branca.

Artigas elevou o corredor lateral de acesso em 1,20m acima do nível térreo, desde o recuo frontal até o final do volume da casa, de modo que o piso do vestíbulo ficou como se fosse o patamar prolongado da escada de acesso ao pavimento superior e, para acessar as salas é preciso descer um pequeno lance de estacas correspondendo aproximadamente à terça parte do desnível entre os dois andares. O perfil original do terreno era plano, logo, essa solução de elevar a circulação externa pelo corredor deve ter sido motivada por questões de arquitetura somente.

O “pé-direito” no térreo é considerável com os seus 3,40m. Pensamos ser resultante nas áreas onde não houvesse rebaixamento de laje ou forro, porém, nos desenhos apresentados á prefeitura, não aparecem quaisquer rebaixos de laje nas regiões dos sanitários para passar tubulação de esgotos, nem indicação de forro em cota mais baixa para permitir passagem dessas instalações hidráulicas no vazio entre o forro e a laje.

As suítes tinham suas janelas orientadas para o vazio do jardim interno, faces Leste e Oeste. As dos dormitórios simples, para a lateral direita, correspondente à face Norte. A janela do dormitório de empregada abria para a face Sul (lateral esquerda).

A circulação horizontal se dá pelos ambientes no pavimento térreo, provavelmente definida pela disposição do mobiliário. No pavimento superior, corredores no sentido longitudinal permitem essa circulação desde o “hall” de distribuição junto a escada até os dormitórios e sanitários. A circulação vertical é feita pelas escadas, a principal, interna e por outras duas nas extremidades anterior e posterior da “passarela” elevada do corredor lateral direito.

Fontes:

RIBEIRO (2001), FERRAZ (1997), PMSP.

1968

Casa Álvaro de Freitas:

Ano de projeto / construção: 1968

Endereço: rua José Comparato, 119, Aclimação.

Situação atual: existente.

Processo Prefeitura nº 71.807/1968.

Área do terreno: 356,59m² [12,08m (al) x 28,95m (ld) x 12 (f) x 30m (le)]

Área de construção: total 237,20m², sendo 153,50m² no térreo e 83,70m² no pavimento superior. A área ocupada no lote é de 158,20m².

Térreo: acesso coberto, garagem, vestíbulo, lavabo, dormitório e sanitário de empregada área de serviços, salas de estar, sala de jantar, cozinha com copa.

Superior: Três suítes.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra. Em 10/12/1969, Vilanova Artigas passa a responsabilidade de execução da obra para Arsênio Hypólito Jr.



Análise descritiva:

A casa foi implantada no meio do lote, fazendo uso da maior área possível de ocupação do terreno de dimensões modestas. Artigas, com esse projeto, demonstra novamente a pesquisa constante na busca de uma linguagem formal diferente, embora aplique a melhor técnica possível do uso do concreto armado, por exemplo, na execução das lajes nervuradas e em caixão perdido, nas abas e condutores de água de chuva nas laterais do prédio.

A fachada lateral direita, para onde os caixilhos dos dormitórios se voltam, tem aba de concreto, como que uma grande tabeira recortada com formato irregular. Esse dispositivo garante certa privacidade aos dormitórios, uma vez que a construção vizinha está muito próxima. A iluminação e ventilação natural dos sanitários dos dormitórios estão localizadas na cobertura em espécies de “sheds”, voltadas para o outro lado, face Norte.

Os pisos dos pavimentos estão dispostos em meio nível de altura um do outro, com as dependências de serviços domésticos, garagem e sala de jantar no nível mais baixo e sob o piso dos dormitórios. As salas ficam no pavimento intermediário. Na zona de transição do piso mais baixo para as salas de estar e onde se encontra a escada interna, Artigas projeta um pequeno jardim.

A estrutura da casa é em concreto armado aparente, assim como os painéis das fachadas, ora elementos decorativos, ora com a função de atenuar a luz solar, ou como anteparo de possíveis olhares de terceiros externos.

A laje de concreto nervurada e impermeabilizada é em duas águas assimétricas, com o plano menor cobrindo o lado direito, onde estão os dormitórios. As inclinações dos planos da cobertura se refletem nos painéis das fachadas frontal e posterior, onde há repetição no topo dos painéis dos caimentos da cobertura. Estes aspectos formais com desenho contemporâneo dão personalidade e identidade à casa.

Os fechamentos são executados em alvenarias revestidas de argamassa e com acabamento em pintura na cor branca e por painéis leves.

Os dormitórios têm janelas orientadas para a face Norte, para a lateral direita do lote.

A circulação horizontal se dá pelos ambientes nos pavimentos inferiores e definida pela disposição do mobiliário. No pavimento superior, um pequeno “hall” e corredor curto são os elementos de ligação entre as suítes. A circulação vertical é feita pelas escadas em concreto que vencem os meio níveis de diferença entre os pisos.

Fontes:

RIBEIRO (2001), FERRAZ (1997), PMSP.

Casa Gilberto Krutman:

Ano de projeto / construção: 1968

Endereço: rua Gaivota, 188, Vila Uberabinha (Moema).

Situação atual: demolida

Processo Prefeitura: nº 87406/1968

Área do terreno: 500m²

Área de construção: 357m², sendo 217m² no piso térreo e 140m² no pavimento superior.

Análise descritiva:

Térreo: terraço de acesso coberto, sala de estar, sala de leitura, lavabo, sala de jantar, cozinha, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços.

Pavimento superior: dois dormitórios, um sanitário comum. Uma suíte (dormitório com sanitário privativo).

Vilanova Artigas assinou os desenhos de prefeitura como autor do projeto e responsável pela execução da obra. Em 08/04/1970, Artigas isenta-se da responsabilidade pela execução da obra que é assumida pelo engenheiro Jaime Samuel Margolis.

Casa implantada em lote com ligeira queda para os fundos, com frente de 10m e profundidade de 50m, encostava na lateral esquerda no corpo principal e nas duas laterais na parte frontal, no acesso, onde parte da cobertura tinha pergolado marcando o acesso e “poço de iluminação”, na verdade uma abertura generosa na cobertura que permite a passagem de luz natural e ventilação para alguns ambientes da parte frontal da casa.

A construção pertencente a fase madura de Vilanova Artigas, a 3ª, tinha estrutura em concreto armado, porém, somente o desenho da cobertura, que era em laje nervurada, permanecia aparente externamente. Do lado interno, as vigas desta estrutura ficavam escondidas pela laje, pois eram vigas invertidas. Os pilares, pelo que observamos nos desenhos apresentados a PMSP para aprovação para construção, ficavam embutidos nas alvenarias. Pela disposição das plantas, podemos imaginar que estes apoios ficavam nas paredes periféricas, liberando vãos centrais livres para arranjos variados das alvenarias e mobiliário.

A cobertura plana de concreto armado era impermeabilizada.

Os ambientes eram distribuídos em meios-níveis interligados por rampas. O corpo frontal, mais baixo e térreo ficava a meia altura em relação aos dois pavimentos do corpo posterior da casa. Os elementos de ligação entre os pisos, as rampas, estavam em bloco volumetricamente independente dos outros dois que abrigavam os principais ambientes da casa. Provavelmente neste corpo intermediário ficavam as caixas de água elevadas para distribuição por gravidade da água para consumo.

O acesso social principal era feito lateralmente, após passar por boa parte da casa, embora separada desta circulação de acesso por jardim elevado em função do desnível projetado entre os patamares da implantação do prédio.

As áreas sociais do térreo, nos fundos do lote, se voltavam para os jardins posteriores e, a sala de jantar, para jardim frontal, iluminado e ventilado pela abertura na cobertura. Os dormitórios, todos no pavimento superior sobre as salas, se voltavam para a lateral direita do lote correspondente à face Nordeste da edificação. Neste bloco posterior, Artigas afastou da divisa lateral esquerda parte do pavimento superior, criando um vazio comprido, limitado por armário em concreto que acompanhava toda a extensão do corredor de circulação dos dormitórios. Esse interessante recurso integrava espacialmente os dois níveis e evitava que as salas do térreo ficassem com aspectos sombrios e com penumbra indesejável nas áreas mais afastadas das aberturas das alvenarias para iluminação natural.

A circulação horizontal se fazia pelos ambientes, pois praticamente não havia corredores de circulação, a não ser no pavimento superior, entre os dormitórios e sanitário comum. Verticalmente, as rampas eram os elementos que permitiam a circulação entre os três “meio níveis” da construção.

Fontes:

RIBEIRO (2001), PMSP.

Casa Telmo Fernandes de Aragão Porto:

Ano de projeto / construção: 1968

Endereço: rua Dr. Costa Júnior., 230, Perdizes.

Situação atual: existente, locada para atividades comerciais.

Processo Prefeitura nº 85.352/1971 projeto modificativo que substitui o original de nº 241.101/1968. Habite-se obtido em 10/07/1973.

Área do terreno: 630m² (18 x 35m)

Área de construção: total 575,96m², sendo 287,98m² no térreo e 287,98m² no pavimento superior. A área ocupada no lote é igual à área do térreo.

Térreo: acesso coberto, garagem, vestíbulo, dormitório e sanitário de empregada e lavanderia. Meio nível acima encontra-se a cozinha, copa, lavabo, salas e terraço.

Superior: Três suítes e estúdio meio nível abaixo.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra. O Engenheiro Telmo Fernandes de Aragão Porto substitui Vilanova Artigas como responsável pela obra em 31/05/1971.



Análise descritiva:

Fiel a seu propósito de pesquisar novas linguagens e abordagens para a temática da arquitetura residencial, como laboratório para uma possível aplicação em edificações de maior porte e outras tipologias, Vilanova Artigas projeta esta casa com aspectos formais e linhas contemporâneas voltada para o espaço interior, exceto pelos ambientes de serviços domésticos e dormitórios. Estes últimos, embora com as janelas orientadas para o corredor lateral, não tem contato visual com os lotes vizinhos ou com a rua. O centro das atenções é a área de convivência do térreo, com as salas, o espaço generoso e de pé-direito alto e o conjunto de rampas de circulação entre os pavimentos, que fazem parte desse grande espaço para atividades sociais protegidos pela cobertura imponentemente apoiada nas paredes estruturais nas laterais do lote.

A casa foi implantada no meio do lote, a partir do recuo frontal obrigatório de 6 metros. Estruturalmente apoiada nas paredes armadas de concreto que estão nas divisas laterais, a grande cobertura cobre todo o programa distribuídos nos quatro níveis com o vão livre de 18 metros. As lajes dos pavimentos estão apoiadas em estrutura de concreto armado independentes da cobertura livre de outras solicitações de carga vertical que a de peso próprio. Do lado esquerdo, a cobertura tem aberturas fechadas com “domus” translúcidos para permitir iluminação e ventilação naturais. Do lado oposto, as aberturas com mesmo desenho circular, formam espécie de pergolado e permitem a passagem de luz natural e ar para a esta lateral da casa que tem janelas de alguns ambientes orientadas para ela, como os dormitórios no pavimento superior. Externamente não é

possível perceber essa separação estrutural nem a leitura da distribuição dos níveis internos.

A laje de cobertura em concreto armado nervurado é impermeabilizada para receber as águas de chuva e despejá-las nos condutores de descida. Os fechamentos externos são em concreto e alvenarias revestidas em argamassa com acabamento em pintura.

O muro frontal em concreto armado, ao lado do acesso, que protegia os jardins e as salas dos olhares externos, foi deslocado para execução de vagas para estacionamento de veículos. Essa alteração deve ter sido feita quando da locação da casa para estabelecimento comercial, ou de prestação de serviços que necessitava de espaço para que visitantes pudessem parar seus carros. Este muro está desenhado como sendo de concreto ciclótico no projeto de prefeitura, mas nunca foi executado com essa técnica. Foi construído em concreto aparente junto ao alinhamento (FERRAZ, 1997, p 159).

As rampas são os principais elementos arquitetônicos para a circulação vertical entre os pisos e estão voltadas para o vazio das salas, de modo que o espaço interno possa ser contemplado enquanto se circula entre os ambientes. Horizontalmente a circulação se dá pelos ambientes e no pavimento dos dormitórios há corredor de comunicação entre os mesmos, assim como na área de serviços onde outro pequeno corredor de circulação local é encontrado.

Os dormitórios têm janelas orientadas para a face Nordeste, para a lateral direita do lote. O dormitório posterior tem outra abertura voltada para os fundos do lote, face Noroeste. Este dormitório, a suíte principal, tem dois acessos, um deles por espécie de ante-sala.

Fontes:

PROJETO E CONSTRUÇÃO (dez/1973, pp 24-25), CONSTRUÇÃO SÃO PAULO (24/05/1982, pp 28-29), FERRAZ (1997), XAVIER (1983), KAMITA (2000, pp 43-44), RIBEIRO (2001), MIGUEL (2003), PMSP.

1969

Casa Ariosto Martirani:

Ano de projeto / construção: 1969 / 1977

Endereço: rua Berlioz, 405, Alto de Pinheiros.

Situação atual: existente, bem conservada.

Processo Prefeitura nº 263.812/1969 (primeiro projeto apresentado). Depois deste processo, outro se seguiu com alterações basicamente no aproveitamento do subsolo que no primeiro projeto não era habitável, só havia o abrigo de carros. Artigas pretendia aumentar a área construída aprovada no primeiro processo, de 433m², com a criação de alguns ambientes no subsolo. O desenho geral era um pouco diferente do executado. Somente em 1977, na terceira apresentação do projeto, agora como modificativo e com as obras já em andamento, a casa tem a configuração definitiva. Este processo tem o nº 233.508/1977. O alvará de execução, de nº 77.770 foi expedido em 29/06/1978. O habite-se desta obra saiu em 1979, sob nº 425/79, de 31/10/1979. Com base neste último processo, o aprovado conforme a configuração final da obra executada, é que faremos nossos comentários, comparando, eventualmente com a edificação concluída, no caso de discrepâncias entre esta e o projeto.

Área do terreno: 562m² (14 x 40,15m)

Área de construção: total 480,72m², sendo 170,90m² no subsolo, 166,58m² no térreo e 143,24m² no pavimento superior. A área ocupada no lote é de 198m².



Subsolo: abrigo de automóveis, laboratório, depósito, dormitório e sanitário de empregada e área de serviços. No projeto apresentado para aprovação, na prefeitura, o dormitório de empregada estava indicado como depósito e o laboratório, como adega.

Térreo: acesso coberto, vestíbulo, grande salão de estar, sala de lareira em piso rebaixado, na parte frontal e sobre o laboratório, sala de almoço com acesso a terraço coberto externo e cozinha. Nos desenhos das plantas que aparecem na publicação do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi (FERRAZ, 1997), há indicação de copa no lugar da sala de almoço, de uma sala de jantar adjacente a esta copa e dela separada por uma divisória delgada.

Superior: biblioteca (estúdio / sobre a sala de lareira), quatro dormitórios mais uma suíte, roupeiro e três sanitários pequenos de uso comum. Conforme as plantas publicadas no folheto editado pela Fundação Vilanova Artigas⁷⁵ no pavimento superior foram executadas uma sala de costura e uma de serviços, onde no processo original estava indicado como dormitório.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra.

⁷⁵ (THOMAZ, Dalva. BAYER, Glória M. *Casas de Artigas*. Oficina Gráfica Universidade Braz Cubas, São Paulo, SP - 1993).

Análise descritiva:

Esta construção implantada no meio do lote com pequeno acive em relação a rua de acesso, respeitando os limites dos recuos das divisas estabelecidos pelas leis municipais vigentes à época configura-se num volume de paralelepípedo sustentado por seis pilares de seção variável desde o subsolo até a cobertura.

A casa tem estrutura de concreto armado aparente. Nas abas laterais, grandes empenas longitudinais, Artigas projeta aberturas que tem a função de permitir a iluminação e ventilação dos ambientes que estão adjacentes a elas, como os dormitórios do pavimento superior, por exemplo. Painéis delgado de concreto armado e pintados na cor azul fazem o fechamento frontal e posterior do volume e são anteparos que isolam visualmente a área interna do mundo exterior.

A laje de cobertura em concreto armado nervurado é plana na superfície externa e impermeabilizada.

Nesta residência as rampas também têm papel importante na interligação dos pavimentos internos e seus ambientes. A distribuição das plantas dos andares em meios níveis e o grande vazio interno onde as rampas se localizam configuram uma distribuição espacial dos volumes dos pisos que lembra o projeto da FAU, na cidade universitária. É uma referência muito forte àquela edificação modelo e materialização física adequada para uma proposta de ensino de arquitetura desenvolvida por Artigas.

Na casa Ariosto Martirani, o abrigo de automóveis é projetado também como área para desenvolvimento de outras atividades

lúdicas ou de convivência. Praticamente todas as paredes que envolvem os ambientes do subsolo são em concreto ciclópico. Na parte frontal esta parede se ergue até o pavimento mais alto, forma um volume interessante na fachada que, em termos de textura contrasta com o painel delgado em concreto na cor azul, porém se harmoniza com ele e com as superfícies em concreto aparente dos elementos estruturais como as “empenas” laterais, a laje de cobertura e os pilares.

Os dormitórios têm janelas orientadas para a face Nordeste, para a lateral direita do lote. Os sanitários tem iluminação e ventilação natural por meio de “domus” instalados na laje de cobertura.

Esta obra, um dos cinco últimos projetos de residência de Vilanova Artigas construída em São Paulo é mais um exemplo de que o arquiteto inquieto não se contentava com algum padrão ou repetição de formas aprovadas. Inovava novamente, ao mesmo tempo que sugeria esta casa ser uma reinterpretação do partido adotado para o projeto da FAU para a tipologia residencial, sem deixarmos de lado a processo evolutivo da ação projetual de Artigas para essa tipologia e a ligação deste projeto com os anteriores residenciais, desde a casa Olga Baeta, em 1956.

A circulação vertical se faz por meio das rampas em torno ao vazio interno e por uma escada em concreto, com volume definido em formas curvas e anexo à fachada posterior. Horizontalmente a circulação pode ser feita pelos ambientes com os caminhos possíveis definidos pelo mobiliário e, no pavimento superior, um corredor

central é o elemento de ligação entre os dormitórios, os sanitários e a rampa de acesso.

Fontes:

MÓDULO (junho/1985, p 74), FERRAZ (1997), RIBEIRO (2001), Arquivo Eletrônico (Digitalizado) do acervo de Vilanova Artigas na FAU-USP, FUNDAÇÃO (1993), PMSP.

1972

Casa Juvenal Juvêncio:

Ano de projeto / construção: 1972

Endereço: rua Pirapó, 181, Jardim Guedala, Morumbí.

Situação atual: existente, bem conservada.

Processo Prefeitura nº 443.646/1972

Área do terreno: 616,08m² [16m (al) x 36,01m (ld) x 16,76m (f) x 41m (le)].

Área de construção: total 502,65m², sendo 237m² no térreo e 265,65m² no pavimento superior. A área ocupada no lote é de 373,65m².

Térreo: acesso coberto, abrigo para automovel, escritório, vestíbulo.
Meio nível acima: sala de jantar, cozinha com copa, lavanderia, sanitário de empregada, sala de recreio para crianças.

Superior: sala de estar com lareira. Meio nível acima: duas suítes, dois dormitórios, um sanitário de uso comum destes quartos, dormitório e sanitário de empregada com acesso externo somente.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra.



Análise descritiva:

Construção implantada no meio do lote em acentuado aclive em relação à rua de acesso, de modo que desde a rampa da garagem Artigas buscou atingir uma cota ideal para o nível térreo, que ficou a aproximadamente 2m mais alto do que a cota da soleira no alinhamento. Mesmo assim, percebemos pelo perfil natural do terreno indicado nos desenhos de prefeitura que houve grande movimentação de terra no sentido de retirada de material e grandes cortes foram feitos para a implantação da casa. Basicamente os platôs formados definem, no nível mais alto, os jardins do fundo do lote, um metro e meio mais baixo o nível da sala de jantar e cozinha. Descendo mais esta diferença de metro e meio chega-se ao nível da garagem. No sentido da casa para a rua, a partir do eixo transversal do par de pilares frontal, o piso de acesso de pedestre e veículos desce em rampa até encontrar com o perfil natural do terreno junto ao alinhamento. Na outra metade longitudinal e frontal da casa, após o escritório, o terreno permanece pouco alterado, porém contido por muro de arrimo em pedras assentadas com junta seca.

A casa tem estrutura de concreto armado aparente executada de forma arrojada, pois somente quatro apoios sustentam as vigas treliças em concreto armado aparente laterais longitudinais. Estas vigas sustentam a laje de cobertura, também em concreto armado e impermeabilizada. Diferentemente da casa Telmo Porto, nas Perdizes, toda a estrutura suspensa do térreo se apóia nos quatro pilares. As vigas treliças tem balanços de sete metros a partir do vão central com vão de dez metros. Transversalmente, a distância entre estes pilares é de aproximados 11 metros. O pergolado frontal se

apóia nos muros estruturais em concreto armado aparente executados nas divisas laterais, formando pórtico de 16 metros de extensão.

Conforme os desenhos apresentados na prefeitura, as lajes são maciças em concreto armado. Na cobertura tem algumas aberturas correspondentes aos locais para instalação de “domus” que permite a iluminação natural e ventilação permanente dos sanitários do pavimento superior.

Nesta residência as rampas têm papel importante na interligação dos pavimentos internos e seus ambientes, mas não estão voltadas para nenhum grande jardim ou pátio interno, embora espacialmente ligadas ao ambiente do grande salão de estar de “pé-direito” alto (3,80m). A locação das rampas, confinadas no acesso inferior, a partir do vestíbulo e, a medida que atingem os pavimentos mais altos, ganhando maior visibilidade e se integrando espacialmente ao coração da casa onde está a área de convivência principal. Neste sentido, parecem ter recebido tratamento de Artigas para serem veículos da surpresa visual dos ambientes conforme o percurso ganha em altura. No sentido inverso, é o caminho pelo qual o indivíduo se transfere do espaço residencial, privado, para o público e os compromissos extra-casa. A sensação espacial vai se estreitando, se afunilando nas rampas inferiores, talvez para levar o indivíduo a uma concentração nas atividades que desempenhará fora dali.

O escritório disposto na parte frontal da casa, sob a projeção do pavimento superior e, de certa forma, separado do espaço interno da casa, a não ser pelo vestíbulo, nos leva a pensar na possibilidade de

utilização deste por pessoas convidadas pelo proprietário, mas que se restringiriam à frequentar apenas este ambiente semiprivado.

A instalação das dependências de empregada no mesmo nível dos dormitórios dos demais moradores e incluídos no mesmo bloco da edificação não chega a ser novidade na arquitetura paulista nem nos projetos de Artigas, mas é um arranjo não excludente ou hierarquizante, embora não tenha acesso diretamente à área interna dos quartos. Essas dependências de empregada estão ligadas por escada “externa” cobertas pela cobertura da casa ao nível térreo em seus dois estágios, ou seja, no patamar da cozinha e sala de jantar e, por mais um lance de degraus, à lavanderia, garagem e acesso a rua.

As suítes e um dos dormitórios têm janelas orientadas para a lateral direita do lote, face Noroeste. No dormitório dos fundos e no de empregada, estão orientadas para Sudoeste.

A circulação horizontal se faz pelos ambientes, com as passagens definidas pelo mobiliário, exceto no corredor do pavimento superior que serve de interligação entre a rampa de acesso, os dormitórios e as suítes e é delimitado em um dos lados por grande armário. Verticalmente a circulação é feita pelas rampas internamente e pelas escadas de serviço, externamente.

Fontes:

CONSTRUÇÃO SÃO PAULO (1982, nº 1819, pp 19-20), OHTAKE (2003), XAVIER (1983), RIBEIRO (2001), Arquivo Eletrônico (Digitalizado) do acervo de Vilanova Artigas na FAU-USP, FUNDAÇÃO (1993), RIBEIRO (2001), PMSP.

1974

Casa Alfred Günter Domschke:

Ano de projeto / construção: 1974

Endereço: rua Comendador Elias Zarzur, 2036, Alto da Boa Vista.

Situação atual: existente, conservada.

Processo Prefeitura nº 00431/1974. Habite-se em 26/08/1977.

Área do terreno: 1000m² (20 x 50m).

Área de construção: total 531,65m², sendo 48,72m² no subsolo, 188,29m² no térreo e 294,64m² no pavimento superior. A área ocupada no lote é de 478,05m² (47,8%).

Subsolo: dois dormitórios, um sanitário de empregada e oficina (indicados nos desenhos do projeto apresentado à prefeitura para obtenção do alvará de construção). Posteriormente foi acrescentada casa de máquinas da piscina (ver FERRAZ, 1993, pp 190-191).

Térreo: abrigo para 3 automóveis, acesso coberto, vestíbulo e lavabo. Meio nível acima: sala de jantar com “pé-direito” duplo, copa, cozinha, lavanderia, despensa e pátio de serviços descoberto frontal. Na parte posterior, acessados por galeria (terraço) coberta externa a partir das rampas internas e do corredor lateral de acesso social, se encontra a área de lazer, com: salão de festas (no nível de cima) e piscina (no nível da garagem, mais baixo). Dois vestiários foram

acrescentados ao projeto posteriormente (ver FERRAZ, 1993, pp 190-191).

Superior: terraço descoberto sobre o abrigo de carros. Meio nível acima: salão de estar na parte frontal da planta, cinco dormitórios e três sanitários, sendo um deles, suíte que tem acesso a jardim elevado nos fundos do terreno. Entre o salão de estar e os dormitórios, há o vazio sobre a sala de jantar e o conjunto de rampas. Para acessar a área de estar a partir das rampas atravessa-se uma passarela – galeria - ponte, com 2,10m de largura e com uma das laterais com caixilhos de piso a teto voltados para o jardim lateral. Uma lareira foi projetada posteriormente para o salão de estar (ver FERRAZ, 1993, pp 190-191).

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

A casa construída em bloco único, em dois pavimentos mais subsolo, descontraídos em maiores níveis ocupa praticamente toda a área de implantação permitida por lei, próximo dos 50% de ocupação. O terreno original era praticamente plano.

Artigas surpreende novamente com uma linguagem e desenho inéditos, porém baseados em experiências anteriores suas. Utiliza o conjunto de rampas dispostas na transversal em relação a casa, como na residência Telmo Porto, de 1968, por exemplo.

Não emprega um jardim interno ou pátio aberto às intempéries, mas utiliza um vazio generoso para marcar a transição das áreas de atividades domésticas ou diurnas das mais reservadas (neste caso, nem sempre noturnas). No térreo desta área está a sala de jantar, coberta pela mesma cobertura única de toda o corpo principal da casa. Teria Artigas pensado em centralizar as atenções para este ambiente, ou valorizado o mesmo devido sua importância nos hábitos e costumes da família brasileira de se reunir com amigos e/ou, familiares em volta do local de refeições? Poderíamos estabelecer alguma relação com os grandes salões centrais das casas bandeiristas, onde as pessoas se reuniam para fazer as refeições em volta da fogueira e a cobertura, bem alta, protegia as pessoas das intempéries? Poderíamos admitir a hipótese de que os demais ambientes da casa se desenvolvem em volta deste generoso vazio, só cortado pela passarela-ponte que une o conjunto de rampas às salas. Nesta área centralizada em planta desenvolvem-se uma das atividades de convívio mais intensas que são as reuniões das pessoas em torno da mesa para celebrações diversas ou para as refeições diárias onde a chance de toda a família se reunir é maior. Então este ambiente seria o local de convívio e de confraternização das pessoas, por excelência, logo o núcleo, o coração da casa.

Para os dormitórios Artigas desenvolve planta interessante. Junta dois a dois os quartos e, para cada par, anexa um sanitário de uso comum aos dois. Armários fazem as vezes de divisórias entre os dois dormitórios e o sanitário está disposto no eixo longitudinal dos mesmos e, acessível somente por dentro dos quartos, não pelo corredor de circulação do pavimento. Este corredor recebe armário

em toda sua extensão e até a altura de 2,10m, para permitir passagem de luz natural e ventilação que vem da lateral da casa.

A estrutura da casa é em concreto armado aparente. Pilotis sustentam os pavimentos superiores, de modo que o térreo tem parcialmente locais de planta livre. Os elementos de circulação vertical, as rampas e escadas, delimitam certas áreas de modo a não permitir configurar toda a planta do térreo como livre para qualquer arranjo interno das alvenarias, divisórias, etc. A empena da fachada frontal é totalmente cega, enquanto que a da fachada posterior tem uma abertura para a passagem da suíte para o jardim suspenso por arrimos em concreto ciclótico. A solução de demarcar desde o alinhamento algumas áreas e ambientes da construção, sobretudo o jardim ou área de serviços externa e frontal, os ambientes de subsolo, os servir de separação entre as áreas externas de acesso e interiores tem referências ao projeto da residência Ariosto Martirani, no Alto da Lapa, de 1969.



Todos os dormitórios do pavimento superior têm janelas orientadas para a lateral esquerda do lote, face Norte. Os dormitórios de empregadas, no subsolo, tem caixilhos altos e voltados para a face Sudoeste.

A circulação horizontal se faz pelos ambientes, com as passagens definidas pelo mobiliário, exceto nos corredores do pavimento superior que servem de interligação entre o “hall” de chegada das rampas, os dormitórios à esquerda do mesmo e o salão frontal de estar, à direita. Verticalmente a circulação é feita pelas rampas internamente e pela escada de serviço, que une o subsolo e o térreo

e por várias pequenas escadas que vencem os maio níveis do térreo, externamente.

A cobertura desta casa é em laje impermeabilizada de concreto armado aparente, no sistema estrutural tipo grelha, com as vigas aparentes no forro. As demais lajes seguem este esquema. As alvenarias existentes são revestidas com argamassa para posterior acabamento em pintura na cor branca. Divisórias leves ou armários fazem algumas divisões de ambientes internos, como nos dormitórios, por exemplo.

Atualmente o muro de concreto ciclótico do alinhamento foi estendido de ponto que dobrava-se para dentro do lote, até a outra divisa lateral e portões altos foram instalados, por medida de segurança, ou outra, de modo que não mais há transparência entre a rua e o acesso coberto de pedestres ou carros.

Fontes:

MÓDULO (junho/1985), FERRAZ (1997), MIGUEL (2003), RIBEIRO (2001), PMSP.

1976

Casa Geraldo Camargo Demétrio:

Ano de projeto / construção: 1977

Endereço: rua Varginha, 217, Sumaré.

Situação atual: existente.

Processo Prefeitura nº 216.469/1977, alterado posteriormente pelo projeto modificativo de nº 216.760/1978.

Área do terreno: 444m² [20 (al) x 21,67 (ld) x 17 (f) x 27,69m (le)].

Área de construção: total 430,14m², sendo 118,54m² no pavimento inferior, 135,02m² no intermediário, 118,37m² no pavimento superior, 42,41m² para as rampas e 15,80m² para a piscina. A área ocupada no lote é de 162,55m² (36,6%). No processo legal, constam nos documentos da prefeitura a área total computável de 414.34m². Isso ocorre, pois a área da piscina não é computável para cálculo de emolumentos como área construída.

Pavimento inferior: acessos de pedestres e veículos, abrigo de automóveis, área coberta de acesso social, vestíbulo, depósito. Outras instalações foram executadas sob o jardim do recuo frontal, porém não obtivemos informações mais precisas sobre os mesmos.

Pavimento intermediário: rouparia, lavabo, três sanitários, sendo dois de suítes, quatro dormitórios, sendo duas suítes e uma com roupeiro.

Pavimento superior: grande salão de estar com terraço externo por toda extensão da fachada frontal, copa, cozinha, lavanderia, sanitário e dormitório de empregada, jardim interno, piscina no jardins, no recuo de fundo, no canto posterior direito do lote.

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto. O engenheiro José Carlos Medina Lopes assina como responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

Não registramos nenhuma divulgação anterior desta residência de três pavimentos construída em terreno de acentuadíssimo aclive em relação a rua de acesso. Construção em um único bloco, com uma interessante distribuição do programa pelos pisos. Artigas projetou o nível dos dormitórios no pavimento intermediário, pois preferiu deixar no mesmo nível o piso das áreas de serviços domésticos e de convivência com os jardins do fundo do terreno, onde implantou a piscina.

A casa apresenta uma linguagem contemporânea de Artigas, diferenciada das anteriores, para essa tipologia de projeto. A estrutura em concreto armado aparente é modulada em malha de 3,2 x 5,6m, aproximadamente. O pavimento inferior, praticamente nivelado com a rua, está parcialmente sob pilotis, porém, no eixo estrutural do plano da fachada frontal, Artigas retira os pilares intermediários, deixa somente os apoios nas extremidades, fazendo com que o vão desta viga de transição fique com 13,95m e a laje de

cobertura do abrigo de carros é executada em concreto armado, maciça e “panos” apoiados em vigas que “correm” no sentido frente – fundos. Do lado interno, se apoiam em viga convencional que transfere as cargas diretamente aos pilares deste eixo central transversal. Do outro lado, estão engastadas à viga de transição da fachada.

Artigas repete a utilização de rampas paralelas como elemento de circulação vertical entre os pavimentos. Nesta caso, estão confinadas em compartimento exclusivo para elas até que cheguem ao nível superior, onde grandes caixilhos de piso a teto estão numa das laterais das rampas e permitem intensa iluminação natural que se espalha até o pavimento mais baixo.

Com a colocação dos dormitórios e sanitários no pavimento intermediário, os sanitários localizados no centro da planta receberam aberturas no teto para iluminação zenital e ventilação permanente por meio de “domus” translúcidos instalados no jardim de inverno / pequeno pátio descoberto do pavimento superior. Esta solução não só resolveu a questão de iluminação e ventilação dos sanitários centrais do pavimento dos dormitórios, mas também da própria planta do superior, nas regiões mais afastadas da fachada frontal, pois Artigas delimitou a área desse pátio aberto por caixilhos.

Uma escadaria na lateral esquerda do lote permite acesso do pavimento inferior às áreas de serviço no superior e fundo do lote. Também é o caminho direto para a piscina sem passar pela área interna da casa. Muros altos de concreto ciclópico são arrimos para os jardins laterais ao acesso da casa, no pavimento inferior, que vão



do alinhamento para dentro do lote até encontrar a construção principal.

Todos os dormitórios do pavimento intermediário tem suas janelas orientadas para a frente do imóvel, face Nordeste. O dormitório de empregada tem a janela orientada para a lateral esquerda, face Sudeste. Os caixilhos dos quartos são painéis de madeira de peitoril a teto, com acabamento em verniz natural. Por dentro, o peitoril é o fundo de armário corrido, sob os caixilhos, em todos os quartos.

A circulação vertical é feita pelas rampas internamente e pela grande escadaria externa, na lateral de acesso de serviços. Horizontalmente, a circulação é feita pelos ambientes, nos caminhos definidos pelo mobiliário e, no nível dos quartos, por corredor que interliga o “hall” de chegada das rampas, os dormitórios e sanitários.

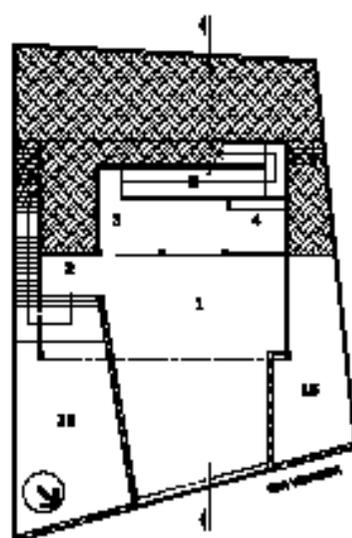
A cobertura desta casa é em laje impermeabilizada de concreto armado aparente, com laje maciça de concreto e vigas invertidas.

As alvenarias são revestidas com argamassa e receberam acabamento em pintura na cor branca.

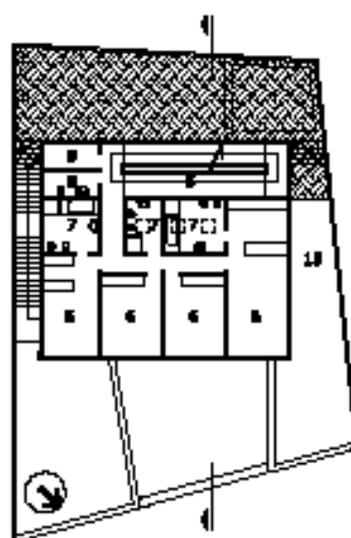
Este projeto pode ser interpretado como uma solução mais recente de Artigas para implantação em terrenos de forte inclinação, assim como o foram os projetos das residências Rivadávia de Mendonça, de 1944 e Luiz Antônio Leite Ribeiro, de 1943.

Fontes:

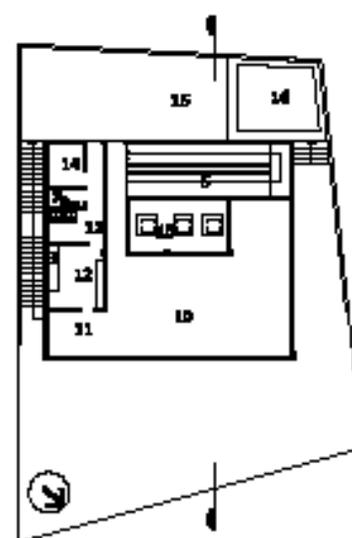
FERRAZ (1997), RIBEIRO (2001), PMSP.



PLANTA PAV. INFERIOR



PLANTA PAV. INTERMEDIÁRIO

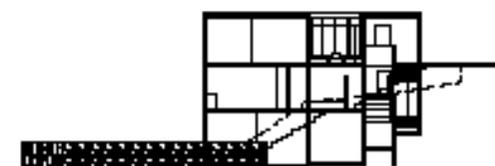


PLANTA PAV. SUPERIOR

LEGENDA

- 1 AMBIENTE DE ALTOSS
- 2 ACESSO LATERAL
- 3 VESTIBULO
- 4 DEPOSITO
- 5 BANHEIRO
- 6 COZINHA
- 7 SAOULOÇO
- 8 LOUÇO
- 9 QUARTO
- 10 SALÃO
- 11 COXA
- 12 COZINHA
- 13 ÁREA SERVIÇOS
- 14 DORMIT. EMP.
- 15 BANHEIRO
- 16 PÁTIO
- 17 PISCINA

0 5 10 m
ESCALA GRÁFICA



CORTE

CASA GERALDO CAMARGO DEMÉTRIO

1981

Casa José Mário Taques Bittencourt - 3:

Ano de projeto / construção: 1981 / 1984

Endereço: rua Votuporanga, 268, Sumaré.

Situação atual: existente, bem conservada.

Processo Prefeitura original sob nº 25-002743-81, alterado posteriormente pelo projeto modificativo nº 25-001541-84*90 de 1984, que foi executado. O alvará de construção de nº 137762, de 11/02/1982 foi renovado (apostilado) contra apresentação do projeto modificativo e emitido em 29/10/1984.

Área do terreno: 420m² (14 x 39m).

Área de construção: total 328,83m², sendo 36,43m² no subsolo, 91,90m² no pavimento térreo, 49,50m² para o abrigo de carros e 151,00m² para o pavimento superior. A taxa de ocupação do lote é de 35,95%, correspondente aos 151,00m² de projeção da área da casa no terreno. O coeficiente de aproveitamento (razão da área construída, excetuando-se 36m² permitido para o abrigo de automóveis, pela área do lote) é de 69,72%.

Subsolo: abrigo para dois automóveis, acesso de pedestres por escada rampada, oficina, dormitório e sanitário de empregada, área de serviços, acesso de serviços pela lateral direita.

Pavimento térreo: salão de estar com lareira, sala de almoço, cozinha, depósito (armário) e piscina nos jardins dos fundos.

Pavimento superior: Estúdio e lavabo meio nível acima do térreo. Vestíbulo, três suítes (dormitórios com sanitários privativos), vazio sobre o jardim frontal da sala de estar

No projeto legal original consta assinatura de J. Vilanova Artigas como autor do projeto e como responsável pela execução da obra.

Análise descritiva:

Esta foi a última residência projetada e construída por João Batista Vilanova Artigas. De aspectos formais em linguagem contemporânea, o arquiteto projeta esta casa apoiada sobre quatro apoios, que sustentam a cobertura e o pavimento superior. A estrutura é em concreto armado aparente e as grandes empenas laterais são paredes de carga que recebem as cargas das lajes tipo grelha em caixão perdido, também em concreto, e as transferem para os pilares. Os pilares estão dispostos virtualmente nos vértices de um quadrado de aproximadamente 10,20m de lado. As empenas / vigas laterais tem balanços modestos para frente e fundos do lote de 4,0m.

Nesta casa Artigas projeta escadas rampadas, ao contrário das rampas simples em projetos anteriores. No entanto, as rampas foram executadas com pisos em planos inclinados, revestidos de material antiderrapante, pelo menos a descoberta, no acesso social.



O térreo, na região das salas, tem planta livre, exceto pelas alvenarias dos ambientes da cozinha e sala de almoço. Todo o restante do perímetro destas salas é fechado com caixilhos de piso a teto. A sensação espacial é ampliada com este recurso, além de integrar esta importante área de convivência aos jardins ao redor dela e à área de lazer (piscina). O pavimento térreo praticamente se volta para os jardins posteriores e lateral esquerdo, se isolando do contato visual direto com a rua.

Artigas resgata o jardim interno descoberto à semelhança da casa José Mário Taques Bittencourt – 2, de 1959, executada em frente a esta residência. No caso desta terceira residência para o mesmo cliente, O jardim concentra alguma atenção, mas somente por três lados pode ser observado de cada nível da construção. Onde possível, ambientes internos de circulação ou o estúdio, estão voltados para este vazio. Esta solução permite também melhor insolação e ventilação das áreas centrais das plantas nos níveis térreo e superior.

Os sanitários do pavimento superior têm iluminação zenital e ventilação permanentes executadas por intermédio de “domus” na cobertura, que é laje de concreto armado impermeabilizado.

As janelas dos dormitórios do pavimento superior estão voltadas para a área de lazer nos fundos do lote, correspondendo à face Noroeste. O dormitório de empregada tem seu caixilho orientado para a face Leste.

Os reservatórios de água potável localizados na cobertura estão apoiados em pilares simples, por sua vez descarregando carga nas vigas de concreto armado das laterais (empenas estruturais).

A circulação vertical é feita pelas rampas internamente e por pequena escada externa, na lateral de acesso às dependências de serviços e sala de almoço. Horizontalmente, a circulação é feita pelos ambientes, nos espaços definidos pelo mobiliário e, no nível superior, por pequeno “hall” junto a chegada da rampa no pavimento.

A cobertura desta casa é em laje impermeabilizada de concreto armado aparente, com laje maciça de concreto e vigas invertidas.

As alvenarias são revestidas com argamassa e receberam acabamento em pintura na cor branca ou vermelha.

Embora com desenho diferente, o partido adotado por Artigas para esta residência se assemelha aos das casas Juvenal Juvêncio, de 1972 e Ariosto Martirani, de 1969, a casa apoiada em poucos apoios (quatro, nestes casos), estrutura (arrojada) em concreto armado, empenas laterais estruturais (paredes de carga). São todos projetos onde as casas estão voltadas para dentro do lote, introspectivas, como se estivessem negando o mundo exterior, a rua, os vizinhos.

Fontes:

FERRAZ (1997, p 204), RIBEIRO (2001), PMSP.

Capítulo 5 - Conclusão:

Analizamos as 76 casas que concluímos terem sido as únicas efetivamente projetadas pelo arquiteto João Batista Vilanova Artigas e construídas na cidade de São Paulo e verificamos que Artigas, como outros profissionais colegas seus em início de carreira, atendiam ao mercado de construções de casas unifamiliares para moradia conforme os desejos de seus clientes no que se refere aos programas de necessidades de cada um e sem muita variação ou inovação nos aspectos formais, na maioria dos casos, construções de aspectos formais ecléticos.

No caso de Vilanova Artigas, na primeira fase de sua produção arquitetônica, considerando o intervalo de 1937, quando se formou engenheiro – arquiteto pela Politécnica da Universidade de São Paulo, até 1945, Artigas havia projetado 45 casas⁷⁶ que foram efetivamente construídas, a grande parte delas executadas durante a vigência da sociedade na construtora que tinha com Duílio Marone.

Destas 45 unidades, 15 (33%) foram casas com aspectos formais com referências (ou influências) à arquitetura do arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright, duas (4,5%) com aspectos formais numa linguagem “moderna” e 28 (62,5%) com aspectos formais ecléticos.

⁷⁶ Atentar que incluímos nessa relação como sendo “um projeto”, as duas casas para Duílio Marone, na Vila Nova Conceição (1940), o conjunto de 12 casas para José Coelho Pamplona, na Barra Funda (1942), as quatro casas geminadas para Maria Risoleta Bueno Pamplona, na Barra Funda (1942), e as duas casas geminadas para Luiz Antônio Leite Ribeiro, no Ibirapuera (1942).

Portanto, esta primeira fase da produção arquitetônica de Artigas ser chamada de “Wrightiana” pode soar forçado, pois a maioria dos projetos desenvolvidos e construídos por Artigas foram numa linguagem de aspectos formais ecléticos, mesclando até algumas soluções encontradas na arquitetura daquele colega profissional americano, como a busca de uma planta sem muita ou nenhuma compartimentação para as áreas de convivência, sobretudo para as salas de estar e jantar, permitindo espaços amplos e mais fluidos, ou o emprego de materiais naturais (não industrializados) como tijolos, telhas de barro ou madeira, numa referência às casas de campo organicistas, as “*Prairie Houses*”. Algumas residências tinham nítida aparência ao estilo neocolonial, como a feita para Álvaro de Freitas Pimentel, no Pacaembú (1943), ou “colonial mexicano”, como a casa para Henrique Arouche de Toledo, em Perdizes (1938).

A denominação de “wrightiana” para esta primeira fase pode ter sido adotada pela literatura especializada, às vezes suavemente como no texto “O Estilo”, de Ana Vaz Milheiro⁷⁷ por exemplo, como uma maneira de se destacar as obras de importância destacada na produção de Artigas, escolhidas por ele, ou não, para servirem de modelos, referências ou exemplos de projetos e construções que ele, Artigas, utilizou para desenvolver sua pesquisa projetual numa busca da linguagem própria para a sua arquitetura, pelo menos nesse primeiro instante de início de carreira.

A referência de Artigas em alguns de seus projetos dessa primeira fase, à arquitetura de Wright pode refletir uma desejada aproximação às

⁷⁷ ver RIBEIRO, 2001, pp 52-59;

soluções de arranjo espacial dos ambientes internos, da volumetria ou linguagem dos materiais empregados e a relação destes com a natureza ou formas de utilização de materiais naturais, sem manipulação industrial, por exemplo. Eram comprovadamente uma quebra de paradigmas por parte de Wright, rompendo com a tradição tipicamente europeia de produção de plantas para casas burguesas, demasiadamente compartimentadas internamente. As residências “wrightianas” de Artigas aparecem em projetos mais divulgados e, portanto, julgados importantes por ele, como as casas Roberto Lacaze, no Sumaré (1941), Rivadávia de Mendonça (1944), Rio Branco Paranhos (1943) e Luiz Antônio Leite Ribeiro (1943), ambas no Pacaembú, e a Casinha (1942), primeira casa feita por Artigas para a sua própria família, no Campo Belo.

Julgamos que em nada desmereceria a produção de Artigas se a primeira fase de sua produção fosse chamada de “ECLÉTICA”, rotulação mais apropriada em função do já argumentado acima e de que Artigas atendia às solicitações do mercado. Nem sempre era possível desenvolver projeto diferente de um determinado padrão mais comercial da época (sim, pois Artigas fez casas para renda, ou venda). Quando a cumplicidade ou afinidade mínima de conceitos ou idéias entre Artigas e seus clientes não era suficiente a ponto de permitir pesquisar caminhos alternativos para o projeto, era impossível de se desviar do padrão mais “clássico” dominante e mais facilmente aceitável pelos clientes / consumidores.

Nesse grupo, as residências “wrightianas” teriam papel de destaque como as escolhidas como modelos a serem melhor analisados para compreensão de uma arquitetura feita por Artigas que procurava uma nova

identidade para a sua arquitetura e, provavelmente, já interessado no desenvolvimento de uma linguagem unificada para a arquitetura contemporânea brasileira.

Na segunda fase da produção de Artigas, iniciada em 1946, dois anos após o final da Segunda Grande Guerra e após o intervalo devido a viagem de estudos e pesquisa nos Estados Unidos, graças à bolsa de estudos que ganhara da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation*, até meados da década de 1950, constatamos a construção de 14 projetos residenciais feitos por Vilanova Artigas, todos com aspectos formais ligados à escola de arquitetura carioca, que, por sua vez, preconizava uma arquitetura moderna com a aplicação dos preceitos do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Nesta arquitetura, a racionalidade estrutural e o formalismo da edificação prevaleciam sobre a funcionalidade do programa. Isto não quer dizer que os aspectos funcionais fossem abandonados, outro sim, estavam subordinados aos formais, às características volumétricas.

Na terceira fase de atuação profissional de Artigas, iniciada em 1956, com a emblemática casa Olga & Baeta Henriques, no Butantã, e que termina em 1984, pouco antes de seu falecimento, Vilanova Artigas nos deixa um legado de 17 casas, todas diferentes umas das outras, embora com partidos arquitetônicos claramente definidos e similares. O uso do concreto armado aparente, muros em concreto ciclótico, o menor número possível de apoios para liberar a casa do chão, o emprego da melhor solução técnica existente, foram premissas da maioria desses projetos.

Nas quatro primeiras casas construídas segundo seus projetos nesta fase, o concreto armado ainda não ficava totalmente exposto, visto que Artigas determinava fossem pintados. Posteriormente o concreto armado aparente foi incorporado por Artigas em seus projetos e exploradas as suas potencialidades estruturais ao máximo dentro do possível para cada projeto / cliente, como na casa Ivo Viterito, de 1962, na Aclimação e a Telmo F. A. Porto, de 1968, em Perdizes.

As casas desta fase madura de Artigas nos revelam as algumas intenções de Artigas definitivamente incorporadas ao seu repertório projetual e com referências à arquitetura paulista genuína, pois, se os pátios ou jardins internos podem ser relacionados como influência ou referência da arquitetura de Marcel Breuer, também podemos alegar ser a tradução de Artigas daqueles pátios internos das casas bandeiristas. Num sentido as atividades domésticas (ou os ambientes da casa) se desenvolvem em torno a eles. Noutra se desenvolve neles mesmo. Dois exemplos contundentes dessa teoria são as casas José Mário Taques Bittencourt – 2, de 1959, no Sumaré e a Alfred Günther Domschke, de 1974, no Alto da Boa Vista. Um exemplo para cada caso, respectivamente.

Artigas não mais se rende gratuitamente ao formalismo do edifício, mas privilegia o usuário. O edifício deveria ser feito para que os usuários os desfrutassem com conforto e propriedade. Não é a repetição do conceito de que o prédio devesse ser projetado de dentro para fora, resultando numa volumetria tal que refletisse as dimensões e formas das necessidades dos ambientes internos. Nos projetos desta 3ª fase de Artigas, há um constante diálogo entre a distribuição espacial dos ambientes, as condicionantes

externas do meio circundante, as necessidades dos clientes, a melhor forma de aplicação estrutural da técnica escolhida e dos aspectos formais do volume edificado, das fachadas, ora cegas, ora transparentes, às vezes com poucas, mas orientadas aberturas nas fachadas, outras, com vãos consideráveis permitindo o diálogo interior – exterior, quando conveniente.

Destas 76 casas construídas na cidade de São Paulo segundo projetos de Vilanova Artigas, 30 foram demolidas, 10 foram transformadas e/ou adaptadas para servirem de ponto comercial e 37 residências ainda existem e funcionam como o programa inicial. Praticamente todas as casas existentes estão com alguma alteração em relação ao projeto original, pequena ou grande, às vezes somente no acréscimo ou construção de muro e portões altos no alinhamento, mas estas edificações continuam como residências unifamiliares.

As dez residências transformadas em pontos comerciais são:

- Ruy Martins Ferreira, de 1940, no Jardim Paulista;
- Bertha Gift Steiner, de 1940, na Chácara Santo Antônio.
- Alberto Augusto da Silva Caldas, de 1942, na Consolação;
- Luiz Antônio Leite Ribeiro (duas casas), de 1942, no Ibirapuera;
- João Batista Vilanova Artigas – 1, de 1942, no Campo Belo;
- Gino Saltini, de 1944, no Jardim Paulista;

- Geraldo D'Estéfani, de 1950, na Vila Clementino;
- Paulo Emílio Gomes dos Reis, de 1951, no Pacaembú;
- Paulo Seixas Queiroz, de 1967, no Itaim-bibi;
- Telmo Fernandes de Aragão Porto, de 1968, em Perdizes;

Das 26 casas demolidas, 21 (81%) eram da primeira fase de atuação profissional de Artigas, de 1937 a 1946. Três (11,5%) da segunda fase (entre 1947 e 1955) e duas (7,5%) da terceira e última (fase a partir de 1956).

Referencias bibliográficas:

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo – 1947-1975*. São Paulo, Projeto, 1986;

ARTIGAS, J. B. Vilanova. *Os Caminhos da Arquitetura*. São Paulo: Lech-1981;

BRUAND, Ives. *À Margem do Racionalismo: a Corrente Orgânica e o Brutalismo Paulista*. In *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005. pp 269-295.

BUZZAR, Miguel A. - *João Batista Vilanova Artigas. Elementos para a Compreensão de Um Caminho da Arquitetura Brasileira : 1938-1967* *Dissertação de mestrado*. FAU-USP, São Paulo, 1996;

COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier, 1887-1965. Lirismo da Arquitetura da Era da Máquina*. Tradução de Francisco Paiva Boléo (Vernáculo, Lda.Lisboa). Colônia, Alemanha. Taschen Editora, 2007;

FERRAZ, Marcelo Carvalho (ccord. Ed.) et al. – *Vilanova Artigas, série Arquitetos Brasileiros*, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e Fundação Vilanova Artigas, São Paulo, 1997;

FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene Milan – *Arquitetura Moderna Brasileira*, Projeto Editores Associados Ltda, São Paulo, 1982;

FUNDAÇÃO VILANOVA ARTIGAS. “*Casas de Artigas*”, 1993;

IRIGOYEN, Adriana – *Wright e Artigas: duas viagens*. Ateliê Editorial. São Paulo, 2002;

KAMITA, João Masao – *Vilanova Artigas*, Espaço da Arte Brasileira, Cosac & Naify Edições, 2000;

_____ *A casa moderna brasileira*. In *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Phaidon PL, 2004;

MIGUEL, Jorge M. Carnielo – *A Casa*, Eduel (Londrina) / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (SP), 2003;

MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora IPHAN, 2ª edição, 2000;

OHTAKE, Ricardo et al. – *Livro / catálogo da exposição Vilanova Artigas*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2003;

PFEIFFER, Bruce Brooks. *Frank Lloyd Wright, 1867-1959. Construir para a Democracia*. Tradução de João Bernardo Paiva Boléo (Lisboa). Colônia, Alemanha. Taschen Editora, 2004;

RIBEIRO, Rogério et al – *A Cidade é uma Casa. A Casa é uma Cidade. Vilanova Artigas, Arquiteto*, catálogo geral da exposição realizada em Almada, Portugal, na Casa da Cerca (Centro de Arte Contemporânea) em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas. Impressão Rainho & Neves Lda, Portugal, 2001;

SEGAWA, Hugo M. – *Arquitetura no Brasil, 1900-1990*, Edusp, São Paulo, 2ª ed., 2002;

SUZUKI, Juliana – *Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em Londrina : uma contribuição ao estudo da arquitetura moderna no Estado do Paraná*. Dissertação de mestrado. FAU-USP, São Paulo, 2000. Não foi analisado, pois foge ao recorte estipulado pela pesquisa;

THOMAZ, Dalva E. “*Um Olhar Sobre Vilanova Artigas e sua Contribuição à Arquitetura Brasileira*”. Dissertação de mestrado. FAU-USP, São Paulo, 1997;

THOMAZ, Dalva E. *Vilanova Artigas: desenhar é preciso, viver também é preciso*. In “AU – Arquitetura e Urbanismo”, São Paulo, nº 50, out./nov. 1993.

----- *Artigas: A Liberdade na Inversão do Olhar. Modernidade e Arquitetura Brasileira*”. Tese de doutoramento. FAU-USP, São Paulo, 2005;

----- Casas de Artigas / Fundação Vilanova Artigas; São Paulo, Fundação Vilanova Artigas, 1993;

VALENTIM, Fábio R. - *Casas para o ensino : as escolas de Vilanova Artigas*. Dissertação de mestrado. FAU-USP, São Paulo – 2003; Não foi analisado, pois foge ao recorte estipulado pela pesquisa;

XAVIER, Alberto. LEMOS, Carlos A. C. CORONA, Eduardo – *Arquitetura Moderna Paulistana*, Editora Pini, 1983, pp. 10,21,41,47,87,109,110,148;

YURGEL, Marlene. “*Introduzindo Einsteins e Vilanova Artigas na Arquitetura Brasileira*”. 2005;

Arquivo Geral do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de São Paulo, DAMP-40.

Periódicos:

Revista ACRÓPOLE. Periódico, São Paulo, números 184, 190, 199, 201, 204, 212, 299, 322 e 368;

Revista MÓDULO. Periódico, Rio de Janeiro, número especial sobre Vilanova Artigas, junho de 1995 e a nº 80;

Obras Consultadas e Recomendadas:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1993;

ARTIGAS, João Batista Vilanova. *A função social do arquiteto*, Fundação Vilanova Artigas, São Paulo, Ed. Nobel, 1989;

_____ "Carta a um cliente" [1991]

ARTIGAS, Rosa. *"As cidades como as casas. As casas como as cidades"*. 2003;

BLASER, Werner. *Mies Van Der Rohe*. (coleção arquitetos). Tradução de Julio Fischer. 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENEVOLO, Leonardo – *Introdução à arquitetura*, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1972;

BRUAND, Ives – *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005;

COMAS, Carlos E. D. – ADRIÀ, Miguel. *La Casa Latinoamericana moderna: 20 paradigmas de mediados de siglo XX*. México: GG, 2003, p 86;

CONDURU, Roberto. *Tectônica Tropical*. In *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Phaidon PL, 2004;

COSTA, Lúcio – *Arquitetura*, 2ª edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2003;

GYMPEL, Jan – *História da Arquitetura, da Antiguidade aos nossos dias*, Editora Könemann, Portugal, 2000;

KATINSKY, Júlio Roberto. *João Baptista Vilanova Artigas – 1996*

_____ *Vilanova Artigas, Casa da Cerca*, 2003;

LAMPRECHT, Barbara. *Richard Neutra, 1892-1970. Formas criadoras para uma vida melhor*. Tradução: Astrid Paiva Boléo (Lisboa). Colônia, Alemanha. Taschen Editora, 2004;

LE CORBUSIER - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, Publicações Europa América, São Paulo, 1977;

_____ *Os Três Estabelecimentos Humanos*, Ed. Perspectiva S. A., São Paulo, 1979;

LEMOS, Carlos A. C. – *Casa Paulista – História dos moradores anteriores ao Ecletismo trazido pelo café*, Edusp, São Paulo, 1999;

_____ *Cozinhas, etc – um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1978;

REIS FILHO, Nestor Goulart – *Quadro da Arquitetura no Brasil*, Editora Perspectiva (SP), 4ª ed. 1978.

REIS FILHO, Nestor Goulart – *Racionalismo e protomodernismo na obra de Victor Dubugras* – Fundação Bienal de São Paulo, SP, 1997;

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa, pequena história de uma idéia*. Tradução de Betina Von Staa. - 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2002;

SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2ª edição, 1978;

SALMONI, Anita. DEBENEDETTI, Emma. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981;

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na Passagem do Século XIX ao XX*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2ª edição, 2004;

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da Solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003;

XAVIER, Alberto – *Arquitetura Moderna em Curitiba*, Editora Pini (São Paulo), Fundação Cultural de Curitiba (Curitiba), 1985.

ZEVI, Bruno – *Saber ver a arquitetura*, Martins Fontes Editora, SP, 1978.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)